

OS HAWKLORDS POUSARAM



WEREWORLD

A SOMBRA DO GAVIÃO

"Superior a Eragon."
The Times



CURTIS JOBLING

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CURTIS JOBLING



A SOMBRA DO GAVIÃO

Tradução
Alexandre Boide

Benvirá

Para meu pai e minha mãe.

LYSSIA

E OS SETE REINOS



- | | | | |
|----|---------------------------|----|-------------------|
| 1 | ILHAS CLUSTER | 11 | PORTO DE BALE |
| 2 | MAR BRANCO | 12 | DENTES |
| 3 | BAÍA DE TODOS OS SANTOS | 13 | RIO STEPHEN |
| 4 | COSTA GÉLIDA | 14 | PORTO DE STALLION |
| 5 | TERRAS ÁRIDAS | 15 | MAR DE SABRE |
| 6 | GRANDE ESTRADA OCCIDENTAL | 16 | BAIA DO SANGUE |
| 7 | RIO REDWINE | 17 | RIO SILVER |
| 8 | ESTRADA D'YMLING | 18 | COSTA RUBRA |
| 9 | BAÍA DA SAFIRA | 19 | RIO ROBBEN |
| 10 | CABO GALA | 20 | LAGO ROBBEN |
| 11 | ESTREITO DA LYSSIA | 21 | BAIA DA MISÉRIA |
| 12 | | 22 | |



PARTE I

Os sobreviventes



1

Praia selvagem

Sua chegada foi anunciada por estranhos ruídos de animais desconhecidos: um coro de grunhidos, rosnados e rugidos que ecoaram selva adentro. As criaturas espalhadas pelas margens do rio correram para se esconder na densa vegetação, sumindo ao sentir sua aproximação rápida e frenética. As pernas faziam força para impulsioná-lo em meio à água salgada, enquanto os pés lutavam para obter aderência no leito arenoso do rio e impor uma distância segura entre ele e a praia logo atrás, na desembocadura rasa do rio. Fachos de luz do sol atravessavam o manto verde à frente, iluminando-o por uma fração de segundo conforme passava, deixando pequenas ondas espumantes em seu rastro.

Drew Ferran olhava para trás o tempo inteiro, procurando com o olhar os vultos daqueles que o seguiam. Precisava seguir em frente; não podia parar nem por um momento. Caso o encontrassem, voltaria imediatamente à vida de escravo no porão do navio. O rugido repentino de um animal o surpreendeu, fazendo-o cair na água com um estrondo. Vultos indistintos se faziam notar nas árvores de ambos os lados, saltando pelos galhos, acompanhando cada um de seus passos. A uma distância não muito grande, ouvia

os gritos dos homens do conde Kessler em seu encalço. Drew apressou o passo — sem dúvida, preferia se arriscar no meio da selva.

Na praia, ele havia deixado o caos atrás de si. O *Banshee* deitara âncora apenas para permitir que o contramestre desembarcasse com alguns homens a fim de obter provisões. Os membros restantes da tripulação foram os que mais aproveitaram a pausa, nadando na baía ou relaxando no convés. Quando o cozinheiro do navio foi levar a comida de Drew — pedaços fedorentos de carne podre num prato de metal —, o guarda se distraiu enquanto abria a porta da cela. Drew agiu rápido. Em poucos segundos, tanto o cozinheiro como o guarda estavam caídos no chão, inconscientes, pois o prato se mostrara uma arma improvisada de eficiência inesperada.

Quando subiu ao convés, repleto de caçadores de escravos, Drew não perdeu tempo com despedidas. Percebeu imediatamente a praia coberta de vegetação e saltou para a água. O mar gelado foi um choque para seu organismo, mas Drew estava acostumado àquele tipo de adversidade — quando criança, ele e Trent, o irmão, costumavam nadar no Mar Branco. Aquelas águas cristalinas não eram nada perto da Costa Gélida. Quando emergiu, manteve a cabeça baixa, nadando com força rumo à areia, sem olhar para trás. Sua recém-perdida mão ainda provocava dor e dificultava o nado, mas a promessa de liberdade tinha um apelo muito maior e lhe conferia energia surpreendente.

Mantido preso por algemas pelo Ratlord Vanmorden no palácio do Alto Estábulo e cercado por uma horda de mortos-vivos, Drew não tivera muita escolha. Arrancando com os dentes a própria mão, conseguira sobreviver, mas as dores que sentia no membro ausente eram uma constante lembrança de sua perda.

Cambaleando pela areia amarelada, olhou para trás e viu os botes a remo a caminho da terra firme, com homens armados gritando

uns para os outros, mobilizando-se para recapturá-lo. Mais adiante na praia, a equipe do contramestre surgiu por entre as árvores, largando no chão cestos com frutas e saindo em perseguição assim que viram Drew disparando para a mata.

O rio que ele subia nascia nas profundezas da selva e desembocava no mar. Como a floresta tropical em ambas as margens parecia impenetrável, Drew optou por enfrentar a correnteza para se afastar da praia. Levou a mão à garganta, praguejando contra a coleira colocada em seu pescoço pelos caçadores de escravos de Kessler. Uma vez que se livrasse daquele anel de metal, estaria livre para se transformar, para ser um Werewolf. Surpreendeu-se ao se dar conta da rapidez com que aprendera a confiar em suas habilidades de licantropia. Não muito tempo antes, era um simples menino do campo, um pequeno agricultor satisfeito com seu lugar no mundo. Quando descobrira seus poderes, e durante os eventos que se desenrolaram a seguir, a princípio rejeitara sua verdadeira identidade — o último dos Wolflords transmorfos. Com o tempo, porém, aprendera a controlar o instinto animal e a se valer dele em momentos de necessidade para salvar seus amigos e derrotar os inimigos.

Os pés de Drew esbarraram numa massa sólida no leito do rio, fazendo-o cambalear para a frente e desaparecer em meio às águas turbulentas. Com gestos desesperados, esforçou-se para voltar à tona, sem fôlego e em pânico. Sentiu algo roçar a lateral de seu corpo antes de investir com força contra suas pernas. O corpo de Drew foi projetado ao ar e depois lançado de novo contra a água, deixando-o atordoado. Abriu os olhos e os estreitou, numa tentativa de enxergar em meio ao turbilhão de água e areia. Um vulto escuro emergiu de boca aberta, revelando longas fileiras de dentes serrilhados. Drew conseguiu voltar a si apenas no último instante, desviando-se das mandíbulas que se fechavam sobre ele.

Pôs-se de pé, tentando recobrar o fôlego, e constatou aterrorizado que havia sido jogado num lago. Conseguiu enxergar por completo o monstro que o cercava. Tinha mais de quatro metros de comprimento e não se parecia com nada que já tivesse visto na vida. A pele era verde-escura e espessa, com sulcos e elevações proeminentes por todo o corpo, até a cauda sinuosa. A cabeça da criatura emergiu por um momento, e Drew pôde ver seus olhos amarelados encarando-o. Dezenas de dentes imundos e afiados, enfileirados em mandíbulas enormes, de quase um metro de comprimento. Parecia uma espécie de réptil, como os lagartos que habitavam os penhascos perto de sua casa, mas a aparência assustadora remetia muito mais aos dragões dos livros que Drew lia quando criança.

A água se agitou quando o monstro se lançou em direção a ele, fazendo-o cambalear para trás. Os dentes agarraram sua perna, e a criatura passou a enrodilhá-lo, para fazê-lo submergir. Drew sentiu a calça rasgar e percebeu, aliviado, que o monstro conseguira alcançar apenas sua vestimenta. Bastou um chute para se ver livre e iniciar a fuga para longe do caos.

Chegou à margem, patinando sobre a superfície inclinada e enlameada, procurando algo em que se agarrar. Os dedos da mão que lhe restara afundaram no barro, e o chão ao seu redor começou a ceder. Havia raízes de árvores expostas logo à frente, mas desesperadamente fora de seu alcance. Deu um salto, conseguindo apenas roçá-las de leve antes de sucumbir na água de maneira patética. Drew fez força para ficar de pé, caminhando a duras penas sobre o barro, escorregando e derrapando inutilmente à procura de uma rota de fuga. Apanhou um galho que boiava ali perto e o usou como gancho para alcançar as raízes. Foi quando o som da água se agitando atrás dele fez com que se virasse.

As mandíbulas do monstro emergiram da água — o animal dava o bote, saltando sobre Drew. Com um movimento rápido, ele enfiou o

galho na boca aberta da criatura no momento do ataque. O galho penetrou na garganta vermelha e carnuda como uma espada que se acomoda na bainha. No mesmo instante, o monstro recuou, debatendo-se, abrindo e fechando a boca, enquanto tentava se livrar daquele incômodo. Drew não perdeu tempo. Pulou na água e saiu nadando, rumo à embocadura do lago. Atrás dele, era possível ouvir os estalidos do galho sendo transformado em serragem na boca do monstro. “Depressa, Drew, senão vão ser os seus ossos.”

Estava sem forças, exaurido pela fuga dos captores e pela luta contra o feroz animal. Chocou-se contra uma árvore caída na água, e o monstro se aproximou rapidamente por trás. Drew tentou escalar o tronco e deu um grito bem alto quando um pedaço da casca se soltou em sua mão.

O ataque fatal, no entanto, não aconteceu. Uma rede feita de corda atravessou o ar e caiu sob o peso das bolas de chumbo amarradas em suas extremidades. A rede desabou sobre a criatura, que se enroscou toda nela quando tentou rolar para escapar. Quanto mais se debatia, mais presa ficava. Mais cordas voaram sobre a água, laçando o monstro e o mantendo imóvel enquanto a tripulação do *Banshee* surgia às margens do lago.

O tronco caído estremeceu quando algo aterrissou na outra ponta. Drew se virou e estreitou os olhos para tentar enxergar. A silhueta inconfundível de Djogo fez-se notar contra a luz do sol. Um tampão de couro cobria a órbita do olho que Drew lhe arrancara em Haggard. Pela primeira vez, notou uma cicatriz um tanto peculiar no ombro nu de Djogo, um triângulo dentro de um círculo. “Como a marca que fazíamos nos animais lá da fazenda.”

— Você quase se matou, Lobo.

Drew olhou mais uma vez para o animal, já subjugado pelos marinheiros, que seguravam seus membros e mantinham sua boca fechada.

— Que tipo de monstro é esse?

— Um crocodilo. Se acha isso monstruoso, então vai adorar a Fornalha!

O estalo do chicote de Djogo fez com que todos na água se assustassem e vissem a longa tira de couro se enrolar na garganta de Drew. Ele agarrou o chicote e tentou afrouxá-lo para conseguir respirar. Com um tranco, Djogo apertou ainda mais o laço, quase fazendo os olhos do prisioneiro saltar das órbitas.

— Pode resistir quanto quiser, garoto — disse o caçador de escravos, sorrindo enquanto puxava o chicote e atraía o esbaforido Wolflord para perto de si. — Mas você vai voltar para o *Banshee*!



2

Prisioneiros de guerra

Os dois capitães estavam ajoelhados no convés do *Turbilhão*, cada qual demonstrando um estado de espírito distinto. O mais velho mantinha a cabeça baixa, apesar de examinar com os olhos a plateia ao redor, analisando sua situação desfavorável. Nos últimos anos de vida, deveria estar em algum porto distante, aquecendo-se ao lado de uma fogueira crepitante, e não no convés de um navio pirata. O sujeito a seu lado mantinha as costas eretas e o peito estufado, encarando os inimigos com o olhar fixo, gritando e praguejando o tempo todo. Mais jovem, mais presunçoso e com uma língua muito mais afiada, ficava cada vez mais evidente que era ele quem levaria ambos à morte.

O conde Vega andava de um lado para o outro diante deles, deixando que o jovem capitão continuasse até a exaustão com sua enxurrada de ofensas. Atrás de Vega estava o duque Manfred, o Werestag de Stormdale, observando tudo de maneira impassível. A rainha Amelie se achava ao lado do duque, apoiada em seu braço, para se equilibrar enquanto o navio oscilava sobre o balanço constante das ondas. Bethwyn, sua dama de companhia e espécie de sombra constante, encontrava-se sempre por perto. Os

Werelords estavam cercados por uma multidão de piratas, que mantinham uma distância respeitosa.

O barão Hector, o jovem Boarlord de Redmire, posicionou-se atrás dos dois homens ajoelhados, sempre de olho no Sharklord, que caminhava de um lado para o outro. Hector e seus companheiros transmorfos haviam fugido de Highcliff sob a ameaça de um ataque iminente dos Doglords de Omir e dos Catlords de Bast. Membros fundadores do Conselho Lupino, ele, Vega e Manfred haviam sido um ponto de apoio fundamental para Drew Ferran, o jovem Werewolf, herdeiro do trono da Westland, na investida em que derrotaram o rei Leopold, o Werelion. Com o Leão aprisionado na masmorra de Highcliff, o Conselho Lupino assumira o controle da cidade, montando um cerco ao rei destronado e esperando sua rendição. Depois da chegada inesperada dos aliados de Leopold, entretanto, o grupo escapara com vida de Highcliff por muito pouco. Com os inimigos em seu encalço, os aliados restantes do Lobo tinham subido a bordo do navio pirata *Turbilhão*, e o Wereshark, capitão da embarcação, ajudara-os na fuga.

Os prisioneiros o conheciam. Graças a sua reputação como príncipe dos piratas das Ilhas Cluster, Vega era famoso em todo o Mar Branco. Quando a pequena e maltratada frota que escapara de Highcliff fora avistada de Vermire, três navios partiram em sua perseguição. Ciente de que suas embarcações não haviam sido feitas para enfrentar batalhas navais, Vega mandou os companheiros ir à frente, com a intenção de se reagruparem no porto sturmiano de Roof. O *Turbilhão* ficara para enfrentar os inimigos e avançara diretamente para a frota adversária, quebrando sua formação e obrigando-a a navegar para a costa, na direção contrária das embarcações que levavam os civis em fuga.

— Quando o Kraken pegar você, vai arrastá-lo para o leito de Sosha e deixá-lo para os caranguejos. Você poderia economizar um

bom tempo para Ghul baixando sua espada — rosnou o jovem capitão, enquanto seu parceiro permanecia em silêncio.

— Pode até ser, caro jovem, mas não creio que isso vá me matar — disse Vega com um suspiro.

“E ele não está errado”, pensou Hector. Um transmorfo como o Sharklord era imune à maioria dos ataques. Seu processo acelerado de cura era capaz de reverter ferimentos fatais. Havia exceções a essa regra, claro — a prata e o ataque de outro transmorfo podiam levá-lo à morte instantaneamente.

“Existe também a magia, irmão”, sussurrara Vincent, o vil, no ouvido de Hector. “Não podemos nos esquecer da magia, não é?”

Hector estremeceu, afastando o espírito maligno para longe. Era perturbador ter a voz do irmão morto seguindo-o por toda parte, principalmente porque apenas Hector era capaz de ouvi-la. O Boarlord tivera sua dose de culpa na morte do irmão e vinha pagando o preço disso dia após dia. Hector começou a esfregar a palma da mão esquerda com o dedão da direita em um gesto nervoso, e o couro das luvas emitiu um ruído agudo quando circulou a mancha negra que maculava a carne sob elas. A mancha negra havia aparecido na primeira vez em que tivera contato com o xamã dos Wyldermen, na Wyrwood. Conversar com os mortos era uma prática proibida a todos os magísteres, mas fora necessária, uma medida desesperada para que ele e Drew pudessem salvar a amiga Lady Gretchen dos selvagens adoradores da Wereserpent. A mancha crescia a cada novo contato, violando sua carne. Trêmulo, fechou as mãos enluvadas e voltou o olhar para os piratas capturados.

— Você se acha muito esperto, Vega, mas na verdade só tem sorte! Foram as pedras que arreventaram o casco do *Ás de Paus*, não uma manobra genial do *Turbilhão*!

O capitão estava irritado porque seu navio se chocara contra as pedras submersas, e com razão. A embarcação que vinha logo atrás

colidira com o navio, e ambas tinham ido a pique; os homens tiveram que saltar de uma pilha de madeira destruída e cordas soltas. Desse modo, sobrara apenas um navio: o *Leviatã*, maior e mais lento. Diante da tripulação bem treinada e do habilidoso capitão das Ilhas Cluster, a embarcação maior não tivera chance. O navio de Vega assumira uma posição mais vantajosa e lançara flechas em chamas e fogo pesado contra os mastros e conveses. A batalha terminou quando uma bandeira branca foi içada no mastro principal — o capitão do *Leviatã* não teve alternativa, a não ser se render ao conde.

— A sorte não teve nada a ver com isso, Fisk — disse o mais velho, Ransome, capitão do *Leviatã*. — Não foi o acaso que levou você até aquelas pedras. Seu inimigo conhecia o campo de batalha. Se tivesse mantido a posição, conforme minhas ordens, o *Ás* não estaria em pedaços agora. Pare de choramingar. Você foi derrotado.

Vega abriu um sorriso.

— O que posso dizer? Conheço bem essas águas. Agora que você sossegou, eu gostaria de conversar sobre seus mestres.

O capitão Fisk soltou uma risada escandalosa, demonstrando todo o seu desprezo pelo Sharklord.

— Não vamos dizer nada, peixinho! Kraken vai cortá-lo em pedaços quando o encontrar.

Hector temeu pelo destino do Conselho Lupino caso caísse nas mãos do Squidlord Ghul, conhecido por toda a Lyssia pelo apelido Kraken. A reputação de Ghul era temível, construída com base em uma vida inteira dedicada à tirania ao longo do Mar Branco, demonstrando pouquíssima compaixão pelas pobres almas que cruzavam seu caminho. O Squidlord fora o braço direito do rei Leopold, o Werelion, durante muitos anos, aproveitando para tomar tudo o que pertencia ao conde Vega nesse meio-tempo.

Vega balançou a cabeça.

— Sim, sim, já conheço a história toda. Kraken isso, Ghul aquilo, blá-blá-blá... Poupe-me de tudo isso, é cansativo demais. Você esqueceu que aquele tolo costumava trabalhar para mim. Conheço bem, até *demais*, aquela velha lula.

— Então deve saber que ele não lida muito bem com derrotas.

— É melhor que ele esteja preparado para todo tipo de derrotas se pensa que seu exército patético algum dia vai tomar o *Turbilhão*. Uma última chance, Fisk: quais são os planos de Ghul? Quais são as embarcações que compõem sua frota? Diga-me, e eu lhe pouparei a vida.

— Prefiro ir para os braços de Sosha — retrucou Fisk em desafio, mais uma vez usando o nome da deusa do mar contra o Sharklord.

A espada curta de Vega saiu da bainha com uma velocidade impressionante, entrando e saindo do peito do homem com um movimento fluido e natural. A plateia reunida prendeu a respiração, e a rainha Amelie soltou um murmúrio quase inaudível. O capitão do *Ás de Paus* caiu sem vida no convés, os olhos arregalados de surpresa.

“Ele é um monstro frio e calculista”, sussurrou Vincent no ouvido de Hector. O jovem Boarlord balançou a cabeça devagar, enquanto o Sharklord limpava o sangue da lâmina. Figgis, seu imediato, aproximou-se do corpo de Fisk e desferiu alguns chutes, a fim de rolá-lo pelo convés e tirá-lo do caminho. Vega voltou-se para o capitão Ransome, que o encarava sem se alterar.

— Há quanto tempo, Eric! — disse Vega.

— De fato, camarada. Vejo que ainda não perdeu o costume de tingir o mar de vermelho.

— Apenas quando é preciso, velho amigo.

— Não venha me falar de amizade, Vega, se vai fazer comigo o que fez com o idiota do Fisk.

— Ele mereceu. Um pirata só pode continuar se arriscando até certo ponto, capitão. Afinal de contas, estamos numa guerra.

— E você está do lado errado, Vega — respondeu Ransome com um suspiro. — Você testemunhou o poderio dos que navegam ao norte de Bast. E eu ouvi a respeito do que os Catlords fizeram com sua pobre frota. Trabalhar para os Gatos rende um bom dinheiro. Talvez ainda não seja tarde demais. Talvez Lord Onyx seja capaz de encontrar um lugar para você em sua armada.

— Minhas portas por lá estão fechadas, Ransome. Eu estou com o Lobo, como você mesmo já disse. Não creio que os Catlords sejam tão compreensivos quanto pensa. Se um homem pode ser definido por suas companhias, acredito que minhas amizades dizem tudo por mim. — Ele apontou com a mão para Hector, Manfred e Amelie.

Ransome balançou a cabeça.

— Que pena. Você é um bom capitão. Seria bom poder voltar a navegar a seu lado.

Vega agachou-se diante do velho pirata. Sua pele assumira um tom acinzentado, e os olhos transmitiam cada vez mais seu estado de humor. Dentes brancos e brilhantes reluziram no rosto sombrio.

— Os planos de Ghul, Ransome?

O capitão do *Leviatã* estremeceu. Uma vida inteira servindo aos Werelords do Mar não fora suficiente para prepará-lo para ver um deles se transformando.

— Metade da frota de Onyx voltou a Bast, e o restante está ancorado em Highcliff. Não devem sair do porto antes de receber de volta sua carga.

— Carga? — perguntou Hector.

— Guerreiros bastians, milhares deles. Ao que parece, os Gatos estão tomando Westland.

— E quem está patrulhando o Mar Branco? — Vega quis saber.

— Existem alguns encouraçados de Bast por lá, mas na maioria são piratas das Ilhas Cluster. Ghul ficou longe da linha de frente por tempo demais, enriquecendo com os impostos que arrecadava em nome de Leopold. Onyx agora o fez voltar ao trabalho.

— Para fazer o quê? — perguntou Manfred.

— Ir atrás de vocês.

Amelie se agarrou ao braço do Staglord, empalidecendo.

— Havia apenas três embarcações com vocês — comentou o Sharklord. — Onde está o restante da frota, Ransome?

— Há talvez uns vinte navios entre Vermire e Blackbank fazendo correr a informação de que o *Turbilhão* é uma embarcação procurada. Existe uma recompensa também. Quando menos esperarem, todos os mercenários da Lyssia estarão em seu encalço.

— Ele considera o *Turbilhão* uma ameaça tão grande assim?

— Ele considera o Conselho Lupino uma ameaça. Enquanto os conselheiros estiverem vivos, ele acredita que o reinado de Lucas estará em perigo.

Hector se arrepiou diante da menção de que o príncipe Lucas poderia vir a ser rei. Por ter feito seu aprendizado como magíster com o Ratlord Vankaskan, o jovem Boarlord passara um bom tempo na companhia do príncipe. Tivera de suportar o temperamento explosivo do Werelion durante a adolescência, e só se livrou da crueldade do Catlord quando Drew surgiu em sua vida. Inconsequente e violento, Lucas era extremamente mimado pelo pai, e seu casamento com a Werefox, Lady Gretchen, fora cancelado quando do estabelecimento do Conselho Lupino.

“Mas então o que aconteceu com Leopold se agora seu filho está postulando o trono?”, pensou Hector, olhando de relance para a rainha Amelie, a mãe do príncipe Leão.

— Lucas? — perguntou ela. — Mas e quanto a Leopold?

— Está morto, Majestade — respondeu Ransome em tom respeitoso. Ele até podia ser um pirata, mas não significava que era incapaz de reconhecer alguém da realeza.

Manfred a abraçou quando a sentiu fraquejar diante da notícia.

“Por essa eu não esperava, irmão”, sussurrou o vil. “Parece que o Werepanther abrigou o filhote do Leão sob sua asa. Veja só como

essa mulher está chorando! Ela não consegue manter um marido vivo!”

— Como ele morreu? — murmurou a rainha.

— Foi o duque Bergan que o matou, pelo que dizem, apesar de o rei ter assassinado o Bearlord durante o combate.

Hector se sentiu atordoado — a notícia da morte de Bergan o atingiu como uma marretada. Olhou para Manfred, que ficou pálido. O Cervo e o Urso eram como irmãos. Um acontecimento como aquele, logo depois do falecimento de seu irmão mais novo, o conde Mikkell, devia ser algo devastador para Manfred.

— Qual foi a última ordem dada por Ghul? — perguntou Vega, deixando de lado as tristes notícias.

— Seguir pela costa. Fazer contato com a Ilha de Moga, trazer os piratas sturmianos a bordo. Pelo preço certo, o barão Bosa não há de negar sua ajuda.

— Ele não vai comprar essa briga — afirmou Vega, convicto. — É neutro por natureza, e isso nunca vai mudar.

Vega já havia comentado com Hector a respeito do Whalelord Bosa. Outro velho amigo de seu pai — ao que parecia, os Sharklords eram conhecidos em todo o Mar Branco —, Bosa negociaria com quem quer que fosse se a recompensa se apresentasse boa. Estava distante da pirataria fazia muito tempo, mas ainda havia muitos bandidos que dividiam seu butim com a velha Baleia. Vega tinha a intenção de visitar Bosa, mas naquele momento Hector foi obrigado a se perguntar se não seria melhor não passar nem perto de Moga.

Ransome sacudiu a cabeça, abrindo um sorriso.

— Seu pai e Bosa foram amigos nos velhos tempos, Vega, mas isso agora é passado. Onyx tem certeza de que Bosa vai aderir: é juntar-se a ele ou dormir nos braços de Sosha. No mundo dos Catlords, quem não está a favor está contra eles.

Vega agarrou o cabo da curta espada com as mãos e lançou um olhar para Hector e Manfred. Ransome ergueu a cabeça, encarando a lâmina com preocupação.

— Se quer me matar, vá em frente.

Vega embainhou a espada e sorriu para o capitão do *Leviatã*.

— Fisk era arrogante e truculento. Ele mereceu. Você, Ransome, por outro lado, tem o meu respeito. Duvido que tenha ficado satisfeito com a missão de emboscar o *Turbilhão* e mais alguns barquinhos lotados de civis. Vou lhe devolver o *Leviatã*, sua tripulação e mais os sobreviventes do *Ás de Paus* e do *Trapaceiro*. Estão livres para fazer o que quiserem. Só espero que não nos sigam. Além de estarem sobrecarregados de cadáveres, vocês precisam consertar aquelas velas rasgadas antes de querer ir a algum lugar.

Ransome parecia perplexo.

— Pensei que fosse me matar...

— Pois pensou errado — rebateu Vega. — Apenas *sugiro* que reconsidere sua decisão e pense duas vezes antes de retomar a caçada. Se por acaso nos encontrarmos novamente nessas mesmas circunstâncias, terei o maior prazer em separar sua cabeça do corpo e deixar suas entranhas ser devoradas pelas gaivotas.

Ransome balançou a cabeça e, meio cambaleante, pôs-se de pé quando Figgis cortou suas amarras.

— Você nunca mais vai me ver — garantiu o capitão, mas Vega não estava mais escutando, pois se dirigia com os Werelords para a parte posterior do navio.

Hector ficou para trás e passou pelos próprios homens, Ringlin e Ibal, antigos escudeiros de seu irmão, ao partir no encalço dos demais. Os dois membros da Guarda Javalina o encararam e fizeram um aceno com a cabeça.

“Parece que você deu um jeito nesses dois”, comentou o vil, num tom sarcástico. “Você confia neles?”

— Mais do que em certas pessoas — murmurou Hector, sem tirar os olhos de Vega, que ia à frente.

Houve um tempo em que Hector admirava o conde, o único além de Drew a sair em defesa do duque Bergan e do Conselho Lupino. Ele acolhera Hector quando todos os outros o haviam abandonado. Drew não estava mais por perto, e o Bearlord havia lhe virado as costas. Vega estava a seu lado quando Vincent fora assassinado, tratara de dar um destino ao corpo, fizera o que precisava ser feito e permanecera em silêncio depois disso.

Mas, à medida que o tempo passava, a gratidão devida ao conde se tornava cada vez mais opressiva para o jovem magíster, um peso sobre seus ombros. Vega já traíra seus “amigos” antes: fora o Sharklord quem deixara Highcliff desprotegida quando o rei Leopold usurpara o trono do velho rei, Wergar, o Lobo. Hector podia mesmo confiar nele? O que impediria Vega de revelar o segredinho de Hector em troca de alguma vantagem? A ideia de se sentir em débito, principalmente com o Wereshark, era algo insuportável. Precisava retribuir o favor. Tinha de liquidar o débito com Vega.

Os nobres se reuniram no tombadilho superior, bem longe da atividade que se desenrolava abaixo deles. Ransome e seus homens eram transportados de volta ao *Leviatã*, que permanecia preso ao *Turbilhão* por meio de cordas. Não havia uma só vela intacta no navio; e as que tinham sobrado estavam em frangalhos, ainda pendendo dos mastros.

— Vai demorar dias para que eles possam seguir viagem — comentou Vega, olhando para a carta náutica estendida sobre uma bancada.

— Você sabe que ele vai informar tudo imediatamente para os mestres dele, não sabe? — perguntou Manfred.

— Quando eles conseguirem arrastar essa velharia de volta para o porto, já estaremos bem longe daqui.

— Bergan está mesmo morto? — sussurrou Hector de maneira repentina.

Manfred e Vega o encararam bem sérios e assentiram com um gesto de cabeça.

— É o que parece. Que Brenn receba sua alma — disse Manfred.

Vega pôs uma das mãos sobre o ombro de Hector e lhe deu um leve apertão.

— Bergan não iria querer que desistíssemos no meio do caminho, Hector. Precisamos seguir em frente até Icegarden.

— Então o plano ainda é esse? — questionou o Staglord.

— Não temos escolha — respondeu Hector. — Precisamos de uma audiência com duque Henrik, para descobrir de que lado ele está.

— Vamos torcer para sermos bem recebidos — tornou Manfred. — Haverá muita gente procurando refúgio nas Whitepeaks quando os Catlords prosseguirem com a marcha sobre a Westland. Imagino que metade da gente das Dalelands tomou esse rumo depois que os Cachorros omirianos avançaram sobre a Lyssia.

— A morte está em toda parte — murmurou Amelie, olhando para o mapa com os olhos rasos d'água. — Não resta mais esperança.

“O que você acha, irmão? Ela está chorando pela Lyssia ou pelo Leão morto?”

Hector ignorou o vil, estendendo a mão enluvada e apertando a da rainha. Ela se virou para encarar o jovem Boarlord.

— Majestade, precisamos permanecer unidos, preservar nossas forças. Devemos mostrar ao povo que não é preciso se submeter aos Catlords, que existe uma escolha. E Drew está vivo por aí em algum lugar... tenho certeza.

Amelie lançou um olhar preocupado para Vega, que mantinha os olhos cravados na carta náutica.

— Não está sentindo nem um pouco de remorso, conde? — ela o questionou. — O capitão Fisk estava desarmado. Você podia ter mandado prendê-lo. Não precisava matá-lo.

— Por favor, não derrame nenhuma lágrima por Fisk, Majestade. Ele era um assassino.

— Assim como você, Vega.

Ele a encarou e assentiu.

— Assim como eu, Majestade. Só que eu sou um assassino que está do *seu* lado. Estamos em guerra. O destino dado a Fisk fez Ransome abrir a boca, não há como negar. Por favor, não me venha com sermões em meu navio. Os reis com quem vossa Majestade foi casada jamais hesitavam no momento de derramar sangue alheio.

Amelie estremeceu, soltou a mão de Hector e se virou para sua dama de companhia.

— Venha, Bethwyn — pediu. — Vamos voltar para a cabine. Apesar de estarmos presas neste maldito navio, ainda temos o direito de escolher nossa companhia.

Lady Bethwyn fez uma mesura para os homens e partiu atrás da furiosa Amelie. Ao passar por Hector, pousou sobre ele os enormes olhos castanhos, fazendo o coração dele disparar.

“A moça de olhos de corça, Hector? E eu achando que você estava ficando mais durão. Pelo jeito, continua o mesmo molenga de sempre”, ironizou Vincent.

— Este maldito navio é a única razão de ainda estarmos vivos — resmungou Vega. Olhou para Manfred, que ainda observava a saída súbita da rainha. — Quer ir atrás dela, Manfred? Garantir que ela chegue a seus aposentos em segurança?

O Staglord encarou Vega. Hector ficou atento aos dois Werelords enquanto a tensão no ar se tornava palpável. O rosto de Manfred se fechou, as veias começaram a pulsar sob sua pele.

“Os chifres”, comentou o vil. “Lá vêm eles!”

— Cuidado com o que diz, Vega — disse o duque sem se alterar, tentando manter a fera interior sob controle. — Não gosto desse tipo de insinuação.

— Não estou insinuando nada, Manfred. Para mim está bem claro que você gosta dela. Como amiga, claro, e nada mais — respondeu o Sharklord.

“Esse seu Conselho ridículo está se desintegrando”, sussurrou o vil. “Dê só uma olhada neles, disputando a viúva como dois garotinhos de colégio. Você está perdido, Hector. Todos vocês estão perdidos.”

— Já chega! — gritou Hector, batendo com a mão fechada sobre o mapa. Surpresos, Manfred e Vega o encararam. Vega ainda abriu um sorriso antes de voltar a atenção para a carta náutica.

— Moga — disse por fim, apontando para a ilha no mapa.

Hector evitou o olhar de Manfred. Seu rosto estava vermelho de vergonha, mas não era só isso. Ele podia até ter exagerado em sua manifestação, mas os outros dois o haviam ouvido; ele fora capaz de fazê-los silenciar. “Será que eles me veem como um igual?”

— Moga? Está falando sério? — questionou com aspereza o Lord de Stormdale.

— Onyx ainda não fez sua proposta à Baleia. Se chegarmos primeiro, quem sabe? Ele pode ser acometido por um raro momento de sensatez. Talvez até faça a coisa certa.

— Sugiro que mantenhamos distância de Moga — contestou Manfred. — Que sigamos em frente, rumo a Sturmland. Dar as caras em um porto perigoso como aquele é arriscado demais. As forças de Lady Slotha, a Werewalrus, estão todas ancoradas por lá, não?

Hector já tinha ouvido falar de Slotha, a Morsa de Tuskun. O povo tribal de sua região remota era conhecido como ugri; eles eram de uma lealdade a toda prova e deviam muito mais aos Wyldermen da Dyrewood do que ao povo mais civilizado de Sturmland. Quando Leopold depusera o velho rei, Wergar, o Lobo, ela ficara ao lado do Leão e ganhara o governo do extremo noroeste da Lyssia, em troca das forças que cedera à batalha. Nos anos subsequentes,

fortalecera sua posição sobre aquela paisagem congelada, partindo para a guerra contra seus vizinhos nas Whitepeaks e instigando o medo no coração dos comerciantes marítimos. A Morsa e o Conselho Lupino nunca tinham morrido de amores um pelo outro.

— Ela tem suas forças por lá, claro, mas Moga ainda é considerada um porto livre. Se existe alguém que manda por lá, esse alguém é Bosa. Deixe-me falar com ele, ver o que consigo antes que Onyx entre em cena.

— Deveríamos seguir em frente — insistiu Manfred. — O que acha, Hector?

— Estamos com poucos suprimentos, senhor duque. Precisamos de água e comida. O pouco que trouxemos a bordo quando embarcamos em Highcliff está quase no fim.

— Além disso — acrescentou Vega —, os cinco outros navios que fugiram de Highcliff conosco estão à nossa frente. É bem provável que já tenham sido avistados por alguém em Moga. Bosa é um sujeito bem informado. Acredite em mim, Manfred, precisamos fazer uma visita a ele.

O Staglord massageou a testa com o polegar e o indicador, ao sentir que a discussão já estava perdida.

— Acho que estamos cometendo um grande erro.

— Desembarcaremos apenas com alguns poucos botes. Hector, você pode supervisionar a aquisição de provisões? Manfred, você e eu vamos falar com Bosa. Precisamos ser discretos, andar pelas sombras.

“Veja só!”, exclamou Vincent. “Ele está gostando disso. De se esgueirar pelos cantos, de ser clandestino; é a especialidade dele. E é ele quem está dando as cartas, Hector. Ele assumiu o controle.”

Vega sorriu para o Boarlord e lhe lançou uma piscadela maliciosa.

— É entrar e sair. Slotha, a Werewalrus, não vai nem saber que estivemos por lá.



3

Escadaria Negra

Os condutores estalavam os chicotes, impulsionando a procissão de carroças e cavalos para longe da extremidade sinuosa do precipício. As rodas das carroças seguiam o caminho das ancestrais trilhas abertas no chão escuro e pedregoso durante séculos de viagens. Entre os habitantes da ilha, a estrada repleta de curvas era conhecida como a Escadaria Negra, que partia do porto, atravessava a cidade e contornava o relevo montanhoso do local.

Drew encostou o rosto nas barras de bambu, observando o precipício enquanto a carroça em que estava subia cada vez mais. Havia seis deles enjaulados ali, todos em condições igualmente deploráveis. Sem dúvida nenhuma, os escravos que acompanhavam Drew haviam sido capturados por Kessler em suas viagens, e todos carregavam as marcas de seu infortúnio. Maltratados e desmoralizados, estavam consumidos pela exaustão e pelo longo tempo de cativeiro no navio. O Goatlord Kessler viajava à frente da caravana em uma carruagem suntuosa, deixando o butim de carne, osso e sangue acompanhá-lo em condições miseráveis atrás de si.

A Escadaria Negra se elevava das docas, passando pela estranha cidade com seus mercados e vendedores ambulantes, antes de

serpentear, em meio às casas, montanha acima. Lá embaixo, ainda no porto, Drew deu uma última olhada no *Banshee*, que oscilava preguiçosamente nas águas cristalinas depois de ser esvaziado de sua carga.

No ponto mais alto da Escadaria Negra não havia nem sinal de vegetação — o topo da montanha era coberto de pedras e rochas escuras como breu. A estrada ficava plana por um trecho ao chegar ao cume e tomava a direção da parte interior da montanha. Nesse ponto, as carruagens passaram pelo portão de uma muralha branca bem alta. Havia guardas armados de ambos os lados, inspecionando os escravos que entravam. Para Drew, o povo da ilha lembrava Djogo, o capitão de Kessler — altos e esguios, de pele escura e áspera. “Quem sabe não é daqui que vem aquele brutamontes?”

As carroças agora iam montanha abaixo, na direção de um vale em formato côncavo, com um palácio instalado bem ao fundo. Uma muralha externa contornava a estrutura imponente do palácio, seguindo os círculos concêntricos da Escadaria Negra. A cobertura de terracota circundava o centro, mas o pátio central ainda estava além do alcance da visão. Torres se erguiam da muralha externa na direção das nuvens, com tijolos revestidos de peças de mármore preto e branco. O calor era opressivo. Drew sentia o corpo todo ser envolvido por ondas mornas. Lufadas de vapor escapavam por fissuras no chão em ambos os lados do caminho, e gases quentes subiam da terra com violência. Pôs a mão sobre a boca, sentindo náusea ao detectar um odor bem familiar no ar.

A mente de Drew divagou, lembrando-se de Hector ao invocar os mortos. Empalideceu ao pensar em seu amigo como praticante da necromancia, conversando com as almas dos que haviam partido. O Boarlord usava um pó amarelo fedorento para fazer o contorno dos símbolos e círculos que compunham o ritual. Apesar do calor, Drew sentiu o corpo estremecer ao se recordar dos lacaios mortos-vivos

de Vankaskan no Cabo Gala, que lhe tinham feito perder a mão. Com uma algema apertada no braço e uma multidão de criaturas monstruosas famintas por sua carne, a opção entre a vida e a morte exigira uma escolha dolorosa. Quando fechava os olhos, conseguia sentir a mão ainda conectada ao pulso; parecia ser capaz até de flexionar os dedos que não estavam mais lá. Seria necessário mais tempo para se acostumar à ideia. Drew olhou para a cicatriz no pulso, um coto de carne e osso. Farejou o ar mais uma vez.

— Enxofre — comentou, mais para si mesmo do que para qualquer um que pudesse ouvi-lo.

— Isso mesmo — respondeu um escravo, inclinando-se sobre a grade do outro lado da carroça. — E o que mais poderia se esperar estando em cima de um vulcão?

— Bem-vindos a Scoria!

Se o calor do lado de fora era incômodo, dentro do palácio se tornava insuportável. Os guardas conduziram os escravos acorrentados à construção de proporções colossais, passando por uma multidão de curiosos até entrarem num salão circular enorme. Mesas de pedra rodeavam o recinto, e sobre elas ainda se via o que sobrara do banquete da noite anterior. Moscas sobrevoavam restos de carne, tornando a atmosfera do local ainda mais deprimente. Tochas ardiam ao longo das paredes, e havia uma grade de metal bem ao centro, chumbada no chão de basalto. Um fluxo constante de vapor saía de lá, transformando o lugar numa sauna. Havia um tambor de metal ao lado da grade, cujo interior abrigava marcadores de ferro com longos cabos enterrados sob pedaços de carvão em brasa. Drew se encolheu todo quando os viu, imaginando para que seriam usados.

O homem que se dirigira aos escravos se levantou de um grande trono de mármore. Usava apenas uma tanga e joias de ouro e

exibia um sorriso largo e malicioso. Três figuras em trajes similares estavam posicionadas atrás do trono, ocultas em meio à penumbra e ao vapor. Não havia nenhum vestígio de pelos no corpo do homem — ele tampouco tinha sobrancelhas, o que conferia a seu rosto uma expressão de surpresa constante. A pele oleosa brilhava sob a luz das tochas, refletindo diferentes colorações ao brilho das chamas. Drew estreitou os olhos, incapaz de acreditar no que via. A pele do homem parecia reluzir, primeiro em tons de cinza, depois de verde, e por fim em um brevíssimo tom azulado antes de escurecer de novo.

O conde Kessler enfim apareceu, saindo de trás do grupo de escravos, acompanhado pela Werehawk Shah, e seguiu diretamente ao homem seminu. Djogo se manteve ao lado de Drew, o olho remanescente cravado no jovem Wolflord. Kessler e o homem sem pelos nem roupas se abraçaram, apertando as mãos de maneira calorosa e rindo o tempo todo.

— Meu caro Kessler — saudou o homem de tanga. — Pelas Wyrms, você trouxe também a encantadora Lady Shah! Como o Bode a tem tratado, milady? — Ele umedeceu os lábios com a língua e estendeu uma das mãos em sua direção. Ela recuou um passo.

— Muito bem — respondeu sem demora. — E acredito que *you* também honrará sua parte do acordo, certo, Ignus?

O homem sem pelos fez que sim com a cabeça, passando os dedos pelo peito liso e oleoso.

— Como se fôssemos uma família, Shah. Como se fôssemos uma família.

Drew não entendeu do que se tratava a conversa, mas prestou atenção mesmo assim. Precisava voltar para a Lyssia, para os amigos e seu povo, portanto estava disposto a usar qualquer informação que fosse capaz de obter para acelerar sua fuga. Shah agia de maneira estranha, permanecendo o tempo todo perto de

Kessler. “Algo inesperado”, pensou Drew, “considerando os olhares sombrios que ela costuma lançar para ele”. Ele nutria uma clara desconfiança a seu respeito. A Werehawk fora quem o resgatara da morte certa nas mãos dos Catlords e o transportara pelos ares para longe do Cabo Gala, ferido e ensanguentado, para no fim fazê-lo acordar como prisioneiro de Kessler. Era algo que não conseguia entender.

Ignus se voltou para Kessler, desviando os olhos de Shah.

— Pensei que não fossem mais voltar. Estava prestes a mandar o restante do contingente para a arena, a fim de celebrar seu falecimento.

— Eu não facilitaria as coisas para você a esse ponto, Ignus — respondeu o Goatlord. — Preciso de todas as almas que estão na Fornalha, principalmente dos irmãos transmorfos. Dessa vez trouxe um *verdadeiro* campeão para as lutas.

— É mesmo? — indagou Ignus, caminhando na direção dos escravos. — Traga-os aqui para eu poder ver melhor.

Os guardas baixaram as lanças e cutucaram os escravos, forçando-os a passar por cima da grade de metal. Drew se encolheu todo ao sentir o ferro quente contra a pele, mas fez força para superar a dor. As horas e horas de treinamento sob o olhar vigilante de Manfred na Casa do Traidor continuavam a render sua recompensa para o jovem Wolflord.

Seguiu em frente e parou diante do homem de tanga.

— Então você é o grande achado de Kessler? — perguntou Ignus.

Drew se virou, olhando para os outros, trêmulos e inseguros, sem coragem de atravessar a superfície de metal ardente. Voltou-se de novo para Ignus, dando uma boa encarada no anfitrião coberto de óleo.

Ignus devia ter por volta de oitenta anos. Seu pescoço parecia deformado, estranhamente comprido, e a boca grande com lábios

finos parecia capaz de se esticar até as orelhas. Os olhos arregalados eram castanho-claros, com pupilas malformadas.

Ignus espiou o braço de Drew. Djogo havia prendido o braço que não tinha mão com um ferro mais estreito, para garantir que ele não conseguisse escapar das algemas.

— Ele só tem uma das mãos, Kessler — comentou Ignus com desprezo. — Mercadoria defeituosa. Acha mesmo que vou querer comprar esse aí? O garoto não consegue limpar nem o próprio traseiro. É inapto para o trabalho, e mais ainda para minha *ludus*. Só aceito os *melhores* em minha escola de gladiadores.

Drew espichou as orelhas diante da menção a *ludus*. “Uma escola de gladiadores”, pensou. “Será que tem alguma relação com a Fornalha que Kessler e sua corja vivem mencionando?”

— Eu tomaria mais cuidado com a língua, Ignus — disse o Goatlord, cofiando a barba curta e pontuda. — Um transmorfo não dispõe de apenas uma única arma em uma batalha, você sabe. Esse aí é do tipo que morde!

Ignus deu uma risadinha.

— Muito bem, Kessler. Conte-me o que é essa fera que você trouxe até Scoria, e eu direi quanto ela vale.

— Não, Ignus — respondeu Kessler, circulando pelas mesas e pegando um pedaço de carne podre. Espantou as moscas e se deixou estatelar em uma cadeira de mármore, dilacerando o resto rançoso da comida com os dentes amarelados e afiados. — Você vai ter que adivinhar o que ele é, e *eu* vou dizer quanto vai lhe custar.

Ignus olhou para os companheiros postados atrás do trono. Os outros três também eram carecas, com olhos arregalados e nenhum pelo no corpo. “Sem dúvida nenhuma”, pensou Drew, “parentes do feioso”. Ignus se voltou para Drew, olhando-o de cima a baixo, e recuou um passo para avaliá-lo melhor.

— É da Lyssia?

Kessler confirmou com a cabeça, continuando a devorar a carne.

— Do norte, eu diria. Um Ramlord?

Kessler cuspiu no chão. A saliva atingiu a grade de metal, evaporando em um segundo.

— O próximo Carneiro que cruzar meu caminho vai ser escaldado e estripado. Já tolerei muito mais do que deveria desses meus patéticos primos.

— Um Wereboar, então?

— Ele é robusto demais para isso — respondeu Kessler. — Veja só o físico que ele tem. Foi feito para matar.

— Algum tipo de Doglord?

— Maior.

— Um Bearlord! — exclamou Ignus, batendo as mãos em triunfo.
— Você me trouxe um Bearlord?

— Está mais próximo do cachorro...

Ignus se virou lentamente, olhando para Drew com um olhar de interesse renovado. Aproximou-se, e os rostos ficaram a centímetros de distância. Os olhos arregalados e os lábios finos de Ignus se estreitaram, e ele soltou seu hálito fétido sobre Drew.

— Um Lobo?

Kessler começou a aplaudir devagar, da cadeira onde estava sentado.

Ignus se virou para ele.

— Não pode ser! Os Lobos estão todos mortos. Wergar era o último; o Leão cuidou disso pessoalmente.

— Ele deixou um para trás, em sua ânsia de exterminá-los sob a espada!

— Mentira!

— Ele está dizendo a verdade — interveio Shah. — Pode tirar a coleira de prata e ver com os próprios olhos, se desejar.

Djogo estendeu a mão para alcançar o alforje que trazia junto ao quadril, retirando de lá o pequeno martelo e o cinzel que costumava usar para remover a coleira dos escravos. Ofereceu os objetos a

Ignus. O Lord de Scoria sacudiu a cabeça, abrindo um sorriso de desprezo para o caçador de escravos.

— Vejo que ainda utiliza os serviços desse animal — falou para Kessler.

— Djogo? É claro. Um dos melhores negócios que já fizemos.

— Ele não mordeu sua mão, assim como fez comigo?

— Não. Ele tem se mostrado leal ao extremo.

Ignus estufou o peito, e a pele oleosa se esticou toda com a súbita expansão de tamanho. Djogo, apesar de mais alto, deu um passo vacilante para trás quando Ignus se pôs à sua frente. Ameaçava se transformar para intimidar Djogo, para mantê-lo sob controle. “Interessante”, pensou Drew. “Mais um transmorfo... mas de que tipo?”

— Devia tê-lo jogado no vulcão quando tive chance — falou Ignus. Ele tirou o caçador de escravos do caminho com um safanão, fazendo Djogo cambalear para trás.

— Se fizer alguma coisa com ele, vai ter que pagar — avisou Kessler em tom jocoso. Shah mantinha os olhos atentos em Drew, enquanto Ignus se aproximava mais uma vez.

— Seu mestre diz que você é um Werewolf.

— Ele não é meu mestre — respondeu Drew depois de uma longa pausa.

Ignus riu.

— Está confiante demais para alguém que está sendo mandado para a Fornalha, não acha?

— Se eu soubesse o que é essa tal Fornalha, talvez tivesse motivo para sentir medo.

— Logo você vai ter um bom motivo — garantiu Ignus. Mais uma vez, contemplou Drew como se fosse um pedaço de carne, lambendo os beiços. Os olhos enormes piscaram rapidamente. Ele voltou a falar com Kessler: — Quanto vai me custar?

— Lembra-se de quanto pagou por Stamm? O dobro!

Ignus bufou.

— Não pode estar falando sério.

— Ah, estou, sim, Ignus. Você não faz *ideia* do que tive que enfrentar para trazer esse Werelord a Scoria. Ele é o transmorfo mais procurado da Lyssia, e de Bast também, agora que os Catlords estão em seu encalço. Este é o último dos Lobos cinzentos, herdeiro e postulante ao trono da Westland!

Kessler se pôs de pé, foi até Ignus e estendeu a mão para o Lord de Scoria. Ignus fez menção de apertá-la, mas Kessler a puxou. Cofiou a barba curta, balançando a cabeça para si mesmo e lançando um olhar malicioso para Drew.

— O dobro do preço de Stamm? Não, para mim não seria vantagem — falou ele, e estendeu de novo a mão. — Façamos pelo *triplo*, e temos um acordo!

Ignus apertou a mão do Goatlord com firmeza.

— Se eu não tomar cuidado, você ainda me tira tudo o que tenho, Kessler.

O comerciante de escravos sorriu quando um dos guardas de Ignus se encaminhou até o tambor com o carvão em brasa. Outros dois agarraram Drew pelos ombros, mantendo-o imóvel enquanto o primeiro revirava as cinzas.

— Para o Lobo, você vai precisar usar o de prata — avisou Ignus, e o homem retirou um marcador de metal das brasas.

Drew reconheceu o símbolo na prata incandescente da ponta do objeto: um triângulo dentro de um círculo, o mesmo que havia no ombro de Djogo. A fúria que sentiu só de pensar na ideia de que aqueles sujeitos deploráveis maculariam a pele dele — o último dos Lobos cinzentos e legítimo ocupante do trono da Westland — quase o fez se transformar. Mas fazer isso naquele momento, com uma coleira na garganta, seria fatal. Debateu-se quando o guarda se aproximou. Um soco no estômago dado por um soldado o mandou

para o chão quente, onde os outros o seguraram para que o marcador fosse encostado em sua pele.

O grito de Drew pôde ser ouvido além do porto.



4

A Casa da Baleia Branca

Um vento terrível tomava as ruas estreitas de Moga, fazendo as janelas bater e obrigando o povo da cidade a procurar abrigo. O outono chegava à Lyssia, marcando a aproximação do inverno, e o norte era a primeira região a sentir essa mudança. Tavernas e hospedarias dominavam a paisagem à beira-mar, disputando a atenção de marinheiros e pescadores com suas ofertas de comida e diversão naquela noite de tempo ruim. A Tocha de Moga, uma velha torre de vigia, erigia-se com orgulho sobre as pedras, que formavam o quebra-mar natural da cidade. Com doze metros de altura, o monólito se erguia de um promontório, e degraus centenários escavados em todo o perímetro levavam à plataforma de madeira localizada no topo. Um vigia solitário ficava lá no alto, monitorando a cidade e o porto.

A maior taverna do local se chamava Casa da Baleia Branca, e parecia mais um castelo do que um lugar que vendia bebida. Com três andares, ocupava uma área equivalente a quatro estabelecimentos do mesmo tipo e, no alto, era ornamentada com parapeitos de granito, ladeados por pequenas torres que se erguiam nos quatro cantos. Além de servir comida e bebida de

qualidade para os habitantes mais abastados de Moga, Baleia Branca também era famosa pelo seu salão de jogos, onde um homem poderia apostar tudo o que seu coração mandasse, desde uma simples moeda ao sangue que lhe corria nas veias.

Nos fundos do salão, longe do alcance de jogadores inveterados e glutões, um lance de escadas levava a um mezanino, protegido por um grupo de leões de chácara que se assemelhavam mais a piratas do que a seguranças, do qual era possível ver todas as mesas e balcões. Ali, sobre duas enormes almofadas de cetim, estavam sentados o conde Vega e o duque Manfred, diante da figura imponente do barão Bosa. A Baleia de Moga se ocupava em decantar o vinho que seria servido em três cálices dourados. Manfred lutava para manter o equilíbrio — e a dignidade — sobre a almofada, enquanto Vega, as pernas cruzadas, parecia irritantemente à vontade. Com um cálice em cada mão e balançando pulseiras e joias, Bosa passou as bebidas adiante. Depois, pegando para si o terceiro, ergueu-o no ar.

— Um brinde — propôs com voz teatral e profunda. — Ao meu velho companheiro marujo Vega e seu agradabilíssimo amigo Manfred.

Manfred parecia surpreso com o linguajar pomposo do barão, mas Vega não ficou atrás.

— À gloriosa saúde e à longa vida de nosso gracioso anfitrião, o divino Bosa!

O barão soltou um guincho de deleite. Era o pirata mais bizarro que Lord Manfred já vira. Bosa era um gigante, uma baleia, em todos os aspectos. Com sua corpulência, ocupava o espaço equivalente a duas pessoas, e a barriga imensa era tão volumosa que caía por cima das coxas. Os braços estavam escondidos em uma blusa de seda preta que ninguém estranharia se vestisse o corpo de uma dançarina. Uma grande quantidade de joias pendia

sob a papada do pescoço, e o rosto era o retrato perfeito de um bonachão.

— Faz tempo demais desde que bebemos juntos pela última vez, caro Vega — falou Bosa, sorvendo um gole do cálice de vinho. Seus homens permaneciam sempre por perto, mantendo uma distância respeitosa, mas observando cada movimento dos dois convidados.

— Faz tempo mesmo. Andei bem ocupado, caso não tenha conhecimento, com aquele probleminha de Leopold roubar as minhas ilhas de mim.

— Estou a par de tudo isso, meu camarada. Notícias terríveis. Ao que parece, Kraken anda aterrorizando seu arquipélago impunemente.

— Ele é um parasita no traseiro das Ilhas Cluster.

— Isso é jeito de falar de um companheiro Werelord?

— Quinze anos, Bosa — disse Vega, sugando o vinho por entre os dentes ao sorvê-lo do cálice. — É ressentimento guardado por tempo demais.

O Whalelord olhou para Manfred e abriu um sorriso.

— Devo dizer que é uma *tremenda* honra receber o Lord de Stormdale em meu estabelecimento. Está mesmo bem longe de casa, duque Manfred. Não consigo nem imaginar qual foi o drama que o trouxe até Moga.

Manfred sentiu o rosto corar e limpou a garganta com um pigarreio áspero.

— Tenho certeza de que o motivo para estarmos aqui já é de seu conhecimento, barão Bosa.

Vega ergueu uma das mãos, desculpando-se pela falta de jeito do amigo, mas o barão pareceu não se importar.

— Eles não são de muitos preâmbulos, esses homens das montanhas, hein, Vega?

— E também não sou adepto de jogos de nenhuma espécie — acrescentou Manfred. — Não sou do tipo que fica rodeando um

assunto.

— Não aprecia a boa cortesia? — perguntou Bosa, dramático, antes de se inclinar na direção deles com uma expressão subitamente mais séria, as mandíbulas cerradas. Seu aroma de rosas atingiu os Werelords como uma onda.

Quando voltou a falar, Bosa assumiu um tom mais grave, sem nenhum sinal da atitude desafiadora anterior:

— Nada de jogos, então. Digam-me por que estão aqui.

Vega tomou a iniciativa, tentando desfazer a tensão entre a Baleia e o Cervo.

— Já deve estar sabendo o que aconteceu em Highcliff. Tenho certeza de que a notícia se espalhou por todo o Mar Branco. Os Catlords de Bast saíram em defesa do Leão. Leopold está morto, e estão conduzindo Lucas ao trono.

— Mas *por que* eles vieram à Lyssia? — O Whalelord apontou o indicador gordo na direção dos dois Werelords. — Vocês não usurparam o trono do rei? Não foi uma retaliação legítima dos Gatos?

— De jeito nenhum — esclareceu Manfred. — Leopold havia aprisionado o último filho sobrevivente de Wergar, um garoto chamado Drew Ferran. Ele foi resgatado da fúria assassina do Leão quando era um bebê de colo e criado numa fazenda na Costa Gélida. O rei iria executar o rapaz na véspera do casamento do filho com Lady Gretchen. Nós impedimos que isso acontecesse.

— Wergar tem um herdeiro?

— Sim — respondeu Vega. — O verdadeiro rei da Westland. Foi por isso que Onyx veio para a Lyssia: para garantir que um felino transmorfo de sua preferência permanecesse no trono e controlasse os Sete Reinos.

— E onde está esse filho de Wergar agora?

Manfred e Vega trocaram olhares de incerteza.

— Não sabemos — contou o Sharklord. — Não é assim tão simples.

— Vocês *perderam* o rei? — perguntou Bosa, segurando o riso.

— O menino não é alguém com quem seja fácil lidar — explicou Manfred. — Tem tanta personalidade quanto o pai, talvez até um pouco mais. Rumou para o sul de maneira totalmente impulsiva, sem levar nenhum reforço, para salvar a vida de um amigo. Ele sabe o que é certo e o que é errado, mas demonstra uma empatia com os demais que é bem rara entre os Werelords: ele tem um toque de plebeu.

Os três transmorfos permaneceram em silêncio por um momento, observando a atividade no salão de jogos ao som da música.

— Meu querido e amável Vega — falou Bosa por fim —, se veio até aqui com seus aliados em busca de refúgio, creio que está no lugar errado. Prefiro não me meter no caminho desses bastians, e com certeza não estou disposto a entrar em conflito com Ghul. Já faz muitos anos desde a última vez que comandeí um navio. Não sei nem se ainda sou capaz de navegar.

— Não estamos atrás de suas armas nem de seu apoio, meu velho amigo — garantiu Vega. — Sei muito bem o que você tem por aqui, Bosa. Existem riquezas suficientes para dez Werelords nesta ilha, escondidas num lugar que só Sosha sabe, os despojos de meio século de pirataria em mares sturmianos. Você tem uma arca do tesouro em seu poder.

— Não me sinto culpado pela minha fortuna. Tudo isso foi devidamente conquistado por mim, Vega. Sou um comerciante, um apostador, um oportunista. Diga logo a que veio.

— A Fera de Bast virá atrás de você, Bosa. Só o que lhe peço é que *não* entre na guerra que está por vir ao lado dos Catlords. Respeito sua decisão de não lutar do nosso lado, mas, por favor, não ajude aqueles que querem nos matar.

Bosa esfregou o queixo e a papada, apertando a gordura entre o polegar e o indicador.

— Combinado, meu caro Vega. Eu lhe dou minha palavra. Caso Ghul e os Catlords venham *mesmo* até aqui, só o que terão será um sorriso de boas-vindas, uma boa conversa e uma taça do melhor vinho tinto, nada mais.

Vega e Manfred levantaram-se das almofadas e estenderam a mão para selar o acordo. Bosa se pôs de pé com dificuldade, agitando as mãos e se apoiando nos Werelords, um braço em cada um. Manfred conseguia entrever o sorriso no rosto do conde por cima do ombro do Whalelord — pelo visto, o Wereshark se divertia um bocado ao ver o Cervo em uma posição embaraçosa.

Abaixo do mezanino, perto da entrada do salão de jogos, Vega percebeu que um grupo de pessoas se aglomerava nas janelas para espiar a rua que dava para o porto. Era capaz de reconhecer uma situação de perigo quando via uma, e a atenção de todos se voltara para a confusão do lado de fora. Quando Bosa enfim se levantou, os três Werelords se viraram para olhar também.

— Moga é meu lar, é verdade, e um porto livre, independente de qualquer reino, mas existem outros indivíduos perigosos nesta ilha além de mim. Alguém mais desembarcou do *Turbilhão*? — perguntou Bosa.

Manfred olhou para Vega e respondeu pelos dois:

— Hector.

— Voltem para o *Turbilhão*!

Correndo contra o vento pelo cais, alguns homens de Vega lutavam para carregar os barris e as sacas, acossados pela batalha que se desenrolava logo atrás. Hector estava no meio deles, gritando para que se dirigissem aos botes. Metade das mercadorias adquiridas estava espalhada pelo chão do mercado, derrubada em meio à fuga repentina. Na retaguarda dos marinheiros que se

evadiam, espadas continuavam se chocando para dar cobertura à retirada. Hector praguejou contra sua falta de sorte.

Sua missão era bem simples. Enquanto Vega conversava com Bosa, Hector deveria obter provisões para o *Turbilhão*. Figgis, o imediato de Vega, fora com ele, conduzindo Hector ao fornecedor habitual e deixando que o Boarlord concluísse o negócio. Era para ser uma operação tranquila, limitada ao pagamento do homem e ao transporte da mercadoria para o navio. Hector só não contava com as distrações que o porto tinha a oferecer.

Enquanto ele, Figgis e os membros mais respeitáveis da tripulação cuidavam de suas obrigações, alguns homens escapuliram e se dirigiram a uma taverna para uma bebida, que levou a outras cinco, e na hora de voltar ao *Turbilhão* uma briga tivera início. Infelizmente para Hector, Ringlin e Ibal, seus homens, eram o centro da confusão. O desentendimento evoluíra para a troca de socos, que se tornara uma briga de facas. Dois homens haviam caído mortos no chão da taverna Nove da Sorte pelas mãos dos membros da Guarda Javalina. Depois disso, instalara-se o caos.

Ao passar sob a Tocha de Moga, os marujos ignoraram os gritos do guarda da torre de vigia, concentrando-se em vez disso nas mercadorias que tinham conseguido salvar. A confusão ia se aproximando cada vez mais, e Hector abriu caminho até ela para apressar a fuga de seus homens.

“Que tolice da parte deles confiar no barão de Redmire para uma missão tão complicada”, ironizou o vil. “Quem diria que uma simples missão de compra acabaria num banho de sangue?”

Ringlin e Ibal estavam envolvidos na batalha, ao lado de três homens de Vega, enfrentando o ataque de dez homens de Moga, alinhados em duas fileiras no quebra-mar de pedra, distribuindo socos e golpes com suas facas e espadas curtas. Mais homens apareceram correndo, reforçando o lado inimigo.

— Bater em retirada! — gritou Hector, mas não foi ouvido em meio à comoção.

As mercadorias já estavam nos botes; era preciso voltar a bordo, e depressa. Não havia nem sinal de Manfred e Vega, mas eles precisavam sair dali — caso ficassem, seriam todos mortos. Berrou mais uma vez, mas as ordens foram recebidas por ouvidos surdos. Ringlin e Ibal pareciam estar gostando até demais da confusão que tinham provocado.

“Eles não estão lhe dando ouvidos, irmão! Você não é capaz de comandar nem os próprios homens?”

De cima do quebra-mar, Hector olhou de relance para o lugar onde Figgis o esperava, chamando-o a embarcar no bote. O Boarlord se voltou mais uma vez para a confusão, escorregando no chão molhado justamente no momento em que uma espada passou raspando por seu peito. Um oponente havia penetrado sua linha de defesa, derrubando um dos piratas de Vega. A intenção do golpe era rasgar o ventre do magíster. A falta de equilíbrio de Hector salvara-lhe a vida, mas o culote se rasgou quando ele aterrissou com o traseiro no chão.

O agressor saltou sobre Hector com rapidez, golpeando-lhe a testa com o cabo da espada curta. O Boarlord viu estrelas, lançando os braços para cima e, num gesto desesperado, enfiando os dedos em garra nos olhos do oponente. O homem gritou quando as mãos de Hector encontraram seu alvo e desceram arranhando-lhe o rosto. O som da batalha ressoava ao redor, preenchendo o ar com berros e ofensas. A ponta de uma bota atingiu a têmpora de Hector, gerando uma nova onda de choque através de seu crânio. Ele ergueu um dos joelhos, atingindo as partes baixas do inimigo, que o soltou com um gemido.

“Corra, irmão! Corra!”

Hector rolou para o lado e saiu engatinhando em meio às poças d’água, sem conseguir enxergar nada além de Figgis logo à frente,

acenando desvairadamente ao chamá-lo. Foi quando um impacto na base de sua coluna o mandou de volta ao chão, e ele sentiu o joelho do agressor esmagando os rins. O homem o agarrou pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás, deixando a garganta exposta. Ele poderia ter mandado o vil atacá-lo, mas estava descontrolado. Desde a morte de Vincent, Hector vinha sendo assombrado pelo espírito atormentado do irmão. No entanto, à medida que fora obtendo mais conhecimentos sobre a magia negra, aprendera a controlar o vil, adquirindo a capacidade de ordenar que o espectro atacasse os oponentes como um cão de caça. No calor da batalha, porém, viu-se incapaz de pensar no que quer que fosse. Hector sentiu o toque gelado do aço na garganta.

Mal tocou seu pescoço, a lâmina não estava mais lá, assim como o homem em suas costas. Ele ouviu um gemido e um estalido, provavelmente emitidos pelo agressor. Hector se virou. Manfred e Vega estavam no meio da multidão furiosa, ambos transformados. Apesar de a maioria dos inimigos fugir imediatamente ao avistar os transmorfos, algumas almas mais corajosas, ou mais tolas, resolveram encarar o embate.

O Werestag lançava os punhos contra os homens, usando os chifres para arremessá-los e removê-los da frente. Corpos voavam quando alguém se punha no caminho. O Wereshark era ainda mais implacável; não se importava em ferir gravemente os oponentes. Vega entrou em uma espécie de frenesi, e durante esses instantes membros foram amputados e jatos de sangue jorraram. Pouco depois, o píer estava vazio, e os homens do *Turbilhão* enfim viram os inimigos derrotados.

— Obrigado por vir em nosso socorro, capitão...

Vega, ainda transformado, estapeou o rosto do outro com as costas da mão, fazendo-o desabar no chão úmido do píer.

— Cale essa boca, Carney! — rugiu Vega. — Se não precisasse de você no *Turbilhão*, teria deixado que fosse esfolado vivo! Eles vão

voltar em pouco tempo, e em número ainda maior. Temos de correr para o navio e zarpar o quanto antes!

Os homens não se moveram; continuaram olhando apavorados para o Sharklord.

— Estão surdos? — ele gritou furioso, os olhos negros como a morte saltando das órbitas, escancarando os dentes afiados como navalhas. — Mexam-se!

Os homens se apressaram em cumprir a ordem, todos eles, exceto Ringlin e Ibal, que demonstraram certo ar de satisfação ao passar por Hector, ainda prostrado. O gordinho baixote deu um tapinha nas costas do outro enquanto guardavam as armas no cinto. Vega avançou contra eles, agarrando ambos pela garganta e erguendo-os do chão. Os homens espernearam, agarrados aos antebraços musculosos do Sharklord. Manfred deu um passo à frente, mas o príncipe dos piratas não estava disposto a temporizar.

— Para trás, Manfred! — disse Vega, sem desgrudar os olhos dos dois. — Era isso que vocês queriam, não era? Arrumar confusão em Moga? Eles eram homens de Slotha. De *Slotha*! Meus rapazes podem ser muita coisa, mas suicidas eles não são!

— Eles... desrespeitaram nossa honra — disse Ringlin, quase sem fôlego.

— Vocês não têm honra! — gritou Vega. — Me dê um só motivo para não matar os dois aqui e agora! — Apertou ainda mais as mãos no pescoço de ambos, deixando-os a poucos segundos da morte certa.

— Porque eles são da Guarda Javalina — interveio Hector, esforçando-se para ser ouvido acima do uivo do vento. Estava de pé de novo, e Vega o encarou com ar incrédulo. — Um ataque aos meus homens é um ataque a Redmire. E a mim.

Vega os soltou, e os dois saíram cambaleando, lutando para respirar. Aos tropeços, partiram correndo pelo píer para se juntar aos demais homens nos botes. Apenas os três Werelords

permaneceram no quebra-mar, em um estranho e incômodo impasse. Ouviram os homens de Slotha pedindo ajuda e viram a fileira dos derrotados ser engrossada até formar de novo uma força de combate.

— Precisamos voltar para o *Turbilhão* — disse Manfred, pegando Vega pelo braço. O Sharklord se soltou com um safanão e olhou para cima, mirando a Tocha de Moga. O vigia já havia acendido a pira no topo, e o fogo devorava a lenha com vigor. As chamas brilhantes e a fumaça negra tremulavam no céu noturno.

— Seus guardas idiotas puseram Lady Slotha em nosso encalço. E se você me repreender dessa maneira de novo... — Vega se interrompeu, furioso com o barão de Redmire. Apontou para Hector. — Controle seus galos de briga, magíster. Ou eu mesmo o farei por você.



5

A Oitava Maravilha

A lança atingiu a têmpora de Drew. Um corte se abriu na pele com o impacto, e ele foi atirado ao chão poeirento com os ouvidos zumbindo e a cabeça girando. Não era uma arma afiada, e a ponta era feita de madeira, mas nem por isso deixava de ser letal. Drew rolou para o lado, desviando do caminho da lança, que se encravou no chão um segundo depois, bem no lugar onde antes estava sua cabeça. A oponente a arrancou do chão e a girou nas mãos, arremessando-a mais uma vez na dire o em que Drew se encontrava no chão de terra batida da *ludus*. Rolando mais uma vez, o jovem Lobo conseguiu escapar do ataque, agora destinado ao ventre desprotegido. A adversária adivinhou o movimento que Drew fez a seguir, saltou   sua frente e desferiu um chute certo em seu queixo.

Era o que Drew esperava.

Sua mão já estava levantada para desviar do chute em pleno ar. Ao mesmo tempo, ele atacou o tornozelo de apoio da combatente com um movimento de tesoura com as pernas, tirando seu equilíbrio. Ela caiu bem a seu lado, e o tombo a fez perder o fôlego. Ele então avançou contra ela com os braços estendidos,

esquecendo-se por um momento de que só tinha uma das mãos, e o braço esquerdo encontrou o vazio. Praguejando consigo mesmo, Drew rolou sobre ela, imobilizando-lhe o corpo e posicionando o braço sem a mão sobre a sua garganta. Um dos braços dela estava preso sob o próprio corpo, enquanto o outro era dominado por Drew. Ele precisava acertá-la mais uma vez na cabeça. Até então, o confronto estava empatado, com dois golpes para cada lado, e quem acertasse o seguinte seria o vencedor.

Ela se debatia e esperneava para se soltar, mas ele foi mais rápido. Ela cerrou os dentes, tentando morder seu antebraço, mas ele conseguiu manter distância dos dentes brancos e afiados. Seus olhos eram cor de âmbar, e as pupilas pareciam cada vez menores. Olhou para a coleira em torno do pescoço da rival. Era de prata, assim como a dele. "Se ela se transformar, vai morrer."

— Acabe logo com isso! — gritou o mestre dos gladiadores, um velhote magro e comprido chamado Griffyn. Ele estalou o chicote no chão, bem perto dos dois. Uma nuvem de poeira explodiu sobre o rosto de ambos, e Drew aproveitou o momento para libertar a oponente e rolar para o lado.

Ela se levantou sem demora, rosnando para Drew por entre os dentes, enquanto apanhava a lança de madeira. Drew permaneceu de joelhos, a respiração ofegante, contemplando o céu inclemente. Sua pele estava melada de suor, e os músculos doíam depois de horas de treinamento sob um sol escaldante.

— Não vou mais lutar! — gritou Drew, olhando para Griffyn.

O velhote sacudiu a cabeça e estalou mais uma vez o chicote. A garota não perdeu tempo e, com um salto, se posicionou atrás de Drew. Ele não fez menção nenhuma de fugir. Eram ambos prisioneiros e estavam na mesma condição de vítimas, sendo obrigados a participar daquele jogo pérfido apenas para divertir Kessler e Ignus. Ele esperava um pouco de solidariedade por parte da garota.

Mas estava enganado.

— Então você vai morrer — ela falou, batendo a lança de madeira com toda a força na cabeça de Drew.

O tilintar dos pratos e das panelas despertaram Drew de seu sono, penetrando-lhe o crânio como facas em brasa. Sentia uma dor de cabeça terrível, e todo e qualquer ruído o atingia como uma marretada. Fora largado sobre uma mesa no meio da bagunça, a um canto da *ludus*, que servia ao mesmo tempo de refeitório e ambulatório. Sua presença ali não impediu que os colegas gladiadores se sentassem à mesa. Alguns o observavam enquanto ele tentava recobrar a consciência. Uma cobertura feita de folhas de palmeira os protegia do sol do meio-dia. O treinamento fora interrompido para que os gladiadores pudessem comer e beber.

Drew arrastou os pés e tentou se levantar, cambaleante, olhando ao redor. Os transmorfos se destacavam do restante dos escravos — tinham uma mesa só deles. Enquanto os humanos usavam coleiras de ferro-gusa, os transmorfos usavam enforcadeiras de prata. Drew notou que todos os gladiadores e escravos ostentavam a mesma marca no braço — o triângulo dentro do círculo —, a mesma que chamara sua atenção em Djogo. Olhou para a cicatriz no próprio ombro esquerdo. A raiva que sentia de Ignus e Kessler por desfigurá-lo permanecia intacta. Quando fechava os olhos, era capaz de sentir o toque do metal quente contra a pele. Havia um inchaço no local — o marcador de prata fizera um belo estrago. “Então Djogo também era escravo? Ou seria um gladiador?”

Shah estava ali perto, conversando com Griffyn. Ele atraiu a atenção de ambos ao se levantar. Shah foi imediatamente até ele, mas o velhote permaneceu a distância, observando com atenção.

— Ora, se não é a Oitava Maravilha da Fornalha, um novo Werelord para empolgar as massas. Você quase foi morto hoje de manhã — comentou ela.

— Eram armas de madeira — rebateu Drew, esfregando a parte posterior da cabeça. — Que estrago poderiam fazer?

— Não seja arrogante, Lobo. Taboo tem outras armas também, não se esqueça... suas garras poderiam ter rasgado sua garganta se ela quisesse.

— Não sei que tipo de transmorfo ela é, mas teria arriscado a vida caso se transformasse, e para mim ela não pareceu ser do tipo suicida — retrucou ele, olhando para o outro lado da *ludus*, onde a jovem comia com outros transmorfos. — Ingrata, sim. Suicida, não.

— Você subestimou sua oponente. Não passou por sua cabeça que ela pode ter mais controle sobre o processo de transformação que você?

Drew encarou Shah fixamente.

— Eu não esperava que minha gentileza fosse ser retribuída com um tapa na cara.

— A gentileza pode ser seu fim.

— Com licença — disse Drew, o semblante bem sério.

Não gostava muito de Shah e não estava nem um pouco disposto a receber sermões dos lacaios de Kessler. Passou por uma mesa onde alguns escravos serviam um mingau. Drew pegou uma tigela da gororoba rala e se encaminhou à mesa dos transmorfos. Havia sete deles no total.

— Tudo bem se eu me sentar aqui? — perguntou com voz trêmula.

Todos pareciam temerosos; ninguém ali estava contente com sua presença. Na outra extremidade da mesa, dois deles — que pareciam irmãos, ambos sujeitos de ombros largos e braços cabeludos — trocaram olhares. Um deles abriu a mão e fez um gesto na direção do lugar em frente. Drew sorriu e se sentou ao lado de um grandalhão; quase não havia espaço no banco. Ele encarou Drew por um instante, abrindo um sorrisinho de desprezo antes de virar o rosto.

— Não ligue para Krieg — disse um dos irmãos. — O Rinoceronte costuma ser um animal bem temperamental.

— O que é um Rinoceronte?

Os irmãos se encararam, incrédulos. Até mesmo o brutamontes chamado Krieg deu uma olhadela para Drew antes de sacudir a cabeça. Drew afundou no assento, envergonhado pela própria ignorância, pegando o mingau com os dedos e levando-o à boca com apetite.

— Você é lyssiano, então? — perguntou o outro irmão.

— Dizem que ele é um Lobo — falou o primeiro. — É verdade?

Drew fez que sim com a cabeça, enquanto se perguntava aonde aquela conversa iria chegar.

— Você está bem longe de casa — disse o segundo irmão. — E pelo jeito tem muito o que aprender.

— Como assim?

— Bom, para começo de conversa, mostrar gentileza com nossa amiga Taboo é uma boa maneira de tentar se matar.

A jovem de olhos cor de âmbar, sentada do outro lado da mesa, lançou um olhar irritado na direção dos dois. Os irmãos caíram na risada.

— A princesinha não atura brincadeiras! — falou o segundo irmão.

— Cale essa boca, Balk, antes que eu mesma faça isso! — berrou ela.

Balk lhe respondeu com um gesto de mão em sinal de desprezo.

— Guarde essa sua raiva para a Fornalha, mocinha — rebateu o irmão de Balk. — Meu irmão e eu vamos ensinar uma boa lição para você lá na poeira quente.

Drew percebeu que ninguém mais quis entrar na conversa. Todos tratavam de se concentrar em comer, ignorando a troca de provocações.

— Você é bem corajoso quando está com seu irmão, Arik — respondeu a garota. — Mas, se eu fosse você, tomaria mais

cuidado. Não dá para se esconder na sombra para sempre.

Arik lhe lançou um sorriso agressivo, escancarando os dentes.

— Outra coisa importante é dormir com um dos olhos abertos, Lobo — continuou Balk. — Ainda não vi você na Fornalha, mas imagino que saiba lutar. Seus rivais vão achar uma boa ideia se livrar de você na calada da noite, em vez de se arriscar em uma batalha de unhas e dentes sob o sol.

Drew olhou para os outros sentados à mesa, estremecendo ao pensar que todos ali teriam o maior prazer em matá-lo.

— E, por último... — continuou Balk, preferindo sussurrar a última parte do conselho. Drew se inclinou para ouvi-lo. O hálito do grandalhão era repugnante. — Você não tem nenhum amigo aqui dentro.

Sem nenhum aviso prévio, Balk enfiou o rosto de Drew na tigela de mingau. Quando levantou a cabeça, ele encontrou o punho de Arik à sua espera. Dessa vez, foi arremessado para trás, atingido no queixo pela mão fechada do outro irmão. Drew caiu do banco, estatelando-se sobre a terra batida, enquanto os irmãos atiravam nele suas tigelas, rindo e cumprimentando-se à medida que se afastavam.

Drew permaneceu no chão, abalado e furioso.

— Aqui.

Ele olhou para cima e encontrou a mão de Krieg estendida. Drew o encarou com desconfiança.

— Ou então fique aí no chão feito um cachorro. Você é quem sabe.

Drew agarrou a mão do outro, sentindo os dedos enormes se fechando sobre sua palma. Krieg o ergueu como se fosse uma criança e o sentou de novo no banco.

— Obrigado — respondeu Drew, envergonhado.

— Não vá se acostumando com mãos amigas por aqui, garoto — grunhiu o homem de nariz largo. O Werelord sentado na frente dele

deu uma risadinha. Se Krieg era grande, o outro era um gigante de mais de dois metros e dez de altura, pelos cálculos de Drew. Ele já tinha visto aqueles dois transmorfos treinando juntos na *ludus*, golpeando um ao outro com toda a força.

— É melhor manter distância dos Símios — afirmou o gigante. — Eles estão sempre à procura de um momento de fraqueza. E são implacáveis quando conseguem enfiar os dentes em alguém.

— Pelo jeito, você fala isso por experiência própria.

— Eles já implicaram com todo mundo aqui. Mas acabam desistindo quando são ignorados. — Olhou para a outra ponta da mesa. — Essa lição, Taboo ainda precisa aprender.

A jovem abriu um sorriso.

— Se eles me morderem, eu mordo também. Mais cedo ou mais tarde, eles vão entender isso.

O gigante sacudiu a cabeça, desanimado.

— Pelo que parece, os felinos transmorfos são incapazes de dar a outra face.

— Felinos transmorfos? — repetiu Drew, estremeando. — Você é uma Catlord?

— Por quê? — ela se apressou em perguntar. — Já conheceu algum de nós antes?

— Já tivemos nossos atritos.

O sujeito cabeludo ao lado de Krieg se inclinou para mirá-lo melhor.

— É bom deixar as diferenças de lado. Quando entrarem na Fornalha, a vida de um pode depender do outro.

As menções à Fornalha eram incessantes. Era esse o nome dado à arena onde aconteciam os combates, devido à localização do campo de batalha, no planalto vulcânico de Scoria.

— Depender um do outro? — perguntou Drew. — Pensei que fôssemos lutar entre nós.

— Isso acontece de vez em quando, se Ignus e seus convidados estiverem nos dias mais sádicos, mas em geral nós, transmorfos, costumamos ser a atração principal — explicou o cabeludo. Mesmo em sua forma humana, os ombros eram largos e musculosos, e a massa de cabelos castanho-escuros cobria seu rosto quase por inteiro. Os olhos eram negros, as pálpebras caídas, e os lábios grossos pendiam para baixo, conferindo à expressão uma aparência austera e pensativa. — O Lord de Scoria é seu dono, assim como de todos nós. Nossa vida se resume ao que acontece entre os muros da Fornalha. Lutamos contra quem eles nos mandarem, seja um humano, um animal ou um monstro.

— Monstro?

— Foi isso mesmo que Stamm disse — confirmou Krieg.

Drew já tinha ouvido o ruído dos animais que Ignus mantinha para a arena. Ficavam abrigados entre os muros circulares da Fornalha, longe da vista de Drew e dos demais gladiadores.

— Então precisamos proteger uns aos outros? — questionou Drew, tentando entender a situação em que se encontrava. Os Símios, segundo a descrição do gigante, formavam uma dupla das mais desagradáveis, e Drew duvidava que se arriscariam por sua causa se estivesse em apuros dentro da Fornalha. Taboo, a garota, parecia igualmente hostil, sempre pronta para dar o bote.

O gigante soltou um longo e sofrido suspiro. Devia ter a idade de Bergan, mas o tempo e a arena o haviam maltratado um bocado. As cicatrizes eram mais que aparentes na pele cinzenta e coberta de terra. Os olhos escuros pareciam tristes, as pálpebras sempre voltadas para baixo.

— Precisamos fazer o que for preciso para sobreviver. Se está procurando conselhos, veio à mesa errada. Caso sobreviva à primeira luta, tire suas lições dela. Sobreviva; é esse o único conselho que posso dar. Não faça planos para o futuro.

O gigante se levantou, acenando com a cabeça para Krieg e Stamm antes de se afastar a passos lentos.

— Beemote está certo — disse uma voz na outra ponta da mesa. O último dos sete gladiadores Werelords era um jovem esguio e melancólico, mais ou menos da idade de Drew, e estava deitado de costas no banco. Batucava com os dedos sobre a barriga, produzindo um som parecido com a bicada de um pica-pau nos músculos rígidos como madeira maciça.

— Beemote? É esse o nome dele?

— É o nome pelo qual o conhecemos. Eu sou Drake, aliás. Só para você saber... quando eu for obrigado a matá-lo.

Drew soltou uma risada, atraindo o olhar dos demais. Até mesmo Drake se levantou de onde estava deitado, contorcendo o corpo para observar, enquanto a gargalhada de Drew se tornava cada vez mais sonora. O jovem Wolford bateu com a mão na mesa.

— Já entendi — ele falou, limpando uma lágrima do olho e colocando-se em pé.

— Entendeu o quê? — perguntou Stamm, confuso.

— O que está acontecendo aqui. Eu sou o recém-chegado. Alguns de vocês, como os irmãos Símios, vão fazer o papel daqueles que vão me atormentar. E vai ter também gente da qual não vou querer nem chegar perto, para não ter meu pescoço cortado... Esse papel é seu, Taboo.

Ela permaneceu sentada, o rosto contorcido em uma careta de raiva.

— O que nos leva aos veteranos: você, Beemote e Stamm, certo, Krieg? Acho que você é o que está aqui há mais tempo, não é? Assim, só sobrou o engraçadinho linguarudo lá da ponta...

Drake se levantou do banco e saltou em cima da mesa para avançar sobre Drew. Stamm e Krieg o seguraram, enquanto Taboo observava com empolgação o início de um conflito. Drew permaneceu imóvel, em atitude desafiadora. Sentiu a bile subir à

garganta; corria o risco de vomitar a qualquer momento. Seu coração batia com força, incentivando-o a se transformar, a deixar o Lobo assumir a situação. Não podia demonstrar que estava com medo; ninguém ali poderia saber o efeito que causava sobre ele.

— Só estou vendo *um* engraçadinho aqui, Lobo! — grunhiu Drake.
— Quem você pensa que é? Não tem nenhuma noção de respeito?

— Vim até aqui disposto a oferecer aos companheiros Werelords todo o respeito que merecem, mas todos vocês me desprezaram. É bom saber que os transmorfos são todos iguais em qualquer lugar do mundo. A arrogância não é exclusividade da Lyssia!

— Agora você abusou, pirralho! — rosou Stamm, permitindo que Drake se aproximasse um pouco mais do outro lado da mesa. A cabeleira de Stamm balançou toda quando o outro transmorfo partiu para cima de Drew. O jovem Lobo teve que se esquivar de um golpe de canhota. Taboo bateu o punho cerrado na mesa em empolgação. Krieg era o único a impedir que os dois gladiadores se atacassem.

— Vocês não entendem? — perguntou Drew, abandonando temporariamente a pose de audácia para fazer um apelo sincero. — Estão *permitindo* que Ignus tratem vocês como animais. Mas não precisa ser assim!

— Poupe sua saliva, garoto — avisou Krieg. — Muitos outros já vieram para cá com esse discurso e acabaram massacrados.

— Só para que saibam — disse Drew, olhando para os demais transmorfos —, não pretendo ficar muito tempo aqui, e muito menos morrer nesta terra esturricada, perdida no meio do oceano. Vou desaparecer de Scoria na primeira oportunidade. Se vão querer ir comigo ou não, a escolha vai ser de vocês. Perdi uma das mãos na Lyssia, fui espancado, torturado e aterrorizado pelos meus inimigos. Preciso voltar para lá, para ajudar meu povo e acertar minhas contas com certas pessoas. Sei que vocês se sentem em posição inferior neste momento, mas, se algum dia conseguirem se

lembrar da grandeza dos Werelords, venham falar comigo. Toda espécie de aliado será bem-vinda.

Depois disso, Drew se virou e foi embora, deixando os transmorfos trocando olhares, sem palavras.

Da boca para fora, Drew até podia ser o legítimo rei da Westland e a maior esperança para a libertação da Lyssia, mas por dentro ainda se sentia o mesmo menino de fazenda criado na Costa Gélida. "Acabei de enfrentar uma gangue de guerreiros Werelords", pensou. "Eles poderiam ter me matado em um piscar de olhos." Precisou se esforçar para continuar caminhando em linha reta, sem demonstrar que as pernas estavam bambas.



6

Cidade em chamas

Sua boca estava seca, com gosto de fumaça. Cuspiu um pouco da saliva escura e espessa e esfregou no manto vermelho e encardido. Depois estremeceu, pensando nas casas queimadas e nos vilarejos saqueados em nome da causa. Em tudo o que haviam feito na esperança de encontrar o Lobo.

Trent Ferran olhou para as fazendas em chamas ao redor. O som das famílias aos prantos se misturava ao do crepitar das casas queimando. Ele se reconheceu naquelas pessoas, que não eram muito diferentes dos moradores do lugar onde fora criado, na Costa Gélida. Gente simples em sua maioria, que se dedicava a cuidar de seus rebanhos e suas plantações. Mas esse pessoal das Longridings tinha se alinhado com os inimigos, tomado o partido do Lobo e seus aliados. Ele se recusava a derramar lágrimas por aqueles que se opunham ao Leão.

Não muito longe dali, um grande grupo de cidadãos locais se reunia sob a vigilância de uma dezena de guerreiros bastians. Estavam em condições lamentáveis, os rostos sujos de cinzas e lágrimas, agarrados uns aos outros, morrendo de medo. Grazetown era um dos maiores assentamentos das Longridings, mas não

passava de um vilarejo, em comparação com as outras cidades da Lyssia. Não havia muralhas de defesa, e a pequena milícia local até tentara resistir, mas, bastante inferiorizada em termos de experiência pelos bastians e pelos Mantos-Rubros, não conseguira evitar que a batalha fosse rápida e sangrenta. Os membros sobreviventes da milícia foram feitos prisioneiros. Trent não sabia quais eram os planos para eles, mas esperava que suas famílias fossem poupadas. Já havia sido derramado sangue demais para uma única noite.

Olhou para a espada Wolfshead nas mãos, escurecida pela batalha. A espada do pai, encontrada nas ruínas do Cabo Gala, deixada para trás por Drew, seu irmão traidor. Tentou imaginar quantos homens Mack Ferran teria matado no campo de batalha enquanto lutava pelo velho Lobo Wergar muitos anos antes. Lembrou-se da noite em que ele e o pai encontraram a mãe sem vida, assassinada por Drew depois de este se transformar. Trent e Mack não tiveram escolha, a não ser se juntar à Guarda Leonina em busca de vingança. O velho passara a vida inteira tentando dissuadir Trent da ideia de se tornar um militar. Porém, quando perdera a esposa de maneira brutal, não hesitara em deixar que Trent se alistasse com ele. Mack fora incorporado à Guarda Real de Highcliff, ao passo que Trent fora aceito como recruta da Guarda Leonina, na qual suas habilidades como cavaleiro lhe garantiram um posto como batedor do exército.

Quando Highcliff fora tomada por Drew e seus aliados, Mack morrera logo nas primeiras batalhas, ao que tudo indicava pelas mãos dos amigos do jovem Lobo. Trent estremeceu ao pensar em Drew, ao se lembrar de como se deixara enganar. Eles tinham o tipo de proximidade que só os irmãos podem ter. Trent nem sequer imaginava que Drew poderia ser o monstro que na verdade era. Quando a transformação aconteceu e a fera se revelou, não teve como impedir que Drew traísse sua família e destruísse seu mundo.

Drew havia lhe tirado seu pai e sua mãe. Quantas pessoas mais o Lobo ainda mataria? Trent precisava detê-lo. A morte não era algo que temesse. Sua causa era justa, e o Lobo era seu inimigo mortal.

Depois de guardar a Wolfshead de volta na bainha, passou pelos soldados e seus companheiros. Alguns acenaram respeitosamente com a cabeça. Já tinha conseguido se afirmar diante dos irmãos guerreiros. Houve quem duvidasse de sua lealdade, quem questionasse se na hora da luta ele não hesitaria — afinal, era *irmão* do Lobo. Todas as dúvidas foram sanadas quando deixaram o Cabo Gala e começaram sua incursão pelas Longridings: o comportamento de Trent era idêntico ao dos demais companheiros.

Uma mulher mais velha se destacou dos outros e veio correndo até ele com um bebê nos braços. Ela agarrou o tecido vermelho do manto com toda a força que as mãos magras e ossudas lhe permitiam.

— Por favor! — implorou. — O inverno está chegando, e vocês nos deixaram sem nada!

No colo dela, a criança chorava. Seus cabelinhos loiros estavam imundos, e o rosto era a própria imagem da miséria. Aquele choro cortou o coração de Trent. Ali estava um dos poucos inocentes de Grazetown. Ele se desvencilhou da mulher.

— Sinto muito — falou em tom de lamento. — Não posso fazer nada.

Trent se afastou, mas o choro do bebê continuava a atormentá-lo enquanto caminhava para longe. Passou por entre as casas queimadas até chegar à grande construção de madeira que constituía o centro da cidadezinha. Era dali que emanava o poder em Grazetown. As portas estavam escancaradas, e os soldados carregavam provisões e o que mais pudessem tirar de lá — caixotes de comida, barris de vinho, candelabros de ouro, tapeçarias valiosas. Entrou.

O salão do Lord já havia sido destituído de todos os objetos de valor. Os corpos dos milicianos mortos jaziam pelo chão, incluindo alguns soldados que vestiam a farda da Guarda Equina das Longridings. Trent passou por cima dos cadáveres e foi andando na direção dos soldados reunidos em torno da Mesa do Lord. Havia duas figuras ajoelhadas diante deles.

Lord Gallen e Lady Jenna, os mestres de Grazetown, eram o retrato da derrota. Os longos cabelos de Gallen estavam desalinhados, um sinal de desrespeito para os Horselords. Sua esposa chorava e soluçava a seu lado. Do outro lado da mesa, estavam os demais membros da família, indefesos nas mãos da Guarda Leonina. Sorin encontrava-se bem atrás do Lord e da Lady, um sorriso com a extensão do Estreito da Lyssia no rosto maculado pelo nariz quebrado. O capitão dos Mantos-Rubros continuava irritado com Trent, incapaz de perdoar o fato de o jovem batedor ter lhe tirado a espada Wolfshead no Cabo Gala. Sorin não fazia nenhuma questão de esconder seu desprezo por Trent e se valia do fato de ele ser "irmão do Lobo" sempre que a oportunidade surgia. Cumprimentou Trent com um aceno de cabeça e uma piscadela repleta de cinismo. Trent detestava o homem, mas admitia que ele era um soldado de talento.

— Vou perguntar mais uma vez: onde está o Lobo? — Frost quis saber.

O Catlord albino caminhava de um lado para o outro na frente dos Horselords ajoelhados, em ritmo compassado, quase preguiçoso. Carregava nas mãos seu bastão. Gallen levantou os olhos para encarar Frost.

— Eu já lhe disse, não sabemos de seu paradeiro. Desde que seu povo saqueou o Cabo Gala, eu e minha mulher passamos o tempo todo na estrada, voltando para casa. Não estamos de acordo com os atos de violência que ocorreram por lá.

— Ora, milorde — disse Frost —, não é uma pergunta difícil, e mesmo assim insiste em mentir para mim. Vocês estavam, isso sim, fugindo da cidade com seus companheiros Horselords, que haviam se revoltado contra Lord Vankaskan.

— Ele não tinha o direito de ser nosso mestre! — gritou Jenna em meio às lágrimas, e imediatamente lançou um olhar de preocupação para o marido.

— Agora, sim, estamos chegando a algum lugar. Sei que ele não era uma escolha muito popular para ser o Protetor na ausência de minha família, mas nem por isso deixou de ser o mestre de vocês. Não estou atrás de uma confissão aqui. Já descobrimos tudo o que precisávamos saber com o visconde Colt. Ele teve a decência de nos contar *em detalhes* quem participou da revolta.

Jenna soltou um riso de deboche.

— Aquele velho resmungão é considerado um traidor nas Longridings!

— E agora mesmo está sentado no trono do Cabo Gala, imaginem só! — O albino parou de andar para lá e para cá, posicionou o bastão atrás das costas e o prendeu entre os cotovelos. — Onde... está... o... Lobo? — perguntou bem devagar.

— Não sabemos — respondeu Gallen com um suspiro — Brenn é testemunha de que não sabemos.

— Não há como não saber! Foram vocês e seus comparsas que os libertaram!

— Drew não estava mais lá quando chegamos à corte. Só o que havia eram mortos-vivos, graças a seu amigo, o Ratlord!

Trent estremeceu ao se lembrar dos mortos que haviam sido reanimados no Cabo Gala por obra de Vankaskan, o Ratlord. O magíster praticante de magia negra, não contente em matar os inimigos no Alto Estábulo, ainda os fizera reviver para atormentá-los um pouco mais.

Sorin sacou a espada, e o som do metal contra a bainha fez com que marido e mulher se virassem temerosamente para trás. A espada brilhava, e as runas de prata refletiam a luz das chamas que ardião do lado de fora da janela do salão. Trent olhou para Sorin. Ele já o vira interrogar pessoas diversas vezes desde que haviam deixado o Cabo Gala. Os interrogatórios sempre terminavam da mesma maneira.

Gallen arregalou os olhos.

— Juro que não sabemos para onde ele foi!

— Espere! — disse Trent, interrompendo o interrogatório. — Ele pode até não conhecer o paradeiro do Lobo, mas existem outros que sabem.

— Prossiga! — ordenou Frost, fazendo um gesto para que ele continuasse. Trent chegou mais perto.

— O Lobo tinha amigos no Cabo Gala, não tinha? Lady Gretchen de Hedgemoor... a Werefox era bem próxima dele, não era? E ela estava com vocês quando deixaram a cidade. Para onde ela foi?

Jenna acenou com a cabeça para Trent, as lágrimas escorrendo dos olhos suplicantes.

— Minha mulher, por favor... — pediu Gallen, mas ela não se calou.

— Se eu contar, o que me garante que vocês não vão me matar? Já mataram tanta gente!

— Pode contar com minha palavra, milady — prometeu Trent, a expressão bem séria. — Por favor, responda à pergunta, e seu tormento chegará ao fim.

— Calico — balbuciou ela. — Ela tomou o caminho da costa.

Trent endireitou o corpo, virando-se para Frost.

— Se ela foi para Calico, o Lobo certamente a seguirá.

— Está certo disso, Ferran?

— Ele a seguiu até o Cabo Gala. Se estiver vivo, vai querer encontrá-la, eu garanto.

— Ótimo — respondeu Frost, girando o bastão. — Encontrando a Raposa, encontramos o Lobo.

Ele bateu com a base do bastão contra o chão, golpeando as pedras com a ponta de metal. Uma lança de vinte centímetros apareceu na outra extremidade, e uma lâmina de prata se materializou em uma fração de segundos. Frost girou o bastão e atacou, encravando a lança profundamente no coração de Gallen. Manteve-a fincada, enquanto o Horselord estrebuchava em meio aos gritos de horror da esposa e do restante da família. O Lord de Grazetown sucumbiu sob a ponta afiada da lâmina, caindo sem vida sobre o chão gelado. Frost ainda sacudiu o excesso de sangue antes de bater a base do bastão mais uma vez e fazer a lâmina desaparecer da mesma maneira como havia surgido. Virou-se, pôs o braço em torno de Trent e tomou o rumo da porta, deixando Lady Jenna aos prantos sobre o cadáver do marido.

— Vocês prometeram que poupariam nossa vida! — gritou ela ao vê-los se afastar.

— Ele falou que pouparia a *sua* vida, milady — rebateu Frost enquanto caminhava porta afora com o jovem batedor a seu lado. — Sorte sua que somos homens de palavra.

Trent olhou para trás e viu a família do Horselord chorando a perda de seu chefe.

— Bela jogada, Ferran — riu-se o albino. — Você é um jovem muito inteligente. Venha comigo. Está faltando uma coisa nessa sua espada.



PARTE II

Areia vermelha,
mar morto



1

Com uma fera em seu encalço

Por um momento, não reconheceu o próprio reflexo. Seu rosto estava queimado, maltratado pela exposição ao clima hostil, e os cabelos negros caíam sobre os olhos, ocultando-os em sombras. A água se agitou quando ele passou os dedos pela superfície, fraturando a imagem, que logo se desfez.

Agarrado à borda do barril com sua única mão, Drew mergulhou a cabeça inteira na água. Apesar de já estar quase de noite, a água ainda estava morna depois de um dia sob o sol escaldante de Scoria. Sacudiu a cabeça para os dois lados, limpando o sangue, a poeira e a sujeira do rosto.

Ao erguer a cabeça de novo, ficou cego por um instante, esfregando o braço mutilado sobre os olhos, piscando para tirar a água deles. Aos poucos, ia se ajustando à vida sem uma das mãos, aprendendo a se valer da mão direita para toda e qualquer tarefa. Quando pôde enxergar novamente, percebeu que não estava mais sozinho. O banheiro sem teto a princípio estava vazio, os gladiadores humanos e transmorfos todos na *ludus* comendo. Depois de passar o dia inteiro cercado pelos demais, lutando e treinando, Drew precisara de alguns momentos a sós, e escapuliu

até os banheiros da escola de gladiadores para meditar um pouco sobre sua situação. Mas já deveria saber que aquilo não era possível. A privacidade era um luxo do qual não mais dispunha. Ali, uma alma solitária que se separava da matilha se tornava um alvo fácil para os predadores.

Arik e Balk apareceram do outro lado do recinto aberto, lançando sombras na direção de Drew enquanto o observavam, esperando por um movimento seu. Drew sentiu a adrenalina começar a correr pelo corpo exausto, em uma tentativa de prepará-lo para o enfrentamento que viria. Não estava pronto para aquilo. O corpo se encontrava dolorido e açoitado por horas de treinamentos e disputas extenuantes. Encarou ambos os irmãos, escancarando os dentes em uma demonstração de força que na verdade não passava de um embuste.

Os dois Símios haviam treinado o combate corpo a corpo com ele durante o dia sob o olhar vigilante de Griffyn, o velho mestre dos gladiadores, e ambos tinham sido superados. Drew creditava sua vitória à sorte e ao instinto de sobrevivência. Encarava cada uma das lutas como se fosse a última, como se cada oponente enfrentado dentro da *ludus* fosse um obstáculo a ser superado caso ainda desejasse voltar à Lyssia. Derrotar os Wereapes em uma luta corpo a corpo era uma coisa; superar os dois juntos era um feito que nenhum gladiador jamais conseguira. Os brutamontes sorriram, e os dentes brilhantes e enormes reluziram nos semblantes horríveis quando avançaram em sua direção.

Mas então se detiveram.

Os sorrisos se transformaram em risinhos amarelos. Arik cuspiu no chão, e Balk se afastou. O Wereape que ficara grunhiu, um som grave e profundo, que reverberou nas paredes do banheiro e fez Drew sentir um frio na barriga. Depois, o guerreiro deu-lhe as costas e partiu atrás do irmão. Drew permaneceu imóvel e, enfim, se deu conta de que prendia a respiração. Soltou o ar lentamente,

sentindo os lábios estremecer em um suspiro de alívio. As extremidades estavam trêmulas; o corpo ainda estava a postos para uma luta que não mais aconteceria. “Por que será que desistiram?”

— Nem sempre vou poder estar por perto para protegê-lo, Lobo.

Drew se virou na direção da voz, e tomou um susto ao ver Drake parado atrás de si.

— Não vi que você estava aí.

Drake apontou na direção que os Wereapes haviam tomado.

— Eles viram.

Passou por Drew a caminho do barril de água, agarrando-se à borda de madeira antes de mergulhar a cabeça lá dentro. Pela primeira vez, Drew pôde dar uma boa olhada nele. Drake era no máximo um ano mais velho que ele e, a julgar pelas marcas no corpo, já passara um bom tempo na Fornalha. Além da musculatura bem definida, o que mais se notava em seu tronco eram as marcas de antigas feridas, um assustador mapa de cicatrizes. Drew pensou nos próprios ferimentos — a mão decepada, a marca das chicotadas nas costas, sofridas em Highcliff, a queimadura da prata incandescente — e sentiu por ele uma empatia que vinha lhe fazendo falta desde que saíra da Lyssia.

Alarmado, percebeu que a cabeça de Drake já estava submersa há tempo demais. Estaria tentando tirar a própria vida? Drew foi correndo até lá, agarrou o transmorfo pelos ombros e o puxou para fora do barril. Os dois caíram sobre o chão de terra, e Drake afastou Drew com uma expressão de profunda irritação no rosto.

— O que deu em você?

— Você ficou debaixo d’água um tempão — respondeu Drew. — Pensei...

— Pensou o quê? Que eu tinha me afogado?

Drake se levantou e sacudiu a poeira do corpo, o peito e a cabeça ainda encharcados. Passou a mãos pelos cabelos, afastando-os do

rosto.

— Você ainda tem muito o que aprender sobre os transmorfos de Bast, Lobo — riu-se Drake. — Sou um Werecrocodile. Água não é problema para mim.

— Já enfrentei um desses croco-alguma-coisa — falou Drew, ofegante. — Eles parecem *dragões*!

Drake soltou uma risada.

— Acho até que é possível. Meu pai sempre dizia que somos descendentes dos dragões. Talvez ele tivesse razão.

Drake estendeu a mão para Drew, puxou-o pelo braço e o ajudou a levantar.

— Não sou o único Reptilelord... Existem mais alguns de nós — afirmou em um tom cansado, olhando a passagem que levava dos banheiros à *ludus*.

— Você é diferente quando não está na frente dos outros — comentou Drew, mantendo o clima amistoso com o outro transmorfo.

— Tenho uma reputação a zelar, Lobo. Sou um assassino. Não me beneficiaria em nada se todo mundo soubesse que ando comprando a briga dos outros. Iam achar que estou ficando muito bonzinho.

— E o que significa isto aqui? Um raro momento de compaixão?

Drake encarou Drew com firmeza.

— Você e eu não somos tão diferentes assim.

— Você também percebe isso? — perguntou Drew. — Faz tanto tempo que não tenho uma conversa decente com alguém que já nem me lembro mais como é. Aqui era o último lugar onde esperava encontrar um amigo.

Drake arqueou uma de suas sobrancelhas finas ao ouvir as palavras de Drew.

— Amigo? Está exagerando um pouco, Lobo. Eu era parecido com você quando cheguei a Scoria.

— E quando foi isso?

— Nove anos atrás.

— Nove anos? — admirou-se Drew, incapaz de esconder o assombro. Tentou se lembrar de como era sua vida nove anos antes. Brincando com os carneirinhos na fazenda, ou sob o avental da mãe. Drake havia passado todo aquele tempo na *ludus*, mesmo quando era apenas uma criança?

— Pois é — respondeu Drake, e parou para pensar por um momento. — Vivi metade da minha vida neste buraco. Nem me lembro mais de como ela era antes da Fornalha.

Drew esperava que Drake ficasse abalado depois de dizer aquilo, mas isso não aconteceu. O Crocodilo se limitou a encostar na parede de pedra do banheiro e a contemplar o céu cada vez mais escuro.

— E a sua história antes disso tudo, qual é? — Drake quis saber. Foi a vez de Drew abrir um sorriso.

— Quer ficar aqui a noite toda?

Ele relatou de maneira resumida para Drake os acontecimentos que marcaram sua vida, da infância na fazenda à descoberta da licantrópia e tudo o que isso desencadeou.

— O último Lobo cinzento da Lyssia, não é? — comentou Drake, fazendo um ruído com os dentes. — Seu pai era uma espécie de bicho-papão para o povo de Bast, sabia? Era o “inimigo ultramarino”, o monstro que ia navegar para o sul e atacar nossas terras. Mal podíamos imaginar que o verdadeiro inimigo eram nossos vizinhos.

— Seus vizinhos?

— Os Catlords — murmurou Drake. — É por causa deles que estou aqui. Eles derrotaram meu povo, tomaram nossa terra e raptaram centenas de crianças como eu. Não são poucas as vezes que me pergunto o que fizeram com minha família, se os Gatos pouparam a vida de minha mãe ou se a mataram, assim como fizeram com meu pai.

— Você vem lutando desde então?

— Pelos dentes de Wyrn, não! Assim que fui trazido para Scoria, virei escravo no palácio de Ignus. Depois que eu cresci, logo se cansaram de mim. Passei a ser visto como um incômodo. A última coisa que queriam era um Werecrocodile prestes a se transformar vagando pelo palácio. Fui mandado para cá, sob a tutela de Griffyn. Entrei na *ludus* na mesma época que Taboo.

— Ele parece ser bem rígido.

— Griffyn? Acho que é mesmo. Mas é para o seu bem. Quando ele estala o chicote ou o obriga a treinar mais um pouco, mesmo estando exausto, lembre-se: isso é necessário para a sobrevivência. Se ele não demonstra nenhuma compaixão, é porque é assim que as coisas funcionam na Fornalha. Acredite em mim, se existe alguém que sabe o que é preciso fazer para sobreviver àquela arena, esse alguém é ele.

— Griffyn? Por quê?

— Ele já foi um gladiador também, provavelmente o melhor de todos os que já passaram pela Fornalha. Durante uns cinco anos, mais ou menos, lutou para Ignus e seus irmãos. Era o favorito do público, um verdadeiro campeão. Gladiador nenhum fez por merecer sua liberdade mais do que ele.

— Para mim ele não parece ser livre.

Drake deu de ombros.

— Ele tem o máximo de liberdade possível, levando em conta que é propriedade de Ignus. Não precisa mais acordar todas as manhãs se perguntando se aquele vai ser o último dia de sua vida. Eu e você não podemos nos dar a esse luxo.

Drew viu mentalmente a imagem do velhote, e foi difícil imaginar que já houvesse sido um gladiador, ainda mais um campeão.

— E por que Taboo está aqui como gladiadora, uma prisioneira, se é uma transmorfa felina?

— Essa é uma coisa que você vai ter que perguntar para a própria Taboo. Ela corta o meu pescoço se me pegar fofocando sobre seu passado.

— Vocês se conhecem bem, então?

— Na verdade, sim, Lobo. Minha relação com ela é a coisa mais próxima de amizade que já tive na vida.

— Que legal.

Drake deu uma risadinha.

— Não é bem assim, Lobo. Se nós dois ficarmos frente a frente na Fornalha, vou ter que matá-la do mesmo jeito.

Drew estremeceu diante da afirmação fria e calculista do Crocodilo.

— Como pode dizer isso com tanta tranquilidade?

Drake foi até Drew e encostou o dedo no peito do Wolflord.

— Você precisa cair na real, e depressa — falou. — Isto que estamos fazendo, conversando e falando à vontade, pode até ser divertido. Pode até parecer uma coisa normal, como as conversas das pessoas que vivem fora dos muros da Fornalha. Só que esse nunca vai ser nosso caso, entendeu? Estamos presos aqui, e ficar sonhando com outro tipo de vida é pura estupidez. Você é um gladiador, Drew, e gladiadores vivem para lutar até a morte. Nunca se esqueça disso.

Ele estava prestes a dar outro cutucão em seu peito, quando Drew lhe agarrou o dedo.

— Tem uma coisa que aparentemente você esqueceu, Drake. Podemos até estar na condição de escravos no momento, à mercê de Ignus e de Kessler, mas ainda somos Werelords. Pense só no poder que cada um de nós possui, no que seríamos capazes de fazer se uníssemos forças. Existe, *sim*, uma vida fora destes muros. E eu quero retomar a minha. — Drew se virou na direção da *ludus*. — Obrigado por me ajudar com os Símios, Drake — ele falou por cima do ombro ao sair do banheiro. — Mas, se seu medo é perder a

pose diante dos outros gladiadores, pode deixar que da próxima vez eu me viro sozinho.

O Werecrocodile ficou observando o Lobo partir.

— Você não pode contar com ninguém aqui, Lobo! — gritou, soltando um risinho frouxo depois que Drew desapareceu de seu campo de visão.



2

Águas mortíferas

Turbilhão permanecia desesperadamente longe do alcance dos canhões dos dois navios que o seguiam, com suas oito velas brancas quase invisíveis no lusco-fusco do entardecer. Os perseguidores caçavam o navio pirata fazia dias, seguindo firme em seu encalço desde que este zarpara de Moga em meio a uma névoa de sangue. Aqueles navios eram representantes marítimos dos inimigos do *Turbilhão* em terra firme: o *Serpente do Arco-Íris* era de Lady Slotha, e o *Morte Silenciosa*, das Ilhas Cluster. Slotha não digeriu bem a notícia quando ficou sabendo do banho de sangue ocorrido em Moga e ordenou que o *Serpente do Arco-Íris* partisse imediatamente. Pouco depois, quem se juntou à caçada foi o *Morte Silenciosa*, a principal embarcação da temida frota do Weresquid Guhl.

O capitão do *Serpente do Arco-Íris* era um desconhecido para a tripulação do *Turbilhão*, mas sobre o comandante do *Morte Silenciosa* não era possível afirmar o mesmo. O capitão Klay era um Sealord, um transmorfo do oceano como Vega e Ghul. Sobretudo, era um pirata — um assassino implacável. O fato de ser um Werelord, uma Barracuda, ficava em segundo plano. Navegando

sempre ao lado do *Serpente do Arco-Íris*, Lord Klay estava determinado a ser o Werelord que capturaria o sempre escorregadio conde Vega e, mais ainda, aquele cuja espada calaria para sempre o Tubarão.

Klay estava de pé na proa do *Morte Silenciosa*, que ia ligeiramente à frente e a estibordo do *Serpente do Arco-Íris*, desejando que sua embarcação pudesse ser mais veloz, já que o navio não conseguia se aproximar do *Turbilhão*. Obviamente, o barco de Vega era mais rápido, porém o *Morte Silenciosa* não ficava muito atrás. Caso Klay conseguisse tomar a embarcação do conde, poderia ser o dono dos dois navios piratas mais velozes dos mares. “Imagine só! O *Morte Silenciosa* seguindo firme no encalço do Tubarão.” Sorriu para si mesmo. Fazia tempo que Klay esperava por uma chance para ir atrás de Vega. Seu oponente era um presunçoso, um exibido, e encarava sua decadência depois de anos arruinando a própria reputação. O tempo dele já havia passado. Vega não tinha mais o espírito de um pirata; parecia mais talhado para a vida de ócio nas cortes da Lyssia. “Deixe a pirataria para os verdadeiros Sealords, Vega.”

Uma explosão a bombordo do *Serpente do Arco-Íris* atraiu imediatamente sua atenção. O Sealord correu para estibordo do *Morte Silenciosa*, para avaliar os estragos feitos na embarcação que navegava a poucos metros da sua. Outros dois estampidos fizeram com que o fogo se espalhasse pela estrutura do *Serpente do Arco-Íris*, escapando pelas aberturas dos canhões logo abaixo do convés. Os gritos dos homens se misturaram ao rugido furioso das chamas. Em poucos instantes, o navio já estava praticamente à deriva, pois toda a tripulação havia abandonado os postos para tentar apagar o incêndio — o navio tuskuniano vinha desgovernado na direção do *Morte Silenciosa*.

— Virar para bombordo! — gritou Klay, e sua tripulação retomou seus postos às pressas, vendo a perseguição ao *Turbilhão* ser

interrompida pela devastação causada na embarcação que ia a seu lado.

O fogo já cobria por inteiro o convés do *Serpente do Arco-Íris*, apesar das tentativas desesperadas dos homens a bordo de conter o incêndio. O *Morte Silenciosa* desviou bem a tempo de dar passagem ao outro navio, deixando um rastro de gritos e chamas. Um estrondo ruidoso no meio do navio fez pedaços de madeira voar pelo céu noturno, como se algo tivesse explodido dentro dos porões do *Serpente do Arco-Íris*. Horrorizados, os homens de Klay observavam os marujos saltar ao mar, os corpos em chamas.

As labaredas e a gritaria desencadearam uma onda de caos também a bordo do *Morte Silenciosa*, e a tripulação de Klay passou a correr em círculos, demonstrando sinais evidentes de pânico. O Sealord notou que o mastro de mezena de sua embarcação estava em chamas; que o fogo alaranjado devorava com avidez suas velas. “Mas como isso é possível?” Agarrou o imediato pelo pescoço, sacudindo-o como se fosse um boneco.

— O que está acontecendo?

— O fogo, capitão! — gritou o homem. — O fogo e o monstro!

“Monstro?” Klay o arremessou para o lado, na direção de outros homens em fuga. Olharam por cima dos ombros, claramente apavorados com o que viam.

— Voltem aqui, seus cães! — berrou Klay, o rosto se transformando à medida que dava lugar à Barracuda. Sacou o sabre, enquanto os olhos se iluminavam e os dentes tomavam formas de agulhas brancas e afiadas. A pele assumiu um tom prateado, e a carne se expandiu para que as mandíbulas pudessem chegar às orelhas. — Gritando como mulherzinhas... Sou o único monstro aqui! Se alguém mais sair correndo, vai ser partido ao meio! Derrubem esse mastro e apaguem todos os focos de incêndio!

Para enfatizar o que dizia, brandiu o sabre no ar, a poucos centímetros do pescoço dos homens. Eles se viram forçados a enfrentar as chamas, o imediato liderando os esforços. Os baldes eram passados de mão em mão, e os membros da tripulação do *Morte Silenciosa* foram obrigados a escalar os mastros em chamas. As velas incandescentes eram atiradas sobre o convés, e os homens lutavam para extinguir o fogo. O capitão Klay balançou a cabeça, satisfeito por ver seus comandados sob controle.

Estava prestes a se juntar ao restante da tripulação quando o impacto de alguma coisa molhada contra o convés lhe provocou um sobressalto. Klay olhou para baixo, imaginando que algum marujo houvesse derrubado um balde. A visão de uma cabeça decapitada encarando-o em resposta não foi um fato que conseguiu assimilar prontamente.

Klay olhou para cima e viu um braço decepado voando pelos ares, que por pouco não acertou seu rosto. Em meio à fumaça e às sombras, conseguia ver vultos se movimentando freneticamente, homens correndo, espadas se chocando e uma luta feroz se desenrolando sob o mastro em chamas. Apertou o sabre entre as mãos antes de se lançar em meio à névoa cinzenta e sufocante. A carótida do imediato havia sido rompida, e agora vertia sangue como uma garrafa de vinho tinto. Quando o corpo tombou sobre uma pilha de cadáveres, Klay estreitou os olhos e tentou localizar o assassino através da fumaça. Escancarou a boca e exibiu os dentes, um arsenal de adagas cintilantes. Tentou chamar por seus homens, pedir a ajuda deles, mas foi incapaz de emitir qualquer som. Com um misto de surpresa e horror, sentiu que algo molhado se espalhava pelo peito e ensopava sua camisa. Com movimentos incertos, tentou levar as mãos à garganta, onde encontrou apenas um buraco enorme no lugar em que costumava ficar a traqueia.

O Werefish Klay, comandante da tropa do Kraken Ghul, caiu por sobre os corpos dos membros de sua tripulação. Em seus últimos

instantes de vida, contemplou a silhueta monstruosa que se inclinava sobre ele — a cabeça larga e cinzenta, os olhos negros sem vida, a fileira infinita de dentes afiados. “Que velocidade; nem percebi a aproximação dele.” Conde Vega, o Wereshark, atirou ao chão o naco de garganta decepado do corpo da Barracuda. A última coisa que Klay ouviu foi a voz do capitão do *Turbilhão*, sombria como a noite:

— Isso é que é uma morte silenciosa, não é mesmo, Klay?

Hector observava os navios em chamas do convés traseiro do *Turbilhão*, em meio aos gritos de comemoração da tripulação. O balanço do navio o deixava em um estado de mal-estar constante; a vida no mar não era adequada à constituição frágil do jovem magíster. Hector não conseguia se alimentar direito desde que embarcara no *Turbilhão*, e mal podia esperar para voltar à terra firme. Lady Bethwyn estava a seu lado, trêmula, apesar de bem agasalhada pelo manto. Ele gostaria de pôr seu braço ao redor dela para confortá-la, mas notou que seus membros não lhe obedeciam.

“Está com medo de quê? Ela não morde!”

Hector estalou a língua diante da provocação de Vincent, e Bethwyn ouviu o som que escapou de seus lábios. Ele abriu um sorriso sem graça, envergonhado como sempre. Uma agitação no convés provocou uma aglomeração. Bethwyn se virou e foi atrás dos homens que corriam na direção do capitão, que acabara de voltar. Vega estava ensopado, a camisa branca colada ao corpo, e sacudia-se para se livrar do excesso de água. Duque Manfred entregou o manto para o Sharklord.

— Fez um belo trabalho, Vega — comentou o Staglord, impressionado.

— Só fiz o que precisava ser feito. Com isso, os principais navios deles estão fora do caminho por enquanto. Assim poderemos abrir uma boa distância dos demais.

— Klay está morto, então? — perguntou Hector ao se aproximar deles.

Vega o encarou, enxugando os longos cabelos com o manto.

— Pode apostar — respondeu o Tubarão sem seu sorriso habitual no rosto. — A reputação de Klay foi construída com muita crueldade e nenhuma compaixão. Ele teve o que merecia.

O plano de Vega havia sido tão traiçoeiro quanto era de esperar do príncipe dos piratas das Ilhas Cluster. Quando o sol se pôs, desceram um bote carregado de frascos de óleo de Spyr e uma lamparina. O Tubarão remara silenciosamente rumo aos navios que os perseguiram, posicionando-se entre os dois.

Uma vez garantida a posição, pusera fogo em alguns frascos e os arremessara no *Serpente do Arco-Íris*, guardando outros para o *Morte Silenciosa*. Depois, mergulhando na água, subira a bordo enquanto a tripulação se ocupava do fogo. Transformara-se, para espalhar ainda mais o caos, exterminando os inimigos e seu capitão, o terrível Lord Klay.

Vega bateu palmas, atraindo a atenção da tripulação.

— Já chega de festa, rapazes! Precisamos aproveitar essa bênção de Sossa. Ghul e Slotha logo estarão em nosso encalço de novo. Navegamos por águas desconhecidas e precisamos chegar logo a Roof.. Não podemos nos descuidar!

A tripulação imediatamente se dispersou e reassumiu os postos, deixando os Werelords a sós no convés traseiro. A rainha Amelie contemplava os navios em chamas a oeste.

— Algum sobrevivente?

— Acredito que não — respondeu Vega. — Não sou um *monstro*, Majestade. Mas o destino deles não é da nossa conta.

— Quanta frieza! — comentou a rainha.

— A guerra é assim mesmo — tornou Vega com um suspiro. — Com todo o respeito, Majestade, foi nisso que nos metemos.

— Não me trate como se eu fosse uma criança, Vega. Você se esquece de que meu povo se originou nesta parte do mundo. Os Lobos brancos de Sturmland sabem ser bastante impiedosos.

— Tão impiedosos que foram postos para correr de Shadowhaven quando a Guarda Leonina apareceu.

Amelie esbofeteou com toda a força o rosto do Sharklord.

— Não zombe de mim! Os Lobos brancos tiveram sorte de escapar de Shadowhaven com vida. Se eu não tivesse aceitado me casar com Leopold, ele teria exterminado meu povo. Quem sabe por onde andam meus parentes agora? Meu povo está *perdido*, Vega!

“Está vendo o deboche com que o Sharklord trata seu querido Conselho? Aposto que o Lobo não ficaria nada feliz de ouvir como o Tubarão trata a mãe dele!”

— Mais respeito pela rainha, Vega! — falou Hector, antes que pudesse parar para pensar no que dizia. Chegou a desejar não ter aberto a boca, mas era tarde demais.

“Muito bem, irmão!”

Vega o encarou, erguendo tanto a sobrancelha esquerda que deu a impressão de que ela saltaria de seu rosto. Até mesmo Manfred ficou surpreso ao ouvir Hector falar com o Sharklord daquela maneira. Vega fez uma mesura para Hector, abrindo os lábios feridos na batalha em um sorriso.

— Aceite minhas desculpas — falou o almirante. — Eu não quis ofender.

— Esses desentendimentos não vão nos levar a lugar nenhum — contrapôs Manfred. — Precisamos ficar unidos. Se começarmos a nos atacar entre nós, estaremos perdidos. Com meu irmão e Bergan mortos e Drew desaparecido, não temos ninguém com quem contar além de nós mesmos.

— Desculpe-me, conde Vega. Eu me excedi — falou a rainha. — As vidas perdidas nestes tempos terríveis sempre me preocupam, mesmo que sejam as dos nossos inimigos.

— Eu compreendo, Majestade — garantiu Vega em tom respeitoso. — Às vezes o meu lado selvagem fala mais alto.

— Já está tarde, cavalheiros. Vamos nos recolher e amanhã logo cedo nos falamos.

Os três Werelords fizeram uma mesura quando a rainha e Bethwyn se retiraram. Hector ficou observando Bethwyn, e ela lhe retribuiu o olhar pouco antes de desaparecer no convés inferior. O coração dele disparou.

— Não vejo que mal poderia haver se conversasse com ela — disse Vega, fazendo Hector se sobressaltar. O almirante não tirou os olhos dos mapas, que desenrolava e examinava sob a luz do lampião.

Hector ficou furioso com o comentário de Vega, mas manteve a boca fechada.

— Pensei que a essa altura já teríamos encontrado um dos nossos navios — falou Manfred, apontando para as águas que se impunham diante deles no pergaminho. — Estão por aqui em algum lugar, que Brenn os ajude.

— Se estiverem perdidos, encontram-se nas mãos de Sosha — respondeu Vega. — Com um pouco de sorte, vamos todos conseguir chegar a Roof e nos reagrupar por lá.

Hector olhou para o outro lado, em direção à porta que levava às cabines.

“Isso mesmo, vá até lá falar com ela, Hector. Você não vai ser rejeitado: é o barão de Redmire agora, esqueceu?”

Ele estremeceu e se afastou dos outros dois transmorfos, que examinavam as cartas náuticas. Desceu ao convés principal, desviando dos marujos que trabalhavam no local. As velas farfalhavam ao vento, conduzindo-os para longe dos navios em chamas.

Deu uma espiada em Ringlin e Ibal, imersos na penumbra acima das cabines. Depois da briga que tinham arrumado em Moga,

Hector fora obrigado a demonstrar seu controle sobre os dois, ordenando que trabalhassem ao lado dos homens de Vega.

Eles fizeram um aceno breve de cabeça quando o viram passar, mas não disseram nada.

“Eles não confiam mais em você, irmão, e quem vai dizer que não têm razão? Depois de você ter deixado Vega castigá-los; de obrigá-los a se misturar a sua tripulação? Você tem sorte de eles não terem cortado sua garganta enquanto dormia!”

— Eles precisavam ser punidos — sussurrou Hector. Caminhou até a lateral do navio e agarrou a balaustrada com as mãos enluvadas. Sentiu sua última refeição subir pela garganta; o enjoo voltava a atacar.

“Sim, mas punidos por você, não concorda? Não pelo Tubarão!”

— Não se preocupe comigo, Vincent. Sei o que estou fazendo.

A gargalhada do vil fez a pele de Hector se arrepiar inteira. Ele sentiu o hálito gelado do espectro roçar sua orelha, ao mesmo tempo que a bile quase lhe subia à boca.

— Vou ficar bem — sussurrou para si mesmo, sem muita convicção.



3

Sangue na areia

— Sua vez, Lobo!

Drew permaneceu sentado, ignorando as palavras de Griffyn. O barulho era ensurdecedor, e a poeira do teto da jaula caía sobre ele. Uma grade barrava seu acesso à Fornalha, de onde vinham os gritos entusiasmados da plateia. Drew acabara de ver Balk e Arik, os Wereapes, aniquilar dez gladiadores. Os irmãos estavam no centro da arena, cobertos de sangue e dejetos, rugindo em triunfo para os macabros espectadores.

— Recuso-me a lutar contra homens inocentes.

— Então vai morrer.

Drew olhou ao redor. O velho gladiador se posicionou atrás das grades que havia às suas costas, para garantir que o Lobo entrasse na arena. Griffyn segurava nas mãos a coleira de prata de Drew, removida assim que ele entrara na cela. Havia dois soldados de Ignus de cada lado, ambos com lanças nas mãos. As pontas metálicas e afiadas brilhavam, e o reflexo do sol na prata ofuscou os olhos de Drew. Ele se encolheu, colocando o braço na frente dos olhos.

— Pegue suas armas, garoto! — ordenou Griffyn em um tom de voz impaciente. Os guardas posicionaram as lanças por entre as grades. — Kessler não o trouxe aqui para morrer nesta jaula imunda.

— Então ele vai ter uma grande decepção.

— Esqueça o fato de que esses homens são inocentes — falou Griffyn. — Eles são assassinos, Lobo, gladiadores. A vida deles se resume a lutar até a morte.

Os Símios já haviam sido retirados, assim como os corpos dos oponentes. Drew ouviu os estalidos do mecanismo da grade sendo acionado. As barras se ergueram, espalhando fragmentos de terra das extremidades antes enterradas no chão. Drew se engasgou quando a poeira quente invadiu a cela e se alojou em sua garganta.

Griffyn estendeu a mão para apanhar uma das armas colocadas no chão para o Werewolf. Drew agarrou o braço do velho, imobilizando-o com firmeza. Os dois se encararam.

— Se não quiser morrer, Lobo, é melhor pegar essas armas — falou baixinho.

— Que diferença faz para você se eu viver ou morrer?

Griffyn sorriu.

— Você me lembra alguém que eu conheci.

Um guarda agarrou o ombro de Griffyn e o puxou, tentando desvencilhá-lo de Drew.

— Pegue essas armas e *vá lutar!* — mandou Griffyn.

Os soldados libertaram Griffyn e se prepararam para atacar. Drew conseguia ouvir os gritos e as vaias da plateia inquieta por causa do atraso. Apanhou as armas. Eram duas armas velhas e maltratadas, cobertas de sangue seco e ferrugem. A primeira era um tridente com alças para fixação, que sem dúvida pertencera a algum gladiador sem uma das mãos. Drew o afixou ao braço decepado, usando a outra arma, uma espada curta, para ajustá-lo. Tudo parecia bem firme no lugar.

Ele se levantou e respirou fundo duas vezes antes de se virar para Griffyn. O velho acenou com a cabeça, apontando a saída. Fazendo uma prece silenciosa para Brenn, Drew entrou na Fornalha.

A primeira coisa que o atingiu foi o calor insuportável. O sol brilhava com intensidade, e o chão parecia coberto de carvão em brasa. O odor de enxofre era brutalmente incômodo e emanava das fendas no chão da arena, manchado de marrom e vermelho pelas lutas anteriores. O sangue secava depressa sob aquela temperatura. Encaminhava-se para o centro do inferno, e não havia mais como voltar.

A plateia lotava os assentos, os ricos e os pobres de Scoria unidos pela sede de sangue. Fizeram um tremendo barulho para Drew conforme ele se dirigia ao centro da Fornalha, gritando obscenidades e uivando alucinadamente. Um dos lados da tribuna era ocupado por convidados do palácio de Lord Ignus, em uma plataforma suspensa junto à parede de mármore preto e branco. Grandes toldos de tecido colorido os mantinham protegidos do calor enquanto comiam, relaxavam e apreciavam o espetáculo.

Do outro lado da arena, Drew avistou um trio entrando na Fornalha. O calor abrasador distorcia a silhueta deles à medida que se aproximavam. Um deles carregava uma rede e um tridente, o rosto oculto por um capacete. O outro levava uma lança e um escudo, e um elmo protegia-lhe a cabeça. O último ostentava um par de espadas curtas, girando-as nas mãos conforme avançava.

— Vejam todos! — gritou Ignus de sua plataforma. Vestia uma túnica branca bem longa, apertada apenas na cintura, exibindo o peito liso e besuntado de óleo. Seus três irmãos estavam a seu lado na tribuna, usando trajes semelhantes, e ostentavam a mesma feiura grotesca. Além de Ignus, Drew também conseguiu ver Kessler, Shah e Djogo.

— Ofereço a vocês Drew da Dyrewood, o último Lobo cinzento da Lyssia!

A plateia se alvoroçou ainda mais, rugindo em aprovação e pedindo sangue.

— Ele vai encarar Haxur, do arquipélago de Dentes; Obliss, de Ro-Shann; e o nosso Galtus e as espadas de Scoria!

A plateia gritou o nome dos gladiadores, cada espectador entoando o nome de seu favorito. O que se chamava Galtus — que, segundo Drew foi capaz de entender, era o que estava armado com as duas espadas — parecia ser bem popular, um dos prediletos de Scoria. Todos levantaram as armas para a plateia, deliciando-se com seu apoio. “Eles estão *se divertindo* com esta loucura!”

Os gladiadores entraram em formação, separando-se à medida que cercavam Drew. Eram claramente assassinos treinados — mais bem armados e equipados dos que os dez que haviam sido mortos pelos Símios — e se moviam com elegância admirável. Ainda assim, Drew não tinha a intenção de matar ninguém. Seus inimigos eram Ignus e Kessler.

— Não quero lutar contra vocês... — começou Drew, mas o guerreiro do tridente foi mais rápido. A rede voou pelos ares e caiu sobre o Lobo. As bolas de chumbo se juntaram em sua cintura, e ele se enroscou todo nela.

— Azar o seu! — gritou Obliss, saltando à frente com a lança para abatê-lo.

Drew se esquivou bem no momento em que a arma zuniu pelo ar, no local onde sua barriga estivera uma fração de segundo antes. Mergulhou no chão e rolou, os braços ainda presos pela rede enquanto saltava até o local pouco tempo antes ocupado por Obliss, quando a lança de Haxur se encravou no chão bem a seu lado.

— Vejam só, ele está correndo com o rabinho entre as pernas — riu-se Haxur.

Drew ficou de joelhos e passou a cortar a rede com a espada, desesperado para se libertar. A plateia gargalhou e vaiou,

desapontada com a facilidade com que o grande Lobo do norte havia sido dominado. Os gladiadores caíram na risada, dando tapinhas nas costas de Galtus à medida que avançavam na direção do transmorfo.

— Está bem longe de casa agora, cãozinho lyssiano — comentou o favorito do povo de Scoria.

Drew cambaleou para trás, caindo e esperneando na poeira conforme recuava. Galtus continuava a se aproximar, implacável.

— Transforme-se para mim, seu cachorro, para eu poder usar sua pele como manto.

Galtus deu um chute em Drew, fazendo-o rolar pelo chão de terra batida. A última coisa que ele queria era invocar o Lobo, porém a cada minuto que se passava isso parecia mais inevitável. O braço de Drew enfim conseguiu se livrar da rede, permitindo-lhe erguê-lo para deter o próximo golpe de Galtus. Conseguiu bloquear a trajetória da primeira espada, mas a segunda abriu um corte em seu bíceps, fazendo a espada curta lhe escapar das mãos. A plateia começou a vaiar, atirando pedras e restos de comida na arena.

Galtus ergueu suas espadas, prescrevendo um giro completo com o corpo para olhar ao redor da Fornalha.

— Isto é o melhor que a Lyssia tem a oferecer? — berrou. — Peço sua permissão para matá-lo, Lord Ignus! Permita que eu ponha um fim a esse vexame, antes que ele ridicularize ainda mais a Fornalha!

Ignus ficou de pé na plataforma, vendo-se alvo de boa parte dos protestos da plateia. As pessoas tinham ido até lá para ver uma batalha, um banho de sangue. Olhou para Kessler e se dirigiu até ele com o rosto corado pela raiva. Seus irmãos foram atrás e cercaram o Goatlord.

— Você transformou minha arena em motivo de piada! — grunhiu o furioso Lord de Scoria. — Vendeu-me esse cão imundo pelo preço

de um rei, e ainda teve a audácia de ficar aqui para ver minha humilhação!

Os scorianos continuavam a gritar e xingar. Brigas começaram a salpicar a arquibancada, os próprios espectadores se voltando uns contra os outros. Do lugar onde estava, cercado pelos assassinos, Drew podia ver o confronto que se dava na tribuna de honra — Kessler recuando ao ver Ignus e seus irmãos iniciarem o processo de transformação. Shah e Djogo também procuravam se afastar dos Werelords enfurecidos.

O pescoço de Ignus se alongou, e as mandíbulas se expandiram, soltando estalidos. Os lábios finos se afastaram ainda mais, e a carne foi se rasgando à medida que a boca se abria. Sua pele cinzenta e oleosa ondulava, assumindo um tom verde pálido, enquanto os olhos esbugalhados quase saltavam das órbitas. Ele ergueu as mãos, transformadas em garras escamosas, ensaiando um ataque contra o Goatlord. Kessler, por sua vez, mantinha-se firme, já exibindo seus chifres, enquanto os outros transmorfos mostravam suas armas. Até mesmo os gladiadores olharam para cima, desviando a atenção de Drew.

— Você me roubou, Kessler, e agora vai ter que me ressarcir! — berrou Ignus, o Lizardlord de Scoria, a língua preta sibilando por entre os dentes serrilhados.

— O Lobo foi vendido por um preço justo — devolveu Kessler, batendo com o casco furiosamente no chão. — Não é culpa minha se ele não quer lutar para você!

— Você vai pagar o que me deve, Kessler! — rugiu o Lagarto. — Nem que seja com sangue.

Dito isso, o scoriano se virou com rapidez inacreditável e agarrou Djogo pelo pescoço. Com um único e brutal movimento, arremessou-o da plataforma.

— Não! — gritou Shah ao ver o capitão de Kessler se espatifar mais de cinco metros abaixo, no chão de terra batida da Fornalha.

Antes que ela pudesse se mover, os três outros Werelizards a seguraram e imobilizaram.

— Agora, sim, teremos um espetáculo! — riu-se Ignus, enquanto os soldados se juntavam a seus irmãos, formando um círculo em torno de Kessler e Shah.

— Ele *não pode* fazer isso! — gritou Shah.

O Goatlord não fez menção de intervir.

Djogo ainda se esforçava para se levantar quando o Lagarto gritou:

— Scoria vai ter seu banho de sangue!

Caído no chão da Fornalha, enroscado na rede, Drew observava o esforço desesperado de Djogo para ficar em pé. “A lealdade é mesmo algo volátil”, pensou. O caçador de escravos cambaleava, tentando alcançar uma arma para resistir ao avanço de Obliss e Haxur. “Eles vão matá-lo”, percebeu Drew, paralisado por um instante. Lá estava o homem responsável por seu tormento em Haggard e a bordo do *Banshee*. Djogo era um monstro. O que importava para Drew se o trio de gladiadores o aniquilasse? Munido apenas de seu chicote, Djogo se virou para a tribuna.

— Joguem-me uma lâmina, eu imploro!

Ignus apanhou uma faca da mesa do banquete e a arremessou para baixo. O pequeno utensílio de metal caiu tilintando na terra dura. A plateia gargalhou ao ver Djogo ignorar o insulto e estalar o chicote em uma tentativa de intimidar os gladiadores.

— Já faz um bom tempo que você não luta na Fornalha, Djogo — provocou Obliss, desviando da chicotada.

— Aposto que pensou que nunca mais pisaria na arena depois de ser comprado pelo Bode — zombou Haxur ao se aproximar do caçador de escravos. Djogo arriscou mais uma chicotada antes que eles o atacassem e derrubassem com golpes de lança e tridente.

Galtus ergueu as espadas no ar, enquanto os companheiros mantinham Djogo imobilizado no chão. A plateia foi ao delírio.

Quando já era tarde demais, Galtus se deu conta de que o público vibrava não pela morte iminente do escravo, mas pelo que acontecia atrás de si. Ele se virou rapidamente, mas não rápido o bastante. Uma poderosa perna lupina o atingiu no joelho, destruindo sua articulação. A perna quebrada se dobrou em ângulo totalmente antinatural, fazendo com que o gladiador tombasse ao chão com um grito de agonia.

A transformação ocorrera sem maiores percalços. O corpo de Drew já estava mais do que acostumado ao processo. Ele se levantou com a rede ainda presa ao peito escuro, rosnando bem perto do rosto do homem. Com a face respingada de saliva, Galtus brandiu suas espadas, que além das redes rasgaram também a pele e a carne do Werewolf. A rede caiu como um manto esfarrapado quando Drew se sacudiu, ignorando as feridas recém-abertas. O punho poderoso atingiu em cheio o queixo do homem, lançando-o ao chão e fazendo-o rolar em meio a uma nuvem de poeira.

Os dois outros gladiadores observaram a cena com ar de perplexidade diante da súbita e violenta metamorfose e do revés imposto ao companheiro. Djogo encolheu o corpo ferido e repleto de cortes ao ser libertado pelos gladiadores, que voltaram a atenção para o Lobo. Tentaram cercar Drew, com Haxur batendo a lança contra o escudo, chamando o Lobo para o ataque, enquanto Obliss se preparava para avançar pelo outro lado. Drew fez menção de que atacaria Haxur dando um passo em sua direção, mas no último instante saltou para trás, onde estava Obliss. O guerreiro já dava o bote, investindo todo o seu peso em um movimento com o braço que empunhava o tridente. Calculando a trajetória do golpe do gladiador, Drew saltou bem alto, permitindo que ele passasse por sob seu corpo.

Obliss olhou para cima ao ver um vulto se erguer sobre si e logo depois aterrissar exatamente em cima dele. Quando notou o companheiro sendo atacado, Haxur fez menção de atirar sua lança

no que com certeza seria uma arremetida certa. Só que, no meio do caminho, o chicote de Djogo deteve o ataque, enroscando-se com firmeza na garganta de Haxur. Djogo se levantou do chão e, com um safanão firme, obrigou o homem enlaçado a girar em torno de si e largar a lança. Correndo cambaleante pela Fornalha, Haxur foi conduzido, indefeso, até as mãos do caçador de escravos.

Os olhos do gladiador se arregalaram ao se voltar para o próprio peito e ver a faca do banquete encravada em suas costelas, exatamente onde ficava o coração. Djogo deixou que o cadáver fosse ao chão no mesmo instante em que Drew se levantou por sobre o corpo inerte de Obliss.

A plateia ficou em silêncio por um breve e assustador momento, antes de explodir em aplausos calorosos. Drew se postou diante de Djogo, ainda transformado, ofegante, enquanto media o caçador de escravos de cima a baixo. Djogo cambaleou, o corpo ensanguentado, prestes a desabar a qualquer momento. Ele tombou para a frente no momento em que Drew saltou sobre ele, transformando-se mais uma vez nesse meio-tempo. Já em sua forma humana, Drew agarrou o caçador de escravos no momento da queda, diante dos olhos dos guardas de Ignus, que já avançavam na arena em direção aos combatentes.

— Obrigado — sussurrou o guerreiro caolho por entre os dentes cobertos de sangue.

— Não me agradeça, Djogo — disse o jovem transmorfo, agora cercado pelos guardas. — Temos inimigos em comum, mas ainda somos inimigos.



4

Trovão Retumbante

A tripulação do *Turbilhão* nunca tinha visto nada parecido. A neblina que cercava o navio era a mais espessa que já haviam enfrentado — uma névoa marinha que envolvia tudo em seu caminho. Todos os tripulantes estavam debruçados sobre as balaustradas, tentando enxergar algo ao redor. Preenchida por preces, cantos e sussurros dos homens, a atmosfera era sinistra. Um pressentimento assustador tomava conta de todos, e ninguém, fosse humano ou transmorfo, estava imune.

Tudo aconteceu muito rápido. Casper, o espia do navio, conseguiu avistar a névoa sem dificuldade e comunicou o fato ao conde Vega, e o *Turbilhão* manobrou para mudar de curso e evitar a nuvem de tempo ruim. De algum modo, porém, foram parar no meio da neblina mesmo assim. Poucas embarcações ousavam navegar pelo Mar Sturmiano — sua reputação levava todos a evitá-lo sempre que possível. As velas foram baixadas para reduzir a velocidade enquanto estivessem à mercê da névoa misteriosa. Com Figgis ao leme, Vega, o duque Manfred e o barão Hector se juntaram na proa, tentando enxergar em meio à neblina.

— Embarcação à frente! — gritou um membro da tripulação quando notou um vulto escuro surgir do nada.

Figgis virou o leme com força, quase fazendo o *Turbilhão* tombar para evitar uma colisão. Manfred e Hector foram ao chão, enquanto Vega permanecia firme na proa, os pés separados e as pernas imóveis ao ver a outra embarcação se aproximar ainda mais. O *Turbilhão* passou a seu lado, a uma distância de poucos metros. Para o alívio de todos, a outra embarcação não navegava em sua direção, e sim à deriva na correnteza.

O nome pintado na lateral do navio indicava que aquele era o *Trovão Retumbante*. Tratava-se de uma das embarcações que haviam escapado de Highcliff levando civis em fuga. Era o primeiro navio de sua pequena frota que o *Turbilhão* encontrava.

— Arpões e cordas! — gritou Vega enquanto caminhava de um lado para o outro no convés, com Manfred e Hector sempre em seu encalço. As cordas foram atiradas às pressas, laçando o *Trovão Retumbante* e trazendo-o para perto do *Turbilhão*.

— Capitão Crowley! — gritou Vega, chamando pelo comandante da outra embarcação. Ele esperou por uma resposta, que não veio. O outro navio parecia estar abandonado. O almirante se virou para os companheiros atônitos. — Talvez estejam todos dormindo nas cabines — comentou, com um sorriso amarelo, sacando a espada. — Venham comigo, rapazes... Lembrem-se: todo cuidado é pouco!

Dito isso, pôs a lâmina entre os dedos e começou a fazer a travessia entre as duas embarcações pendurado em uma corda.

Hector olhou para Manfred, temeroso.

— Acho que ele quer que o acompanhemos, Hector — disse o Staglord, segurando a corda e se dependurando nela atrás do conde.

Hector observava os outros se afastarem, sentindo as entranhas revirando e as mãos transpirando sob as luvas de couro.

“E então? Você não vai, irmão? Está com medo do que pode encontrar?”

O jovem magíster ignorou as provocações do vil, subiu na balaustrada e agarrou a corda, que sacudia em suas mãos à medida que Manfred desaparecia na neblina. Hector pôs as pernas em torno dela, deixando o corpo oscilar até se estabilizar. As ondas do mar quebravam três metros abaixo dele, agitando-se na expectativa de uma possível queda.

Hector deu uma olhada para trás antes de iniciar a travessia, e viu a rainha Amelie e Bethwyn debruçadas na balaustrada. Nos dias anteriores, ele criara coragem para falar com Bethwyn — nada além de algumas poucas palavras, conversas ocasionais que não levavam a nada —, mas já era um começo. Sua vida parecia vazia sem seus amigos por perto: Drew, Gretchen e Whitley estavam desaparecidos, talvez para sempre. O começo de uma amizade com Bethwyn poderia preencher esse vazio.

— Tenha cuidado — sussurrou Bethwyn, sem tirar os olhos dele.

Seu coração batia mais forte diante da ansiedade reforçada pelo olhar inesperado daquela pequena plateia. Precisava concluir a travessia sem fazer papel de tolo. Hector começou a se mover.

Na metade da distância entre os navios, a corda oscilou, balançando perigosamente. Ele fechou os olhos, juntando as mãos e os joelhos para se agarrar com a maior força possível. Podia jurar que era capaz de sentir as ondas atingir suas costas, já imaginando as criaturas das profundezas que estariam prontas para devorá-lo. Quando chegou bem perto do *Trovão Retumbante*, sentiu as mãos escorregadias. Em pânico, temeu a possibilidade de cair a qualquer momento.

Uma mão firme o agarrou pelo casaco, elevando-o no ar, e depois colocou-o sobre o convés do *Trovão Retumbante* com um único movimento. As pernas cambalearam antes que ele conseguisse se equilibrar. Vega deu um tapinha em seu ombro.

— Está tudo bem, Hector? — perguntou o conde.

— Tudo bem, obrigado, Vega — respondeu ele, tentando parecer confiante, apesar da voz trêmula. Olhou ao redor e percebeu que mais homens do *Turbilhão* se juntavam a eles.

O *Trovão Retumbante* estava deserto.

Não havia sinal de atividade no convés, o leme abandonado e as velas farfalhando soltas ao sabor da brisa leve. Os homens se espalharam, mas tomando a precaução de se manterem próximos, chamando uns aos outros sempre que a neblina ameaçava fazê-los desaparecer do campo de visão. Hector sacou a adaga e a posicionou à frente do corpo, sempre alerta. O Lord de Stormdale apanhou uma lamparina do mastro principal e a acendeu, provocando uma faísca com a pedra e a barrinha de aço que carregava consigo.

— Você já viu alguma coisa parecida antes, Vega? — perguntou o Staglord, guardando as coisas de volta na caixa.

— Muito raramente. Às vezes os navios atacados por piratas são abandonados, mas em geral eles os tomam para si. — Sorriu para os companheiros transmorfos. — Eu mesmo já fiz isso.

Hector caminhou até a escotilha que levava ao convés inferior. Movimentou os dedos da mão esquerda, sentindo a pele enegrecida da palma da mão fervilhar sob a luva ao virar a maçaneta. Ao sentir uma mão pousada no ombro, teve um sobressalto.

— Quer que eu vá na frente?

Era Vega outra vez, sempre presente, acompanhando cada movimento seu.

“E você achando que *eu* era o incômodo, não é?”, comentou o vil em seu ouvido.

Hector se virou para o capitão, demonstrando o máximo de confiança de que era capaz.

— Fique à vontade para vir comigo, Vega.

O almirante pareceu impressionado e fez um gesto na direção da porta.

— Logo depois de você, caro barão.

Hector acionou a maçaneta e abriu a porta. A escuridão à frente parecia impenetrável. Ele estremeceu, sentindo a coragem abandoná-lo. Estava prestes a voltar atrás e deixar que Vega liderasse a expedição, quando Manfred lhe ofereceu a lanterna:

— Aqui, Hector. Parece que está precisando de um pouquinho de luz por aí.

Hector sorriu, apanhando a lanterna de bom grado antes de se embrenhar na penumbra do *Trovão Retumbante*. Ouviu os passos dos Werelords que vinham atrás, aliviado por tê-los na retaguarda. A escada levava a um corredor apertado, que dava acesso à cabine dos oficiais ao fundo, tendo à frente um compartimento de carga.

— O *Trovão Retumbante* é um navio mercante — informou Vega, agachando-se ao entrar no corredor atrás de Hector. — Crowley transporta cargas pela Costa Gélida desde que me entendo por gente. Ele nunca abandona seu navio, sob nenhuma circunstância. Isto aqui é o lar dele, sua vida.

Bateu na parede para reforçar seu argumento, e Hector adentrou o compartimento de cargas. Caixotes e barris estavam todos enfileirados de modo ordenado, e as provisões estocadas antes dos fatos violentos ocorridos em Highcliff ainda intactas. Crowley abrigara tantos civis quanto possível no *Trovão Retumbante*, aglomerando-os no convés inferior na hora de zarpar. Havia sacos de dormir espalhados pelo chão, mas ninguém a ocupá-los.

— *Onde* está todo mundo? — perguntou Hector, ofegante.

— Isto aqui está parecendo uma tumba — comentou Manfred.

— Uma tumba sem corpos — acrescentou Vega.

Manfred apertou o manto contra o peito.

— Não estou gostando nada dessa última parte.

Hector examinou a carga que Crowley transportava. Manfred foi atrás, lendo cada palavra marcada nos caixotes e barris.

— Grãos, legumes, vinho... Tem comida suficiente aqui para abastecer o *Turbilhão* por umas duas semanas. Por que deixar tudo isso para trás?

— Crowley não faria isso — garantiu Vega, coçando o queixo, pensativo. Tomou o rumo das cabines. Manfred e Hector se apressaram em segui-lo.

Os aposentos do capitão eram bem equipados. Uma poltrona de couro se erigia atrás da enorme escrivaninha. Havia livros de registros, cartas náuticas e mapas ainda abertos sobre a mesa, mantidos no lugar sob o peso de vidros e tinta. Vega contornou a escrivaninha e foi até o leito. Vasculhando sob ele, encontrou um baú. Sacou uma faca e a enfiou no cadeado. Com um estalido, a caixa se abriu, revelando seu conteúdo de ouro, prata e objetos pessoais — tudo o que Crowley possuía na vida. Vega encarou os companheiros.

Os três voltaram para o convés, onde os homens do *Turbilhão* estavam reunidos. Ele se dirigiu a sua tripulação:

— Existem provisões lá embaixo que podemos usar no *Turbilhão*. O que quer que tenha acontecido com a tripulação e os passageiros do *Trovão Retumbante*, não podemos nos esquecer de que deixamos Moga às pressas, sem nem de longe levar tudo o que precisávamos.

Vega não conseguiu evitar uma olhada de relance para Hector ao mencionar a visita desastrosa a Moga. Hector ficou furioso.

“Só queria uma chance de enfiar a faca... e torcê-la...”

Hector olhou para a adaga que sempre carregava consigo — a mesma com que havia tirado a vida de Vincent. Leves sinais de fumaça negra se materializaram diante de seus olhos quando a mão esquelética do vil tentou agarrar seu cabo.

Vega prosseguiu, mesmo sabendo do desconforto que acometia seus homens estando a bordo de uma embarcação abandonada.

— Sei muito bem que ninguém quer ficar aqui por mais tempo além do necessário, portanto vamos depressa. Peavney, você está no comando.

Um dos imediatos do *Turbilhão* tomou a frente da situação, enquanto os Werelords se dirigiam às cordas que mantinham os dois navios atados. Hector viu que Ringlin e Ibal se misturavam à tripulação, espiando por cima dos ombros. Ambos fizeram um aceno de cabeça para seu mestre.

“Parece que você ganhou de novo o respeito deles”, sussurrou o vil. “Mas por quanto tempo?”

Hector oscilou sobre o convés, sentindo as pernas perder contato com o chão, brandindo a adaga no ar enquanto tentava se equilibrar. O duque e o conde o ampararam.

— Cuidado, Hector — disse Vega, sorrindo. — Você pode acabar furando o olho de alguém.

O vil murmurou no ouvido de Hector: “Todas as palavras que o Tubarão diz têm um segundo sentido dirigido a você, irmão!”.

— Sei o que estou fazendo. Obrigado, Vega.

Vega não respondeu. Em vez disso, agachou-se e examinou o convés. Passou a mão pelas tábuas em que Hector escorregara e sentiu um limo pegajoso entre os dedos. Sacudiu a mão, e o líquido viscoso caiu no convés alguns centímetros à frente.

— O que é isso? — perguntou Manfred, franzindo a testa.

— Não faço ideia — respondeu Vega, a malícia do tom de voz sendo substituída pela preocupação. — Não faço a menor ideia.



5

Reação e reparação

O Lagarto estava sentado em seu trono de pedra, sozinho, olhando para a plataforma acima da Fornalha. Os últimos convidados do dia anterior enfim tinham ido embora, depois de uma noite toda desfrutando do entretenimento oferecido por ele. Seus irmãos haviam se retirado para os respectivos aposentos, a fim de descansar a cabeça e o estômago dos excessos cometidos.

A batida de uma lança na porta, seguida imediatamente de sua abertura, desviou a atenção do Lizardlord para o fundo do salão.

— O conde Kessler e Lady Shah, milorde — anunciou o guarda.

— Mande-os entrar.

O guarda entrou no recinto, seguido pelo Goatlord e pela mulher de cabelos negros, além de outros três guerreiros. Eles pararam diante da grade de metal. Os guardas não arredaram pé do salão, assumindo uma formação em pares. Kessler os encarou, afagando a barba grisalha com os dedos ossudos.

— Vocês demoraram — comentou Ignus, contorcendo-se no assento para alcançar uma tigela de terracota. Pegou um pouco de óleo lá de dentro, levou a mão ao peito e começou a espalhá-lo sobre a pele. Shah franziu o nariz diante daquela visão.

— Não sabia que precisávamos vir correndo como se fôssemos lacaios, Ignus. Ainda somos convidados aqui, não?

— Por enquanto, sim — respondeu o Lizardlord, deixando bem claro o tom de ameaça na voz. — Pretendo organizar um novo torneio em dois dias, e não quero ter outra surpresa como a de ontem. Quem garante que esse Lobo não vai causar tumulto de novo?

— Ninguém garante, Ignus. Ele é problemático, mas discipliná-lo não é obrigação minha. Isso cabe a *ocê*. Apenas forneço a matéria-prima.

Ignus atirou a tigela sobre Kessler, fazendo com que seu rosto ficasse todo melado de óleo. O Goatlord gritou, esfregando as mãos no rosto para se livrar do líquido cor de âmbar.

— Como ousa me dizer como devo conduzir meus negócios dentro da *minha* casa, Goatlord? Sua incompetência expôs minha arena ao ridículo! Aquele Lobo vai se tornar um gladiador, pode escrever minhas palavras, mas nosso acordo ainda está em aberto. Você me deve uma compensação pelo prejuízo que trouxe à reputação da Fornalha.

— Não lhe devo coisa nenhuma — respondeu Kessler.

Os guardas se inquietaram ao ouvir essas palavras, movimentando ameaçadoramente as lanças. Um jato de vapor sulfuroso emanou da grade de metal, como se o vulcão também estivesse dando seu recado. Ignus apontou o dedo com unha comprida na direção do comerciante de escravos, o rosto contorcido de raiva.

— Diga isso de novo, Kessler, e vai me pagar com mais do que sangue, carne e ossos.

O Goatlord se manteve em silêncio, removendo o que sobrara do óleo com a manga da vestimenta. Shah se limitava a lançar olhares de preocupação para os guardas.

— Ótimo — afirmou o Lagarto, recostando-se outra vez no trono.
— Acho que você sabe o que vou pedir.

— Pois considere feito — murmurou Kessler.

— Mais alto!

— Ele é seu outra vez! — gritou o Goatlord. — Pode fazer o que quiser com ele.

Shah compreendeu do que se tratava e se exaltou.

— Não pode fazer isso; ele é um homem livre!

— Quieta, Shah! — repreendeu Kessler. — Você ainda não entendeu como funcionam as coisas? Ninguém que trabalha para mim é livre de verdade. Qual a parte de eu ser um caçador de escravos você não entendeu?

— Mas ele é seu amigo! Não é justo!

— São negócios — rebateu o Bode, olhando para Ignus.

— É assim que se fala, Kessler — comentou o Lizardlord. — E sugiro que modere sua língua, Shah. Não se esqueça de que seu pai ainda está sob meu poder. As asas dele já foram cortadas, e posso fazer muito mais, se quiser!

Shah olhou para um e depois para o outro, incapaz de determinar por qual dos dois sentia mais desprezo.

— Se não tem mais nada a me dizer, gostaria de me retirar — ela falou, incapaz de esconder sua raiva.

Ignus balançou a cabeça e a dispensou com um aceno de mão. Kessler, no entanto, agarrou o braço de Shah quando ela se virou para sair.

— Não vá fazer nenhuma bobagem, mulher. Detestaria perder você também.

Shah puxou o braço com força e acabou rasgando a manga da roupa. Cambaleou um pouco para trás antes de se virar e sair do fétido salão.

Drew ficou olhando para a tigela, sentindo o estômago revirar ao ver que algo na comida se mexia. Conseguiu capturar os insetos do

arroz de dois dias antes e tirá-los do prato antes de começar a comer. Seu estômago roncava, e a fome fez com que a procura por visitantes indesejados não durasse muito. Caso houvesse mais criaturas vivas naquela gororoba, em pouco tempo estariam em sua barriga.

Mantinha a cabeça baixa, evitando chamar muita atenção. Depois de sua primeira aparição na Fornalha, o que se seguira fora o caos. Muitos dos gladiadores humanos passaram a manter distância dele, cientes de que havia derrotado três de seus melhores homens. Galtus e Obliss o encaravam do outro lado da *ludus*, ainda lamentando a morte de Haxur e se ressentindo pelo fato de o jovem Werewolf ter tomado parte em seu assassinato. A perna direita de Galtus tinha uma tala, e ele jamais desviava os olhos de Drew.

Já os transmorfos não se mostravam tão evasivos — Arik e Balk estavam sempre dispostos a continuar com as provocações. Drew, por sua vez, não reagia aos insultos. Os demais Werelords mantinham uma distância respeitosa, apesar de na *ludus* ele ter praticado combate corpo a corpo com Krieg, o Rinoceronte, e Stamm, o Búfalo. Haviam treinado lado a lado durante a tarde toda, trocando socos e fazendo movimentos de luta, mas sem dizer uma palavra que fosse. Naquele momento, os outros dois estavam sentados à mesma mesa que Drew.

— Você lutou bem na Fornalha naquele dia — comentou Stamm por trás da vasta cabeleira. Pela primeira vez, o rosto sombrio do Búfalo não parecia demonstrar tanta infelicidade. Seus olhos tristes brilharam ao olhar para Drew com um novo senso de respeito por entre os cabelos da comprida franja.

— Quer dizer, quando você enfim resolveu lutar — riu-se Krieg. — Pensei que fossem acabar com você na jaula mesmo, antes de passar pelo portão.

Drew se perguntou se aquilo era o início de uma sequência de insultos parecida com as brincadeiras cruéis dos irmãos Símios. No entanto, nenhum dos dois demonstrava qualquer sinal de agressividade. Na verdade, Stamm ria, balançando os cabelos espessos enquanto se sacudia no assento, já às gargalhadas.

— Não sabia muito bem o que fazer — murmurou Drew. — Não gosto de tirar a vida de ninguém sem uma causa justa.

— Eu poderia ter relatado todos os crimes que aqueles três cometeram lá fora antes de levarem você para a jaula, Lobo — disse Krieg. — Isso facilitaria um bocado sua decisão.

— Como assim?

— Os três são assassinos assumidos. Foram comprados por Ignus para atuar na arena. Nenhum deles vai sair daqui vivo.

— Pelo jeito, alguma coisa boa Ignus faz por aqui — comentou Drew.

— Ignus não pensa no benefício de ninguém além do próprio ao comprar esses assassinos — garantiu Stamm. — Sua motivação é o egoísmo, puro e simples. Tudo o que deseja são os *melhores* assassinos no chão daquela arena.

Drew deu uma espiada por sobre o ombro e notou que os gladiadores humanos ainda o encaravam.

— Eles conheciam Djogo. O caçador de escravos também costumava lutar aqui?

— Ele era um gladiador, e um combatente muito bom para um humano — contou o Wererhino, fazendo uma careta ao engolir seu arroz. — Kessler conseguiu convencer Ignus a vendê-lo para ele. Djogo obteve uma posição de destaque trabalhando para o Bode, mas é uma exceção à regra.

— Ele é um assassino impiedoso — falou Drew, que não via o caçador de escravos desde a luta na Fornalha. Drew se perguntou o que teriam feito com ele.

— O jovem Lobo aprende as coisas bem rápido — ironizou Stamm, pegando os últimos grãos de arroz da tigela. O Búfalo enfiou tudo na boca, lambendo o que ficara grudado nos dedos grandes e encardidos.

Drew sacudiu a cabeça em negativa.

— Por que Ignus o atirou na arena?

Krieg se inclinou sobre a mesa e falou bem baixinho:

— Ignus e seus irmãos são donos de *tudo* o que existe em Scoria. Todos os que vêm para cá estão na condição de hóspedes dos Lagartos, portanto devem gratidão a eles. Ao que parece, Kessler desagradou Ignus quando seu gladiador prodigioso ficou abaixo das expectativas. Estou falando de você, é claro.

Stamm acrescentou, no mesmo tom de voz:

— Aos olhos de Ignus, o Goatlord o enganou. Ele pegou Djogo de volta como compensação pelo mau negócio proposto por Kessler. O Lagarto pagou uma bela quantia em ouro por você, Lobo.

Foi quando Beemote se aproximou, sentando-se à outra extremidade da mesa. Drew sentiu o banco se curvar sob seu peso.

— Por que não se junta a nós? — sugeriu Drew, fazendo de tudo para quebrar o gelo com relação aos transmorfos.

Beemote se virou lentamente antes de pegar o primeiro bocado de comida. Seus olhos eram mais afastados um do outro do que se esperaria de um ser humano, e a pele tinha a aparência de uma carapaça grossa, como se a fera que ele abrigava estivesse logo abaixo da superfície. Sem dizer nada, Beemote se levantou. O medo de Drew de que o gigante pudesse ter se ofendido foi se dissipando à medida que ele se aproximava, fazendo o chão tremer sob as pesadas passadas.

— Obrigado — falou Beemote enquanto se sentava. — Estou me juntando a vocês para uma refeição ou o quê?

Stamm e Krieg se entreolharam, sem saber ao certo o que significava aquela pergunta. Drew se apressou em esclarecer o

assunto:

— E para o que mais seria?

— Aquele discurso que fez no outro dia... Na hora pensei que fosse efeito da insolação. Mas agora percebo que você é um sujeito determinado. Está mesmo pensando em fugir da Fornalha, não está?

— Sim.

Stamm fez um gesto de desprezo com as mãos.

— Pois está gastando sua saliva à toa. É inútil tentar escapar.

— Por que inútil? — questionou Drew, exasperado. — O que me disseram foi que os Werelords eram nobres. Vejam só a que foram reduzidos!

— Quietos, menino! — falou Krieg, arreganhando os lábios e mostrando os dentes parecidos com blocos de granito. Todos os transmorfos usavam coleiras de prata, mas qualquer um ali era capaz de matar Drew sem dificuldade em sua forma humana, caso estivesse disposto. Ainda assim, ele não recuou.

— Vocês se acostumaram a lutar sozinhos, a pensar apenas em salvar a própria pele na Fornalha. Mas imaginem do que seríamos capazes se *somássemos* nossas forças e assumíssemos uma posição! Não querem voltar à terra natal de vocês?

— Nossa terra natal foi escravizada, Lobo, assim como nós — falou Stamm. O tom brincalhão de antes claramente não existia mais, e a cabeleira do Búfalo voltara a esconder seu rosto em sombras, os olhos tristes encarando o chão. — Acha que a Lyssia foi o primeiro lugar que os Catlords invadiram?

— O que o garoto está falando não vale para mim — disse Krieg, sacudindo a cabeça.

— Se fugirmos da arena, podemos continuar juntos, Krieg. Podemos nos unir contra um inimigo comum. Você arrisca sua vida cada vez que pisa na Fornalha. Por que não se arriscar por algo mais nobre?

Krieg lançou o braço furiosamente na direção de Drew, mas o jovem Werewolf era bem mais rápido que o Rinoceronte, e logo se posicionou fora de seu alcance. A conversa degradingolava em uma briga.

— Deixe o Lobo falar, Krieg! — pediu Beemote. Krieg grunhiu e bufou, encolhendo de novo o braço, mas ainda encarando furiosamente o jovem.

— Ele está certo — continuou o gigante sem se alterar. — Nenhum de nós veio parar neste purgatório por vontade própria. Todos temos contas a acertar com Ignus e seus amigos, como Kessler e os Catlords.

— E qual é o grande plano? — perguntou Stamm com um sussurro.

Beemote suspirou.

— Pensar não é meu ponto forte. A força... a força, sim, é que é.

Drew olhou para o outro lado da *ludus*, observando os demais gladiadores. Galtus e Obliss não eram dignos de confiança, mas havia outros humanos por ali dispostos a tentar uma fuga. Ele viu Taboo comendo em outra mesa com Drake. Seus olhos de repente reconheceram um rosto familiar ao pousarem sobre uma pequena tenda que servia como ambulatório nos fundos da *ludus*, onde estava o mestre Griffyn.

— Com licença — pediu Drew, levantando-se e caminhando por entre as mesas, ignorando os insultos de Galtus e Obliss de um lado e dos irmãos Símios do outro.

Griffyn conversava seriamente com um homem, mantendo uma distância bem próxima dele. Drew deteve os passos. Ambos pareciam se conhecer muito bem. O velho gladiador mantinha o braço sobre o ombro do outro de maneira muito mais familiar do que seria de esperar. "Quase paternal", pensou Drew. Ele se lembrou das raras ocasiões em que Mack Ferran punha a mão em seu ombro em um gesto de consolo quando se machucava.

Aproximou-se dos dois, que o encararam com um olhar de surpresa e choque. Griffyn parecia tremendamente embaraçado.

— Posso ajudar, garoto? — perguntou o velhote magricelo, passando as mãos pela coleira de prata em torno do pescoço emaciado.

“Então Griffyn é um transmorfo”, pensou Drew. “E Ignus faz questão de mantê-lo na coleira. Ao que parece, a liberdade em Scoria nunca é incondicional.” O homem a seu lado usava uma coleira de ferro novinha em folha.

— Acho que sim — respondeu Drew, antes de se virar para o mais novo prisioneiro da Fornalha. O homem o encarou em resposta com seu único olho bom, pois o outro havia se perdido em uma batalha recente. — Mas na verdade é com Djogo que eu gostaria de falar.



6

O canto das sereias

Ela nadava em um lago, agitando suas águas cristalinas com os movimentos dos braços. A margem estava confortavelmente próxima. O silêncio era tão profundo que se confundia com uma espécie de surdez, mas ainda assim era agradável. Estava sozinha, a única alma no mundo, contente com sua solidão. Contorcendo o corpo, começou a nadar de costas, penetrando as mãos nas águas celestiais e impulsionando suavemente o corpo. Olhou para o sol, sentindo seus raios revigorantes acariciá-la. Manteve os braços imóveis enquanto batia os pés, virando-se de novo de cabeça para baixo, soltando bolhas pela boca. Afundou a cabeça e abriu os olhos.

As trevas tomaram conta de tudo. Na superfície havia um lindo dia, mas uma escuridão terrível espreitava nas profundezas. Vultos negros se moviam sob a água, ameaçando emergir em sua direção. Alguns raios de sol conseguiam se insinuar em meio às sombras, proporcionando facho redondos de luz: olhos claros e assustadores com pupilas deformadas. Lutou para voltar à superfície, mas atingiu uma camada de gelo acima de si. Através dela, conseguia ver a luz do dia, torturantemente fora de alcance. Golpeou o gelo com as

mãos fechadas, os pulmões quase estourando, em busca de uma rota de fuga. Contemplou a escuridão mais uma vez ao sentir que um dos vultos agarrava-lhe as pernas, cravando as garras em sua pele, e um grito escapou de sua boca e se materializou em uma nuvem de bolhas.

Os olhos de Bethwyn se abriram, e o pesadelo deu lugar à escuridão da cabine. No leito ao lado, a silhueta adormecida da rainha Amelie era perceptível sob o leve brilho de uma luz distante que se insinuava. Ela enfiou uma das mãos sob as cobertas para sentir as pernas. A sensação das garras do monstro ainda era quase palpável. Ao constatar que não havia nenhuma ferida, relaxou outra vez, deixando-se cair sobre o travesseiro.

Dormir a bordo do *Turbilhão* vinha se mostrando uma tarefa mais difícil do que o esperado pela jovem Lince. Criada em uma ilha no meio de um lago, sempre passeava de barco com o pai, o barão Mervin, Lord de Robben. Bons tempos, aqueles; uma época feliz. Mas navegar no navio pirata era bem diferente de flutuar preguiçosamente no lago.

Não se ressentira nem um pouco quando Leopold foi deposto do trono. Apesar de pertencer à mesma linhagem dos Catlords, as semelhanças paravam por aí. Os Lince eram criaturas do norte, nativas da Lyssia — não tinham muito mais em comum com os Gatos de Bast do que com os Cachorros de Omir. Mervin não hesitara em se aliar a Lord Drew, voltando ao Lago Robben depois do levante e designando a filha para cuidar da rainha.

Com apenas Amelie e o pessoal da Casa do Traidor para lhe fazer companhia, Bethwyn aguardava com ansiedade pelas visitas do barão Hector. Ele era um hóspede frequente da mansão do Staglord em Highcliff; na maioria das vezes, ia até lá para tratar de negócios oficiais com Drew. Sentia que ele gostaria de ser apresentado formalmente a ela, mas o tímido Boarlord nunca aproveitara a

oportunidade quando estavam na cidade. Até mesmo àquela altura, a bordo do navio do conde Vega, ele quase não encontrava ocasião para falar com ela.

A começar pela manhã seguinte, ela fez uma promessa silenciosa de se empenhar mais para fazer contato com o magíster. Havia algo entre eles — só era preciso um empurrãozinho. Os batimentos cardíacos de Bethwyn começaram a voltar ao normal, um sinal de que o sono retornava.

Foi quando ela ouviu.

A princípio, imaginou que se tratasse das ondas contra a madeira grossa do casco do *Turbilhão*. Mas o ruído era constante, um som que oscilava entre grave e agudo, como um coro de vozes. Havia algo de melodioso naquele ruído que invadia a cabine em meio à penumbra.

Bethwyn esticou as pernas para fora do leito e pisou no chão. Procurou a lamparina pendurada no teto e acionou o queimador. A luz espantou a escuridão, e a rainha se mexeu na cama.

— O que foi? — sussurrou ela. — Aconteceu alguma coisa, Bethwyn?

— Vossa Majestade não está ouvindo?

Amelie ficou deitada em silêncio, protegendo o rosto da claridade com a mão, esforçando-se para escutar. Os olhos se arregalaram quando registrou o som. A rainha se livrou das cobertas e saltou da cama, ficando descalça ao lado de Bethwyn sobre o assoalho. Apanhou o robe e o vestiu, enquanto a dama de companhia se abrigava com seu manto.

— É uma música — comentou a rainha. — De onde está vindo?

A jovem abriu a porta da cabine com um estalo, esperando ver os membros da tripulação mobilizados na investigação do estranho ruído. O corredor estava vazio.

Bethwyn se virou para a rainha.

— Por favor, Majestade, fique aqui enquanto apuro o que está acontecendo.

Amelie sacudiu a cabeça.

— Se acha que vou deixar você subir sozinha, está solenemente enganada, minha menina. Eu vou também.

As mulheres percorreram lado a lado o corredor. Os estalos do navio colaboravam ainda mais com o coro sinistro que preenchia o ar. Bethwyn se apoiava à parede à medida que avançava, a mão deslizando sobre a madeira envernizada enquanto se aproximava dos degraus que conduziam ao convés principal. Agarrando-se ao corrimão com a mão livre, foi subindo a escada. A porta em forma de alçapão se abriu, revelando o céu noturno.

Os homens do *Turbilhão* estavam reunidos no convés, parados como estátuas em meio à neblina. Oscilavam ao sabor do movimento do navio, como espigas de trigo ao vento. O som era ainda mais alto, e claramente vinha do mar, de algum lugar ao redor do navio.

— O que aconteceu com eles? — questionou a rainha.

Os homens pareciam enfeitiçados, atônitos diante da entonação que reverberava pelo ambiente noturno. Bethwyn viu que Hector e Manfred estavam entre eles, ainda em roupas de dormir. Abriu caminho até o magíster por entre a tripulação, posicionando-se à frente dele.

O rosto de Hector parecia sem expressão, a boca entreaberta, os olhos vidrados; ele ignorava sua presença. Ela balançou uma das mãos em seu campo de visão, mas ele nem piscou. Era como se estivesse hipnotizado. Bethwyn pegou uma de suas mãos e a apertou — não obteve nenhuma reação. Apertou com mais força, encravando as unhas em sua pele — nada. Olhou para a palma da mão dele e descobriu, chocada, algo parecido com uma mancha de tinta.

— Bethwyn! — chamou Amelie, assustada.

Bethwyn procurou pela rainha, incapaz de encontrá-la em meio à tripulação enfeitada e à neblina sobrenatural. Sem soltar a mão de Hector, começou a conduzi-lo pelo convés, e ele a seguiu com passos cambaleantes e desajeitados, como se fosse um sonâmbulo.

— Majestade?

— Bethwyn! — gritou ela.

A dama de companhia se apressou, arrastando Hector atrás de si como um cadáver ambulante, esbarrando nos membros da tripulação, que por sua vez não esboçavam nenhuma reação. Bethwyn se desvencilhou da multidão, e o magíster se deteve imediatamente atrás dela. A rainha se afastava da balaustrada a bombordo do *Turbilhão*. O coro murmurante era ainda mais audível, surgindo das profundezas e se avolumando sobre o convés. Bethwyn se pôs à frente da rainha, erguendo a lamparina para iluminar o ambiente.

Uma mão verde e escamosa estava agarrada à balaustrada, preenchendo com os dedos os espaços entre as grades. Outra mão surgiu depois dela, seguida por um antebraço que buscava escalar um ponto mais alto. Um vulto escuro apareceu, a cabeça se distinguindo do tronco à medida que subia a bordo. O corpo da criatura era coberto de escamas, e o pescoço era atarracado, quase inexistente. Dois olhos enormes do tamanho de pires piscaram sob a luz da lamparina, e a boca do ser se abriu, emanando seu terrível canto por entre os dentes afiados como agulhas. O corpo estava recoberto de algas, que não se desgrudaram nem depois da aterrissagem tempestiva no convés.

Bethwyn e Amelie se abraçaram e gritaram ao ver o monstro se arrastando na direção de ambas. Notaram que, abaixo da cintura, seu corpo era como o de um peixe e que ele se debatia sobre o convés para se impulsionar, à medida que avançava com as garras estendidas. Uma enorme nadadeira dorsal se avolumava acima da espinha até a cauda, contorcendo-se conforme a criatura avançava.

Bethwyn percebeu que a criatura tinha seios, como os de uma mulher.

— Afaste-se! — gritou ela, brandindo a lamparina enquanto forçava o ser medonho a recuar, transformando seu canto em um grito abafado.

O coro parecia vir de todos os lados do navio. Cada vez mais assustadas, as duas perceberam que outros vultos tentavam subir a bordo. A tripulação permanecia inerte, indiferente ao pesadelo que se desenrolava diante delas.

— O que são essas coisas? — perguntou uma voz logo acima. Bethwyn conseguiu distinguir a figura de um menino empoleirado no mastro. Era Casper. Assim como as mulheres, ele parecia ser imune ao canto das criaturas.

— Não saia de onde está, minha criança! — alertou Amelie.

As mulheres foram recuando para perto dos marujos, esbarrando em seus corpos imóveis à medida que a criatura se aproximava. Ela logo ganhou a companhia de outra, um pouco diferente em termos de compleição física e coloração, tendo esta um tom meio avermelhado. Eram capazes de ouvi-las se arrastando pelo deque, cada vez mais perto da tripulação.

— Deve haver umas vinte delas, senhora! — gritou Casper com a voz embargada. — Estão tentando pegar os rapazes!

Um dos marujos de repente foi ao chão, agarrado por uma das criaturas. Em questão de poucos segundos, seis homens já haviam desaparecido. Ninguém gritou. As criaturas não paravam de cantar nem por um instante, jogando os homens para fora do navio.

Uma escotilha se abriu de repente, e o conde Vega apareceu no deque. Usava apenas uma calça de couro, despertado pelo ruído naquele exato momento. Com a espada na mão, saltou na direção da criatura mais próxima, que tentou se equilibrar sobre a cauda. Ele atacou, acertando-a na barriga e rasgando sua carne. O monstro ferido lançou os braços para a frente, agarrando o

comandante pelos ombros e o atraindo em direção a sua boca. Vega começou a se transformar imediatamente, fazendo a pele dos ombros e do peito se rasgar e se livrando das garras inimigas. Ainda não totalmente transformado, tentou desferir uma cabeçada no rosto da criatura, que cravou os dentes em sua testa. Ambos foram ao chão. Era evidente que Vega havia subestimado a força da oponente.

— Capitão! — gritou Bethwyn, fazendo menção de avançar para ajudar o Wereshark, cuja transformação se completara em meio à batalha feroz.

— Afaste-se! — gritou ele antes de morder o pescoço da criatura com sua bocarra monstruosa. O sangue negro jorrou como de uma fonte, espalhando-se sobre o conde e o convés ao redor, enquanto a fera cravava as garras com força no rosto do Tubarão.

Mais criaturas apareceram e continuaram a ignorar as duas mulheres enquanto avançavam sobre os homens. Bethwyn deu um passo à frente ao notar que a primeira invasora grunhira e estendera as garras para Hector, que permanecia imóvel atrás dela.

— Nada disso! — gritou Bethwyn, e arrebentou a lamparina contra a cabeça do ser horrendo. O óleo de Spyr se espalhou, fazendo com que o corpo da fera e o de Hector fossem atingidos pelas chamas. Ambos se contorceram em contato com o fogo, e Hector despertou de imediato. Logo apagou as chamas com as mãos, ainda tentando entender o que acontecia.

— Em nome de Brenn, o que é isso? — berrou ao ver a criatura marinha se debater com o rosto quase consumido pelo fogo.

Bethwyn notou que o canto gutural havia cessado. As criaturas estavam ocupadas em combater o Wereshark e também as chamas.

— A lamparina! — gritou Amelie. — Elas têm medo do fogo!

Bethwyn apanhou a lamparina quebrada do chão e jogou o óleo que restava sobre outra das feras monstruosas. Ela rugiu e se

encolheu de medo quando o óleo se inflamou, fugindo apavorada. Mas ainda não era o bastante. Os homens continuavam indo ao chão — as criaturas estavam conseguindo seu butim. Pouco a pouco, porém, os membros da tripulação foram sendo despertados pelo som e o calor da batalha. Pareciam confusos e assustados, mas, em vez de ser arrastados sem reação, começaram a berrar, se espernear e tentar se livrar das monstruosidades que pretendiam lançá-los ao mar.

Bethwyn e Amelie se moviam com agilidade entre eles, acordando-os, quebrando o feitiço. As criaturas não cediam facilmente, no entanto, tentando fazer sucumbir um homem após outro. Guinchavam ao atacar, fechando os olhos enormes toda vez que abocanhavam um dospiratas.

— Para cima delas, rapazes! — berrou Vega ao ver que a tripulação do *Turbilhão* se juntava à sua luta.

Apanharam porretes, facas, machados, o que estivesse à mão, e partiram para enfrentar as criaturas horrendas. O duque Manfred estava no meio da refrega, já transformado, a cabeça baixa, arremetendo os chifres contra as feras espalhadas pelo convés, partindo-as ao meio a cada golpe.

O ruído de passos pisoteando o convés ressoava pelo ar à medida que a tripulação do *Turbilhão* fortalecia sua reação. Bethwyn sentiu a perna ser agarrada no exato lugar onde havia sido agredida em seu pesadelo. Gritou bem alto ao cair, sentindo as mãos da criatura lhe subir por coxas e quadril. Ergueu uma das mãos e expôs suas garras, rasgando o rosto do monstro com um movimento de ataque. Sem nem piscar os olhos opacos, a criatura abriu a boca para mordê-la. Seu hálito pútrido e salgado a atingiu como uma onda de horror. Bethwyn tentou gritar, mas a voz não saiu. Estava imobilizada pelo medo e também pelo corpo da criatura das profundezas.

Subitamente, porém, sua agressora hesitou por um momento, arregalando os olhos. Bethwyn conseguiu se afastar antes que a mordida se completasse, a criatura abocanhando nada além do ar. Ela levou as mãos à garganta, e Bethwyn percebeu que lutava para respirar. Então, com um estalido audível, sua cabeça girou para o lado, e o limo e as algas passaram a jorrar de seu corpo, espirrando na Lince enquanto o cadáver se precipitava sobre ela.

Ao longo de todo o convés, membros eram quebrados e decepados pelos homens de Vega, que obrigavam as criaturas horrendas a recuar em meio à gosma expelida por seus corpos. Na batalha entre homens e monstros, Bethwyn notou a presença de Hector. Teria sido ele quem a salvara? O braço esquerdo do magíster estava erguido, a palma da mão manchada estendida em sua direção e um olhar de concentração absoluta no rosto. Achava-se a menos de dez metros de distância dela. “Como ele foi capaz de deter aquele monstro?”



7

Lua do Caçador

A *ludus* estava em silêncio, e o palácio de Ignus, adormecido. No labirinto de cômodos que circundavam o cone do vulcão, os gladiadores do Lizardlord ressonavam em leitos e sacos de dormir espalhados pela rocha quente. Apartados do mundo anterior, não tinham ninguém para defendê-los além de si mesmos, companheiros de armas que poderiam ser mortos pelas mãos do outro ao acordar, já que no dia seguinte Ignus presentearia Scoria com mais um derramamento de sangue de seus melhores gladiadores.

Uma figura solitária se destacava no estábulo, vestida apenas com uma tanga, a pele marcada pelas batalhas, observando o céu acima de si. Drew contemplava a lua cheia e avermelhada contra o manto escuro do céu noturno. Era uma lembrança de sua infância na Costa Gélida. Mack Ferran costumava levar os filhos para caçar em noites como aquela no equinócio de outono: a “Lua do Caçador” — era esse o nome que usavam na Lyssia. Drew não conseguia pensar no pai sem se lembrar de todos os outros entes que perdera. Fez uma prece silenciosa para seu velho, desejando que tivesse se encontrado com sua mãe do outro lado. Mack Ferran salvara sua

vida quando Leopold estava prestes a executá-lo e fora morto por isso. O único consolo que Drew obtivera da morte do pai fora descobrir que ele o absolvera da culpa pela morte da mãe. Pensou em Trent, seu irmão, e desejou que estivesse bem longe da guerra e do sofrimento que os Catlords haviam levado à sua terra natal. Sobretudo, desejava encontrá-lo de novo algum dia.

Franziu o semblante ao olhar para a lua. Houve um tempo em que ela lhe despertava certo temor, os primeiros sintomas de um processo que o levou à sua transformação em um Werewolf, dando início a uma jornada épica. Lamentou seu destino novamente, mas aqueles tempos lhe pareciam cada vez mais distantes. Drew era o último dos Lobos da Westland, um sobrevivente. A lua cheia não era mais motivo para medo — era sua companheira.

Para os scorianos, no entanto, a Lua do Caçador tinha um significado todo especial — era um sinal de que o vulcão exigia um sacrifício. No dia seguinte, um banquete seria servido ao fogo da montanha.

Com uma coleira de prata em torno do pescoço, resistir ao impulso de transformação instigado pela lua cheia era o maior dos testes para a força de vontade de Drew. O Werewolf estava ansioso para se libertar. Seu corpo era levado ao limite, preparando-se para o que viria a seguir. Os músculos se contraíram quando ele fechou o punho, sentindo um tremor no coto. Drew era capaz de sentir as emanções lunares em sua pele como um impulso elétrico. Uma nuvem pesada passou pelo céu, deixando o estábulo às escuras e libertando Drew momentaneamente do jugo da lua.

— Está se envolvendo em uma brincadeira perigosa, Lobo.

Drew não notara a aproximação de Djogo, e ao se virar deu de cara com o caçador de escravos a poucos metros de si. Drew estava ofegante, submetendo-se a uma provação severa, a pele coberta de suor em virtude da noite úmida e avermelhada pela luz da lua.

— Acha bonito pegar as pessoas assim de surpresa? — ele repreendeu o caçador de escravos.

Djogo não respondeu; limitou-se a se postar ao lado de Drew e contemplar o céu noturno.

— Já pensou na minha proposta? — Drew quis saber, passando o antebraço pela testa molhada de suor.

— Pensei, sim, e continuo achando que você é um lunático, Lobo.

— Isso não é uma resposta. É sim ou não, Djogo. Não perguntei a respeito da sua opinião sobre minha sanidade.

— Seu plano é uma loucura.

— Para alguém que já se rendeu, talvez, mas não para um homem que ainda carrega a esperança no coração. Qual é o seu caso, Djogo?

O caçador soltou um risinho de deboche.

— Cuidado com o que diz. Agora somos iguais, e essa coleira de prata no seu pescoço significa que não pode se valer de sua fera interior.

— Você tem razão. Somos *mesmo* iguais. Como você se sente sendo propriedade de outro homem?

— Não é nenhuma novidade. Já fui escravo e gladiador antes que Kessler me libertasse da Fornalha. Foi o Goatlord que me resgatou.

— E permitiu que fosse escravizado de novo. Como um objeto. Caso tivesse alguma consideração por você, Kessler jamais o entregaria a Ignus!

— Ele vai barganhar de novo com Ignus até conseguir me libertar.

— Tem certeza? Quanto tempo trabalhou com o Bode? Você sabe do que Kessler é capaz. Acha mesmo que vale a pena esperar pela vontade dele?

— Tenho muito a perder...

— Você não tem nada a perder! — gritou Drew, agarrando o braço do homem.

— Tenho tudo a perder! — rebateu Djogo, desvencilhando-se de Drew com um safanão. — Existem muitas armas para ferir um homem além da espada.

Drew sacudiu a cabeça.

— Não entendi.

Djogo deu as costas para Drew.

— Ele pode destruir tudo aquilo que importa para mim.

Drew parou para refletir a respeito das palavras do homem.

— Você lutou aqui dentro por vários anos, Djogo. Conhece a Fornalha e o palácio como ninguém. Griffyn, nosso velho mestre... Vi vocês dois conversando. Ele é importante para você, é isso?

Djogo nada respondeu.

— Não sei qual é a relação entre vocês dois. Para dizer a verdade, isso *não importa* para mim. Estamos em lados opostos desde que nos encontramos pela primeira vez. Não acho que nossa condição atual de gladiadores crie algum sentimento de irmandade entre nós nem nada do tipo. Mas amanhã vou me rebelar, e espero que todos os que querem se ver livres de Scoria assumam sua posição a meu lado.

Djogo voltou para o alojamento em silêncio. Drew o observou se retirar, perguntando-se se havia conseguido irritar o outro ainda mais. Voltou a olhar para cima. O céu estava limpo de novo, e a lua lançava seu feitiço mais uma vez sobre o jovem Lobo. Ele rosnou por entre os dentes cerrados ao absorver sua luz pálida e gélida.



8

Um mundo distante

O chão pedregoso sob o corpo era duro e irregular, promessa de uma noite maldormida, mas Trent Ferran não se importava. Observava a Lua do Caçador no céu. Não muito tempo antes, percorriam campos e prados procurando cervos sob o céu iluminado: Trent, seu pai e Drew, seu irmão. Cerrou as mandíbulas ao pensar no jovem que arruinara sua vida. Depois suspirou, fechando os olhos e tentando expulsar aquelas lembranças da mente.

Era o primeiro dia em semanas que ele e seus homens não se envolviam em nenhum combate. Para os companheiros, aquilo parecia não fazer diferença, mas para Trent era um alívio. Juntara-se à Guarda Leonina com um único objetivo em mente: vingança. Não havia se alistado para queimar fazendas de cidadãos comuns e transformar esposas em viúvas. Cavalgava na companhia de mais ou menos cem guerreiros, a maioria deles de Bast. Eram sujeitos frios e calculistas, que seguiam suas ordens à risca e jamais debandavam das fileiras. Já as divisões sulistas da Guarda Leonina eram muito menos disciplinadas, não perdendo a oportunidade de fazer justiça com as próprias mãos em nome do príncipe Lucas.

A coroação de Lucas era questão de tempo: os Pantherlords de Bast, Onyx e Opal eram a garantia disso. Enquanto Onyx marchava sobre a Lyssia, Opal estava em Highcliff, supervisionando a educação do príncipe até que sua ascensão ao trono fosse confirmada. Trent encontrara brevemente com Onyx na corte dos Horselords no Alto Estábulo. A Fera de Bast era uma figura monstruosa, um verdadeiro gigante. Trent sentiu um frio na barriga ao imaginar a ferocidade que o Werepanther transformado poderia apresentar em meio a uma batalha. O rei Leopold fora morto na disputa por Highcliff, e a rainha Amelie, raptada pelo duque Manfred e pelo conde Vega, os dois Werelords que encabeçavam a lista de mais procurados do reino ao lado de Drew. Lucas se tornara órfão. Com a Lyssia em estado de constante transformação, esse vazio precisava ser preenchido. Como os companheiros Mantos-Rubros de Trent sempre diziam, quanto antes Lucas fosse coroado, melhor.

— Já vai dormir?

Trent abriu os olhos e deu de cara com Frost, o Catlord, parado a seu lado. Sentou-se de imediato, pondo-se em alerta.

— Só estou descansando os olhos, senhor.

— Sua lâmina foi consagrada conforme eu mandei?

— Com prata, senhor — Trent falou, e fez menção de se levantar.

Frost fez um sinal com as mãos e se agachou ao lado do jovem.

— Esqueça as formalidades, Trent. Pode me chamar de Frost. E não precisa fazer posição de sentido toda vez que eu me aproximo. Você não é como os outros lyssianos. É um sujeito honesto e sincero, como os melhores homens de Bast.

Trent sentiu o coração se expandir de satisfação ao ouvir as palavras de Frost, um reconhecimento que alentava seu espírito. Sentiu-se honrado pelo fato de o Catlord dispensar as formalidades em sua companhia. Começou a ficar mais à vontade.

— Alguma notícia da Westland? — perguntou Trent.

— Onyx está avançando a passos rápidos. A Grande Estrada Ocidental já é nossa, e a resistência do exército do Lobo praticamente não existe mais. Nossa força principal está marchando para o leste, pelas Dalelands. Acho que não vão encontrar muita oposição por lá. A verdadeira batalha está à espera nas Barebones e na Dyrewood. Essa guerra vai ser vencida quando derrotarmos os Cervos e os Ursos.

Frost sorriu ao olhar para a lua, os olhos vermelhos reluzindo com um brilho sobrenatural.

— Ela exerce sobre você o mesmo efeito que tem sobre o Lobo?
— perguntou Trent.

— A lua? Ela afeta cada transmorfo de maneira diferente. Os Werelords mais passivos ficam mais tranquilos sob essa lua. Já os mais agressivos sentem o sangue ferver; as emoções vêm à flor da pele. Eu poderia enfrentar um exército inteiro de lyssianos sem expelir uma gota de suor — riu-se ele, batendo as mãos. — Quanto aos Lobos, são outro tipo de criatura. São mais sujeitos ao efeito dos ciclos lunares do que nós. Sou jovem demais para ter conhecido Wergar, mas aqueles que o enfrentaram dizem que sua ferocidade atingia o ápice quando a lua estava cheia.

— Drew é mesmo o último que restou?

— O último dos Lobos cinzentos, com certeza. Mas Amelie, sua rainha, é uma Loba branca do norte. Eles nunca foram numerosos, até onde sei, mas fugiram de Shadowhaven quando Leopold assumiu o poder. Pode haver alguns ainda vivendo como nômades. Mas isso seria uma surpresa para mim, para ser sincero. A rainha e Drew devem ser os últimos Werewolves.

— Nós vamos encontrá-lo, Frost. Prometo.

O albino apoiou o braço no ombro do jovem.

— Disso eu tenho certeza. Se existe alguém capaz de farejar aquela fera, esse alguém é você. Fico enojado só de pensar no que ele fez com aqueles que o criaram. Os Lobos da Westland são uma

raça da pior qualidade, um tormento para sua região. Precisam ser exterminados. Definitivamente.

Trent concordou com a cabeça.

— Ele não vai se afastar de Lady Gretchen — o Manto-Rubro garantiu a Frost. — Ele a roubou do príncipe Lucas uma vez e não vai hesitar em fazer isso de novo. Precisamos encontrá-la o quanto antes.

— É assim que se fala, Trent — respondeu Frost, dando um tapinha em suas costas. — E, quando a encontrarmos, sem sombra de dúvida escondida em Calico, quero você a meu lado. Só então sua lâmina vai ser consagrada de verdade, com o sangue de um Lobo.

O sorriso de Trent era ao mesmo tempo de alegria e amargura.

— É o maior presente que alguém poderia me dar.

Frost estendeu a mão aberta, fez uma medida com a cabeça e falou em voz baixa:

— Tem minha palavra, Trent. Leve-nos até ele, e o Lobo será seu.

Trent apertou calorosamente a mão de Frost.

— Agora descanse, meu amigo. Vamos marchar novamente amanhã. As Longridings estão infestadas de aliados do Lobo. A Werefox pode estar indo para Calico, mas nunca se sabe onde pode ter se escondido enquanto não chega lá. Precisamos virar esse lugar do avesso, sem deixar pedra sobre pedra.

Trent fez um aceno de cabeça, e o Catlord se levantou, afastando-se pelo mato até chegar a sua tenda.

— Então agora você se considera o favorito dele?

Era a voz de Sorin, deitado em um saco de dormir ali perto.

— Não diria isso se fosse você — murmurou Trent, ajeitando-se no leito improvisado. Puxou a coberta até o queixo, olhando para a lua mais uma vez.

— Eu não me entenda mal, Ferran, você é um bom soldado. Mas ser chamado de amigo por um Catlord? Você há de convir... Não dá

para levar isso a sério!

Trent tentou ignorar as palavras de Sorin, mas este não se conteve:

— Ele está adulando você, tentando fazer com que se ache importante. Você é um recruta como todos nós, Ferran. Ele pode até permitir que o chame de “Frost”, mas não significa que não esteja apenas iludindo você.

Sorin foi se arrastando pela grama até ele, falando em um tom sussurrante:

— Ele não confia em você — continuou, a voz carregada de inveja. — Afinal de contas, você é o irmão do Lobo. Na hora da verdade, Frost vai querer saber se você não vai traí-lo; se não vai trair todos nós.

Trent fechou os olhos. O discurso de Sorin era venenoso. Ele vinha se aproximando cada vez mais e, quando voltou a falar, estava a poucos centímetros de distância.

— Acho que ele tem razão.

Trent pulou do saco de dormir e em um instante já estava em cima de Sorin, a faca encostada na garganta do outro. Sorin soltou um riso de deboche, olhando para baixo. Trent seguiu seu olhar e encontrou a faca de Sorin perto de sua barriga, pronta para entrar em ação.

— Você não está me entendendo! — falou Trent, irritado. — Desejo ver o Lobo morto.

— Isso é o que você diz — duvidou o capitão da Guarda Leonina.

— Ninguém tem mais motivos do que eu para querer que Drew Ferran seja morto!

Sorin o afastou, mostrando que não estava disposto a encarar um embate de facas.

— Isso me parece bem discutível... *Ferran* — contrapôs Sorin, voltando para o saco de dormir. — Não conheço ninguém que tenha mais motivos que você para querer que ele sobreviva.

Trent voltou a se deitar, sacudindo a cabeça. "Sorin não sabe de nada. Drew é um monstro. E monstros precisam ser mortos." O que Sorin sabia sobre ele? Trent tentou esquecer as palavras maliciosas do capitão, mas elas não paravam de atormentá-lo.



9

Golpes dolorosos

— Sereias?

O duque Manfred parecia incrédulo. Estava ao lado das duas Wereladies na cabine do capitão.

— É assim que elas são chamadas por alguns — esclareceu Vega atrás de sua mesa. — Outros as chamam de Mulheres-Peixe. Seja como for, acho que enfrentamos criaturas mitológicas ontem à noite.

— Eram vis — disse a rainha Amelie, estremeando, abraçada a Bethwyn. O dia já despontava, mas a movimentação noturna ainda estava viva na memória de todos.

Hector fez uma careta diante da menção à palavra “vil”.

“Mal sabe ela o verdadeiro significado dessa palavra, hein, irmão?”

Hector se sobrepôs aos sussurros de Vincent:

— Elas eram diferentes de todos os transmorfos que já vi.

— Alguns transmorfos rejeitam sua forma humana, assumindo de vez a forma animal — explicou Vega. — Diz a lenda que foi isso que aconteceu com as sereias. Elas eram esposas dos Fishlords do fundo do mar e decidiram abraçar integralmente a natureza da fera.

Isso é mesmo tão incomum assim, Hector? Você não enfrentou Vala, a Wereserpente, pouco tempo atrás na Wyrnwood?

Hector fez que sim com a cabeça, recordando-se do encontro com a Serpente gigante. Naquela ocasião, ele tinha Drew, seu ponto de apoio, a seu lado. Parecia uma memória muito distante.

— Por que alguns foram afetados pelo canto delas e outros não? — perguntou o magíster.

— Isso eu não sei explicar — respondeu Vega —, mas tenho uma teoria. As sereias da mitologia marinha são capazes de hipnotizar os homens, mas não as mulheres. São beldades sedutoras, segundo a lenda. Se essas feras monstruosas tiverem alguma coisa a ver com a lenda, isso explica por que a rainha Amelie e Lady Bethwyn ficaram imunes ao canto assustador.

— Mas o canto também não teve efeito nenhum sobre você, conde — lembrou Amelie.

— Se eu fosse dar um palpite, diria que é porque sou um animal marinho, como elas. Talvez os Sealords sejam imunes ao seu encantamento.

— E Casper, o menino? — questionou Manfred, lembrando-se do único membro da tripulação que sobrevivera ao canto das sereias.

Vega deu de ombros.

— Ele ainda é uma criança, não um homem formado. Talvez tenha sido por isso que escapou do feitiço.

— O Mar Sturmiano é um lugar assustador — murmurou Manfred. — Quanto mais cedo estivermos em terra firme, melhor. Onde nos encontramos, Vega?

O conde examinou o mapa estendido sobre a mesa, sacudindo a cabeça.

— É difícil dizer. Estamos em mares nunca antes navegados. Meus mapas são antigos, e a maldita neblina está prejudicando a navegação. Acho que estamos em algum lugar ao norte de Tuskun, mas não sou capaz de garantir nada!

— Manfred tem razão — falou Amelie. — Precisamos chegar logo à terra firme. Quem sabe o que nos espera neste mar tenebroso?

— Sei tanto quanto você — rebateu Vega com um suspiro, coçando a cabeça e passando as mãos pelos cachos escuros. Esticou-se na cadeira, exaurido pela noite agitada, assim como todos os demais. — O *Turbilhão* perdeu dezoito almas na última noite. Só vou saber o que fazer quando chegarmos a Roof. Reúno uma tripulação e volto para o mar? Ou desembarco e sigo com vocês até Icegarden?

— Essa decisão só cabe a você — esquivou-se Manfred, nem um pouco disposto a se envolver com os dilemas morais de Vega.

— Muito obrigado por seu conselho, sempre muito útil — ironizou o Seald.

— Majestade — disse Bethwyn, virando-se para a rainha com um sorriso de cansaço no rosto —, se me permite, posso subir para o convés?

— Você parece exausta, minha querida — notou Amelie.

— Por favor — disse Hector, aproveitando o momento para oferecer o braço a ela —, permita-me que a acompanhe.

Amelie abriu um sorriso satisfeito para o Boarlord, e Bethwyn enrubesceu diante da demonstração de cortesia.

— Não é necessário, barão Hector — respondeu a moça. — Por favor, não me confunda com uma frágil donzela. Só preciso de um pouco de ar fresco.

— Pois me parece uma ótima ideia — falou Hector. — Posso ir com você?

— Sujeitinho insistente, não? — comentou Vega com um sorriso.

“Ele não resiste a fazer uma piadinha a seu respeito, não é mesmo, irmão?”, sussurrou Vincent. Hector ignorou a voz do irmão e estendeu a mão enluvada para Bethwyn. A jovem dama a encarou com desconfiança antes de aceitá-la.

— Majestade — disse ela para Amelie, ensaiando uma mesura desajeitada antes de sair, conduzida por Hector.

Ambos se dirigiram ao convés principal.

“Ela está nas suas mãos”, incitou o vil. Hector estremeceu, tentando se livrar daquela influência.

— Está com frio? — perguntou Bethwyn.

— Um pouco, milady — respondeu ele, sem graça, irritado por ser acossado pelo irmão a cada passo.

Quando saíram ao convés, foram recebidos pelo ar frio da manhã. Os tripulantes que haviam restado estavam mais ocupados do que nunca. Figgis continuava firme no leme, mantendo o *Turbilhão* em seu curso. Casper se achava a seu lado, observando Hector com um olhar de desconfiança.

“Nem o maldito pirralho confia em você, irmão.”

Hector levou Bethwyn até a balaustrada, longe do caminho da agitada tripulação, que ainda se dedicava em boa parte a limpar a gosma e o limo do chão. Os cadáveres das sereias foram arremessados do navio no fim da batalha, mas Vega esperou que se distanciassem um pouco para depositar seus mortos no fundo do mar.

— Sua mão — começou Bethwyn, segurando-se à balaustrada. — Ela está ferida?

— Como? — perguntou Hector, alarmado.

— Sua mão esquerda, eu a vi ontem à noite. Tem uma queimadura na palma, e bem grande. O que aconteceu?

— Ah, isso... — desconversou Hector, aflito. — Queimei em uma lamparina. Pois é, sou mesmo um desajeitado.

— Você deveria deixar alguém examinar isso.

— Não se preocupe — disse Hector. — Afinal de contas, sou um magíster. Não é nada que eu mesmo não possa resolver.

Ela balançou a cabeça, aparentemente aceitando a resposta. Parecia pálida — a exaustão e o terror haviam roubado o tom

corado de sua face. A tripulação começou a cantar, e os marujos prosseguiram em seu trabalho ao ritmo da canção. Hector deu uma espiada em Ringlin e Ibal na popa do navio, longe dos companheiros, esquivando-se de suas tarefas mais uma vez.

— Pensei que, depois de ontem à noite, ninguém mais fosse querer saber de cantar — comentou Bethwyn.

— Eles são mesmo durões, não? Acabaram de perder uma porção de companheiros horas atrás e já estão de novo na luta.

Hector tamborilou os dedos enluvados no gradil ao ritmo da canção, tentando parecer relaxado apesar da turbulência que sentia em seu íntimo.

— Vocês foram muito corajosas — falou por fim. — Se você e a rainha não tivessem agido como agiram, sabe-se lá o que seria de nós. Obrigado, Bethwyn.

— Na verdade, quem deveria agradecer sou eu, Hector. Foi você que deteve a sereia que tentou me matar, não foi? *Como fez aquilo?*

Hector abriu um sorrisinho nervoso.

— Não sei do que está falando.

— Eu vi o que aconteceu: você a estrangulou! Quebrou o pescoço dela, apesar de estar bem longe. Como isso é possível?

“Ela está de olho em nós, Hector. Já desvendou esse seu truque de me mandar fazer o trabalho sujo. Conte a ela sobre mim, irmão. Fale a respeito da mancha na sua mão...”

— Eu não estava tão longe assim, milady. Talvez tenha sido impressão sua...

— Sou capaz de jurar que você estava a vários metros de distância — insistiu ela, esfregando a testa.

— Também não me lembro com clareza do que aconteceu na noite passada. Em meio ao caos da batalha, fica difícil entender o que se passou, e as recordações acabam se tornando confusas.

Ele tomou coragem e pôs a mão sobre a dela na balaustrada, apertando-a com suavidade.

— Você está fora de perigo agora, milady. É isso o que importa.

Vega, Manfred e Amelie saíram da cabine. O capitão se dirigiu ao leme, e o duque e a rainha foram caminhando pelo convés.

“Se isso é cortejar alguém, então o fiz de maneira errada a vida toda”, ironizou o vil.

— Você já é a dama de companhia da rainha há muitos anos — disse Hector, sem soltar a mão de Bethwyn. — Não deseja ter a própria vida, longe das obrigações de sua função?

— Sou a confidente da rainha — retrucou a jovem Lince. — Fui designada como sua acompanhante, e agora, mais do que nunca, essa é a coisa mais importante da minha vida.

— E quanto tempo mais você pretende ficar com ela?

Ela se virou, intrigada, estreitando os olhos castanhos. Ele manteve a mão sobre a dela, e Bethwyn não fez a mínima menção de tirá-la dali.

— Por quanto tempo ela desejar. Em Highcliff, eu tinha uma série de obrigações: escrever cartas para a rainha, tocar música, esse tipo de coisa. Aqui, estou à disposição para o que ela quiser.

Hector balançou a cabeça.

— É muita nobreza de sua parte, Bethwyn. Seu pai e Robben devem ter orgulho de você.

— Apenas cumpro minha obrigação, Hector.

“Não seja ridículo, seu bobalhão. O que acha que ela vê em você? Um magricelo que só quer saber de livros e tem uma quedinha por magia negra...”

Hector pigarreou e respirou fundo. Seu coração parecia prestes a saltar do peito quando apertou a mão de Bethwyn outra vez.

— Eu gostaria de falar com o barão Mervin depois que a guerra terminar, milady.

— A respeito de quê?

— A respeito de sua mão, Lady Bethwyn.

Ela não esboçou nenhuma reação imediatamente, mas, quando registrou de fato o que tinha ouvido, uma expressão de choque apareceu em seu rosto, e ela puxou a mão para longe do alcance do toque dele. Hector ergueu a mão enluvada como quem se desculpa.

— Milady, sinto muito se minhas palavras foram inconvenientes!

“Seu paspalhão! Acha mesmo que é assim que se pede uma Werelady em casamento? É melhor voltar para os livros e pergaminhos, seu tolo!”

— É que fui pega de surpresa, milorde — respondeu ela, ofegante, levando as mãos ao colo. Bethwyn recuou um passo, as bochechas ardendo. Os grandes olhos castanhos fizeram de tudo para evitar os de Hector. Ele deu um passo à frente, aproximando-se dela.

— Milady... — começou, mas foi interrompido por uma resposta apressada da parte dela.

— Preciso voltar para junto da rainha. Mais uma vez, obrigada por sua gentileza ontem à noite, e também neste momento. Por ter me acompanhado. Obrigada. Um pouco de ar fresco...

Ela se interrompeu e saiu às pressas atrás da rainha, deixando Hector sozinho, encostado à balaustrada. Ele se virou e se agarrou ao gradil de madeira, sacudindo a cabeça. “Acho até que você se saiu bem!”

— Maldito seja você, Vincent! Pare com esse falatório!

“Tarde demais, irmão: já sou amaldiçoado.”

Hector abriu a mão esquerda e sentiu o couro da luva emitir um ruído ao esticar os dedos. Sua cabeça estava a ponto de estourar, uma dor de fazer explodir as têmporas. Sentiu a raiva crescer dentro de si, ameaçando vir à tona em um acesso de fúria: raiva de sua situação, de Vega, de Bethwyn e de suas infelizes tentativas de conquistá-la.

Hector fechou a mão com força, e apenas seus olhos viram a fumaça negra ao redor quando apertou a garganta de Vincent.

— Cuidado com a língua, vil. Não se esqueça do controle que exerço sobre você. A sereia de ontem à noite foi só um lembrete. Você é meu, Vincent; está a meu dispor, como e quando eu desejar!

Hector esperou pela resposta irônica do vil, que não veio. Manteve o punho cerrado e esmurrou a balaustrada ao fechar os olhos, deixando a cabeça pender amargamente sobre o peito.

Do tombadilho onde se encontrava, o conde Vega observou o acesso de raiva do Boarlord de Redmire. Ele fez uma careta ao ver Hector esbravejando e rosnando enquanto mantinha uma acalorada discussão consigo mesmo. Vega ficou preocupado com o magíster, considerando tudo por que tinha passado — e continuava passando. Sabia que Hector tinha um bom coração, e intimamente desejou que o jovem se mantivesse longe do caminho das sombras.

Casper, o camareiro, entregou um cálice ao almirante. Vega o aceitou com um sorriso, mandando o primeiro conhaque do dia garganta adentro. Guardou uma das garrafas encontradas no *Trovão Retumbante* para si, e o restante deixou nas mãos do cozinheiro. Os rapazes com certeza precisavam de uma dose em um momento como aquele — um regalo merecido, tendo em vista os horrores enfrentados na noite anterior.

— Capitão — chamou o menino, posicionado ao lado do conde.

— O que foi, garoto? — perguntou Vega, voltando sua atenção para ele.

— Ontem à noite, aquelas sereias... Eu vi o que aconteceu.

Vega pôs a mão no cabelo do menino e o bagunçou de modo brincalhão.

— Viu o quê, garoto?

Casper olhou para o outro lado do convés. Vega seguiu seu olhar e viu que se voltava para o furioso Boarlord.

— Vi o que ele fez com aquela criatura.

O bom humor de Vega se perdeu em um instante. Ele se agachou até a altura do menino para encará-lo. Casper parecia estar em choque, morrendo de medo. Quando Vega abriu a boca de novo, a voz saiu em um sussurro:

— O que foi que você viu?

— O modo como ele a matou não me pareceu natural. A mão dele, capitão: ele tem uma mão preta. Juro por Sosha, aquilo foi magia negra. Tenho medo desse magíster.

— Então fique sempre perto de mim, garoto — respondeu o Wereshark. O menino abriu um sorriso apreensivo para Vega, seu capitão, seu herói, seu tudo na vida. O conde afastou a franja que cobria o rosto de Casper. — Fique sempre perto de mim.



PARTE III

O fogo da Fornalha



1

A batalha das feras

A plateia já tinha desfrutado de seu banho de sangue. Cinquenta gladiadores entraram na Fornalha, e apenas 25 saíram vivos. Os apetites estavam todos saciados. Cavaleiros duelaram sobre montarias, pugilistas se enfrentaram com as mãos nuas, arqueiros alvejaram oponentes com suas flechas, e lanceiros atingiram inimigos com dardos mortais. Espadas, cimitarras, machados e tridentes se chocaram sobre o solo vulcânico, e membros e cabeças foram decepados e erguidos como troféus. Os *bestiari*, especialistas em lutas contra animais, encararam Leões, Ursos, Lobos e Chacais. O enfrentamento mais cruel foi o de dois criminosos condenados: um armado, porém vendado; o outro desarmado, mas enxergando tudo o que acontecia. No fim das contas, a venda nos olhos acabou se mostrando uma tremenda desvantagem. Os scorianos ficaram em silêncio quando Lord Ignus apareceu em sua tribuna.

— Povo de Scoria, proporciono a vocês um raro deleite. Estou disposto a oferecer à montanha de fogo o mais generoso dos presentes: meus transmorfos, vindos de todos os cantos do mundo. Todos viram a Lua Sangrenta ontem à noite, assinalando a necessidade de um sacrifício. Os gladiadores que aqui tombaram

hoje saciaram em certa medida a sede da montanha, mas ela ainda quer mais. Precisamos honrar Scoria com o melhor que temos a oferecer. Minhas Oito Maravilhas entrarão na Fornalha. A luta será decretada como encerrada quando restarem apenas cinco.

Ele apontou com a mão para a arena logo abaixo, a pele besuntada de óleo brilhando sob o sol.

— Contemplem a batalha das feras!

Oito portões de ferro rangeram e se abriram ao redor da Fornalha, cada qual lançando uma nuvem de poeira ao centro da arena. Os gladiadores transmorfos saíram das jaulas. Ignus bateu palmas, virando-se para os nobres e Lizardlords acomodados na tribuna de honra. Ele havia acabado de testemunhar a mais recente aquisição enfrentar a maior luta de sua vida — Djogo saíra vencedor de sua batalha contra Obliss de Ro-Shann e seu tridente. Por outro lado, não havia nem sinal do Goatlord. Ignus desconfiava que Kessler ainda estivesse aborrecido pela humilhação que sofrera.

Drew estreitou os olhos para enxergar em meio à poeira e ter uma visão panorâmica da Fornalha. Havia se encontrado com Djogo pouco antes, quando o gladiador se retirava da arena, e os dois trocaram olhares. Drew avançou quando a poeira baixou, encarando os demais combatentes. Beemote saiu do portão diretamente à frente. De um lado, apareceram Arik e Balk, os Wereapes, logo se juntando em um par. Entre Drew e os irmãos estava Taboo, aquecendo-se para a batalha. Do outro lado encontrava-se Krieg, o Rinoceronte, flanqueado pela figura magra e esguia de Drake. O Wercrocodile parecia ser o mais tranquilo dos guerreiros, observando distraidamente a plateia ao redor. Por fim, entre Drake e Beemote, via-se Stamm, o Búfalo, sacudindo o pó da cabeleira. Drew se perguntou se alguém seguiria seu exemplo.

Nenhum dos Werelords estava armado. Graças a um desígnio cruel imposto por Ignus, deveriam usar apenas dentes, garras e seus poderes transmorfos para superar os adversários. Apenas

Drew recebeu permissão para manter o tridente afixado ao braço decepado. Drew torcia para não ter que enfrentar Beemote em uma luta. O gigante pareceu receptivo à ideia da rebelião, mas isso fora no dia anterior. Ali, no calor da arena, nada era garantido. A batalha fatalmente iria acontecer, e separaria os que estavam a favor de Drew daqueles que estavam contra ele. Arik e Balk eram inimigos declarados, mas quanto a Drake e Taboo ainda pairavam dúvidas.

Então o enfrentamento teve início.

Tudo aconteceu bem rápido, e os dois irmãos foram o estopim. Agindo conforme Drew imaginava, os Apelords não perderam tempo, partindo para cima de Taboo como alvo prioritário. Transformaram-se em pleno bote — os antebraços engrossaram, as costas se expandiram, e pelos acinzentados emergiram da pele. Em uma fração de segundo, os dois irmãos cercaram a jovem e escancararam a boca para mostrar as presas enormes e mortais.

Taboo estava preparada para o ataque. Ela chutou o chão, levantando poeira para lhe prover cobertura. Quando Arik lançou sua mão gigantesca contra ela, a jovem não estava mais lá. Ela desferiu um chute alto com o pé munido de garras, atingindo e rasgando a carne do ombro do Símio, fazendo-o cambalear para trás. Quando o punho de Balk cruzou o ar na direção onde imaginava estar sua oponente, Taboo saiu rolando pela areia, transformada, as listras pretas reluzindo sobre a pelagem cor de laranja. A Weretiger grunhiu, mostrando que não temia os brutamontes.

Drew se virou bem a tempo de ver a enorme cabeça de Krieg avançando em sua direção. O Rinoceronte já estava transformado, com a cabeça baixa e os ombros protegidos por uma grossa carapaça. Agarrando seu enorme chifre, Drew foi atingido pelo ombro do Rinoceronte em alta velocidade. O impacto foi colossal e produziu dor intensa. Drew foi catapultado no ar, bateu com as

costas contra o portão e caiu na poeira. Sem fôlego, lutava para conseguir respirar.

Rolou para o lado, ainda sem ar, e viu Krieg investir novamente contra ele, mas de outro ângulo. A cabeça era sua grande arma, e Drew sentiu o chão tremer quando o Rinoceronte partiu em sua direção.

— Krieg! — gritou ele, recuperando o fôlego. — O que está fazendo? Nós podemos lutar *lado a lado*!

— Não vai dar certo, garoto! — Krieg falou, bufando enquanto avançava. — Melhor deixar que eu acabe logo com você e termine com isso o quanto antes. Três de nós precisam morrer, e não vou ser um deles!

Drew não queria lutar contra Krieg. Ele o tinha como aliado, mas estava enganado. Drew invocou o Lobo, e a transformação foi rápida. Deu um salto, impulsionado por suas poderosas pernas lupinas, cravando as garras no chão para melhor aderência. O tridente estava fixo com firmeza em seu braço, as unhas da mão direita à mostra. Os olhos amarelados brilharam quando ele escancarou a boca para mostrar os dentes. Rosnou ameaçadoramente para Krieg.

A plateia delirou quando Drew se transformou, mas, ignorando os gritos, ele mantinha sua atenção voltada para o Rinoceronte. Com a cabeça, os ombros e as costas protegidos pela carapaça, Krieg se lançava à batalha com uma confiança que poucos transmorfos possuíam.

O tridente de Drew se chocou contra o chifre do oponente, irradiando uma onda de choque por seu braço. Saltou para o lado ao ver a fera avançando para o centro da Fornalha, usando sua garra contra a lateral do corpo do Rinoceronte. Drew sentiu o oponente escapar por seus dedos — suas garras eram incapazes de penetrar a pele grossa e resistente de Krieg.

O Rinoceronte era muito maior que o Lobo, mas Drew compensava essa diferença com sua agilidade. Preparou-se para a investida seguinte de Krieg da mesma forma, brandindo o braço com o tridente em sua defesa. No último momento, porém, quando Krieg já estava bem próximo, Drew deu um salto no ar e, com uma pirueta, aterrissou sobre os ombros do Rinoceronte. Krieg bufou, sacudiu a cabeça e continuou a correr, adquirindo uma velocidade cada vez maior. Drew segurou firme, envolvendo a garganta do Rinoceronte com os braços.

Krieg olhou para cima, e, quando se deu conta, a parede da arena já estava próxima demais. Sentiu os pés de Drew se cravando na carapaça de suas costas e tomando impulso para saltar, e tentou inutilmente reduzir a velocidade. O Rinoceronte se espatifou contra o muro com um baque assustador, provocando uma chuva de pedras e detritos enquanto o corpo desabava sobre o chão da Fornalha.

Drew aterrissou suavemente, olhando ao redor da arena, onde outras batalhas se desenrolavam. Taboo agora contava com a ajuda de Stamm em sua refrega contra os Símios. Drake, o crocodilo, tentava encurralar Beemote, que também já estava transformado. Drew ficou impressionado com aquela visão.

Quando criança ouvira falar sobre os mamutes, criaturas gigantescas originárias de Bast, mas imaginou se tratar de uma lenda, assim como os dragões. Os animais em que outros transformos se tornavam — crocodilo, rinoceronte, macaco e búfalo —, ele era capaz de compreender. O Weremammoth, por outro lado, era algo sem paralelo para Drew. Era monstruosamente imponente — com o dobro de sua altura e pernas parecidas com aríetes, Beemote dominava tudo ao redor. Os punhos gigantescos se lançavam no ar, por pouco não atingindo seu oponente. As orelhas enormes chacoalhavam de um lado a outro na enorme cabeça, e duas presas curvas de marfim escapavam-lhe da boca.

Um braço grosso como um tronco de árvore atingiu o focinho de Drake, arremessando o Werecrocodile a longa distância.

Os Símios eram brutais. As costas cinzentas e musculosas impulsionavam os braços poderosos na direção do inimigo. Enquanto Stamm parecia capaz de deter Arik, Taboo não se saía tão bem contra Balk — não conseguia se esquivar dos golpes incessantes do Wereape e vinha sendo atingida com uma frequência preocupante.

Analisando o campo de batalha, Drew elegeu seu oponente.

Com saltos velozes, ele arremeteu contra Balk, atingindo-o no meio das costas, e os dois foram ao chão.

— O Cachorro! — provocou o Símio. — A Gata pode esperar! Vamos ver de que cor é o seu sangue!

Drew não respondeu e se encolheu para escapar do alcance dos braços fortes do Símio. Partir para um combate corpo a corpo com aquele monstro fora um erro. Balk o mordeu no ombro. Drew rosnou e cravou os dentes na lateral do rosto do Símio. Uma orelha preta foi arrancada com o som brutal de carne se rasgando. Cambaleando, Balk se afastou, levando uma das mãos ao ferimento.

— O seu pelo jeito é vermelho — provocou o Lobo, já se preparando para o ataque seguinte.

Foi quando sentiu um braço se enganchar na garganta por trás, e os músculos de Arik se flexionando enquanto tentava estrangulá-lo. “Pensei que ele estivesse ocupado com Stamm!” Drew sentiu a cabeça latejar conforme o sangue tentava passar pelas artérias comprimidas.

Balk estava prestes a se juntar ao ataque quando foi atingido no queixo por um chute voador de Taboo, que fez sua cabeça ser arremessada brutalmente para trás. Dentes voaram enquanto a Tigresa aterrissava, ofegante. O Símio partiu em sua direção, ignorando a luta do irmão contra o Lobo.

Drew estava em estado letárgico, prestes a desmaiar. Com um safanão de puro desespero, desvencilhou o braço esquerdo de Arik e cravou as garras do tridente no antebraço do Símio. A fera rugiu, soltando o pescoço do Lobo quando o tridente saiu arrancando tiras de carne de seu corpo. O Símio enfurecido golpeou as costas de Drew com a outra mão, arremessando-o ao chão. Ele rolou para o lado bem a tempo de ver Arik prestes a atacá-lo com os dois braços unidos como uma marreta.

Foi quando, inesperadamente, os chifres de Stamm, o Búfalo, chocaram-se com violência contra as costas de Arik, fazendo que ambos os Werelords fossem ao chão ao lado do atordoado Drew. Ele pôde ver o estrago que os Símios haviam feito em Stamm, que tinha um dos braços quebrado, pendendo inerte na lateral do corpo, além de feridas abertas no tronco. Balk voltava na direção deles, mas ainda se achava um pouco distante, e Drew notou que Taboo estava caída, imóvel.

Agarrando os chifres curvados de Stamm, Balk ergueu a cabeça do Búfalo, deixando seu pescoço exposto. Levantando-se do chão, Arik escancarou as mandíbulas e abocanhou o pescoço de Stamm. Drew notou o olhar de desespero nos olhos de Stamm enquanto seu pescoço era dilacerado.

Drew ficou de pé em um salto, o coração tomado pela raiva. Sua interação com Stamm se limitava ao pouco contato que tinham na *ludus*, mas a ajuda que o Búfalo lhe oferecera na luta havia sido valiosa demais para não ser retribuída. Balk ainda tentou deter Drew, mas o Lobo não recuou. Levou três e depois quatro socos enquanto afastava o Símio de Stamm, e o Búfalo caiu em cima de Arik. Quando o quinto soco passou voando, Drew abriu a boca e cravou os dentes no punho fechado de Balk. Ossos, articulações e tendões se partiram de imediato quando suas mandíbulas se fecharam.

Balk deu um berro, tentando abrir a boca do Lobo com a outra mão, mas os dentes de Drew só se separaram para arrancar quatro dedos gordos com uma segunda mordida. O Símio ensanguentado foi ao chão, tentando atingir o Lobo com os pés, mas Drew foi mais ágil, imobilizando o queixo de Balk com as garras do tridente. A fera tentou agarrá-lo com as mãos quebradas e dilaceradas, mas a posição de Drew estava bem consolidada. Ele ergueu uma das pernas e deixou o pé descer com força sobre o peito de Balk. Um som violento de ossos esmagados reverberou acima do ruído do combate na Fornalha, atraindo as atenções para o Wereape sem vida no chão.

Drew se virou e viu Arik lutando para sair de debaixo do corpo inerte do Búfalo e soltando um uivo de desespero ao testemunhar a morte do irmão. O Símio deu um salto bem alto, assomando na frente do sol enquanto avançava pelos ares em direção a Drew.

O Werewolf já se preparava para receber o impacto, mas o golpe esperado não veio de cima, e sim pelo flanco — Drew foi empurrado para fora do caminho do ataque de Arik. Krieg acabou ficando em seu lugar, absorvendo o golpe do Símio. Os dois foram ao chão. Arik aterrissou sobre Krieg com um baque seco, fazendo uma nuvem de poeira avermelhada subir pelos ares. Contudo o combate entre o Símio e o Rinoceronte já estava terminado. Quando a poeira baixou, Drew pôde ver o chifre enorme de Krieg transpassando as costas do Wereape. Krieg o arrancou de cima de si, lançando o cadáver de Arik sobre o chão ensanguentado.

— Obrigado — murmurou Drew, abraçando Krieg.

Taboo se aproximou dos dois, ferida, mas não fora de combate. A plateia sedenta de sangue delirava de excitação. Ignorando a multidão de espectadores, os três transmorfos atravessaram a Fornalha na direção dos dois que ainda lutavam.

Beemote e Drake trocavam golpes, mas sem infligir nenhum dano mais sério um ao outro. O combate se desenrolava bem abaixo da

tribuna do palácio, embora todos os olhos estivessem, até então, voltados para a batalha de Drew.

— Basta! — gritou Ignus. — Já temos nossos vencedores!

Drake e Beemote interromperam a refrega quando Drew se aproximou deles, seguido de perto por Krieg e Taboo.

— A montanha de fogo já foi apaziguada! — anunciou Ignus, e a plateia vibrou. — Nossa bênção foi renovada por mais um ano; a morte gloriosa desses nobres Werelords saciou o apetite de Scoria!

O Lizardlord estava tão ocupado com a própria atuação para a plateia que nem prestou atenção na movimentação dos cinco transmorfos logo abaixo. Drew ficou frente a frente com Beemote e acenou para ele com a cabeça.

— Tem certeza? — perguntou o Weremammoth.

Drew abriu um sorriso preocupado. Beemote baixou a cabeça, permitindo que Drew se posicionasse sobre as presas.

— Hoje a Fornalha testemunhou o maior torneio que Scoria já viu! — continuou Ignus, abrindo os braços e caprichando na oratória. — A montanha de fogo já teve sua cota de sangue, tanto de humanos como de transmorfos!

O Weremammoth balançou a cabeça, arremessando Drew pelos ares. O licantropo ainda tomou impulso com as pernas antes de ser lançado, a fim de ganhar maior velocidade para chegar à tribuna.

— Ainda não! — gritou ele, aterrissando na plataforma suspensa com elegância e uma expressão de determinação tão feroz que provocou um coro de gritos frenéticos. — Sua montanha de fogo ainda está sedenta!



2

Virando o jogo

Os convidados presentes à tribuna fugiram apavorados quando viram o Lobo da Westland de pé diante deles. Os guardas do palácio partiram em seu socorro, ajudando-os a saltar sobre a mesa de pedra na qual era servido o banquete. Pratos e taças se partiram, arremessados ao chão pelos pés descalços dos ricos e poderosos de Scoria. Os soldados se espalharam pelo local, tentando antecipar os movimentos do Lobo, mas Drew tinha um alvo muito bem definido, e foi diretamente de encontro a Lord Ignus, que por sua vez já se transformava. O Lizardlord se livrou da túnica enquanto seu pescoço inchava, esticava e se contorcia. A boca se abriu, a pele assumiu um tom esverdeado, as garras negras surgiram em seus dedos, e uma cauda reptiliana apareceu às costas. O pânico cresceu ainda mais na tribuna quando Drake apareceu para se juntar à refrega, logo seguido por Taboo.

Mais abaixo, os portões da Fornalha foram abertos. Os gladiadores humanos de Scoria então saíram, carregando pedaços de pau, escadas e quaisquer coisas mais que pudessem ajudá-los a escalar as paredes da arena. Dentro das muralhas do coliseu, o caos também se estabeleceu, pois havia quem buscasse outras rotas de

fuga. As portas das jaulas que os mantinham aprisionados foram misteriosamente abertas, e os cativos não hesitavam em passar por cima de qualquer guarda que lhes cruzasse o caminho. As feras selvagens também estavam soltas pelos corredores que cercavam a arena. Soldados e civis pereciam sob suas garras sem nenhuma distinção. A rebelião tinha pegado os scorianos de surpresa.

Drake e Taboo atingiam os soldados com facilidade, desviando-se das lanças, preenchendo o ar com uma fina névoa vermelha. Acostumados a lidar apenas com escravos algemados, os guardas não eram capazes de deter os guerreiros transmorfos. Assim, não demorou muito para que Drew estivesse frente a frente com o Lizardlord.

— Onde está Kessler? — perguntou Drew, os dentes cerrados, para Ignus, banhado no vapor sulfuroso que escapava do chão. Depois da transformação, os olhos pareciam maiores do que nunca, e os finos lábios entreabertos exibiam dentes afiadíssimos.

— Isso não lhe diz respeito, Lobo! Se ainda tiver algum juízo, sugiro que ponha de volta sua coleira agora mesmo!

Os três irmãos Lagartos de Ignus surgiram em meio à névoa amarelada que o cercava. Nenhum deles parecia preparado fisicamente para a luta como Drew e os companheiros. Os Lagartos de Scoria haviam se acostumado a uma vida de luxo e glotonaria, saciando à vontade todos os seus apetites. Um deles era alto e esquelético, em contraste com o irmão mais gordo que estava a seu lado. O terceiro era pesadíssimo e tinha pernas atarracadas, e a silhueta de Ignus, seu glorioso líder, deixava bem claro que já estava habituado demais a que outros lutassem suas batalhas por ele.

Os quatro Lagartos avançaram sobre Drew em uma ofensiva desajeitada. “Não era bem isso que eu esperava”, pensou Drew, saltando sobre a cabeça deles e deixando que mergulhassem sobre a mesa de pedra. Aterrissou em cima da grade, logo atrás do mais

lento dos irmãos. O Lobo ergueu o pé, cravou a garra nos músculos da coxa do pesado Lagarto e rasgou seus tendões com um safanão, deixando-o fora de combate.

“Agora só faltam três.”

O mais gordo dos Lagartos saltou da mesa diretamente para cima de Drew, mas o Werewolf já estava à sua espera e conseguiu detê-lo com os pés, encolhendo os joelhos até o pescoço. A boca da criatura chegou a milímetros do rosto do Lobo, e as mãos escamosas conseguiram lhe agarrar o pescoço. A grade rangeu e envergou sob o peso dos dois. Drew rosnou e o empurrou violentamente com as pernas, arremessando o gordo Lizardlord com olhos arregalados da tribuna.

“Dois já foram. Ainda restam dois.”

Drew saiu de cima da grade com um salto e aterrissou diante do trono de pedra. Ignus e seu último irmão se separaram, e o magricelo apanhou uma lança de prata das mãos de um guarda caído.

— Já faz tempo que não mato um transmorfo — provocou o Lagarto, e Ignus abriu um sorriso a seu lado.

— Quem me dera poder dizer o mesmo — rebateu Drew.

O Lagarto avançou, mas Drew desviou a trajetória da lança com o tridente. O réptil tentou um segundo ataque, e Drew se esquivou novamente. Rosnando, o Lagarto firmou o peso do corpo atrás da lança, mirando o peito do Lobo. Drew apanhou a lança com a estrutura do tridente, detendo sua trajetória. Seu adversário pareceu perplexo quando ele cravou os dentes no cabo de madeira, partindo a arma ao meio. Antes que pudesse reagir, o Lobo fincou a ponta da lança no peito do Lagarto, que ainda se agarrava à outra metade da arma partida quando seu sangue jorrou.

“E agora só sobrou um.”

Ignus gritou pela ajuda de seus homens, mas estavam todos ocupados com os outros gladiadores transmorfos. Apesar de

portarem armas de prata, nenhum deles era páreo para guerreiros experientes como Taboo e Drake. A pilha de corpos scorianos crescia sem parar.

Por um momento Drew pensou em oferecer uma chance de rendição a Ignus, para pôr fim ao banho de sangue, mas não houve tempo para isso. Ignus se agachou, prescreveu um giro completo com o corpo e projetou a cauda na direção de Drew, dando-lhe uma rasteira. O Lobo cambaleou para trás e caiu sobre o trono. Antes que pudesse se levantar, Ignus saltou sobre ele, prendendo-o ao assento.

O Lobo lutava para escapar de Ignus, mas as garras curvas do rival estavam cravadas em seus braços, mantendo-o imobilizado. Cerrou os dentes bem perto do rosto reptiliano de Ignus, que abriu um sorriso enorme com os lábios finos. O Lord de Scoria usou a cabeça como marreta, chocando-se com toda a força contra o focinho de Drew e deixando-o atordoado. Ele notou que a boca do Lagarto se abria, que as mandíbulas se separavam, mas nada podia fazer para detê-lo.

Foi envolvido pela escuridão, vendo-se preso em um mundo quente, úmido e pavoroso. Aterrado, Drew percebeu que sua cabeça estava na garganta do Lizardlord. Tentou se desvencilhar, usando os dentes para ferir o monstro por dentro, mas a pressão da boca do Lagarto era firme e poderosa demais. Drew era capaz de sentir o cheiro dos sucos gástricos de Ignus, um aroma nauseante e insuportável de bactérias e tecidos infectos. O monstro tentava asfixiá-lo, e estava a um passo de conseguir.

Os pés de Drew se agitavam junto à base do trono, tentando obter apoio no chão polido de pedra. As garras de seu pé encontraram uma fenda. Usando toda a sua força, cravou o pé no chão e estendeu as pernas. Lentamente, o trono de pedra começou a ceder. A cada empurrão, parecia mais propenso a tombar. Sentiu a língua do Lagarto roçar seus dentes cerrados. Com uma última

arremetida, o trono voou para trás, batendo contra a parede antes de se projetar para a frente, catapultando tanto o Lobo como o Lagarto do assento.

Eles foram ao chão, e a grade de ferro envergou mais um pouco. Os braços de Drew estavam livres de novo, e ele cravou o tridente no tronco de Ignus e o esmurrou com a mão. O Lagarto tossiu e engasgou, expelindo a cabeça do Werewolf da garganta inchada. Drew tirou a saliva do Werelord reptiliano dos olhos ainda a tempo de ver o trono oscilar na direção deles, ameaçando cair do pedestal.

O Lobo rolou para o chão de pedra, e o trono desabou sobre Ignus com um baque surdo de ossos esmagados e um rangido de metal contra metal quando a grade se soltou dos batentes. O Lagarto, seu trono e a grade retorcida desapareceram no poço sulfuroso, e o ruído do metal contra a rocha se misturou aos berros de Ignus quando o Lord de Scoria encontrou seu destino.

A fumaça negra se espalhava pelo palácio dos Lizardlords, e o fogo consumia as entranhas da *ludus*, absolutamente fora de controle. Os corredores que contornavam a Fornalha eram o cenário de uma carnificina, e o som das batalhas ainda ecoava por suas paredes. Um leão enorme estava no topo de uma pilha de corpos, mastigando um cadáver como se recompensasse a si mesmo por uma caçada na selva. Os gritos reverberavam por toda parte enquanto o coliseu ardia em chamas.

Drew e seus companheiros saíram à luz do sol. O ar era quente e seco, bem diferente da umidade escaldante e tóxica da sala do trono. Drew sentiu seu suor evaporar quase imediatamente. Olhou para Taboo e Drake a seu lado, já retomando a forma humana. Os três estavam bastante feridos, mas a maior parte das lesões era superficial.

Continuaram a se afastar do palácio incendiado e suas superfícies brancas e pretas que estalavam e rachavam à medida que o fogo tomava conta. Pedços enormes da cobertura de terracota

desabaram, espatifando-se na arena, e a própria estrutura do coliseu ameaçava entrar em colapso. Os sobreviventes da batalha, uma multidão de gladiadores e escravos, reuniram-se em torno do portão da muralha no topo da Escadaria Negra.

— Amigos, estávamos com medo de que não tivessem conseguido escapar da Fornalha!

Krieg sorriu ao cumprimentá-los. A seu lado estavam Beemote e aproximadamente cem outros guerreiros.

— É a primeira vez que vejo você sorrir — comentou Drew, apertando a mão do Rhinolord em uma saudação calorosa e sincera. Drew olhou para Beemote e o cumprimentou com um aceno de cabeça respeitoso. — Obrigado. Não teríamos conseguido nada sem sua ajuda.

— Não teríamos conseguido nada sem a ajuda de outras pessoas também — acrescentou Beemote, virando-se de lado para que outras três figuras pudessem se aproximar.

Shah estava lá, de braço dado com Griffyn, o velho treinador. Nesse momento, Drew pôde notar a semelhança entre os dois, o mesmo formato de nariz e o osso das maçãs do rosto pronunciado.

— É seu avô?

— Meu pai.

Drew ficou surpreso. Considerava haver uma diferença de no mínimo sessenta anos entre o velho e sua filha. Era difícil até imaginar como a vida do treinador havia sido dura sob o jugo de Ignus.

— Você se arriscou um bocado abrindo os portões da casa dos gladiadores, Shah. Se Ignus ou Kessler descobrissem seu envolvimento, você estaria morta agora.

— É uma coisa curiosa como a atitude de um pode inspirar a dos demais, Drew da Dyrewood — respondeu ela, sorrindo ao olhar para o outro homem a seu lado. O guerreiro caolho encarou Drew.

— Vamos, Lobo — disse Djogo. — Precisamos mandar você de volta para a Lyssia.



3

A Ilha Branca

O fato teria passado despercebido não fosse o olho atento de Casper, o camareiro, empoleirado no cesto da gávea do *Turbilhão*. O conde Vega sacou a luneta retrátil para poder ver melhor a ilha — uma pilha de rochas brancas e secas que emergiam das águas cinzentas. Nada digno de nota; pareciam ossos de uma carcaça no meio do Mar Sturmiano, os restos de um leviatã morto muito tempo antes.

— É terra firme mesmo — concluiu Vega —, mas até em cemitérios existem mais criaturas vivas do que aí.

— Não podemos desembarcar, nem por um tempinho? — questionou o barão Hector.

Vega encarou o Boarlord como se estivesse diante da criatura mais absurda do mundo.

— E por que faríamos isso?

— Você e os seus homens já estão mais do que acostumados à vida no mar, Vega. Mas não se esqueça de que eu, Manfred e as damas somos *marinheiros de primeira viagem*, como sua tripulação faz questão de dizer o tempo todo — Hector falou e sorriu. — Sentir

a terra firme sob os pés seria um interlúdio muito bem-vindo à nossa jornada.

Vega coçou o queixo e olhou para Manfred.

— Você também acha isso?

O duque tombou a cabeça para o lado.

— Para ser bem sincero, prefiro continuar a viagem até chegarmos ao continente. Quanto mais navegamos nestas águas pútridas, mais inseguro eu me sinto. Ficar por aqui só vai oferecer a Ghul e Slotha mais uma oportunidade para nos alcançar.

Hector se virou para o Staglord, abrindo a mão enluvada para mostrar que sabia o que falava.

— Mas Vega disse *também* que precisamos estabelecer uma nova rota, calcular nossa posição. Que lugar melhor para isso do que a terra firme? Não se preocupe com nossos inimigos. Qualquer um que se enfiar naquela neblina verde vai ter um tremendo trabalho para chegar até nós. Além disso, precisamos pensar na rainha Amelie e em Lady Bethwyn. Não seria uma boa distração, apesar de breve, no meio de uma jornada tão difícil?

O duque olhou por cima do ombro, como se a rainha estivesse prestes a aparecer a qualquer momento. Coçou o queixo com a barba por fazer.

— Acho que nisso Hector tem razão.

— Pois é — disse Hector, sorrindo e batendo as mãos. — Então está combinado. Vamos parar um pouco para recuperar o fôlego. Ora, que mal isso pode fazer?

Hector ouviu uma batida à porta da cabine. Correu para esconder com o cobertor a bolsa que estava sobre o leito.

— Entre.

Quando a porta se abriu, quem apareceu foi a figura esguia de Ringlin, que precisou se abaixar para passar.

— Feche a porta — pediu Hector, e esperou que ele o fizesse antes de tirar o cobertor. O membro da Guarda Javalina espiou por cima do ombro do magíster, observando enquanto Hector arrumava a bolsa. Sem as luvas, o Boarlord apanhava garrafas e jarros de cima do tapete rústico, fazendo os vidros tilintar enquanto os dedos recolhiam com pressa as coisas das quais precisava. Havia também a caixinha estreita de mogno que continha a flecha de prata que Bergan lhe dera em Highcliff. As mãos de Hector roçaram de leve o candelabro negro, sentindo a textura da cera ali grudada, antes de jogá-lo de volta na bolsa.

— É bastante coisa para quem está indo só esticar as pernas, milorde — observou Ringlin, malicioso.

— Se estivéssemos indo para essa ilha a fim de obter provisões, não iria desejar sua companhia, Ringlin.

O homem abriu um sorriso.

— Ibal também já está pronto?

— Sim, milorde. Está no convés, tomando as providências para que nós três embarquemos no mesmo bote.

— Ótimo — falou Hector, travando os fechos da bolsa e jogando-a sobre o ombro. Quando fez menção de passar por Ringlin, o grandalhão pôs a mão em seu peito e o deteve. Hector fechou a cara imediatamente.

— As suas mãos, milorde — lembrou o membro da Guarda Javalina.

Hector olhou para o leito e viu as luvas pretas sobre o travesseiro. Abriu um sorriso nervoso e apanhou as luvas. Enquanto as colocava, Ringlin observou que a cicatriz negra já cobria quase toda a superfície da palma de sua mão.

— Lá na ilha — disse Hector, com a mão na maçaneta da porta —, você e Ibal não vão sair de perto de mim. Vocês vão ser meus olhos e ouvidos, se for necessário.

— Não entendi.

— Logo vai entender — garantiu o magíster antes de abrir a porta.

Dois botes a remo se afastavam do *Turbilhão* ao pôr do sol — o navio ficou ancorado a uma distância segura da Ilha Branca. Vega estava no primeiro, acompanhado de Manfred, Amelie e Bethwyn, enquanto seis homens remavam na direção da formação rochosa. Atrás vinha o bote de Hector, com Ringlin e Ibal ajudando nos remos.

“Muito esperto, irmão”, sussurrou o vil. “Agora, sim, eles estão dançando conforme a sua música. Você está ficando bom nisso.”

Hector estava sentado perto da popa, abraçado aos joelhos, a bolsa no colo e os braços a protegê-la. Os homens estavam ocupados demais remando para ouvi-lo murmurar consigo mesmo.

— Nada disso. A minha sugestão foi bem-vinda, só isso. Esticar as pernas em terra firme é sempre uma boa ideia.

“Mas esticar as pernas *nessa* terra firme, irmão? Por que não disse nada a eles sobre a voz? Está com medo de que pensem que você enlouqueceu?”

Hector ouvira uma voz nas duas noites anteriores, chamando-o através das águas, atraindo-o para a Ilha Branca. Ele ficou tenso ao se recordar da sensação. Voz não era a palavra adequada para descrever aquilo, já que não havia nenhuma palavra reconhecível naquela espécie de chamado. Estava mais para uma série de imagens se projetando em sua mente, sensações e fragmentos de conhecimento torturantemente intangíveis. A mensagem vinha em um idioma estranho e arcaico, mas de algum modo Hector o reconhecia. Em seu íntimo, sabia que aquele chamado guardava a resposta para uma infinidade de questões, algo que o magíster jamais encontraria em livros e pergaminhos. Tinha a ver com a evocação dos mortos, disso estava certo, uma telepatia similar à que o ligava a Vincent. Porém, havia um grande poder por trás

daquilo tudo — era um chamado que prometia algo. Hector só precisava descobrir o quê.

— E por acaso é loucura buscar respostas para as próprias perguntas?

“Talvez, caso isso signifique colocar as pessoas de quem você gosta em perigo, irmão. Mas quem sou eu para dizer? Sou apenas um espírito maligno que foi mandado até aqui para atormentá-lo. Consciência pesada não tem nada a ver comigo. Essa parte, eu deixo para você...”

Os botes se aproximaram. As pedras se erguiam em direção ao céu em ângulos estranhos, esgueirando-se para cima como ossos pontudos. A ilha devia ter mais ou menos oitocentos metros de comprimento, e em seu ponto mais elevado — uma espécie de pirâmide rochosa sem nenhuma vegetação — talvez chegasse a trinta metros de altura. Enquanto os barcos procuravam um lugar para atracar, os marujos tiveram que tomar cuidado com as pedras submersas, bem difíceis de enxergar da superfície. Caso o *Turbilhão* tivesse chegado mais perto, aquelas armadilhas ocultas poderiam ter aberto um buraco no casco.

Uma evidência disso eram os destroços de um navio naufragado que a tripulação acabara de avistar. A embarcação estava tombada para o lado, os mastros quebrados caídos sobre as pedras e uma abertura enorme no fundo, causada pelo açoite constante das ondas. Logo adiante do naufrágio, os homens avistaram uma praia pedregosa e razoavelmente extensa, de mais ou menos cinquenta metros, que parecia o lugar perfeito para desembarcar.

Hector sentiu o chamado mais uma vez, uma língua estrangeira carregada de magia ancestral, que o atraía cada vez mais. Observou os tripulantes e estudou a reação deles, pois estava convencido de que todos seriam capazes de ouvir aquilo. Os marujos, no entanto, limitavam-se a remar, ignorando a mensagem, que aparentemente só era audível para o magíster. Quando o

primeiro bote chegou à praia, Vega saltou da proa e aterrissou no chão de cascalho. Nesse exato momento, Hector sentiu uma dor aguda atrás dos olhos, como se uma lâmina tivesse se encravado em seu crânio. Quase tombou na popa do barco a remo, agarrando-se ao assento com uma das mãos enquanto com a outra esfregava a têmpora.

Uma rápida sucessão de imagens se desenrolou em sua mente: a pele contra a rocha; sangue sobre as pedras; um olho negro se abrindo de repente. Uma palavra reconhecível: "Bem-vindo".

Hector abriu os olhos, quase sem fôlego. A garganta queimava, como se tivesse engolido ácido. Ringlin virou a cabeça em sua direção e capturou a expressão de choque no rosto do mestre.

— Está tudo bem, milorde?

"Não está não, certo, irmão? Também ouvi aquilo. Existe algo à sua espera por aqui."

O segundo bote chegou à praia. Os marujos saltaram e puxaram o barco a remo por sobre o cascalho, para posicioná-lo ao lado do primeiro. Amelie e Bethwyn já haviam desembarcado, agasalhadas nos mantos de inverno. Vega estava em pé ao lado de Manfred, observando a praia.

— Vamos ficar todos próximos! — ordenou o capitão. — Nada de ficar vagando por aí. Andem sempre em duplas ou em grupos. A última coisa de que precisamos é perder alguém nesta rocha branca.

Casper apareceu entre o conde e o duque, carregando uma caixa de madeira nas costas. O capitão a apanhou, pousou-a sobre o chão e a abriu.

— O que é isso, Vega? — Manfred quis saber, observando o almirante.

— Nossa maior esperança de descobrir onde estamos neste mundo azul de Sosha — respondeu Vega, tirando da caixa um sextante e posicionando-o com cuidado ao lado. Os instrumentos de

navegação pareciam fascinar Manfred, que estendeu a mão na direção de um deles. Vega deu um tapa nela, alertando o duque para que mantivesse distância.

— É um astrolábio, senhor duque — falou Vega. — Sabe como funciona?

— Hã... — murmurou Manfred, envergonhado, sob o olhar divertido de Amelie.

— Então é melhor deixar tudo a cargo de quem sabe, não é mesmo, Manfred? — sugeriu o Sharklord com um sorriso.

Manfred ainda conseguiu soltar uma risadinha sem graça, apesar do vexame.

— Na verdade, essa é a melhor hora do dia para usar isso — continuou Vega. — O sol está se pondo, mas ainda temos luz do dia, e as primeiras estrelas já apareceram no céu. Acho que vou conseguir determinar onde estamos. No fim, Hector estava certo quando recomendou que parássemos aqui.

— Por falar no nosso Boarlord — comentou Manfred, olhando ao redor —, onde foi que ele se meteu?

Hector saiu caminhando pela praia, com Ringlin e Ibal a seu lado, deixando o grupo que desembarcara com eles para trás sem dizer nada. Por ali não havia mais cascalho no chão, substituído por camadas de algas marinhas agarradas às pedras atingidas constantemente pelas ondas. Hector escorregava aqui e ali, mas nem por isso diminuía seu passo.

— Cuidado, milorde — recomendou Ringlin enquanto amparava Ibal, que tropeçara. — É bem escorregadio aqui. Melhor olhar onde pisa.

“Abençoado seja ele”, sibilou Vincent. “Viu como se preocupa? Não quer que você quebre o pescoço. Pelo menos, não enquanto continuar pagando seu salário!”

Hector não respondeu a nenhum dos dois e apertou ainda mais o passo. A atração que sentia era mais forte do que nunca e prometia

muitas respostas.

As imagens em rápida sucessão surgiram novamente: a escuridão; uma cortina preta; uma boca; um beijo.

Hector sentiu seu coração se acelerar quando escorregou na ponta de uma pedra, caindo de joelhos. Aos tropeções, conseguiu ficar em pé de novo e, com a ajuda das mãos enluvadas, contornou mais uma elevação rochosa, atrás da qual se revelou outra extensão de terreno plano, mas menor que a anterior. A praia estava vazia e melancólica, e era interrompida bem no meio por uma fratura na rocha. A fenda escura se estendia por mais de cinco metros, penhasco acima. A maré alta escondia sua entrada a cada onda mais forte e logo depois a revelava de novo. Hector saltou para a água e percorreu pelo mar a distância restante, seguido pela Guarda Javalina.

Ele se deteve e, com os pés afundados na água, observou o mar invadir a caverna. Mais ou menos meio metro adiante, a passagem era ampla o suficiente para permitir a entrada de um corpo. Quando a maré recuou para trás de seus pés, foi capaz de jurar ter ouvido de novo a palavra “bem-vindo”.

Virou-se para os guarda-costas. Ibal estava com sua espada na mão, mexendo-a em gestos nervosos enquanto olhava para Ringlin. O grandalhão se limitava a observar a entrada da caverna, mantendo o facão na bainha.

— Você vai entrar, não vai?

Hector fez que sim com a cabeça.

— E vocês só virão atrás de mim se me ouvirem gritar. Entendido?

Ringlin e Ibal concordaram com um aceno, e o guarda mais baixo ainda deixou escapar um risinho nervoso antes de levar a mão à boca.

— Que Brenn esteja com você — murmurou o mais alto.

“Não conte com isso, irmão”, sussurrou Vincent enquanto Hector se esgueirava pela passagem. “Brenn já abandonou você há muito,

muito tempo.”



4

Novos juramentos

Scoria era uma ilha transformada. Até bem pouco tempo, era um lugar conhecido como reduto da lei e da ordem, apesar da variedade sanguínea de Lizardlords que o governava. Mas naquele momento o que reinava era o caos. As mansões ao longo da Escadaria Negra haviam sido saqueadas, desprovidas de tudo o que tinha algum valor, e mercadores e nobres que lá habitavam haviam fugido. Quando o Werewolf e seus aliados invadiram a tribuna de honra, os habitantes mais ricos da ilha debandaram do coliseu com seus familiares e guarda-costas, agarraram o que puderam levar e correram para o porto, onde embarcaram no primeiro navio que estivesse disponível. Todo o restante foi deixado para trás, para os que haviam ficado: escravos, prisioneiros e gladiadores.

Com a morte dos Lizardlords, coube a Drew e aos transmorfos sobreviventes a tarefa de assumir o controle da situação: não havia muita gente em Scoria disposta a contrariar o que dissessem.

Os escravos libertos que tinham conhecimentos de navegação foram recrutados para tripular os navios que sobraram à medida que, um a um, estes iam deixando Scoria. Os que tinham família ou

negócios na terra natal também garantiram um lugar na viagem, mas o restante do pessoal foi obrigado a ficar na ilha.

Àquela altura, havia um único navio no porto, ancorado bem longe da enseada. Era uma embarcação bastante familiar para Drew: o *Banshee*, de propriedade do conde Kessler, que costumava ser usado para o transporte de escravos, mas que agora levaria o jovem Wolflord de volta à Lyssia. Drew subiu na mureta do cais e ficou observando o navio e a movimentação em seus conveses. Aquele barco havia sido sua prisão quando ele foi trazido pelo Goatlord até Scoria, mas seria nele que Drew voltaria a sua terra natal.

— Que coisa mais feia! — disse uma voz atrás dele. Drew se virou e deparou com Djogo atrás de si, um sorriso amarelo no rosto. — Mas quem sou eu para falar?

Drew teria dado risada caso as palavras de Djogo não houvessem soado tão amargas. Olhou para o tapa-olho no rosto do outro.

— O seu olho, Djogo... — começou Drew, procurando palavras para se desculpar pelo ferimento que havia lhe infligido em Haggard.

Djogo bufou, ignorando o jovem transmorfo e mantendo seu olhar sobre o *Banshee*.

— Nem sinal de Kessler ainda — ele falou. — Todos em Scoria o conhecem; se ainda estivesse por aqui, já teria sido encontrado. Acho que podemos concluir que era ele quem estava por trás dos saques.

No meio da rebelião de Drew e seus companheiros contra os Lizardlords, os aposentos pessoais de Ignus foram saqueados. A maior parte das riquezas existentes em Scoria se encontrava no cofre pessoal do Lagarto — as joias e as pedras preciosas mais raras, angariadas durante anos de exploração ao sofrimento alheio, que ficavam guardadas em uma caixa-forte sob vigilância permanente. Os quatro soldados que guardavam o tesouro foram

encontrados mortos, com o pescoço cortado de ponta a ponta ou com a garganta perfurada. Drew não tinha dúvidas de que os chifres do Bode eram responsáveis por aqueles ferimentos. O tesouro de Scoria estava desaparecido, assim como o conde.

— Por que ele não levou o *Banshee*? — perguntou Drew.

— Transportar o butim pela Escadaria Negra deve ter atrasado sua fuga. Quando chegou ao porto, provavelmente deu de cara com a confusão dos outros malditos ricaços em fuga. Como o *Banshee* estava longe da praia, deve ter resolvido pular no primeiro navio que apareceu.

Drew sacudiu a cabeça.

— O Bode tem muitos crimes para acertar. Quantas almas inocentes tiveram que lutar e morrer na Fornalha para que ele enriquecesse?

Djogo balançou a cabeça lentamente.

— Ele não teria nenhuma restrição em matar aqueles que são importantes para mim. Para ele não existe perdão.

— E quem seriam esses? — questionou Drew, apesar de já saber a resposta: a Hawklady.

— Kessler jamais tolerou nenhuma espécie de lealdade que não fosse dirigida a ele. A minha... amizade com Lady Shah o teria deixado furioso caso soubesse da sinceridade de meus sentimentos por ela. Quando permitiu que Ignus me jogasse na Fornalha, ela ficou sozinha no mundo, com sua segurança ameaçada. Nem mesmo o pai dela poderia protegê-la de Kessler, porque definhava na *ludus*. Preciso me vingar do Goatlord.

— Com todo o respeito, Djogo... ir atrás de Kessler é como procurar uma agulha em um palheiro. Não ocupe seu tempo correndo atrás dele. Cuide de seu futuro, ao lado de Shah.

Djogo fez uma careta.

— Ela é uma Werelady. Que futuro poderia querer com um humano?

— É evidente que ela gosta de você. E esta é a oportunidade ideal para um recomeço.

— Ela precisa encontrar um transmorfo para ser seu companheiro. É essa sua obrigação como uma Werehawk, não é?

— Não sou a pessoa mais adequada para falar em obrigações... sempre fugi das minhas na primeira oportunidade. Só agora entendi o que preciso fazer. Tenho que voltar para a Lyssia.

— E eu vou estar ao seu lado — garantiu Djogo, olhando para o navio de madeira escura.

Drew encarou o guerreiro alto e forte. “Será que eu ouvi direito?”

— Você vem comigo?

Djogo se virou, uma expressão bem séria no rosto, encarando o Lobo com firmeza com seu único olho.

— Trabalhei para Kessler durante muitos anos, primeiro como escravo, depois como soldado. Fiz muitas coisas em nome do Bode das quais não me orgulho, coisas terríveis, pelas quais merecia ser morto em punição. Preciso reequilibrar a balança a meu favor. E servindo você, Drew da Dyrewood, serei capaz de fazer isso.

Drew ficou sem palavras. Djogo, o assassino sob as ordens de Kessler, estava diante dele oferecendo seus serviços. Drew queria *mesmo* ter um homem como aquele atuando em *seu* nome? Seria capaz de lutar lado a lado com aquele que até então era seu inimigo mortal? Conseguiria *confiar* em Djogo?

— Você não tem por que se sentir em dívida comigo, Djogo. Pode seguir seu caminho da maneira como achar melhor.

Djogo sorriu, e sua expressão atingiu Drew como um tapa na cara. Aquele sorriso era algo que já havia testemunhado vezes demais.

— Não sou o único disposto a ajudá-lo, Wolflord. Há outros que se beneficiaram ao seguir suas palavras.

Os Werelords se reuniram a bordo do *Banshee*. Djogo era o único humano presente. O ex-caçador de escravos estava ao lado de

Drew, tentando não olhar para onde estavam Shah e seu pai, o barão Griffyn. Taboo e Drake ladeavam uma portinhola com vista para Scoria, enquanto Beemote se mantinha ao lado de Krieg.

Drew encarou os presentes.

— Têm certeza de que é isso o que querem fazer com sua liberdade?

Krieg tomou a palavra.

— Só estamos livres graças a você. Não fosse sua coragem, ainda estaríamos no coliseu lutando por uma sobrevivência sórdida ou, pior, talvez estivéssemos mortos. Estamos a seu lado, Drew. Somos como irmãos, os transmorfos da Fornalha.

— Vocês não me trataram exatamente como um irmão quando eu cheguei — comentou Drew.

— E acha que fomos recebidos de braços abertos quando chegamos a Scoria, Lobo? — riu-se Drake. — Você viu como eram os Símios... Qualquer um que chegasse ali em busca de amizades seria morto na primeira noite.

— Se você tivesse chegado lá disposto a fazer amizades — complementou Krieg —, já estaria morto. Você também sabe jogar duro, Drew, assim como qualquer um de nós.

— Mas por que querem lutar por uma causa que é minha?— rebateu Drew. — A Lyssia não é a terra natal de vocês.

Uma manopla gigantesca pousou sobre o ombro de Drew, e a voz profunda e grave de Beemote fez seus ossos tremer.

— Nossa terra natal está subjugada. Você acha que nosso povo não teria ido até Scoria nos libertar se fosse possível? Temos um inimigo em comum. Os Catlords precisam ser derrotados.

— Não entendo — Drew falou para Taboo. — Por que Onyx e os Catlords permitiriam que alguém da própria espécie lutasse na Fornalha? Eles são da sua família, não são?

A Tigresa ergueu a cabeça, arreganhando os dentes. Todos desviaram o olhar, menos Drew, que a encarou.

— Eu não tenho família.

Drew se apressou em mudar de assunto, deixando de lado a história pessoal de Taboo.

— Se vocês se juntarem a mim, a minha missão passa a ser sua também — Drew disse a todos. — Resgatar a Lyssia das garras desses Gatos cruéis e devolver o poder para as mãos dos lyssianos, humanos e transmorfos. Todos vocês sentiram o gosto amargo da escravidão, sabem bem como é levar uma vida servil. Precisamos nos unir a nosso povo, começar a tratá-los como iguais. Está na hora de nós, os Werelords, começarmos a agir em benefício das pessoas — falou, estendendo a mão.

Os transmorfos se olharam entre si. Krieg acenou com a cabeça para cada um deles, até que todos dessem seu sinal de concordância. Deram então um passo à frente e posicionaram as mãos junto à do Lobo.

— E agora, o que acontece? — perguntou Drew, sem saber ao certo se havia sido realmente compreendido pelos demais.

— Você vai navegar até a Lyssia, e nós vamos junto — afirmou Krieg. — Vamos lutar a seu lado, Drew. Até a morte. A Fornalha ficou para trás, mas a luta continua.

Drew sorriu e meneou a cabeça, encarando cada um deles.

— Vocês têm minha palavra, irmãos e irmãs. Quando conquistarmos a Lyssia, vamos voltar para Bast e a terra natal de vocês. Libertaremos seu povo dos Catlords.



5

O anfitrião

Com a luz do dia desvanecendo atrás de si, Hector sentiu-se como se caminhasse noite adentro. A única iluminação disponível era o brilho fraco dos líquens fosforescentes nas paredes da caverna, que pontuavam a rocha branca até a altura que a maré era capaz de alcançar. Esperava encontrar criaturas marinhas escondidas sob a proteção das rochas, mas tanto a ilha como a caverna não pareciam abrigar nenhuma forma de vida além daqueles estranhos líquens. Em seu ponto mais amplo, a caverna tinha mais ou menos cinco metros de largura, e a abertura depois ia se estreitando até se fechar novamente mais ao fundo.

“Onde está seu anfitrião?”, provocou Vincent. “Estamos sozinhos de novo...”

Hector sacudiu a cabeça, ignorando as palavras do vil enquanto tateava a parede. Inclinou-se para a frente e estreitou os olhos, passando os dedos enluvados pela pedra branca. Apesar da luz fraca, era possível ver estranhas marcas, símbolos entalhados na rocha que pareciam ressoar dentro de Hector.

— É algum tipo de linguagem — murmurou para si mesmo. Inclinou a cabeça, tentando traduzir aquelas formas arcaicas. Para o

magíster, as marcas deveriam ser lidas na vertical, do chão para o teto, ou então o contrário, e, quanto mais olhava, mais as imagens pareciam ligadas às aquelas que haviam se sucedido em sua mente pouco tempo antes.

Notou que Vincent ainda se achava por perto, e chegou até a esperar que ele dissesse algo, mas o espectro permaneceu estranhamente em silêncio, como se soubesse que Hector estava prestes a descobrir a verdade. Quanto mais alto os olhos seguiam pelas paredes da caverna, mais marcas encontravam.

— Uma escritura, talvez. Ou um diário. Mas escrito por quem?

Mais uma vez, não houve nenhuma manifestação por parte do vil. Como a maior concentração de símbolos se encontrava no alto, Hector ficou na ponta dos pés sobre as poças d'água, esticando o pescoço para tentar ver melhor. As estalactites existentes na caverna estavam lascadas e quebradas nos lugares onde aquele que escrevera as usara para chegar aos pontos mais difíceis de alcançar. Hector ficou maravilhado diante dos símbolos que se entrelaçavam, como se o autor daquelas runas invisíveis tivesse enlouquecido e persistido na loucura durante muito, muito tempo.

Uma única e enorme estalactite negra pendia do teto no centro da caverna, bem acima da cabeça de Hector, escura e nodosa, contrastando com a superfície branca e lisa do resto do lugar.

— É diferente das outras... — murmurou Hector consigo mesmo novamente, dessa vez enfim obtendo uma resposta de Vincent: “Você não viu nada, irmão”.

Dois braços longos e esqueléticos se separaram daquela massa escura como se ela se desmanchasse, com dedos de quase meio metro se destacando, à medida que um par de mãos se abria. Hector perdeu o fôlego, de repente se dando conta de que a criatura estava pendurada de cabeça para baixo, os braços pendendo dos ombros. Uma cabeça redonda aos poucos surgiu do lugar onde estava abrigada, bem junto ao peito. Hector olhou direto

para o rosto da criatura, cara a cara, o queixo tremendo diante de sua frente pálida.

Era um rosto liso e imberbe, com uma pele quase transparente. As veias azuis sob ela eram visíveis, como vestígios de fumaça pálida congelados sob a pele marmórea. Não havia um nariz propriamente dito, apenas dois buracos vermelhos no meio da face. Duas fendas escuras se abriram, revelando um par de olhos negros e opacos que encararam o magíster sem expressar absolutamente nada. Foi quando seus lábios lentamente se separaram. Dentes longos e estilhaçados apareceram no meio da boca vermelha, e o hálito fétido alcançou o rosto de Hector. O cheiro de morte era inconfundível, e fez o Boarlord sentir náuseas, embora ainda assim não conseguisse desviar os olhos da criatura.

“Bem-vindo.”

Casper estava sentado sobre o chão de cascalho da praia, arremessando pedrinhas na água. Olhou adiante e viu o capitão e o Staglord. Os instrumentos de navegação já haviam cumprido sua função. O duque mantinha uma carta náutica aberta sobre a caixa de madeira, e o Sharklord rabiscava febrilmente o mapa com sua pena. Casper olhou então para o outro lado da praia, onde viu a rainha e sua dama de companhia.

Ele havia se afeiçoado a Bethwyn. A nobre dama gostava de conversar com o jovem camareiro e respondia a todas as suas indagações a respeito do fascinante continente da Lyssia. Casper estava habituado à vida no mar — o continente era um mundo inexplorado, que mal poderia esperar para conhecer quando chegassem a Roof.

No horizonte, o sol se escondera de vez, e o céu assumia um tom arroxeadado à medida que a noite avançava. Casper já estava mais do que disposto a voltar ao navio e arrependido de não ter trazido seu manto. O inverno parecia ser especialmente severo no Mar

Sturmiano. Desejava ver um *iceberg* flutuando naquela região, mas, quando Figgis contou que uma massa de gelo daquele tipo era capaz de quebrar ao meio até o mais resistente dos navios de guerra, essa vontade foi logo posta de lado. Casper olhou para baixo e agarrou uma pedrinha branca e pequenina, mas que estava presa com firmeza no chão, resistindo a suas tentativas de puxá-la. Outra como aquela logo surgiu a seu lado, e depois outra. À primeira vista, pareciam pontas de conchas, quatro delas, lado a lado. Foi apenas quando uma quinta apareceu e se agarrou à sua mão que ele percebeu que não eram pedrinhas coisa nenhuma.

Eram dedos.

O grito de Casper foi ouvido até no *Turbilhão*.

A boca da criatura estava aberta, e sua voz era audível na cabeça de Hector como a do falecido irmão, apesar de o vil estar em silêncio. A cabeça pálida se ligava ao ombro por um pescocinho esquelético, dando a impressão de que se soltaria do corpo a qualquer movimento mais brusco. Os olhos negros permaneciam fixos em Hector, e uma língua escura surgiu por entre os dentes, agitando-se junto ao rosto do Boarlord como o beijo de uma serpente. Hector se esquivou, sem tirar os olhos do anfitrião pendurado no teto, oscilando da esquerda para a direita, com vontade de fugir, mas hipnotizado por seu olhar.

— Por que me procurou?

— Eu... eu... — gaguejou Hector com nervosismo, as palavras sufocadas pelo medo. — Ouvi seu chamado.

Mais uma vez a língua se agitou como a de uma cobra, mas ainda assim Hector permanecia incapaz de fugir. As palavras eram bem claras para ele, devido à proximidade. A telepatia que o atraía à ilha foi abandonada. Era um idioma novo e nada habitual para o magíster, porém de alguma forma ele era capaz de entender tudo e se expressar naturalmente.

— Mas você não é da minha espécie. O que você é?

— Sou um Boarlord.

— Um Boarlord.

A criatura se pôs a pensar, ficando em silêncio. Hector contemplou o restante de seu corpo. A cabeça parecia brilhar em comparação com o restante da massa corporal, uma espécie de esqueleto revestido de pele. Seu tronco era um mero acúmulo de ossos, os pés permanecendo agarrados com firmeza ao teto.

— E como você sabe a língua da minha espécie? Eu estou chamando há muitas luas, e ninguém apareceu. E agora você ouviu meu chamado?

— Não sei explicar — disse Hector, concentrado outra vez nos olhos pretos da criatura. Eles o mantinham imóvel como se fossem uma espécie de armadilha. Hector apontou com a mão para a parede. — Essa linguagem... eu a reconheço, apesar de nunca tê-la estudado. E eu conheço *vários* idiomas. De onde você é?

— A ilha é meu lar.

— Esta ilha?

— Eu vivo aqui, mas este não é o meu lar. Nossa ilha é maior. Muito maior. É outra ilha branca.

— E como veio parar aqui? Você mencionou outros, mas parece estar sozinho. Está perdido? Separou-se do seu povo?

— Povo!

O anfitrião emitiu um ruído, algo entre um riso e um grunhido. Hector estremeceu, como se estivesse diante do próprio túmulo. Sentiu que, por mais frágil que parecesse, aquela era a criatura mais poderosa que já encontrara, e isso incluía Vala, a Wereserpent. Aquele ser era fruto de magias antigas, mas ainda assim guardava relação com transmorfos como o Boarlord.

— Talvez eu possa ajudá-lo a voltar para casa.

— A troco de quê?

— Não sei. O que me diz?

— Você tem uma conduta muito rara entre aqueles da minha espécie, Boarlord. É um magíster, não? Pois não é o primeiro a me visitar em busca de respostas. Você conhece a magia negra, Boarlord, mas seu conhecimento é muito, muito superficial. Diga-me: o que sabe sobre os Filhos da Chama Azul?

Hector precisou parar e pensar um pouco. Estava prestes a dar de ombros, sacudir a cabeça e dizer que nada sabia, quando sentiu um espasmo involuntário na mão esquerda. Ele a ergueu até o rosto, e o couro emitiu seu ruído característico enquanto os dedos se fechavam.

Mais uma rápida sucessão de imagens surgiu em sua mente: o xamã da Wyrnwood; o cadáver do capitão Brutus se levantando no Poço, olhos azul-claros reluzindo noite adentro.

— Os mortos-vivos — sussurrou Hector.

A criatura emitiu seu ruído novamente.

— Então você conhece os Filhos da Chama Azul. Não tem medo deles?

Hector estufou o peito, convencido de que detinha a resposta para as misteriosas perguntas da criatura. Ele arrancou a luva da mão e mostrou a mancha negra.

— Medo? Tenho poder sobre eles!

A língua da criatura se esticou quase meio metro para alcançar a palma da mão de Hector. Ele estremeceu ao toque, mas continuou com o braço estendido. O medo não poderia transparecer naquele momento.

— Você não os entende, Mão Negra. Não sabe o quanto eles podem ajudá-lo.

— E o que há para entender? Como eles podem me ajudar?

Mais uma vez, ouviu o riso da criatura, que era mais um rosnado.

— Para alguém que supostamente tem fome de conhecimento, seu apetite pode ser saciado com facilidade.

— Então me diga o que não sou capaz de entender. Revele para mim seu conhecimento!

— Muito bem — disse o anfitrião. — Nosso acordo está selado.

— Está? — perguntou Hector, sem saber ao certo o que estava fazendo. Foi quando ouviu gritos vindos de fora da caverna.

— Temos um acordo, Mão Negra. Eu direi o que pode acontecer, o que pode ser seu.

— A troco de quê?

— De um abraço, magíster.

A boca da criatura se escancarou, e os dentes estilhaçados tremiam de ansiedade. Ouviu-se mais um grito vindo do lado de fora. Da praia. Hector não tinha tempo a perder.

— Trato feito — ele falou.

Os longos e esqueléticos braços da criatura desceram em sua direção, e os dedos enormes lhe alcançaram o crânio. Era gelado como o toque da morte.

— Voltem para os botes!

Vega corria pela praia, agarrando seus homens e empurrando-os para o mar. Estava parcialmente transformado — a pele escurecia, e unhas e dentes ficavam mais afiados a cada passo. No lusco-fusco, gemidos reverberavam pela praia à medida que os corpos surgiam do chão de cascalho. As pedrinhas se espalhavam em torno de mãos, e cabeças que emergiam do solo, tentando agarrar-se aos vivos com avidez.

Casper estava abraçado ao tronco de Vega com todas as suas forças. Ele fora o primeiro a ter contato com os cadáveres, mas não o último. Amelie e Bethwyn haviam sido puxadas para o chão pelas mãos que emergiam da praia. Manfred correu em seu auxílio, enquanto Vega garantia a segurança do menino, mas havia outros homens do *Turbilhão* sob o poder das criaturas.

Uma das almas amaldiçoadas se desenterrou por inteiro, agarrando para si um dos homens menos ágeis da tripulação de Vega. Sua pele era fina e seca como um pergaminho e pendia de todos os ossos do corpo do morto. Pela calça em farrapos que ainda se via em seu corpo, era possível deduzir que em vida fora um marujo vítima de naufrágio. Duas chamas azuis idênticas bruxuleavam em seus olhos quando abriu a boca e cravou os dentes na garganta do marujo, interrompendo seu grito.

— Depressa! — gritou Vega ao ver que mais cadáveres emergiam do cascalho.

Aqueles que se aproximavam levavam duros golpes das garras do Wereshark, mas ele não tinha a menor intenção de continuar lutando. Precisavam sair daquela ilha diabólica, e rápido.

Foi caminhando pela água até os botes, vendo que seus últimos homens já saltavam às pressas a bordo.

— Algum de vocês viu Hector?

— Ele saiu para explorar os arredores com seus homens, capitão — respondeu um marujo, apontando com o dedo. — Para além daquela pedra ali.

Vega estava com a água até a cintura e entregou Casper para Manfred.

Ele olhou para a praia e contou mais ou menos vinte cadáveres ambulantes de marujos mortos, boa parte ao redor do homem do *Turbilhão* que havia caído, rasgando-lhe a carne com avidez. Seus gemidos ecoavam pela ilha.

— Mantenham distância da praia, mas tentem contornar aquela pedra. Vou indo na frente para tentar encontrá-los.

Vega mergulhou no mar e saiu nadando, ladeando as pedras pontudas que cercavam a Ilha Branca antes de voltar à praia. Quando emergiu das ondas, viu os guarda-costas de Hector a postos diante da estreita entrada de uma caverna. Ambos pareciam

atônitos com a aparição do Sharklord transformado, olhando preocupados ao redor.

— Que gritaria foi essa? — perguntou Ringlin, incapaz de esconder a tensão. — Essa barulheira é de acordar até defunto!

A risadinha foi interrompida pelo olhar sério e sinistro de Vega.

— Onde está Hector?

— O mestre disse que não queria ser interrompido — disse Ringlin em tom arrogante, encarando Vega com uma expressão de desafio.

— Essas foram nossas ordens.

— Saiam da minha frente! — respondeu Vega, afastando-os do caminho com um empurrão.

Ambos ergueram as mãos para impedir seu avanço, mas nenhum deles era páreo para o furioso Sharklord. Vega deu um soco no estômago de cada um, agarrou a ambos pela nuca e os atirou na água quando viu o primeiro bote se aproximar de onde estavam.

— Não tenho tempo a perder com essa idiotice! — falou com rispidez. — Voltem para os botes. *Agora!*

Nesse exato momento, o primeiro dos mortos renascidos apareceu rastejando pelas pedras, com seus olhos azuis reluzindo na escuridão. Era o incentivo do qual Ringlin e Ibal precisavam, e eles correram para o bote enquanto Vega desaparecia na caverna.

Em meio às trevas, Vega ouviu uma movimentação mais adiante. Era o som de vidro se chocando contra vidro. Aos poucos, a fissura se abria em uma espécie de pavilhão em forma de sino. A água do mar chegava até seus tornozelos. Ele sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar no que testemunhava.

Hector estava suspenso em pleno ar, seguro pelos braços de alguma criatura pendurada no teto da caverna. O ser estava de cabeça para baixo. Seus dedos compridos e magros com articulações grossas lembravam as pernas de um crustáceo. Viu a cabeça pálida e sem pelos junto ao pescoço de Hector, o rosto enterrado em sua garganta. A cabeça do Boarlord pendia para um

dos lados. O tilintar do vidro vinha da bolsa do magíster, ainda pendurada no seu ombro, batendo contra o quadril enquanto as pernas se agitavam no ar sobre o vaivém da maré.

Vega ergueu as mãos para tentar agarrar o ombro de Hector. Imediatamente a criatura ergueu a cabeça, revelando o rosto horroroso com um rosnado. Sua pele de cera se esticava pelo crânio liso, e os enormes olhos negros se estreitaram perante a interrupção provocada pelo Sharklord. A parte inferior da cabeça era dedicada aos dentes afiados e estilhaçados, tingidos de vermelho pelo sangue do Boarlord. Vega recuou ao ver o ferimento aberto no pescoço de Hector.

— Hector! — gritou o Sharklord, enquanto a criatura sibilava alguma coisa ininteligível.

— Não, Vega — disse Hector com voz fraca, enquanto o corpo estremeia espasmodicamente nos braços da criatura.

“Quê? Ele está fazendo isso por *vontade própria*?” Vega sacudiu a cabeça, sentindo a mente girar só de pensar que o magíster havia se entregado *deliberadamente* ao ataque da criatura. O capitão do *Turbilhão* já vira muitos homens enlouquecer, e sabia que, em um momento como aquele, era preciso salvá-los de si mesmos. Sacou a espada e a encravou no peito do monstro.

A criatura se sacudiu e guinchou ao soltar o Boarlord. Hector caiu nas águas inquietas da maré logo abaixo. Vega o agarrou com a mão livre, ao mesmo tempo que iniciava outra investida com a espada curta.

— Não! — gritou em vão o Boarlord.

O Sharklord o ignorou, mantendo-se ao lado do magíster ferido enquanto a criatura estendia os longos braços. Uma fina camada de carne negra começou a aparecer sob o braço dela e entre seus dedos, uma membrana escura e elástica que conectava suas juntas. Sua cabeça se virou na direção de Vega, o sangue jorrando dos dois ferimentos produzidos pela lâmina em seu tronco. Seus movimentos

eram frenéticos, e seu corpo continuava em mutação. Vega não estava disposto a esperar que o ser concluísse sua transformação — caso se tratasse de um transmorfo, aqueles golpes não seriam suficientes para feri-lo com gravidade. Armou um golpe com a mão aberta e bateu com toda a força.

A cabeça pálida e esquelética se soltou do pescoço sob o impacto do golpe de Vega. O crânio saiu voando pela caverna e se arrebatou contra a parede branca. O corpo decapitado estremecia incontrolavelmente. Vega apanhou Hector, cujos olhos entorpecidos pela loucura não se desgrudavam da cena que se desenrolava às costas do príncipe dos piratas.

— Não — murmurou o magíster enquanto Vega o carregava para longe da caverna sob o céu noturno.



PARTE IV

O beijo da prata



1

O Hawklord

Se os sobreviventes de Scoria esperavam uma travessia tranquila até a Lyssia, certamente ficaram desapontados. Quanto mais o *Banshee* navegava rumo ao norte, mais inquieto o Mar de Sabre se mostrava. A tripulação do navio encarava as condições adversas sem reclamar, satisfeita por se livrar do jugo cruel do conde Kessler. Djogo assumira o posto de capitão do navio, uma posição que já era dele nos tempos do Goatlord, com a diferença de que os marujos agora cooperavam com sua liderança, o chicote o tempo todo na cinta.

Os escravos não eram mais a carga do *Banshee*. Em vez disso, os compartimentos e o convés estavam repletos de guerreiros — ex-gladiadores que haviam jurado lealdade ao Wolflord. Vinham de toda parte do mundo, cada um com sua história de escravidão e sofrimento para contar. Naquele momento, porém, o moral estava em alta, e a lealdade a Drew parecia absoluta. Seu pequeno exército chegava a uma centena de cabeças, cada homem comprometido com sua causa. Nenhum momento da jornada era perdido com o ócio — os soldados se dedicavam ao treinamento em cada espaço disponível a bordo, garantindo que suas habilidades de

combate permanecessem intactas. Os exercícios eram supervisionados pelos Werelords, com o barão Griffyn tomando a frente na maioria das vezes. Quando não estava treinando o exército do Lobo, o Hawklord conversava com Drew.

— O meu pai era um bom homem?

Griffyn estava sentado no parapeito da enorme janela dos fundos do *Banshee*, com Drew a seu lado. O espaçoso aposento costumava abrigar Kessler, mas os pertences do Bode haviam sido retirados da cabine e naquele momento habitavam o fundo do mar do porto de Scoria. O mobiliário mais funcional, como a escrivaninha do capitão, as cadeiras, a mesa e os leitos, continuava lá, e o local servia como um lar para os companheiros Werelords de Drew — os sete transmorfos dividiam o mesmo espaço. Era apertado, mas ainda assim infinitamente mais agradável que o labirinto de jaulas da Fornalha. Enquanto os outros dormiam, o velho Gavião e o jovem Lobo conversavam quase em silêncio, aos sussurros.

— Eu adoraria ser capaz de contar uma história repleta de lindas mentiras, Drew, realmente gostaria. Mas Wergar era um homem difícil. Nunca voltava atrás em uma briga ou discussão. Era teimoso, temperamental e duro como aço sturmiano. Nada era mais assustador do que ver o Werewolf entrando em uma batalha, uivando e rosnando, brandindo a Moonbrand no ar. Não dá nem para imaginar uma espada mais bonita que a lâmina branca do seu pai. Para Wergar, ou você era um amigo ou um inimigo, não existia meio-termo.

Griffyn deu um gole na caneca que segurava com a mão esquelética.

— Tive a honra de ser considerado seu amigo.

— Quanto mais eu ouço, mais se consolida a imagem de que ele era um brutamontes truculento.

— Ele era um homem de convicção, Drew, e era o rei.

— Sim, mas da Westland, não das Barebones.

— Isso na época não fazia tanta diferença como hoje. Quem governava Highcliff governava os Sete Reinos. Pense na Westland como a cabeça de um animal enorme, e nos reinos restantes como um corpo. Todos concordavam que só havia um rei na Lyssia, e que ele estava sentado no trono de Highcliff. O governo dos Lobos durou duzentos anos, Drew, e ninguém nunca contestou isso até que os Leões chegassem.

Drew mordida a unha do polegar enquanto olhava pela janela, observando as ondas se remexerem sob o luar à medida que o *Banshee* avançava.

— Então você conhecia Bergan, Manfred e Mikkel já nessa época? Eles eram seus amigos também?

Griffyn sorriu.

— Durante um tempo, foram.

— E o que aconteceu?

— Foi uma questão de lealdade — suspirou o velho Gavião. — Tenho certeza de que você ouviu falar que Bergan ficou perplexo quando Leopold assumiu o poder. Só que tanto ele como os Staglords agiram ativamente para que Wergar perdesse a coroa. Eles não sabiam que o Leão voltaria atrás em sua palavra, mas também não hesitaram em virar as costas a Wergar. Espero que a dor dessa traição continue corroendo todos eles por dentro até hoje.

— Não os julgue mal, Griffyn. São bons sujeitos. Fizeram parte do meu Conselho Lupino, foram meus conselheiros depois da tomada de Highcliff. É crueldade querer que sofram por algo que aconteceu tanto tempo atrás.

Griffyn pareceu surpreso.

— Sinto muito, Lord Drew. Não é minha intenção ofender ninguém, mas minha opinião permanece a mesma. Tenho meus motivos para pensar assim.

— E quais são?

Griffyn ficou de pé e desabotoou o casaco.

— Fui um homem leal ao rei até o fim, até o momento em que Leopold arrancou a cabeça de seu pai. E continuei sendo leal, mesmo depois disso.

Drew fez uma careta ao ouvir sobre a execução de Wergar. Ele nunca o conhecera, mas tinham o mesmo sangue. O velho Hawklord tirou o casaco e começou a abrir a camisa. Drew se remexeu, inquieto.

— Os Hawklords morreriam pelo seu pai, Drew, e muitos de fato morreram. Éramos os aliados mais ferrenhos e uma das melhores armas de que Wergar dispunha em seu arsenal. “A morte que vem do alto”, nossos inimigos gritavam quando entrávamos em uma batalha.

Griffyn exibia um sorriso de satisfação no rosto quando tirou a camisa.

— Os outros Werelords se prestaram ao papel de se curvar e prestar juramento a quem quer que estivesse no trono. Mas isso não aconteceu com os Hawklords, nem mesmo depois que o Lobo e sua matilha foram exterminados. Permanecemos leais ao falecido rei. Isso enfureceu o Leão, tanto que ele resolveu fazer de mim um exemplo.

Griffyn se virou, e a luz da lua que entrava pela janela iluminou suas costas. Duas enormes cicatrizes se estendiam dos ombros até a base da coluna, duas linhas descoloridas de pele sem vida. Não havia nada de simétrico naquelas velhas feridas — a carne rasgada formava ondas e calombos sobre o local onde seu corpo havia sido mutilado muitos anos atrás.

— Leopold arrancou minhas asas. Eles me levaram amarrado até a corte de Highcliff, com o odor de sua família assassinada e carbonizada ainda pairando no ar, sob os olhos do Urso e dos Cervos. Todos os Werelords estavam presentes: Cavalos, Carneiros,

Javalis, vários deles. O Leão decepou minhas lindas asas com uma lâmina de prata.

Drew sentiu o estômago embrulhar. Virou o rosto, incapaz de continuar olhando para as horríveis cicatrizes do Hawklord. A imagem, no entanto, permanecia em sua mente: Leopold segurando Griffyn enquanto cortava as asas de suas costas. Quando voltou a olhar, Griffyn já estava abotoando a camisa.

— Então, como você pode imaginar, para mim não é fácil perdoar, mesmo depois de todos esses anos.

— Sinto muito, milorde, eu não quis...

— Você não tinha como saber — disse Griffyn, tranquilizando Drew. — Bergan e Manfred são bons sujeitos, mas foram submetidos a uma situação terrível. Escaparam da fúria do Leão com o corpo intacto, mas com o orgulho em pedaços. Eu mesmo não teria sofrido o que sofri caso não fosse tão obstinado.

Griffyn fez uma careta ao continuar:

— A Guarda Leonina de Leopold me levou de volta a Windfell, acompanhada pelo submisso e desprezível Skeer, um dos meus irmãos Hawklords, e me fez desfilar na frente do meu povo como um alerta para todos ali: se algum Gavião mostrasse as asas novamente, estaria assinando sua sentença de morte. Skeer foi o único da nossa espécie a se aliar ao Leão; jurou lealdade a ele de bom grado muito antes da morte de Wergar. Fui forçado a ler uma mensagem em nome de Leopold. Enquanto a Guarda Leonina exibia minhas asas decepadas para os Hawklords, eu anunciava o decreto de Leopold, que tornava ilegal a falcotropia entre o meu povo.

— Falcotropia?

— A teriantropia dos Hawklords, Drew. Existem licantropos, felinotropos, caninotropos e vários outros transmorfos. Nós somos falcotropos.

— Leopold proibiu vocês de se transformar?

— Isso mesmo — confirmou Griffyn, sentando-se novamente no parapeito da janela. — Além disso, devido à traição, os Hawklords foram proibidos de voltar às Barebones. Fomos banidos, expulsos de nossa terra natal, sob a ameaça de execução. Leopold entregou o comando de Windfell a Skeer, e eu fui mantido na corte como um laçao do novo barão, um lembrete para o meu povo de qual seria a punição em caso de insubordinação.

— Onde estão os Hawklords agora?

— Mortos. Desaparecidos. Esquecidos. Sinceramente, não sei. Leopold e Skeer destruíram meu povo. Os Hawklords de Windfell desapareceram do dia para a noite e nunca mais voltaram. Éramos poderosos e numerosos, tínhamos torres de vigia e propriedades ao longo das Barebones, estávamos no comando e na vanguarda de todos os exércitos dos Sete Reinos. Mas Leopold nos derrubou com a força da espada.

— Mas e quanto a Scoria? Como você saiu de Windfell e foi parar na Fornalha?

— É aí que entra nosso velho conhecido Kessler — contou o Gavião, batendo com a mão ossuda na moldura da janela. — Kessler e Skeer eram amigos de muito, muito tempo. Eram oportunistas, mentirosos, desonestos, tinham muito em comum. Kessler ia sempre a Windfell, o único lugar onde era bem-vindo, pois já havia abusado demais da generosidade dos transmorfos de outras partes dos Sete Reinos. O Bode não levou apenas a mim, mas minha filha também.

Griffyn fez uma pausa e olhou para o leito onde Shah dormia.

— Qual era a idade dela na época?

— Doze anos; era uma criança. Kessler fez uma proposta para Skeer, e o velho Gavião não teve como dizer não. Concluído o negócio, o Bode me mandou para Scoria para lutar na Fornalha e ficou com ela.

Drew tentou imaginar o sofrimento da jovem Shah. Ela sempre se mostrara taciturna, desde o dia em que tinham se visto pela primeira vez, e mesmo depois de liberta ainda parecia haver uma nuvem negra sobre sua cabeça.

— Ela deve ter ficado arrasada.

— Disso eu não duvido, mas nós, Hawklords, não nos dobramos facilmente. Depois de quatro anos na Fornalha, ganhei o respeito dos meus mestres e fui liberado da arena. Fui premiado em ouro por minhas realizações e alojado em aposentos separados dos escravos e gladiadores. Enquanto era transferido à *ludus* para treinar os gladiadores dos Lagartos, minha filha trabalhava para Kessler, alcançando lugares inatingíveis para os demais, graças a seus olhos e asas.

— Como ela e Djogo se conheceram?

— Ela o viu lutar na Fornalha — contou o Hawklord. — Ele foi o melhor gladiador humano que já treinei. Depois que Kessler o comprou de Ignus, ele e Shah se conheceram melhor a bordo do navio nas viagens de Kessler em busca de escravos. Uma afeição nasceu entre eles em meio aos tormentos impostos pelo Goatlord.

— Ela parece um tanto perturbada — sussurrou Drew, olhando para seu vulto escuro no fundo da cabine.

— Se ela pudesse pôr as garras em Kessler, arrancaria a garganta dele com toda a certeza.

— Por causa do que ele fez com você?

— Não — disse o Gavião com um suspiro. — Por causa do que aconteceu com o filho dela.

— Filho?! — assustou-se Drew.

— Fale baixo, rapaz — recomendou Griffyn, baixando o tom de voz. Aproximou-se um pouco mais de onde Drew estava sentado no parapeito da janela.

— Ela e Djogo tiveram um filho?

— Não, Drew, isso foi muito antes de Djogo. Minha filha conheceu um rapaz quando viajava com Kessler, um homem perigoso e sedutor que tinha um conceito talvez um tanto elevado demais sobre si mesmo... o pior tipo de sujeito para uma filha se envolver. Ela era uma menina e achava que estava apaixonada. Talvez até estivesse, nós não temos como saber. Enfim, dessa união nasceu uma criança, sem o conhecimento de Kessler. O pai caiu no mundo antes mesmo de saber que ela estava grávida. Escondemos a gravidez do Bode; Shah ficou comigo em Scoria durante os últimos meses, enquanto Kessler estava no mar. O bebê nasceu dias antes de o Bode voltar com o *Banshee* carregado de escravos. Shah mal teve tempo de conhecer o filho. Usei o dinheiro que havia ganhado para enviá-lo ao pai. Se Kessler tivesse descoberto que minha filha teve um bebê, só Brenn sabe o que teria acontecido com eles. Ela seria punida? A criança seria vendida? Espero que o bebê tenha sido mesmo entregue ao pai. Até hoje me pergunto o que aconteceu com ele. O destino dessa criança é o único arrependimento que tenho na vida.

Drew pôs a mão sobre o ombro envergado do velho.

— Você fez o que era preciso para proteger sua filha e seu neto.

— Se pudesse voltar no tempo, teria matado Kessler antes de abrir mão do sangue do meu sangue. Esse é meu único arrependimento na vida — repetiu.

Drew queria reconfortar o velho Hawklord, mas não conseguia encontrar palavras para isso.

— Todos nós temos arrependimentos — falou por fim, lembrando-se de Whitley e Gretchen, de quem não tivera chance de se despedir. Perguntou-se por onde andaria Hector, que se tornara um grande amigo; gostaria de saber se algum dia o veria de novo.

Griffyn sorriu, enrugando ainda mais o rosto maltratado pelo tempo.

— Você é jovem demais para ter arrependimentos, Drew. O tempo está a seu favor. Você ainda tem a chance de mudar tudo e corrigir seus erros. Ou melhor, os erros dos *outros*. E, enquanto eu estiver vivo, vou estar a seu lado para ajudá-lo a fazer isso.



2

A caçada

Afundando o pé na terra arenosa, Trent percorreu com passos cambaleantes a distância que faltava até o pé do morro. Atrás dele, no acampamento, os gritos dos companheiros ainda ecoavam em busca dos prisioneiros fugitivos. Dos quarenta homens capturados entre habitantes das Longridings e romaris, três haviam escapado, apesar de estarem todos acorrentados. Tinham sido pegos nas planícies, já mais perto de Calico, onde Lady Gretchen certamente estava escondida.

Um prisioneiro escapar já era algo extraordinário. Três fugas ao mesmo tempo só podiam significar que havia um traidor no acampamento. Sem querer deixar que as pistas esfriassem, Trent se pôs de pé e em alerta logo depois do primeiro grito.

As pegadas desapareciam em um precipício a leste da instalação provisória. Olhando para cima, Trent pôde avistar o contorno recoberto de grama na extremidade da elevação à luz do luar. Subiu até lá, agarrando-se aos tufos de relva para não cair para trás. Com a respiração ofegante, pôs-se de pé e olhou para baixo. Uma enorme campina de mato alto e imaculado se estendia até longe do

alcance da visão em meio à escuridão. O precipício era composto de uma superfície rochosa na lateral, uma encosta traiçoeira coberta, de ponta a ponta, de pedras pontiagudas e terra escorregadia. Trent precisava tomar muito cuidado por onde pisava. As pedras que se soltavam sob os pés iam rolando morro abaixo, em uma queda de quase vinte metros.

Olhando ao redor da elevação, avistou dois vultos ao norte, a uma distância de mais ou menos trinta metros. Sob a luz da lua, pôde ver que um deles era Sorin. Ele removeu as algemas do outro e em seguida lhe entregou uma espada curta. Com um empurrão, o prisioneiro foi lançado pelo morro, e uma nuvem de terra e de pedras se ergueu em seu rastro enquanto ele rolava terra abaixo.

— Alto lá! — gritou Trent, cambaleando pela encosta do precipício, mas quando chegou até Sorin o prisioneiro já havia desaparecido de seu campo de visão.

— Em nome de Brenn, o que está fazendo? É você que está por trás disso, Sorin? Perdemos *três* prisioneiros!

— Isso mesmo, fazendeiro — respondeu Sorin, dando uma piscadela para Trent. Havia três pares de algemas abertas a seus pés. — Fui eu que os libertei.

Trent acertou um soco no capitão de nariz quebrado, bem no meio da face, sentindo os ossos da mão estalar quando ambos foram ao chão.

— Saia de cima de mim, seu idiota — gritou Sorin, esmurrando a lateral da cabeça de Trent enquanto seu subordinado tentava imobilizá-lo no chão.

— Traidor! — berrou Trent, que precisou redobrar o esforço para se garantir no combate corpo a corpo com seu superior. Não conseguia sequer registrar a voz do capitão. Sua mente só conseguia se ocupar do fato de que Sorin era um traidor. Assim como Drew.

O punho de Sorin o atingiu no queixo, lançando o batedor morro abaixo pela superfície pedregosa. Ele rolou e quicou, perdendo o senso de direção. O corpo se transformou em uma massa de membros descontrolados. Sua cabeça bateu em uma pedra maciça — uma vez, duas vezes —, abrindo um corte na têmpora antes que caísse no matagal da campina ao pé da elevação.

Trent tentou ajustar o foco de sua visão, mas tinha a vista embaçada. Levantou uma das mãos, apalpou a pele ferida em cima do olho e viu as pontas dos dedos tingidas de sangue.

— Logo *ocê* me chamar de traidor, Ferran? — debochou Sorin lá de cima, erguendo-se das pedras com dificuldade. — Eu apenas cumpria ordens. Foi Lord Olhos Rosados que me mandou soltar aqueles três aqui. Para a caçada.

— Caçada? — repetiu Trent, pressionando o ferimento com a mão.

— Sua senhoria precisa caçar, Ferran. Foi por isso que eu trouxe aqueles homens para cá. Ele perde o controle quando seu sangue começa a ferver.

Trent se virou e começou a escalar de volta o penhasco, sentindo a terra arenosa cair sobre seu corpo. Fez um esforço absurdo, tentando encontrar apoio para os pés e as mãos, mas era impossível. Um grito vindo da campina atrás dele o fez virar a cabeça, os olhos arregalados.

— E você deu espadas a eles? — Trent gritou para Sorin.

— Olhos Rosados não gosta de presas fáceis, sabe como é... — respondeu o capitão, debruçado sobre a superfície inclinada. — Espero que você tenha trazido a sua Wolfshead, Ferran. Desejo-lhe boa sorte.

Depois de dizer isso, Sorin virou as costas e sumiu do campo de visão.

— Sorin! — Trent gritou em vão. — Sorin!

Trent olhou para o penhasco acima, procurando em desespero uma maneira de escalá-lo. Precisava sair dali. O matagal à direita ia

até a altura de sua cabeça e se movimentava sem parar. Com um gesto relutante, sacou a Wolfshead e partiu na direção da superfície rochosa ao norte da elevação, sem deixar de olhar para cima em busca de uma rota de fuga.

Sorin havia manipulado a situação com maestria, permitindo deliberadamente que Trent tirasse conclusões equivocadas. Antes que pudesse se dar conta, Trent havia ido parar no fundo de um precipício sem volta, e em pouco tempo o Catlord apareceria para caçá-lo e dilacerar seu corpo. Aquele capitão era um sujeito dos mais traiçoeiros.

— Que Brenn me ajude...

Ouviu um grito gorgolejante no matagal perto dali. Trent reconheceu aquele ruído: era o grito de um homem com o sangue brotando na garganta. Sacudiu a cabeça e seguiu em frente. “Isso não é da sua conta, Trent.”

— O monstro! — um lamento soou. — Pelo amor de Brenn, é um monstro!

Trent cerrou os dentes, ignorando os apelos do homem. Graças a Sorin, ele precisava tratar de salvar a própria vida. Mas o lamento do homem o feria por dentro à medida que caminhava, como se fossem garras encravadas em sua pele. “Vá em frente, Trent. Não pare. Você não pode parar. Esse homem é um traidor. Está marcado para morrer. Ele fez por merecer esse destino.”

No entanto, a cada passo que Trent dava, sua consciência ficava mais pesada. Ele era incapaz de deixar *qualquer criatura* à mercê da morte — fora uma lição que Mack Ferran lhe ensinara na Costa Gélida.

Irritado, soltou um palavrão, limpando o sangue do rosto com a manga enquanto se virava para o matagal. Foi caminhando na direção contrária à do precipício, abrindo uma picada no mato com a espada, seguindo a passos lentos e hesitantes em direção ao choro do moribundo.

A uns trinta passos do pé do precipício, Trent o encontrou, deitado sobre uma porção de mato destruído. As folhas altas de capim haviam se envergado e quebrado sob seu peso, como se ele tivesse rolado por ali para abrir uma pequena clareira onde pudesse dormir. O homem ainda estava agarrado à curta espada entregue por Sorin e a ergueu quase sem forças quando notou a aproximação de Trent. Continuou caído ao chão, encarando o jovem Ferran com os olhos arregalados e os lábios trêmulos.

Sua boca estava lavada de sangue, com uma espuma rosada entre os dentes, e o abdome encontrava-se aberto de ponta a ponta. Trent sentiu a comida consumida na refeição da tarde subir à garganta. Virou a cabeça para o outro lado, tentando manter o conteúdo do estômago dentro do corpo, no que foi bem-sucedido apenas em parte.

— Por favor... — implorou o homem, conseguindo falar novamente. — Me... me mate...

Trent virou-se de novo para ele com uma expressão de piedade e horror. Quando ergueu a Wolfshead, suas mãos fraquejaram, incapazes de pôr um fim ao sofrimento do homem daquela maneira. Antes que ele tomasse uma atitude decisiva, porém, o matagal se abriu a seu lado e um vulto branco surgiu da escuridão, a luz do luar se refletindo em sua pelagem. Trent só teve tempo de se esquivar do monstro antes que a espada fosse arrancada de sua mão e caísse sobre o chão ensanguentado.

A cabeça branca do Catlord era imensa, da largura do tronco de Trent. A boca se escancarou, revelando dentes do tamanho de adagas. Suas garras se encravaram nos ombros de Trent, levando-o ao chão e impedindo que escapasse. Ele ergueu o antebraço na direção do monstro e deteve a mordida do felino, evitando que abocanhasse seu crânio. Seus dentes se enterraram fundo na carne, ameaçando romper a proteção da armadura e partir seu braço ao meio. Trent gritou ao notar o brilho demoníaco nos olhos rosados.

Frost estava possuído pela transformação, pelo furor da caçada e da matança. A braçadeira da armadura envergonhou e rangeu, prestes a ceder. Trent bateu com sua mão livre no olho do Catlord, fechando o punho e desferindo um golpe certo.

Com um rugido, Frost soltou o Manto-Rubro, saltando de cima dele e correndo mato afora. Os gritos dos soldados ecoavam no alto do precipício — tanto os bastians como os membros da Guarda Leonina estavam empenhados na investigação do ocorrido. Trent rolou para junto do moribundo, mas o monstro já havia partido. Nos olhos do prisioneiro recém-liberto, o brilho da vida não mais reluzia enquanto ele dava seu último suspiro.

Trent se esforçou para se pôr de pé sobre o chão ensanguentado, agarrando-se às folhas de capim. Um ruído grave surgiu das sombras, indicando que a fera ainda se achava por perto. Frost teria percebido que estava diante de Trent? “Ele me reconheceria, não?” Trent tateou em busca do aço gelado da lâmina da espada até encontrar o cabo, e a ergueu do chão na direção das vozes que vinham do alto do precipício.

Cambaleando pelo matagal, caiu aos pés da encosta rochosa. Acima dele, ouvia as vozes de bastians e lyssianos incitando-o a subir, a continuar em movimento. Embainhou a Wolfshead e tentou retomar a escalada, agarrando-se com as mãos e os pés à superfície e descendo um pouco cada vez que encontrava um punhado de terra solta. O grunhido da fera parecia cada vez mais próximo. Seus companheiros continuavam gritando, observando com um fascínio mórbido a aproximação de Frost.

- Não pare, Ferran!
- Ele está chegando perto!
- Suba para se salvar!

Trent queria gritar, mas seria um desperdício de energia. Naquele momento, só a luta pela sobrevivência importava — o Catlord transformado atrás dele estava cego pela sede de sangue. Trent era

apenas mais um dos humanos ofertados por Sorin, um camundongo dado ao gato para brincar com a presa até que ela ficasse inerte.

A mão de Trent conseguiu se agarrar a uma pedra plana logo acima, alguns metros abaixo de uma rocha protuberante que formava uma espécie de plataforma no precipício. Não teve nem tempo de testar sua firmeza; foi logo escalando às pressas, confiando que não desabaria. Sentiu os músculos queimarem ao elevar o peso do corpo até a rocha plana. Ela foi capaz de suportá-lo, permitindo enfim que começasse a avançar.

— Ele está quase aí, Ferran!

— Dá para ver o mato se mexendo!

Trent ergueu a mão direita na direção da plataforma natural, tateando em busca de algo que o fizesse atingir o ponto mais alto. Acima dele, os homens gritavam em torcida. Caso conseguisse subir até ali, abriria uma boa distância do matagal e teria uma chance de escapar antes que Frost se recuperasse por completo.

No entanto, a laje de pedra cedeu sob o peso de Trent, fazendo-o despencar — em meio a uma chuva de terra, pedra e cascalho — de volta aos pés do precipício. Ele tossiu, engasgado com a poeira e sem conseguir enxergar nada, coberto por detritos. Logo adiante, o mato se abriu, e um vulto se revelou.

Trent aguardou que uma garra o atacasse, rasgasse sua garganta, o ventre, e pusesse um fim à sua luta. Em vez disso, porém, viu que o que se estendia para ele era uma mão humana, e a silhueta de Frost se revelou logo em seguida, totalmente sem roupa à luz do luar. O Catlord albino dobrou os dedos, instando Trent a agarrar sua mão aberta. Com a outra, esfregava o olho ferido, piscando com força enquanto tentava focalizar o batedor apavorado em seu campo de visão.

— Você me acertou em cheio, Trent — disse o felino transmorfo, sorrindo com os dentes manchados de sangue e fazendo um gesto

com a cabeça para a própria mão. Hesitante, o Manto-Rubro a segurou, e Frost o puxou até que ficasse de pé.

— Só um aviso, Trent: nunca entre no caminho de um Catlord em meio a uma caçada. Agora vamos voltar para o acampamento. Eu lhe devo mil desculpas.



3

A Baía de Sangue

À primeira vista, ele parecia ser como qualquer outro marujo vigiando o porto de Denghi. Uma mecha de cabelos pretos despontava de seu *kash*, uma espécie de turbante, adereço de cabeça bastante comum entre os homens do deserto. Com uma echarpe branca enrolada sobre o rosto ao estilo dos omirianos, estudava todos os que passavam pelo desembarcadouro com seus olhos cinzentos. O tronco nu era queimado de sol e marcado de cicatrizes, e apenas três quartos das pernas estavam cobertos, deixando os pés descalços à mercê das condições do tempo. A mão direita encontrava-se apoiada na cintura, com uma espada curta embainhada sempre ao alcance, e no lugar da esquerda havia um tridente amarrado ao braço decepado. Estava em pé junto à balaustrada, no alto da rampa que dava acesso ao *Banshee*, aparentemente tranquilo e relaxado. Não havia muitos capitães do mar em Denghi que podiam se gabar de ter o legítimo herdeiro do trono da Westland como vigia de seu navio.

O porto estava lotado de embarcações de todos os tipos, uma concentração de barcos e navios que Drew nunca vira na vida. Os cais da Baía de Todos os Santos, de Highcliff e do Cabo Gala sem

dúvida eram movimentadíssimos, mas não chegavam nem aos pés da energia frenética que se via em Denghi. Griffyn tinha explicado a Drew que esse porto, na Baía de Sangue, era a única cidade neutra em Omir. Ro-Pasha, mais ao norte, estava sob controle dos Doglords de Lord Canan, e Ro-Shann, ao sul, era o lar de Lady Hayfa, a Hiena. Canan e Hayfa eram inimigos do verdadeiro rei de Omir, Faisal de Azra, mas respeitavam a neutralidade de Denghi. Era o único lugar no território omiriano onde era possível encontrar integrantes das três facções convivendo sem enfrentamentos.

As opções de locais nos quais poderiam atracar eram limitadas. Conforme previsto, cruzaram o caminho de embarcações de guerra de Bast que patrulhavam o Mar de Sabre. Como o *Banshee* era conhecido pelos bastians como um navio que transportava escravos, pôde passar sem maiores transtornos. Djogo e Shah foram saudados pelo capitão de um desses navios, enquanto os Werelords e o pequeno exército de gladiadores se mantiveram escondidos no porão. Tiveram que inventar um pretexto para a ausência de Kessler, dizendo aos bastians que o Bode dormia na cabine depois de uma refeição regada a muito vinho. O comandante avisou Djogo para manter distância das águas ao sul, em virtude da atividade militar no Estreito da Lyssia. O *Banshee* não tinha alternativa a não ser tomar o caminho de Denghi.

O antigo navio de escravos era o último ancorado no píer mais longo do porto, um desembarcadouro de mais de cento e cinquenta metros sobre a Baía de Sangue. Cada espaço no cais do porto estava tomado de comerciantes, pescadores, marujos e desocupados que se acotovelavam para passar com mercadorias. Os gritos e os odores davam vida à atmosfera local: a música que vinha das adegas competia com os pregões dos vendedores, a algazarra dos macacos, o latido dos cachorros e o estalido de carnes e especiarias nas grelhas dos cozinheiros. Com exceção de um único navio de guerra de Bast, parado a certa distância da baía,

não havia nenhum sinal de movimentação militar naquele porto. A Lyssia podia até estar em guerra, mas o conflito parecia não ter chegado a Denghi.

Três figuras caminhavam em direção à prancha que dava acesso ao navio. Djogo era o primeiro e vinha com o rosto descoberto, sem esconder sua identidade. Era conhecido em Omir, dono de uma temível reputação estabelecida a duras penas. Denghi era uma parada frequente nas viagens de Kessler nos anos de comércio de escravos. Logo atrás vinham Griffyn e Krieg, o rosto oculto sob os *kashes*. O trio subiu pela rampa, e Drew fez um aceno de cabeça à passagem deles. Seguiu-os quando desapareceram navio adentro, e outro marujo tomou seu lugar na entrada da embarcação.

Os Werelords se reuniram em torno da mesa na cabine do capitão, com Djogo parado diante da porta. Havia um mapa tosco da Lyssia entalhado no topo da mesa, que o Bode usava para planejar suas incursões pelo continente. Os aliados do Lobo agora se valiam dele para planejar o movimento que fariam a seguir.

Griffyn passou a mão cautelosamente pelo mapa.

— A Lyssia está mais turbulenta do que nunca — disse o Hawklord, apertando o nariz fino entre o indicador e o polegar.

— Turbulenta? — questionou Drew. — Além dessa fragata de Bast, não há nenhum sinal de guerra em Denghi.

— A impressão que se tem é de que a batalha é iminente — garantiu Krieg. — Ao que parece, este porto conseguiu se livrar de boa parte dos confrontos ocorridos em Omir, mas isso pode mudar a qualquer momento.

— Você falou que Denghi era neutra.

— E continua sendo. Mas corre o rumor de que Lord Canan se aliou aos Catlords — contou o Rinoceronte.

— Gatos e Cachorros, aliados? — riu-se Beemote, produzindo um ruído grave.

— Pois é — concordou Griffyn. — Alianças estranhas como essa estão acontecendo por toda a Lyssia. Dizem que Lady Hayfa também se acertou com Canan. Suas forças até já estão mobilizadas, garantindo que Faisal fique cercado por inimigos poderosos ao norte e ao sul. A intenção deles é atacar Azra.

— E eles têm poderio suficiente para isso? — perguntou Drake.

— Se os Catlords entrarem na batalha, o Rei do Deserto não terá como resistir — disse Taboo, olhando para o navio de guerra de Bast pela escotilha.

— O Chacal pode se preparar para dias difíceis — concordou Drake.

— E o restante da Lyssia? — perguntou Drew, ansioso por notícias do oeste.

— Devastado — respondeu Djogo. — Highcliff caiu na mão dos Catlords, e seu Conselho Lupino foi expulso da Westland. Lucas assumiu o trono do pai depois de sua morte.

— Leopold está morto? — repetiu Drew, claramente em choque.

— Dizem que foi o duque Bergan que o matou — contou o velho Hawklord.

“O bom e velho Bergan. Sabia que ele não iria nos decepcionar quando chegasse a hora.”

Drew percebeu que Griffyn evitava encará-lo.

— Que foi?

— O duque também está morto, Drew. Tombou na batalha contra Leopold.

Drew ficou olhando para Griffyn, a princípio incapaz de acreditar nas palavras do velho.

— O paradeiro dos demais, a rainha Amelie, o duque Manfred e o barão Hector, é desconhecido, mas sabemos que o conde Mikkel foi morto pelos Doglords. Os demais membros do Conselho Lupino estão sendo caçados como os fugitivos mais procurados da Lyssia. Existe uma recompensa pela cabeça deles... e pela sua também.

Drew mal conseguia registrar as palavras de Griffyn. Mikkell e Bergan, seus queridos amigo e mentor, estavam mortos. Carregava dentro de si a certeza de que voltaria a se encontrar com o Bearlord; não imaginava que jamais teria a oportunidade de se explicar com o enorme duque barbudo por ter deixado Highcliff em segredo.

Krieg ajustou o *kash* que envolvia o rosto de Drew.

— É mais importante do que nunca mantermos nossa identidade em segredo, meu amigo — disse o Rinoceronte, e pôs a mão sobre o ombro do Lobo para consolá-lo. — Se Onyx está oferecendo uma recompensa pela sua cabeça, é melhor ter contato com o mínimo possível de pessoas.

— Hector e Whitley — falou Drew, sem tirar os olhos do Hawklord. — E Gretchen? Alguma notícia?

— Como eu disse, Hector fugiu de Highcliff quando Onyx tomou a cidade. Não sei dizer se ele está vivo ou morto. Lady Gretchen e Lady Whitley desapareceram do Cabo Gala depois que você foi capturado por Kessler. O paradeiro delas é desconhecido, mas diversos Horselords fugiram para a costa, rumo a Calico, portanto suas amigas podem ter se juntado a eles. O duque Brand, o Touro, é quem reina por lá, e sua cidadela é uma das poucas que ainda resistem ao assédio dos bastians. Existe uma frota de navios de guerra dos Catlords guardando a costa, bloqueando o Estreito da Lyssia.

— E os outros reinos, não saíram em auxílio da Westland? E quanto a Sturmland? E as Barebones?

Krieg tomou a palavra quando Griffyn sacudiu a cabeça.

— Os Lords de Sturmland não tomaram partido na batalha, e as Barebones estão divididas: os Cervos de Stormdale e Highwater saíram em defesa do Lobo, e os Corvos de Riven supostamente se mantiveram neutros.

— Supostamente?

— Sua rivalidade com os Werelords das Barebones é notória. Eles querem o controle do reino. Acho difícil acreditar que não tenham se envolvido de alguma maneira no ataque a Highwater.

— Highwater foi atacada? — perguntou Drew.

— A cidade dos Staglords perdeu seus mestres. Um irmão está morto, e o outro, desaparecido — contou Griffyn, apontando com o dedo ossudo para a cadeia de montanhas no mapa. — Agora mesmo Onyx está dispondo suas forças. Seu exército já tomou as Dalelands e monta um cerco a Highwater.

— Mas Highwater está lotada de civis, não?

— Não exatamente. Os Cervos restantes ficaram sabendo que uma força combinada de bastians e omirianos estava a caminho. Os inocentes foram evacuados para o sul, para Stormdale. Se Brenn quiser, os civis serão poupados, e a batalha ocorrerá em Highwater. Os homens das Barebones são corajosos; Highwater está bem protegida. Eles estão preparados para resistir a um longo cerco.

— E *ninguém* está lá para ajudá-los?

— Os Cervos não têm aliados. O Urso não está mais em Brackenholme, e Windfell, mais ao sul, permanece desmobilizada — lamentou Griffyn. — Minha terra natal virou uma cidade-fantasma dominada por Skeer, o lacaio do Leão.

Shah, assumindo lugar ao lado do pai, tomou a palavra:

— Mas não por muito tempo. A hora de Skeer vai chegar em breve. Quando voltarmos a Windfell, expulsaremos os traidores do ninho e voltaremos a tomar conta dele.

— Suas palavras são corajosas — comentou Krieg. — Mas quais são as chances de você e seu pai derrotarem as forças que estarão à sua espera em Windfell? Onde estão seus companheiros Hawklords quando mais precisam deles?

Griffyn desviou os olhos da mesa e os pousou mais uma vez sobre Drew, que ainda o encarava, absorvendo o choque da onda de más notícias trazidas pelo velho guerreiro.

— Onde estão os Hawklords, barão? — perguntou Drew, a voz embargada de tristeza.

— Dispersos — respondeu Griffyn. — Muitos assumiram a identidade de mortais... como você, Drew, antes de descobrirem sua licantropia. Dá para imaginar? Proibidos de se transformar? Tendo que renegar um dom natural? Meu povo está arruinado, assim como Windfell. Estão todos perdidos.

— Não existe nenhum meio de localizá-los?

Griffyn estremeceu e estreitou os olhos. O Hawklord se sentou e passou a observar novamente o mapa. Com o dedo indicador, traçou uma linha seguindo o curso do rio Silver a partir de Denghi, passando por Azra até chegar às Barebones, onde se deteve. Os demais Werelords o observaram em silêncio, esperando que ele falasse. Griffyn fechou os olhos antes de se pronunciar:

— Existe um lugar sagrado para o meu povo, a grande montanha de Tor Raptor, o antigo cemitério dos Hawklords de Windfell. Apenas um governante justo e de direito pode entrar em segurança no Pico dos Gritos.

— Pico dos Gritos? — questionou Drew.

— É uma caverna no topo da Tor Raptor. Quando as pedras são removidas, a Tor Raptor grita para seus filhos.

— A montanha grita? — Krieg parecia fascinado, assim como os demais.

— É a única maneira que o verdadeiro Lord de Windfell tem para reunir os Hawklords. Não existe outro jeito.

— Isso está me parecendo mais uma lenda, meu velho — disse Drake com um suspiro. — Precisamos de mais coisas além de montanhas que gritam para derrotar nossos inimigos.

O Hawklord abriu os olhos e os pousou sobre Drew. O jovem Lobo assentiu com a cabeça.

— Precisamos de um exército — ele concluiu.



4

Retornando dos mortos

— Pode entrar — falou Vega, quando uma série de batidas à porta distraiu sua atenção das coisas espalhadas na mesa. Duque Manfred foi quem entrou, todo agasalhado, batendo os pés e as mãos e espanando os flocos de neve dos ombros.

— Está frio mesmo lá fora, não?

— Gelado como o queixo de Ragnor — resmungou o duque.

— Que interessante você mencionar o velho pai de Henrik. Estamos nos aproximando da costa da Sturmland e, segundo meus cálculos, em dois dias estaremos na Friggia. Esse incidente com as sereias e a visita à Ilha Branca quase acabaram conosco... graças a Sosha consegui manter a cabeça fria.

Os dois Werelords se mantiveram em silêncio por um instante, revivendo as lembranças ainda recentes da breve incursão à ilha deserta. Vega foi até um pequeno armário e apanhou uma garrafa e um copo, que ofereceu a Manfred.

— Não havia necessidade de ficar de vigia, sabe? A última coisa de que preciso aqui é de um Cervo congelado no convés, espatifando-se em pedacinhos. Meus homens ficariam aterrorizados.

— E a última coisa que eu quero é assustar sua tripulação — falou o duque, abrindo a garrafa e se servindo com as mãos trêmulas. Virou a bebida de uma só vez, tossindo logo depois.

— Friggia? — murmurou o duque. — Está planejando fazer uma parada por lá?

— Bem que eu gostaria que pudéssemos ir diretamente para Roof. Talvez ainda seja possível. Atracar em Friggia seria perigoso. É um dos portos de Slotha. O ideal é passarmos direto. As forças de Onyx ainda não devem ter chegado tão ao norte, de jeito nenhum. Deveríamos alcançar Icegarden pela porta dos fundos, digamos assim.

— E Amelie, como está?

Um sorriso se abriu nas belas feições de Vega. O capitão do *Turbilhão* vinha observando atentamente a amizade entre Manfred e a rainha se transformar em algo mais. Nenhum dos dois transmorfos admitia tais sentimentos, que eram negados no mesmo instante, mas o Sharklord não se deixava enganar.

— Eu a chamei para conversar, mas ela ainda está se recuperando dos acontecimentos da Ilha Branca.

Manfred concordou com a cabeça, olhando para a estufa a lenha aberta na cabine e sentindo as chamas aquecer mãos e alma.

— E Hector? — o Staglord quis saber. — Alguma novidade?

Vega passou uma das mãos pelos cabelos longos e escuros, fazendo uma careta ao voltar os pensamentos para o jovem magíster.

— Ainda está dormindo.

— Dormir faz bem. Pensei que ele estivesse morto.

— Por pouco ele não mata a todos nós.

— Como pode dizer uma coisa dessas, Vega? O pobre rapaz foi atacado por aquela criatura, não foi?

O conde coçou a cabeça.

— Sim e não.

— Não me venha com enigmas, Vega!

— Sim, a criatura o atacou e poderia tê-lo matado com facilidade. Mas acho que ele se entregou deliberadamente às garras dela.

— É mesmo?! — O duque parecia chocado.

— Só desembarcamos na Ilha Branca por insistência de Hector. Acho que ele queria que fôssemos até lá, mesmo sabendo o que estava à nossa espera; mesmo sabendo que colocaria nossa vida em perigo.

— Como ele poderia saber o que existe naquela ilha? Que ideia mais absurda, Vega!

— Não sei. Essa comunhão que ele diz ter feito, essa necromancia... Quem sabe em que tipo de coisa ele anda metido? Não venha me dizer que não notou que Hector mudou muito. Ele *sabia* que havia alguma coisa naquela ilha. E suas ações levaram à morte de um dos meus homens. Com certeza há magia negra envolvida nisso. Não tenho respostas, Manfred, mas acredito que Hector possa explicar tudo.

O duque alisou a grisalha barba por fazer no queixo, lamentando as acusações de Vega, mas sem dizer nada em defesa do Boarlord. Estava claro para quem quisesse ver que aquele Hector atormentado guardava pouquíssimas semelhanças com o menino feliz que conhecera dez anos antes na corte de Redmire.

— Lady Bethwyn ainda está cuidando dele?

— Ela tem certa afeição pelo nosso magíster — disse Vega, olhando para a porta da cabine com os pensamentos distantes. — Afinal de contas, é uma transmorfa das Dalelands. Uma moça adorável, muito fiel. Espero que Hector seja digno dessa confiança.

— O que quer dizer com isso?

O conde sacudiu a cabeça, alarmado, e abriu um sorriso para o duque.

— Estou só pensando alto. Nosso barão de Redmire é uma figura das mais complexas, Manfred.

— Você está se preocupando demais a esse respeito — falou Manfred, desfazendo-se do manto quando enfim sentiu o corpo se aquecer. — Ele não está tão desorientado quanto sugere, meu amigo. Talvez só seja um tanto mal compreendido.

Vega balançou a cabeça em silêncio, lembrando o desentendimento dos dois irmãos na escadaria da Torre de Bevan, disputando o trono do pai pela última e fatídica vez.

Bethwyn torceu o pano com força, até as juntas ficarem brancas. Do outro lado da escotilha, caía uma chuva mesclada a neve, refletindo seu brilho esbranquiçado contra o céu noturno e tenebroso. Ela passou a mão pela cabeça de Hector, pressionando o pano molhado sobre sua testa, umedecendo-lhe a pele. Durante sete dias e sete noites, mantivera-se de vigília ao lado do Boarlord. A rainha a dispensara de suas atribuições para que pudesse cuidar do magíster. Bethwyn achava que aquela febre terrível jamais cederia.

Quando os botes retornaram ao *Turbilhão*, vindos da Ilha Branca, muitos imaginaram que o corpo do barão em breve seria lançado ao mar; poucos acreditavam que ele sobreviveria. Sua garganta havia sido cortada, ocasionando uma terrível perda de sangue, e o ferimento resistia em cicatrizar na mesma velocidade com que a carne e a pele de um transmorfo se regeneravam. Usando todos os conhecimentos médicos de que ela e os demais dispunham, Bethwyn fizera um curativo em Hector, mantendo limpo e desinfetado o local da mordida da melhor maneira possível. A moça trocava as bandagens com frequência, mas o odor pútrido da ferida jamais desaparecia. Os membros da Guarda Javalina, Ringlin e Ibal, estavam sempre por perto, rondando, e provocavam uma situação de desconforto para Bethwyn. O mais alto parecia incapaz de proferir uma palavra gentil, e o gordinho risonho lançava olhares em sua direção que faziam sua pele se arrepiar de pavor. O Boarlord, enquanto isso, apegava-se com todas as forças ao leve

sopro de vida que ainda lhe restava, recusando-se a desistir de sua luta contra a morte.

Bethwyn afastou os cabelos molhados da testa de Hector. Ele havia perdido um bocado de peso desde a ocasião em que se haviam conhecido em Highcliff. O rosto redondo de menino tinha dado lugar a uma fronte magra e ossuda. A pele estava com uma aparência terrível, quase amarelada sob a luz da lamparina. Ela sentiu um tremor e jogou mais um pedaço de lenha na estufa, fechando a grade com o atijador antes de se virar novamente para o Boarlord enfermo.

Hector havia tirado o braço esquerdo para fora das cobertas. Ela o apanhou pelo pulso e pelo cotovelo e estava prestes a ajeitá-lo de novo sob o cobertor quando se deteve, virou-o e observou a palma da sua mão. A marca negra que tinha visto quando do encontro com as sereias crescera — a palma inteira estava enegrecida, e a pele dos dedos já mostrava sinais de escurecimento. Não era a primeira vez que ela observava aquela mão enquanto Hector dormia. Embora o restante do corpo ardesse em febre, a palma da mão esquerda continuava gelada a seu toque. “Fria como a própria morte”, pensou Bethwyn.

De repente, a mão de Hector agarrou seu pulso, fazendo-a gritar de susto. Era um aperto forte e gelado, que envolveu seu punho com firmeza. Os olhos dele se abriram e a observaram, mas a cabeça permanecia imóvel sobre o travesseiro.

— Gretchen.

Sua voz saiu em um sussurro, e os lábios rachados esboçaram um sorriso. Bethwyn pensou que se sentiria feliz ao ver seus olhos se abrirem e ouvir sua voz, mas ainda estava em choque pelo toque gelado no pulso. “Ele está me confundindo com outra.” Com um safanão, tentou desvencilhar seu punho.

— Sonhei que era você. Tão cuidadosa e gentil — falou ele devagar e baixinho.

— Por favor, Hector. Sou eu, Bethwyn — respondeu ela, mas o aperto no braço não arrefeceu.

— Estava em um lugar muito escuro, Gretchen, sozinho e morrendo de frio. E você me ofereceu seu calor. Foi a sua luz que me trouxe de volta das trevas. Seu amor.

— Hector, você está me machucando! — gritou ela quando sentiu a mão do magíster apertá-la ainda mais. “Será que ele não está me ouvindo?” Era como se a ação de sua mão fosse espontânea e ele estivesse alheio às palavras dela.

— Sabia que você não me abandonaria nas trevas — ele falou, fechando os olhos e deixando as lágrimas correr pelo rosto. — Sabia que você me salvaria desse pesadelo, Gretchen...

Bethwyn gritou bem alto, tentando se desvencilhar dos dedos dele. No entanto, quanto mais resistia, mais força Hector imprimia. As palavras pareciam um resmungo sem sentido, como se estivesse falando enquanto dormia. “Será que ele está consciente? Será que sabe que está me machucando?”

— Ia falar com seu pai quando chegasse a hora, Gretchen. Ia pedir sua mão em casamento, para ficarmos juntos. Nós fomos feitos um para o outro.

Bethwyn deu outro berro alto, tentando se soltar desesperadamente, e a porta se abriu. Vega se pôs entre eles imediatamente, tentando fazer com que Hector a soltasse. Quando notou que o Javali não cederia, agarrou os dedos de Hector e tentou obrigá-lo a abrir a mão. O Sharklord ficou surpreso com a força do magíster, seus dedos fechados como uma armadilha de caça. Por fim, eles cederam o suficiente para que Bethwyn libertasse o braço e revelasse as manchas vermelhas produzidas na pele.

— O que você está fazendo?! — gritou Vega, sacudindo Hector pelos ombros sobre o leito.

— Quê? — murmurou Hector, piscando os olhos como se acabasse de despertar de um sonho. — Eu não...

— Você a *machucou!* — disse o conde, e nesse momento Manfred e Amelie apareceram à porta. Bethwyn correu para os braços da rainha.

— Bethwyn? — chamou Hector, ofegante e confuso.

Manfred abriu passagem e depois acompanhou Amelie e Bethwyn para fora do quarto. Ao passar por Ringlin e Ibal, o Staglord não resistiu e encarou os membros da Guarda Javalina. Os guardas observaram silenciosamente a saída dos três antes de se juntarem a Vega na cabine do mestre adoecido.

— Eu não sabia — sussurrou Hector. — Estava sonhando...

— Sonhando ou não, Hector, aquela garota cuidou de você durante os últimos sete dias.

Vega se inclinou sobre a cama e aproximou seu rosto ao de Hector.

— Me diga uma coisa, Hector: você sabia o que estava à nossa espera naquela ilha? Que tipo de monstro habitava aquela caverna? Um dos meus homens morreu naquela praia, devorado por cadáveres, enquanto você estava lá dentro.

— Não sei... do que está falando... — Hector se esforçou para dizer, mas o capitão do *Turbilhão* não se deu por satisfeito.

— Pensei que tivéssemos um acordo, Hector. Eu estava lá, na Torre de Bevan, lembra? Ajudei você naquele momento complicado. Pensei que tivesse sido um acidente...

— E foi, *sim*, um acidente, Vega! — gritou Hector, já totalmente desperto, o rosto contorcido de raiva.

— Pode até ter sido — concordou o Sharklord. — Mas nossa visita à Ilha Branca não foi. Sua interação com aquele monstro não me pareceu uma briga, Hector. Parecia mais um... um *abraço*...

Vega se levantou e ajeitou o colarinho.

— Estou decepcionado, Hector. Cuidei de você, fiz de tudo para oferecer minha amizade e compaixão, e foi isso que ganhei em troca. Muito bem. Mas saiba que estou de olho. Você sabe muito mais do que diz saber, e não sou ingênuo como os demais. Conheço os seus segredos, nunca se esqueça disso.

O conde Vega se virou, abriu caminho entre Ringlin e Ibal e bateu a porta com força ao sair. Os membros da Guarda Javalina observaram a partida e depois se voltaram para o Lord de Redmire, deitado na cama. O rosto de Hector assumiu uma expressão sombria ao levar a mão enegrecida até a garganta e arrancar as bandagens manchadas com um gesto brusco. Uma fina casca começava a aparecer sobre o ferimento, que aos poucos dava início ao processo de cicatrização. Esfregou a mão escura pelo pescoço e tentou se levantar, oscilando atordoado sobre o leito. Ele encarou os outros dois com a fúria e a sede de vingança estampadas nos olhos. Os membros da Guarda Javalina sabiam exatamente o que aquele olhar significava. Ibal deu uma risadinha, e Ringlin balançou a cabeça.

Hector sussurrou por entre os dentes e os lábios rachados:

— Vega precisa morrer.



5

Possibilidades atordoantes

O rio Silver, cujo encontro com o oceano se dava na Baía de Sangue, devia sua fama a dois fatores. O primeiro era o fato de ser o principal meio de ligação entre as Barebones e o Mar de Sabre, proporcionando a rota comercial mais prática e lucrativa para a exportação dos metais preciosos da montanha. Aquele que controlasse o rio Silver controlava Omir, o que tornava o domínio do curso d'água um motivo de disputa constante entre os Werelords do Reino do Deserto.

O outro motivo, Drew descobriu ao nascer do sol, quando subiu ao tombadilho superior do *Banshee* e olhou maravilhado para leste. Com os primeiros raios solares despontando no horizonte, o imponente rio refletia seu brilho e emanava sua luz de volta aos céus. Drew teve que estreitar os olhos e erguer uma das mãos diante do rosto para poder contemplar a maravilha do fulgor metálico daquelas águas.

— É impressionante, não?

Piscou os olhos para ajustar o foco de sua visão para Lady Shah, parada a seu lado.

— Uma joia na coroa do deserto — concordou Drew, desviando os olhos daquela vista ofuscante.

A tripulação, valendo-se do fato de navegar em águas tranquilas, içou as velas para aproveitar o vento que soprava para oeste, impulsionando-os rio acima. Quem estava ao leme no convés logo abaixo era Djogo. O escravo liberto desfrutava da recém-adquirida alforria, dando-se ao luxo até mesmo de fazer um raro gracejo para Drake, parado ali perto. Os raios do sol aqueciam as costas de Drew, proporcionando uma mudança de temperatura muito bem-vinda depois do frio da noite anterior. Estavam nos domínios da areia quente, mas as noites ali eram tão frias quanto as da Costa Gélida. O inverno já havia chegado à Lyssia, flertando com Omir. Mais adiante, erguiam-se os topos cobertos de neve das montanhas das Barebones, o destino final.

— Quando foi a última vez que você foi às montanhas?

— Quinze anos atrás — respondeu Shah, fazendo uma pausa para refletir sobre o longo período de ausência. — Eu era apenas uma menina e fui entregue a Kessler por Skeer, junto com meu pai.

— E você não encontrou nenhum outro Hawklord em suas viagens desde então?

— Não. Ouço falar a respeito de alguns deles de vez em quando, pessoas que afirmam tê-los visto, mas seu espírito foi devastado quando cortaram as asas do meu pai. Para o rei Leopold, somos uma espécie inferior, aquém até mesmo dos humanos.

— Você acha mesmo que seu pai conseguiria reuni-los de novo? Esse Pico dos Gritos... parece coisa de um livro de histórias.

— Ele foi levado até lá quando criança pelo pai dele, para aprender os segredos do lugar. Espero que ainda se lembre.

O *Banshee* não era um navio muito grande, mas ainda assim chamava a atenção navegando pelo Silver. Sua proa escura e larga provocava uma ondulação ruidosa nas águas, sacudindo balsas, jangadas e barcos de pesca amarrados às margens. O rio era largo

e profundo, perfeitamente navegável para embarcações maiores como o *Banshee* até o lugar onde se bifurcava, em Dois Rios. Era para essa cidade portuária aos pés das Barebones, onde a montanha encontrava o deserto, que os Werelords se dirigiam naquele momento. Em Dois Rios, seriam obrigados a desembarcar e seguir por terra até Tor Raptor. Drew olhou para o ex-escravo ao leme do navio no convés logo abaixo e se lembrou das conversas particulares que tivera com ele em algumas ocasiões.

— Djogo parece gostar muito de você — comentou Drew.

— Foi isso que ele lhe disse?

— Ele disse que vocês são amigos... que é a única coisa que podem ser, já que você é transmorfa, e ele, humano.

Shah estremeceu e depois abriu um sorriso.

— Eu já me apaixonei uma vez, Drew, e a história não terminou bem... — Sua voz estava embargada, e o olhar se perdeu nas jangadas que se chocavam umas contra as outras rio acima.

— O que é isso? — perguntou Drake ao se juntar aos outros no tombadilho.

— Um massacre — respondeu Shah, ainda olhando para a frente, a expressão impassível. — Uma emboscada.

— Você consegue ver isso *daqui*? — perguntou Drew, parecendo tenso.

Precisavam se manter anônimos; não podiam entrar em nenhum tipo de refrega — a última coisa de que o grupo de viajantes precisava era entrar em uma batalha, principalmente em uma que nem lhes dizia respeito. Ele estreitou os olhos, mas conseguia ver apenas vultos a bordo das embarcações à frente, além do brilho ocasional do aço sob o sol.

— Você tem seu faro, Lobo. Eu tenho minha visão.

— Quem está lutando? — perguntou Drake.

— Não dá para dizer, mas a embarcação do meio parece estar sendo atacada pelas outras duas. E seus tripulantes estão em um

número bem menor.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— O líder da expedição parece ser uma espécie de Doglord.

— Sério? — perguntou Drew, curioso diante da menção a uma espécie próxima à sua. Seu instinto lhe dizia que precisavam intervir. Os homens do *Banshee* também já tinham notado a comoção e abandonaram seus postos para olhar.

Shah percebeu a agitação de Drew e pôs a mão em seu ombro.

— Algumas lutas você precisa aprender a deixar de lado.

— Não me parece certo — resmungou ele enquanto observava a disputa. E diria mais, caso não sentisse os dedos dela se cravando com força em sua pele. Fez uma careta, reparando que as unhas de Shah haviam se transformado em garras.

— Que foi? — perguntou Drew, assustado.

— Tem uma criança em perigo!

Antes que Drew pudesse responder, Drake saiu correndo e saltou do convés do *Banshee*.

— Drake! — gritou Shah, mas o Crocodilo já nadava velozmente na direção da batalha. Ambos observaram quando sua silhueta escura subiu rio acima, rumo às três embarcações, transformando-se enquanto nadava.

— Ele vai acabar se matando! — exclamou Shah.

— Quantos são? — perguntou Drew.

— Muitos.

Ela arqueou as costas, e as asas cinzentas apareceram. Seu rosto também estava em transformação, ganhando contornos mais agudos, o nariz e a boca se fundindo em um bico, e as penas pretas surgindo no lugar dos cabelos. Um olho redondo de ave encarou Drew, posicionado à sombra da Hawklady.

Ela se preparou para alçar voo e decolou do convés de madeira do *Banshee*. Sem pensar duas vezes, Drew agarrou suas pernas nesse

exato momento, subindo com ela. A Werehawk olhou para baixo, surpresa ao notar que levava um passageiro.

— Não é a primeira vez que você me carrega! — gritou ele, como se fosse preciso convencê-la a não derrubá-lo. Shah sacudiu as pernas, fazendo com que a única mão dele se soltasse, mas logo depois o apanhou em pleno ar com as garras poderosas.

O *Banshee* logo ficou distante, e a batalha, mais próxima. Drake já estava lá, avançando contra os combatentes, tingindo tudo ao redor de vermelho. Enquanto se aproximavam, Drew sentiu os primeiros efeitos da própria transformação, as características do Lobo tomando conta de seu corpo. Quando Shah sobrevoou a embarcação que sofria a emboscada, quem se lançou à batalha foi um Werewolf transformado.

Drew fez sua garra voar pelo ar em movimentos rápidos contra os agressores que apinhavam a embarcação. Seu pé atingiu o peito de alguém, lançando o oponente à água com as costelas fraturadas. Com a mão atingiu outro, que caiu cambaleando sobre a lâmina de um companheiro, todo ensanguentado. Uma cimitarra zuniu pelo ar na direção da garganta do Werewolf. O tridente de Drew desviou o golpe e fez a espada voar da mão do inimigo.

Drew olhou para a cena que se desenrolava ao redor. O remador do barco estava morto, a cabeça afundada no rio. As outras duas embarcações estavam posicionadas bem ao lado, amarradas para que os agressores pudessem subir a bordo. Os invasores usavam *kash* vermelho, o que fez Drew se lembrar da Guarda Leonina. Olhou na direção da proa. Uma garota de pouco mais de dez anos estava encolhida por lá, com dois guerreiros de branco corajosamente postados entre ela e os inimigos, em meio aos cadáveres dos companheiros mortos.

Drake tentava abrir caminho por entre os guerreiros de *kash* vermelho rumo à garota, mas os agressores resistiam, recebendo-o com a lâmina em punho à medida que avançava. No meio do barco,

Drew se viu diante de um guerreiro enorme com cabeça de cachorro. Carregava uma lança gigantesca em uma das mãos e rugia ordens para os demais, sem tirar os olhos dos transmorfos.

— Vocês não têm o que temer! — gritou o Doglord para seus soldados. — Suas lâminas podem não ser de prata, mas eles vão sangrar do mesmo jeito!

Instigados por seu mestre, os guerreiros avançaram. As cimitarras começaram a descer sobre Drew e Shah. A Hawklady saltou do barco para sobrevoar a água, exibindo suas garras. Drew se abaixou e direcionou a própria garra, os dentes e o tridente para os guerreiros. Quando ergueu de novo a cabeça, viu os dois bravos defensores da proa do barco cair de joelhos, sem vida, sob os golpes das cimitarras inimigas. Com o bater poderoso de suas asas, Shah foi até lá, pousou na frente da menina e apanhou um par de espadas do chão.

— Deixem a menina em paz!

Os guerreiros de *kash* vermelho hesitaram por um instante, encarando a Werehawk transformada e armada com duas lâminas idênticas. O Doglord ordenou que avançassem, mas as lâminas de Shah atingiram em cheio os poucos que ousaram se aproximar, e a essa altura o Werekrocodile já estava bem perto do comandante transmorfo. Os corpos e as armas caídas, além das fileiras de bancos, tornavam o barco um campo de batalha dos mais difíceis para todos os envolvidos. O *Banshee* ainda estava distante, o que significava que os três transmorfos precisariam encarar sozinhos os homens de *kash* vermelho. A lança gigantesca do Doglord cruzou os ares na direção de Drake, mas o Crocodilo conseguiu desviar e se misturar ao contingente inimigo. As atenções do Doglord então se voltaram para Drew.

A ponta da arma atingiu o assoalho do barco no lugar onde o Lobo estava uma fração de segundo antes. Drew se agarrou ao cabo da lança para tomar impulso e saltou, desferindo um chute na

mandíbula do Cão. A cabeça da fera foi lançada para trás, e ele caiu no meio de seus homens, que o puseram em pé de novo, permitindo que investisse mais uma vez com sua lança contra Drew. O Werehound era rápido e mortal em seus ataques, e Drew foi atingido em cheio quando tentava se esquivar. A lâmina de prata de quase trinta centímetros se encravou em seu ombro, rasgando a carne e atingindo o osso. O Lobo uivou de dor, sentindo-se atordoado pelo impacto daquela arma mortal.

— Você deve ser o Werewolf de quem todos estão falando. Vamos ver o que vão dizer quando eu aparecer usando sua pele como manto! — provocou o Doglord.

A ponta afiada se projetou em sua direção mais uma vez, mas Drew moveu a cabeça bem a tempo, e a lança passou a milímetros do rosto. Ainda conseguiu apanhar o cabo debaixo do braço e empurrar a lança de volta com todo o peso do corpo enquanto saltava para um dos lados. O Doglord foi capaz de manter a arma nas mãos na outra ponta, mas acabou caindo novamente sobre seus homens. Três deles foram parar na água, e por pouco o Werehound não foi junto. Contudo, antes que Drew pudesse se aproveitar daquela posição vantajosa, os guerreiros de *kash* vermelho remanescentes saltaram sobre ele.

Drew tentou atacar a esmo, mas as lâminas das cimitarras abriram-lhe cortes nas costas, e o sangue não parava de jorrar de seu ombro. Sentia-se atordoado. Quando conseguia se livrar de um guerreiro de *kash* vermelho, outros dois apareciam no lugar. Quanto mais tempo permanecesse a bordo, mais chances haveria de a batalha terminar mal. Os golpes das espadas eram cada vez mais frequentes — os guerreiros do Doglord se mostravam extremamente destemidos e obedientes a seu comandante.

No entanto, quando a batalha parecia quase perdida, os homens de vermelho começaram a recuar. Seus golpes passaram a ser cada vez menos frequentes, e a vantagem numérica parecia diminuir.

Quando ergueu a cabeça, Drew viu mãos, dedos e pedaços de corpos voando à medida que Drake abria caminho até ele. O Doglord mais uma vez investiu com sua lança contra o Werecrocodile, mas Drake era rápido demais e contra-atacou com um golpe de sua cauda reptiliana. Dois homens ainda foram arremessados ao rio com as pernas fraturadas antes que a cauda atingisse o Doglord, lançando-o ao chão do barco e fazendo a lança escapar de suas mãos.

Drew se viu cercado por mais dois soldados, e um deles ensaiava um golpe mortal contra seu pescoço. O Werewolf sabia muito bem que transmorfo nenhum sobreviveria depois de ter a cabeça decepada. Drake chegou até eles naquele mesmo instante, bloqueando o golpe com o corpo reptiliano e colocando-se em posição desvantajosa. Os guerreiros de vermelho eram poderosos, mas não eram páreo para um gladiador totalmente transformado. O soldado que se preparava para dar o golpe final em Drew de repente percebeu que estava sem uma das mãos. Drake a cuspiu fora quando conseguiu se equilibrar de novo. O segundo homem soltou um grito de dor quando as presas do Crocodilo se fecharam sobre seu pescoço. Desabou sobre o assoalho do barco ao lado do companheiro.

— Depressa, Drew! — pediu Drake, estendendo a mão de garras poderosas. — Levante daí!

Em um momento, o Werecrocodile estava em pé diante de Drew, a imagem perfeita do guerreiro heroico iluminado pelo sol nascente. No instante seguinte, uma ponta de lança de prata varava seu peito ofegante. A expressão no rosto do Crocodilo ficou paralisada de agonia. Os olhos de Drew se arregalaram de terror quando viram a protuberância da lâmina ensanguentada atravessando o osso esterno do companheiro transmorfo. O Doglord ainda torceu malignamente a lança, antes de atraí-la de volta para si com um rugido de triunfo.

Drew nem esperou que o corpo de Drake caísse ao chão.

O Lobo saltou para onde estava o Doglord, passando por cima de uma pilha de remos quebrados e da lança do oponente para acertá-lo com um impacto violentíssimo. O casco da embarcação arrebentou, lançando ambos os transmorfos rio adentro; eles lutavam para assumir uma posição de vantagem enquanto afundavam. Os dentes de Drew encontraram o focinho do Cachorro em uma mordida poderosa.

O Cachorro levou as mãos ao rosto, tentando separar as mandíbulas do Lobo, mas não havia nada que pudesse fazer. A resistência do oponente foi cedendo, e Drew sentiu que sua cabeça e seu peito estavam prestes a explodir, enquanto sentia as últimas lufadas de ar lhe saírem do corpo. Abriu a boca e começou a bater as pernas para emergir à superfície, mas não sem antes dar uma última olhada para o Doglord, afogado em sangue e água, afundando na direção do leito do rio gelado.

Quando Drew veio à tona, o *Banshee* já estava por perto, e as embarcações inimigas recuavam em uma fuga apressada rumo ao sul. Drew se agarrou ao barco avariado e respirou fundo, já voltando à forma humana. Subiu a bordo com esforço e encontrou Shah com a menina nos braços, esforçando-se para se manter de pé sobre o assoalho coberto de sangue e estranhas. Ela empalideceu quando virou o rosto na direção da popa.

Drake estava caído sobre uma pilha de guerreiros mortos, as garras posicionadas sobre o buraco em seu peito. Ele também voltava à forma humana enquanto lutava pela vida, contorcendo a boca, tentando sorrir para Drew. O jovem Wolford foi rastejando até ele e pôs a mão sobre seu ferimento fatal.

— Nunca duvide disso, Lobo... — sussurrou o transmorfo moribundo quando os olhos começaram a se fechar. — Eu estava lá para proteger você...

Uma lágrima correu pelo rosto de Drew quando ele abraçou o corpo inerte de Drake e observou o jovem Werecrocodile perder a consciência para não recobrá-la nunca mais.



6

A verdade nua e crua

A luz do candelabro lançava sombras enormes sobre a mesa enquanto o conde Vega mergulhava a pena no tinteiro. Sua ponta ia arranhando a página, tornando visível a caligrafia previsivelmente extravagante do príncipe dos piratas. Ele mantinha um diário desde que assumira pela primeira vez o posto de capitão, e já chegara a trinta volumes encadernados em couro, os quais guardava em uma prateleira de livros na cabine. Sabia que os tripulantes, muitos deles analfabetos, consideravam esse costume um tanto excêntrico, mas era uma das poucas coisas capazes de fazer com que Vega se sentisse em contato com hábitos civilizados durante as viagens.

Já era bem tarde, e o silêncio da noite predominava. Quase todos a bordo do *Turbilhão* dormiam, exceto a tripulação do turno da noite, o que tornava aquele o momento perfeito para se dedicar à escrita sem interrupções. O navio, era óbvio, levava muito mais gente do que o habitual — Vega às vezes se perguntava se algum dia ainda o teria de novo para si. Embora fosse agradável passar um tempo na companhia de outros Werelords, em especial de Manfred, sentia que os passageiros começavam a abusar de sua

hospitalidade. “Típicos marinheiros de primeira viagem”, como dizia sua mãe. Ele os levaria até Roof, isso era certo, mas depois não sabia qual caminho seguir. Talvez deixasse o *Turbilhão* a cargo de Figgis e acompanhasse a incursão da rainha e do duque pelo continente — não parecia certo abandonar o Conselho Lupino naquele momento.

Vega imaginou se alguém de fato o considerava um sujeito mudado. Ele costumava ser descrito como “o conde sem corte”, marcado pela vergonha de ter traído Wergar para ajudar Leopold a subir ao trono. Mas a história não se resumia apenas a isso, claro. Bergan e Manfred tinham conseguido se redimir depois de se curvarem diante de Leopold, e Vega desconfiava que o papel que ambos haviam tido na queda do Lobo os impedira de ter um sono tranquilo durante um bom tempo. Era o que esperava, pelo menos — Vega se sentiria um idiota se fosse o único Werelord a ainda se corroer pela consciência pesada.

O respeito que sentia por Drew era uma novidade para o Sharklord. Ele havia jurado sua lealdade ao pai do garoto muitos anos antes, assim como a Leopold, mas nunca levava esses votos a sério. Com uma impetuosidade típica da juventude, sua maior preocupação era fazer fortuna nas aventuras pelo Mar Branco. Agora imbuído da sabedoria que vinha com a idade, o conde levava ao pé da letra o juramento feito ao jovem Lobo: ajudá-lo a corrigir os erros do passado e transformar a Lyssia em um lugar seguro de uma vez por todas. Mesmo com a morte de Bergan e Mikkel e o desaparecimento de Drew, ainda acreditava que o Conselho Lupino era de grande importância e rezava a Sosha pela segurança do garoto.

A tinta vazou em um jorro da pena, formando uma mancha preta em cima do que estava sendo escrito. Ele soltou um palavrão e tentou limpar a sujeira com um pedaço de papel. Enquanto esperava a tinta secar, os pensamentos se voltaram para o último

membro do Conselho Lupino, o barão de Redmire. Vega tinha visto a palma da mão de Hector enquanto a pobre Bethwyn tomava conta dele. A garota ainda tentara manter aquela mão enegrecida longe de seu campo de visão, talvez por um senso mal direcionado de lealdade, mas o almirante vira tudo: era uma mancha negra. A carne de Hector havia sido corrompida por alguma coisa... mas o quê?

Vega não sabia exatamente o quê, mas algo dera errado para o Boarlord. O rapaz já vinha perdendo o controle muito antes do incidente na Ilha Branca. O motivo para isso teria sido a morte do irmão? Fora uma morte acidental, claro. Pelo menos, era o que Vega *imaginava*. Sacudiu a cabeça. Na verdade, Vincent era o vilão da história — teria matado Hector, não fosse a intervenção providencial do destino. Talvez a origem da má sorte de Hector, fosse o xamã morto que ele evocara na Wyrmwood.

O declínio de Hector havia entrado em uma espiral violenta depois do desaparecimento de Drew. Enquanto estavam todos em Highcliff, Vega passara um bom tempo na companhia dos jovens, assim como o restante do Conselho Lupino. A amizade que surgira entre os dois lhes tinha sido muito benéfica. Drew aprendera uma porção de coisas sobre o mundo com a ajuda do Boarlord, e, graças à convivência com o Lobo, Hector se tornara mais confiante, aprendendo a verbalizar seus pensamentos. Hector continuou a mudar, mesmo depois de perder contato com Drew, mas para pior.

O som de uma corda solta se chocando contra a janela da cabine fez Vega se distrair daqueles pensamentos desagradáveis. Virou-se na cadeira, olhando para as pequenas aberturas cobertas de vidro na parede dos fundos dos aposentos do capitão. A corda aparecia parcialmente em seu campo de visão enquanto oscilava do lado de fora, atingindo a janela. Vega fez uma careta de raiva: algum idiota não tinha amarrado direito aquela coisa. Detestava esse tipo de desleixo com os detalhes a bordo do *Turbilhão*, e, se não fizesse

nada a respeito, aquilo o manteria acordado a noite toda. Pôs a pena de volta no tinteiro, levantou-se da cadeira, apanhou a capa preta e a apertou em torno do pescoço. Olhou para o relógio de mesa e constatou que eram duas da manhã. Saiu da cabine e subiu para o convés, rumo à popa da embarcação.

Quando chegou lá em cima, viu dois homens trabalhando no convés de proa. Apenas um dos marujos notou a aparição do capitão — Figgis, o imediato, que o cumprimentou com um aceno de cabeça. O conde olhou para o mastro principal e observou Casper descendo de lá depois de cumprir seu turno de vigia. Vega tinha orgulho do menino, da seriedade com que encarava suas funções de camareiro e vigia. Ficara empoleirado no mastro durante três horas, em troca de nada mais que uma cama quentinha para dormir. Caminhando na direção do tombadilho superior, Vega passou pelo leme, que permanecia travado na mesma posição durante a noite, e continuou avançando pela escuridão.

Deteve-se ao chegar à balaustrada. Esperava que a corda solta estivesse presa a alguma parte funcional do navio. Em vez disso, encontrou-a amarrada na balaustrada sem nenhum propósito. Olhou para o lado e viu a ponta da corda batendo contra a janela da cabine sobre as águas revoltas. “Quem iria amarrar um pedaço de corda na popa do navio?” Que utilidade aquilo teria além de irritá-lo e obrigá-lo a subir no convés? Vega reparou na maneira como a corda estava amarrada — não era um nó de marinheiro, o que significava que não tinha sido feito por alguém de sua tripulação. O Sharklord sentiu um nó no estômago. Virou-se.

Hector estava atrás dele, ladeado por outros dois vultos na escuridão. Seus homens se achavam virados para a proa do *Turbilhão*, vigiando para ver se alguém aparecia, enquanto os olhos do Boarlord encontravam-se cravados no conde.

— O que significa isso, Hector? — perguntou Vega, tentando manter um tom de voz tranquilo apesar do frio na barriga. “Qual é o

motivo de tanto nervosismo? Como Hector podia deixá-lo assim?”

— Precisava falar com você, Vega.

— E para que usar esse artifício da corda? Poderia ter ido até a minha cabine e batido à porta. Ainda não sabe disso a essa altura? Amigos são sempre bem-vindos, Hector.

Vega olhou além dos três à procura de mais alguém, mas não viu ninguém. Eles estavam a sós.

— Precisava falar com você aqui no convés.

A voz de Hector estava rouca depois de passar tanto tempo sem ser usada. Era a primeira vez que se aventurava no convés depois da semana em coma. Obviamente, aquele encontro tinha sido planejado em detalhes pelo Boarlord.

— Muito bem — disse Vega, abrindo os braços. — Você tem minha atenção. O que quer de mim?

Vega sorriu, mas era um sorriso amarelo. A tensão no tombadilho era palpável. Os ouvidos do Sharklord pareciam prestes a estourar, tamanha a pressão que era possível sentir no ar.

— Você foi longe demais, Vega.

— Como é?

— Você passa o tempo todo me provocando, me diminuindo.

— Do que está falando, Hector?

— Você me trata como uma criança, um moleque idiota que não sabe fazer nada direito. É essa a opinião que tem de mim?

Hector deu alguns passos à frente. Se algum dia se sentira intimidado diante de Vega, isso tinha ficado no passado distante.

— Calma lá! — disse Vega, tentando levantar a voz, mas pressentindo que, caso o fizesse, algo de ruim aconteceria. Os instintos do Sharklord raramente o enganavam. — Não sei do que está falando, mas deve ser algum engano. Sempre estive a seu lado, meu jovem amigo, apesar de todas as coisas desagradáveis que aconteceram.

— Não venha fingir que está do meu lado, *amigo* — soltou Hector.
— Quem me garante que todas essas coisas desagradáveis não são culpa *sua*? Talvez seja *você* quem traz a morte e o sofrimento para todos com quem convive.

Vega notou que o Boarlord fechara as mãos junto às laterais do corpo. Seus homens pareciam igualmente agitados ao se aproximarem dele. Vega logo percebeu para onde aquela discussão se encaminhava.

— Hector — disse ele sem perder a calma. — Antes que você faça alguma coisa de que acabe se arrependendo, pense um pouco e...

— *Silêncio!* — sibilou Hector, erguendo a mão sem a luva, a palma estendida para o capitão do *Turbilhão*.

Vega não conseguiu dizer mais nem uma palavra. Era como se sua garganta estivesse sendo comprimida por uma força desconhecida. Levou as mãos ao pescoço, arranhando a pele com os dedos, tentando sem sucesso se livrar daquilo que o estrangulava. Era uma sensação aterrorizante, como se houvesse um laço em torno da garganta, mais apertado a cada tentativa sua de se livrar dele. Vega queria gritar, pedir socorro, mas Hector havia conseguido silenciá-lo por completo. Deu um passo à frente e agarrou o magíster pelos ombros. Tentou balbuciar as palavras “por favor”, mas só o que saiu de sua boca foi baba e cuspe.

Vega arregalou os olhos ao sentir algo frio e afiado penetrar seu ventre. Sentiu a carne ser rasgada e as paredes dos órgãos internos ser perfuradas e verter sangue na cavidade de seu abdome. O rosto de Hector se contorceu de horror e tristeza, e os olhos vermelhos se encheram de lágrimas.

— Por se livrar de Vincent — sussurrou Hector —, você achou que poderia me manter em dívida para sempre? Você é igualzinho aos outros, Vega. Pior: você é uma serpente de duas caras. Seu lugar é no fundo do mar, junto com as outras criaturas das profundezas.

Hector recuou um passo, e Vega, ainda babando, olhou para baixo. Nas mãos, o Boarlord segurava uma flecha com ponta de prata ornamentada e manchada de sangue. “Onde foi que Hector encontrou isso? Mas agora não faz mais diferença”, pensou Vega, pressionando a barriga com os dedos, onde a camisa branca se tingira de vermelho.

Ringlin e Ibal deram um passo à frente — o gordinho riu consigo mesmo ao entregar um saco de tecido com uma corda amarrada para o mais alto. Ringlin passou a corda pela cabeça de Vega e envolveu seu pescoço com um laço apertado antes de soltar o objeto. Vega cambaleou ao sentir o peso do saco, reconhecendo o ruído inconfundível das balas dos canhões do *Turbilhão* se chocando umas contra as outras.

Hector fechou a mão esquerda, escondendo a mancha negra, enquanto Vega lutava para respirar com o saco amarrado à garganta. Não sabia se tentava se livrar do laço ou se continuava comprimindo o ferimento na barriga. O que mais queria era fazer uma súplica para Hector, pedir que pusesse um fim àquela loucura, desculpar-se pelo que quer que o rapaz imaginasse que ele tivesse feito. Mas não houve chance para tal.

O magíster fez um sinal com a cabeça para os capangas, que deram um passo à frente e agarraram o conde Vega, o temível capitão do *Turbilhão*, o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster, o terror do Mar Branco, e o empurraram com força por sobre a balaustrada do navio.

Hector se virou antes que Vega fosse arremessado. Para sua surpresa, Casper, o camareiro, surgiu do nada e passou correndo por ele, próximo de onde Ringlin e Ibal haviam lançado o capitão ao Mar Sturmiano. Ibal reagiu rápido, agarrando o garoto pelos cabelos e encostando a lâmina da espada curta em sua garganta.

— Não! — disse Hector, ofegante, voltando a si por um momento.

“Mate o menino!”, repreendeu Vincent, incapaz de conter a euforia depois de aniquilar o Sharklord. “Ele viu mais do que deveria!”

Antes que Hector pudesse dar alguma ordem, porém, o garoto mordeu com força a mão do homem gordo e deu um pisão em seu pé. Ibal o soltou imediatamente, e Casper não hesitou: saltou ao mar atrás do capitão.

Hector se apressou até a balaustrada, impressionado pelo gesto de lealdade suicida do menino. Tudo o que conseguiu ver foi a água agitada sob o *Turbilhão*. A grande embarcação deixou o capitão moribundo perecer no oceano, seguindo viagem pela noite escura com um solitário pedaço de corda chicoteando-lhe a popa.



7

A joia de Omir

As defesas de Highcliff tinham deixado Drew impressionado, mas a verdade era que não chegavam aos pés das muralhas de Azra. Os reluzentes muros da cidade alcançavam os quinze metros de altura, cercando a capital de Omir como uma coroa de aço. Com o choque da areia contra a superfície provocado pelo vento, as imponentes muralhas se mantinham constantemente polidas, assumindo um brilho vítreo que, além de ser agradável aos olhos, também servia para intimidar os inimigos. O parapeito da muralha era vigiado por homens com capacetes dourados, que estudavam as pessoas aglomeradas em torno do portão. Drew observava, boquiaberto, enquanto se aproximava com os companheiros, escondendo o queixo caído de admiração sob o *kash*.

O *Banshee* estava ancorado em Kaza, pequeno porto a um quilômetro e meio ao sul de Azra que os habitantes da cidade usavam para ter acesso ao rio. A estrada Silver, que ligava as duas cidades, era ladeada por pequenas lojas, hospedarias e depósitos, formando uma espécie de cidade fora da cidade. Quem não conseguia entrar em Azra se instalava na estrada, e muitos haviam criado raízes por lá, estabelecendo ali sua residência.

Os comerciantes que subiam o rio formavam fila na estrada para entrar na cidade do rei Faisal. Mas não eram os únicos a marcar presença por ali: famílias inteiras, até com crianças, vinham buscar refúgio em Azra. Drew ficou impressionado também com o número de escravos que encontraram, amarrados uns aos outros por correntes atadas a coleiras. Alguns transportavam mercadorias pela estrada Silver, ao passo que outros carregavam seus proprietários em cadeiras revestidas de seda acima das cabeças da multidão. Drew se encontrava em meio a essa aglomeração, abrindo caminho entre escravos e mercadores para tentar chegar ao portão.

— Trazê-la até a porta da frente do Chacal foi um grande erro. Ela deveria ter sido entregue às autoridades do porto — resmungou Djogo.

— Seria o mesmo que entregar a menina para Kessler — rebateu Drew, lembrando-se dos guarda mal-encarados que haviam encontrado em Kaza.

A garota estava em estado de choque depois de testemunhar a batalha daquela manhã no rio, traumatizada demais para dizer o que quer que fosse. Os Werelords tinham levado o corpo sem vida de Drake até a margem e interrompido a viagem para enterrar o corajoso Werekrocodile. Trabalharam diligentemente lado a lado, cavando fundo a areia quente enquanto preparavam a cova. Krieg dissera algumas palavras em homenagem ao companheiro morto, e os demais mantiveram um silêncio respeitoso. Ninguém jamais se esqueceria do sacrifício feito por Drake para salvar a vida de Drew e da menina. O jovem Wolflord e seus parceiros de viagem decidiram levá-la até a cidade e entregá-la em segurança aos guardas da muralha. Fora isso, não tinham ideia do que poderiam fazer com ela.

Caminhando ao lado de Drew, Lady Shah carregava a menina nos braços. A criança havia demonstrado certo apego a Shah, e a Hawklady a acolhera sob sua asa. Além dos soldados mortos que

cuidavam da segurança da garota, Djogo encontrara o corpo de um homem mais velho, que parecia ser um nobre, com uma lança de prata cravada no peito. A julgar pela arma que tinha acabado com sua vida, Drew imaginou que se tratava de um Werelord, e que a menina fosse parente dele. Fosse como fosse, Azra era o lugar mais seguro para deixá-la.

— Esse tipo de ataque acontece com frequência no rio Silver? — Drew perguntou a Djogo enquanto Shah ia à frente, abrindo caminho com a menina exausta que dormia em seus braços.

— Sim, mas em geral os agressores são os piratas do rio, não Doglords e guerreiros omirianos. Foi um ataque coordenado. Ao que parece, o Werelord que foi morto por lá tinha mais de um inimigo.

Quatro guerreiros dos *Banshee* os seguiam com um carrinho de mão coberto por uma lona, que transportava o corpo do nobre assassinado.

— Não existe outra maneira segura de viajar sem ser pelo rio?

O guerreiro espigado deu de ombros.

— No Reino do Deserto? Existe sempre o risco. Viajando em grupos pequenos, é possível passar despercebido, mas se forem atacados, as chances de sobrevivência são poucas. Já as grandes caravanas fatalmente vão ser notadas pelos inimigos, mas a possibilidade de oferecerem resistência é maior. Os omirianos são sujeitos fugidios... transformaram os estratagemas em uma forma de arte. As guerras no deserto muitas vezes são decididas com base em artimanhas e cortinas de fumaça.

Djogo bateu nas tábuas do carrinho de mão.

— Caso a guerra esteja mesmo chegando a Omir, os transmorfos locais devem estar se apressando em voltar para casa. Nosso amigo aqui não era tão bem versado em estratagemas quanto seus semelhantes.

— Ele não pode ter sido traído?

— Isso não é problema nosso. Vamos entregar a menina e o cadáver e depois seguir viagem.

— Mal acredito na quantidade de escravos que há por aqui. É o tipo de coisa que eu jamais esperaria ver fora de Scoria.

— Uma coisa eu posso dizer sobre os Chacais — sussurrou Djogo. — Eles tratam seus escravos bem melhor que os Lagartos. Mas não significa muita coisa, não é?

— Pelo jeito, você não gosta muito daqui.

— Você nem imagina, Lobo — respondeu o guerreiro, cobrindo melhor o rosto com o *kash* quando se aproximaram do portão.

Mais de uma dezena de soldados vigiavam a passagem, exigindo documentos de todos os que pediam autorização para entrar em Azra. Com seus capacetes dourados com pontas afiadas, alguns carregavam cimitarras no cinto, enquanto outros portavam lanças compridas, de quase três metros de comprimento, que tanto agradavam aos omirianos. Todos os guardas usavam capa amarela sobre os ombros, parecendo guerreiros de elite prontos para matar.

De um momento para o outro, a multidão que cercava o portão pareceu ficar mais densa, e Drew de repente se viu apartado dos companheiros.

— Djogo! — falou Drew, tentando chamar a atenção do grandalhão, mas ele e os membros da tripulação que levavam o carrinho de mão tinham ficado um pouco para trás. Olhando para a frente, Drew viu que Shah já havia chegado até os guardas e tentava conversar com um que parecia ser um oficial. A garota se inquietou nos braços da Hawklady, despertada pela balbúrdia da multidão.

De repente, Drew foi lançado para a frente pelo enxame de comerciantes ruidosos e se viu cara a cara com alguns guardas. Um deles lhe disse algo ininteligível.

— Sinto muito — falou ele. — Não entendi.

O oficial superior ouviu o comentário de Drew, deu as costas momentaneamente para Shah e foi conversar com o jovem da Westland.

— Você não é omiriano? — perguntou ele, a voz carregada de sotaque, mas passível de compreensão.

— Não — sorriu Drew, um tanto sem graça.

— É o que estou querendo explicar — disse Shah, mas o homem a ignorou.

— Só omirianos entram em Azra! — falou o homem em tom áspero.

— Mas eu não quero entrar! — respondeu Drew, ciente de que precisava gritar para ser ouvido. Tanto o oficial como Drew perceberam um desentendimento na multidão, logo atrás de onde Djogo e os homens do *Banshee* se encontravam com o carrinho de mão. Uma discussão entre os mercadores descambava para uma troca de socos. O oficial voltou sua atenção para Drew.

— Então o que você quer?

— Se você me deixasse terminar! — berrou Shah, sem conseguir evitar que o oficial se distraísse novamente com a briga.

Muitos em meio à multidão começaram a gritar insultos e zombarias diante da troca de agressões entre os mercadores, enquanto os guardas deixavam que eles se batessem até se cansar. Um mercador de escravos corpulento observava tudo da cadeira coberta, aplaudindo alegremente. A confusão começou a se espalhar quando uma mulher com um balaio de frutas foi atingida. A cesta tombou sobre Djogo e os homens do *Banshee*, fazendo uma chuva de limões cair sobre eles. Mais socos começaram a ser distribuídos quando os acompanhantes da mulher entraram na refrega.

— Quem é esse homem? — perguntou o capitão para Shah, cutucando com o dedo o peito de Drew.

Nesse momento, a turba avançou contra a liteira do comerciante de escravos e a tombou, fazendo-a cair sobre o carrinho de mão. Uma das rodas foi arrancada pelo impacto da queda do homem corpulento, e o cadáver do Werelord foi parar no chão. As mulheres começaram a gritar, fazendo os guardas avançar em direção à multidão em pânico. Tanto os soldados como os civis reconheceram instantaneamente o transmorfo assassinado. Agindo com rapidez, metade dos guardas partiu para a contenção do tumulto, e a outra metade avançou contra os homens do *Banshee*.

Nesse momento, o *kash* de Djogo foi arrancado por alguém na multidão.

— *Djogo!*

A forma como os guardas gritaram seu nome mostrava que não estavam nada satisfeitos em vê-lo. “Eles o conhecem”, percebeu Drew. “E pelo jeito sabem de seu envolvimento com Kessler!”

Os soldados imediatamente baixaram as lâminas e sacaram as cimitarras. Em resposta, o guerreiro de um olho só empunhou suas armas. A multidão começou a se dispersar quando notou que a briga de socos se transformaria em uma batalha com espadas. Para que seu companheiro não se visse em minoria, os guerreiros do *Banshee* também puxaram as adagas e espadas curtas.

— Esperem! — gritou Shah, segurando o oficial. Com a confusão começando a sair do controle, o capitão interpretou o gesto da Hawklady como agressão. Desvencilhou-se dela com um safanão e bateu com o cabo da cimitarra na testa de Shah, mandando-a ao chão junto com a menina e fazendo-a desaparecer em meio à aglomeração.

— Não as machuquem! — gritou Drew, abrindo caminho entre os guardas para tentar se aproximar de ambas.

Para sua surpresa, Drew percebeu que o comandante se voltava para ele, agarrando e torcendo seu braço. Ele desabou sobre um dos joelhos, perplexo com aquela demonstração de força. O oficial

dobrou o braço do jovem às costas, fazendo-o gritar de dor ao sentir que a fratura era iminente em caso de resistência. Estava impossibilitado de entrar na briga, mas não suportaria assistir calado à agressão contra seus companheiros.

— Vocês não entenderam nada! Nós só viemos entregar a garota!

Ele tentou argumentar, mas não foi ouvido. Chegando até ele com passos rápidos, um outro guerreiro o atingiu na cabeça com o lado não afiado da espada. Drew sentiu a cabeça zunir ao cair no chão arenoso, os guardas avançando agora contra ele. Através das pernas de pessoas aglomeradas ao redor, percebeu que Shah estava cercada pela turba furiosa.

Drew não tinha escolha.

O capitão viu que não lutava mais contra um humano quando o braço que segurava se contorceu com violência e o fez prescrever um giro de 180 graus pelos ares. Aterrissou com um impacto violento, e os olhos se arregalaram de terror quando viram a fera que se erguia à sua frente. A multidão inteira gritou ao ouvir o rugido do Werewolf.

Drew observou pessoas que passavam em fuga pelo carrinho de mão tombado. Djogo e os demais gladiadores estavam em minoria numérica, e Shah já tinha sido levada dali pelos guardas. Não havia nem sinal da menina. Drew ficou furioso pelo fato de terem levado a criança até ali para acabarem perdendo-a de vista.

Os reforços ao contingente omiriano iam saindo pelo portão e cercando o Werewolf, cimitarras e lanças em punho. Era evidente que já tinham enfrentado Werelords antes, o que podia ser visto pelo tratamento respeitoso que dispensavam a Drew. Ele arreganhou os dentes, posicionou o tridente e tentou decidir o que fazer em meio ao caos. Em cima da muralha, os arqueiros se posicionavam, fazendo pontaria para acertar o Lobo.

“Idiotas”, pensou. “Não estão vendo que só viemos trazer uma inocente até aqui?” No entanto, só o que os guardas viam era um

alvo a ser atingido. Precisava voltar ao *Banshee*, reencontrar os outros e arrumar um jeito de resgatar os companheiros. Não era momento de entrar em uma batalha sangrenta. Aqueles homens eram inocentes — tolos, mas inocentes. A vida deles precisava ser poupada.

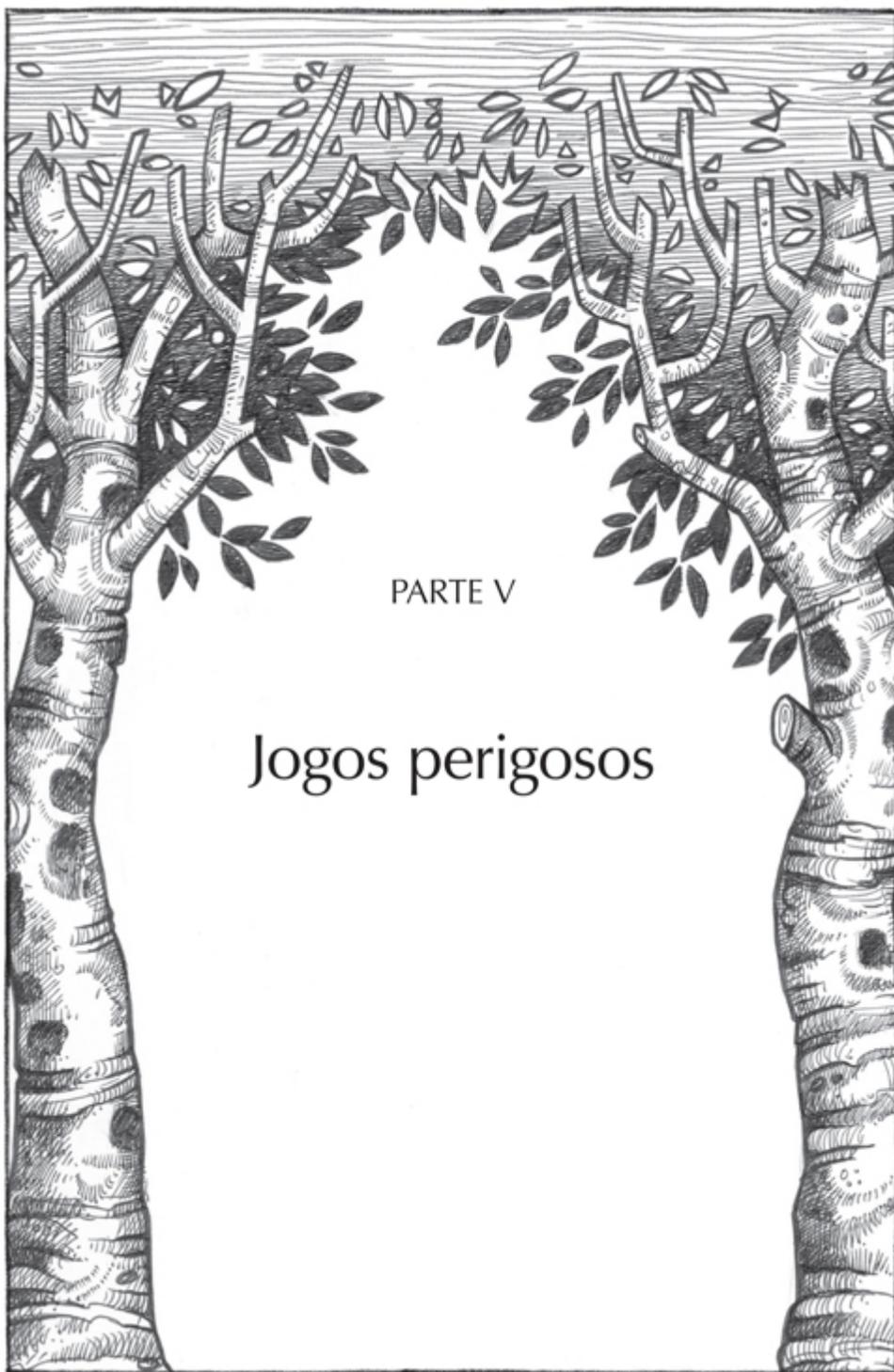
Agachou-se e saltou bem alto, conseguindo evitar as lanças que os guardas empurravam em sua direção. Mais de uma dezena de flechas foram atiradas da muralha, e cerca de metade atingiu o alvo. O Werewolf foi ao chão, sem fôlego. As flechas não eram de prata, mas provocavam ferimentos dolorosos, apesar de não serem letais. Drew soltou um grito de agonia e se pôs de pé, ainda sentindo as dores da batalha travada no rio.

Saiu cambaleando pela estrada Silver rumo ao porto de Kaza, ao som dos gritos das pessoas com quem cruzava durante sua fuga. As lanças foram arremessadas em sua direção, mas a maioria delas ou caiu ao chão ou não foi capaz de penetrar sua pelagem espessa. Algumas, porém, cumpriram seu intento, rasgando-lhe a carne e atingindo os ossos. Com um uivo, ele foi ao chão mais uma vez.

Desorientado, e já cercado por soldados omirianos, tentou seguir em frente, levando o corpo ao limite.

— Lobo!

O grito veio do capitão da guarda, que vinha logo atrás. O Werewolf virou a cabeça e viu os homens do *Banshee* capturados pelos guardas. O oficial forçou Djogo a ficar de joelhos, as mãos amarradas às costas. Erguendo bem alto a cimitarra, foi baixando a lâmina pelos ares em direção ao pescoço do ex-escravo, prestes a ser decapitado.



PARTE V

Jogos perigosos



1

A testemunha

Olhando para trás, assustada, a jovem se certificou de que não estava sendo seguida ao entrar apressadamente no corredor. Agarrada à garrafa d'água, Bethwyn passou pela porta da cabine da rainha e seguiu em frente, para se embrenhar no *Turbilhão*. Depois de uma última olhada para garantir que estava sozinha, a moça de Robben abriu a porta do compartimento escuro de carga e entrou.

Fechando com firmeza a porta atrás de si, Bethwyn foi se esgueirando entre caixotes e barris, dirigindo-se sem hesitação para a proa. O conteúdo dos recipientes estava quase no fim — as diversas semanas de viagem haviam exaurido as provisões do *Turbilhão*, e os piratas sobreviviam com uma ração magra. Era preciso parar para abastecer a embarcação com urgência. Ao ouvir que a rainha estava com sede, o cozinheiro do navio, um sujeito alto e magro chamado Holman, entregou a garrafa para a dama de companhia com a recomendação de que ela deveria economizar: a água fresca era um luxo, algo ainda mais precioso que comida.

À medida que se aproximava da proa, começou a se arrepender por ter pedido a garrafa para Holman. Ele era um sujeito gentil, que sempre dava um jeito de fazer com que ela recebesse um pouco

mais que a magra porção de comida destinada aos homens. Por outro lado, precisava daquela garrafa, seu pretexto para descer do convés e desaparecer por alguns instantes, a pedido de sua senhora. Caso não houvesse razão plausível, sua ausência certamente seria questionada. Enfim alcançou a parede curva que marcava a ponta da proa do *Turbilhão*. Os outros estavam à espera, em torno de uma lamparina que proporcionava luz pálida ao ambiente.

— Alguém seguiu você? — perguntou Amelie, abrindo espaço para sua dama de companhia no caixote em que estava sentada. Bethwyn desabou a seu lado, sacudindo a cabeça.

— Ele não desconfiou de nada? — perguntou o duque Manfred.

— Questionou aonde eu ia. Se sair perguntando por aí, o mestre Holman vai dizer a mesma coisa: que estou com a rainha e que ela não quer ser perturbada. — Bethwyn ergueu a garrafa para reforçar seu argumento.

— Ótimo — comentou Manfred, passando a mão na testa. — O que vamos falar aqui não pode chegar aos ouvidos de Hector.

— Aquele assassino traidor! — acrescentou Figgis, estreitando os olhos no rosto enrugado.

— Vamos com calma — rebateu Manfred. — Não temos como provar que ele é o assassino.

— Está me chamando de mentiroso? Vi tudo com meus próprios olhos!

— O que Hector ganharia matando Vega? O conde era seu amigo. Sou obrigado a questionar seu testemunho. É o mínimo que devo a Hector.

O imediato cuspiu no chão ao ouvir o nome do magíster.

— Cavalheiros — disse Amelie, levantando uma das mãos.

Figgis fez uma mesura para a rainha e depois assentiu com a cabeça para Manfred. O duque fez o mesmo, para alívio de Bethwyn. Durante o dia todo, notara que o velho pirata vinha

lutando bravamente para se controlar. Ele relatara o que havia visto diretamente para Amelie na noite anterior, logo depois do desaparecimento do capitão. Seguiu-se então uma expedição de busca em um bote, quando se descobrira que Casper também estava sumido. Todos a bordo do *Turbilhão* eram suspeitos, incluindo Figgis, que não hesitara em apontar o dedo para Hector e seus homens. Apenas na noite seguinte, porém, os quatro puderam se reunir para tratar do assunto em detalhes.

— O que aconteceu foi o que contei ontem à noite — insistiu Figgis, agitando os braços magros enquanto fazia seu relato. — Eu fazia a ronda quando vi o capitão aparecer no convés, seguir para o tombadilho de popa e nunca mais voltar. O garoto o seguiu até lá. Logo depois, eles, Hector e seus homens, desceram. Perguntei sobre o capitão. Eles responderam que não o tinham visto. Quando subi, não estavam mais lá, nem o capitão nem o menino.

Bethwyn ficou surpresa ao ver lágrimas escorrendo pelo rosto de Figgis. Ele era um velho durão, marcado por uma vida de pirataria ao lado de Vega. Por ser o imediato, assumira o comando do *Turbilhão*, mas a responsabilidade parecia estar pesando sobre seus ombros.

— Por que você não confrontou Hector no mesmo momento? — perguntou Amelie.

— Interrogar o Boarlord, Majestade? — Figgis sacudiu a cabeça. — Na hora eu não sabia o que tinha acontecido. Só depois que subi ao tombadilho vi que o capitão tinha desaparecido e que havia uma mancha de sangue no chão. Quando voltei, o Lord de Redmire já estava em sua cabine com seus homens.

Manfred sacudiu a cabeça, cauteloso.

— Não faz sentido. *Por que* Hector atacaria um de nós, principalmente alguém que fez de tudo por ele nos últimos meses?

— Podem ter certeza de que o capitão fazia de tudo para cuidar bem dele — afirmou Figgis. — Mas vejam só o que aconteceu em

Moga. E depois na Ilha Branca... Aquilo foi culpa dele também, segundo o capitão. Aquele traidor nos mandou até lá, mesmo sabendo que era um lugar amaldiçoado. Ele não presta, aquele rapaz.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Hector se entregou de corpo e alma ao Conselho Lupino, Figgis.

“Manfred não quer dar o braço a torcer”, pensou Bethwyn. “Ele vai insistir até o fim. Sabe que Hector tem um lado bom, mas não consegue admitir que tenha um lado ruim também.”

O Staglord continuou:

— Vega não pode ter escorregado? Batido a cabeça? Caído no mar?

Figgis soltou uma risada nervosa.

— Estamos falando de um Wereshark, milorde. O capitão conhecia cada canto do *Turbilhão* com os olhos vendados. Nunca o vi escorregar no convés durante todos esses anos. E, caso tivesse caído no mar, ele é um tubarão. Poderia voltar nadando para o navio, não é mesmo?

— A não ser que estivesse ferido — ponderou Amelie.

— Exatamente, Majestade — concordou o imediato. — E, mesmo que o capitão tenha caído, ainda resta o caso do menino Casper. Como aceitar que os dois desapareceram sem deixar rastros?

— Sou obrigada a concordar com o duque Manfred — argumentou Amelie. — Capitão Figgis, não duvido de sua palavra, de jeito nenhum. Mas a ideia de que esse jovem tenha feito algo tão estranho a seu caráter é inconcebível para mim.

Figgis parecia prestes a ser vítima de um acesso de raiva. A princípio ficou pálido, mas logo depois foi assumindo uma coloração avermelhada, até ficar roxo de raiva.

— Eu acredito em Figgis.

Manfred e Amelie se viraram para Bethwyn e viram os olhos castanhos da garota arregalados de medo, mas o queixo erguido

em um gesto determinado.

— Você acredita nele? — questionou Manfred, incrédulo. — Mas Hector é seu amigo!

— Não é por isso que vou ignorar a verdade, senhor duque.

— O que a faz acreditar que seja essa a verdade, minha querida? — perguntou Amelie, segurando as mãos trêmulas de sua dama de companhia. — É por causa do que aconteceu quando ele despertou de seu longo sono? Você entende que aquilo foi a manifestação de um delírio febril, não entende?

— Aquilo foi mesmo perturbador, Majestade, mas não é só a isso que me refiro. A mão dele...

— O que tem a mão dele? — Manfred quis saber.

— Alguma coisa... alguma coisa *ruim* aconteceu com ele. A mão está toda preta, senhor duque. E gelada ao toque também. Parece uma pele morta, sem vida. Pude notar bem isso quando cuidei dele.

— Um problema na mão não significa que também haja um problema na cabeça — argumentou Amelie, mas a moça de Robben parecia convicta.

— Quando as sereias atacaram o navio, Hector matou uma delas, que fatalmente acabaria comigo, mas ele se achava a vários metros de distância. Sua mão esquerda, a que tem a mancha negra, estava aberta, como se ele executasse algum tipo de comando. Sei que Hector é um magíster, que tem um arsenal de magias e truques, mas aquilo foi diferente de qualquer outra coisa que eu já vi.

Manfred suspirou.

— A comunhão.

Amelie olhou horrorizada para o Staglord.

— Hector fez a *comunhão*?! Quando?

— A primeira vez foi na Wyrnwood, quando ele, Drew e Gretchen cruzaram o caminho de Vala.

— A *primeira* vez?! — repetiu a rainha, quase sem fôlego. — Então isso aconteceu em mais de uma ocasião?

— Infelizmente, sim. Imaginamos que ele já tivesse desistido de seguir esse caminho, mas pelo jeito Hector continuou a fazer a comunhão clandestinamente.

Os quatro ficaram em silêncio. Bethwyn tentou conter as lágrimas com todas as forças. Era como se ela tivesse traído Hector, mas por outro lado a jovem não reconhecia mais nele o tímido Boarlord que costumava ver na Casa do Traidor. Deu-se conta de que agora o temia.

— E então? — disse Amelie baixinho. — O que vamos fazer com Hector?

— Nos navios em que estive, sujeitos como esse eram jogados ao mar para alimentar os peixes — falou Figgis. — Enquanto estiver a bordo do *Turbilhão*, ele continuará sendo um tormento para todos. Afinal, quem de nós pode garantir que não será a próxima vítima?

Amelie e Bethwyn estremeceram ao refletir sobre o senso de justiça do pirata, mas nenhuma das duas disse nada.

— Não, não vamos executá-lo — respondeu o Staglord. — Para isso ele precisaria ser submetido a um julgamento justo, e não temos nada que comprove sua culpa. Caso ele tenha *mesmo* lançado Vega e o menino ao mar, como isso foi feito? E como ele pode ter certeza de que o conde jamais voltará?

— Ele não pode continuar a bordo — insistiu Figgis em um tom de voz mais controlado. — Os homens já estão comentando. Não vão aceitar essa situação indefinidamente.

Manfred se levantou e alongou o corpo.

— Precisamos voltar para nossos aposentos, antes que nossa ausência desperte a atenção de Hector.

Quando os outros fizeram menção de se levantar, Manfred ofereceu sua ajuda a Amelie. Figgis ergueu a lamparina e iluminou o caminho à frente deles.

— Pode ir na frente, capitão Figgis — disse Manfred, apoiando a mão no ombro do velho.

— Prefiro que não me chame assim — murmurou o velho pirata.
— Para o *Turbilhão* só existe um capitão, o melhor sujeito com que já naveguei, e agora ele está nos braços de Sosha.

Figgis se deteve, esfregando os cabelos brancos com a mão. Virou-se para os transmorfos, os olhos brilhando à luz da lamparina.

— Gostaria de dizer mais uma coisa, milorde e milady, mas creio que não posso fazer isso, por causa de um juramento.

— Um juramento?

— Sim, milorde. Para o capitão Vega. Só que agora ele está morto, não está? Como fica meu juramento nessas circunstâncias?

Manfred olhou para Amelie e Bethwyn, mas elas não sabiam o que dizer.

— Se precisa nos contar alguma coisa, Figgis, vá em frente.

— O capitão... ele fez uma coisa para esse seu barão. Fez o favor de se livrar de uma coisa por ele.

— Como assim? — perguntou Manfred.

— Todos nós achamos que foi um acidente, sabe? Era o que o capitão pensava também. Só que, quanto mais reflito a respeito, mais chego à conclusão de que Hector queria *mesmo* matá-lo.

— Quem ele queria matar? — questionou Amelie.

— Lord Vincent — respondeu Figgis. — Hector matou o próprio irmão.

Amelie ficou sem fôlego.

— E por que Vega ajudaria Hector a acobertar o crime? — perguntou Manfred, perplexo.

— Como eu disse, o capitão achava que tinha sido um acidente, mas certas pessoas poderiam pensar que não. Caso a notícia se espalhasse, a vida de Hector estaria em perigo. Fui eu mesmo quem deu sumiço no corpo do Boarlord, que Sosha me perdoe. Como pude ser tão tolo?

Manfred deu um tapinha no ombro de Figgis.

— A sua lealdade a Vega, mesmo depois da morte, é algo digno de nota, mas você fez bem em nos contar.

O Staglord encarou cada um dos presentes com um olhar preocupado.

— Agora, mais do que nunca, é fundamental manter sigilo absoluto sobre o que discutimos aqui. Estamos nos arriscando demais ao entrar em um jogo perigoso como este com o Boarlord. Ao que tudo indica, Hector tem um caráter traiçoeiro e letal, do qual nem sequer desconfiávamos. Ele não pode desconfiar de nossos planos de maneira nenhuma.

— Mas *quais* são os nossos planos? — questionou Amelie.

— Preciso examinar as cartas náuticas do conde — anunciou Manfred. — Mesmo do além-túmulo, Vega ainda pode nos ajudar nesta jornada.



2

Na boca do Chacal

— Você está mesmo bem longe de casa, Lobo.

Os dois prisioneiros estavam em pé um ao lado do outro, cercados pela corte real e por vinte dos melhores guerreiros de Azra. Djogo mantinha a cabeça baixa, enquanto Drew percorria com o olhar o ambiente, incluindo o teto decorado com afrescos — obras de arte com séculos de idade, mais antigas que aquelas que ele havia visto nas galerias de Highcliff. Olhou ao redor. Pilares de mármore, bustos de antigos reis, cortinas esvoaçantes com detalhes em ouro e artefatos de valor inestimável, tanto da Lyssia como de outras partes — nada passou despercebido aos olhos do Lobo. Ele havia sido educado com uma noção completamente equivocada de que os omirianos eram todos selvagens. Uma rápida incursão pelo palácio revelava que nada poderia estar mais distante da verdade. Tratava-se de uma cultura rica e antiga, capaz de rivalizar com qualquer outra dos Sete Reinos.

Drew voltou sua atenção para aquele que lhe havia dirigido a palavra: o rei Faisal, o Chacal de Omir.

— Não por escolha própria. Sinto muito se a minha chegada causou perturbação — falou Drew, erguendo os braços atados para

o ocupante do trono. Os antebraços haviam sido amarrados logo abaixo dos cotovelos. — Assim que for solto, seguirei meu caminho.

Todos caíram na risada ao ouvir isso, menos o rei, que se levantou do trono. Os presentes imediatamente se calaram quando ele passou a descer com elegância os degraus que o separavam de Drew e seu companheiro. Pelos cálculos de Drew, Faisal devia ter a mesma idade de Bergan, considerando que havia lutado contra Wergar durante a Werewar. Caso fosse isso mesmo, o passar do tempo não tinha causado nenhum efeito sobre ele, já que a pele do Werejackal permanecia lisa e impecável, sem nenhuma cicatriz ou ruga a macular suas belas feições. Usava apenas uma toga branca com um cinto dourado que combinava com a coroa. Os pés estavam descalços e se moviam silenciosamente sobre o chão de mármore polido. Drew não costumava usar a palavra “bonito” para descrever alguém do sexo masculino, mas no caso de Faisal não havia outra definição possível. O rei parou na frente do Lobo e o encarou com seus olhos amendoados.

— Você é arrogante como seu pai. — Sua voz era expressiva e melodiosa, condizente com sua aparência. Apesar de o idioma da Westland não ser sua língua nativa, ele o falava com a mesma fluência de qualquer outro Lord da Lyssia.

— Se eu for mesmo, é por puro acaso — respondeu Drew. — Nunca conheci Wergar.

— O que significa que a sua arrogância é inata, Lobo. Seu falecido e arrogante pai teria muito orgulho de você.

Drew ficou incomodado. Ele sabia que Wergar dividia opiniões, que era retratado ora como um herói, ora como um bárbaro. Ainda assim, as palavras de Faisal o abalaram.

— Eu tenho ciência de que Wergar entrou em guerra contra Omir, Majestade — falou Drew. — Mas essa guerra era dele, não minha.

— Seu pai foi o único Werelord em toda a história a romper as defesas de Azra, e sem o auxílio das forças de Brackenhholme e

Stormdale. Muitas vidas se perderam para que isso acontecesse. Durante meses, ele ficou de campana em meus desertos escaldantes, vendo seus homens morrer de fome e sede. Não fosse a ajuda dos Hawklords, seus ossos estariam enterrados na areia com os dos demais membros da Guarda Lupina.

Não era a primeira vez que Drew ouvia uma menção à lealdade dos Werehawks das Barebones a Wergar.

— Os Hawklords o ajudaram a vencer essa guerra?

— Os Hawklords se aliariam a qualquer um que pudesse ajudar a preservar seu ninho! — gritou um homem pálido e atarracado que ostentava um longo manto negro. Parecia um tanto deslocado no palácio omiriano.

— Não acredito nisso! — rebateu Drew. — Griffyn é um bom homem, um transmorfo de linhagem nobre, um dos últimos de sua espécie.

— Está me dizendo que conhece o velho Gavião? — questionou o homem de preto. — Ele já deve estar morto a essa altura, seu tempo ficou no passado. Não sobraram muitos deles, e o único digno de ser citado está em Windfell: o barão Skeer!

Faisal sorriu.

— Peço desculpas pelo meu hóspede, o Lord Rook. Os Crowlords nunca se deram bem com os Hawklords. E sou obrigado a concordar com ele. Afinal, os Corvos nunca atacaram minha cidade. Jurei submissão ao Lobo ao fim do ataque a Azra, mas esse acordo não durou muito. Quando ele se arrastou de volta para a Westland, ferido e ensanguentado da batalha em Omir, seus irmãos transmorfos se voltaram contra ele e entregaram sua cabeça de bandeja ao Leão. Pelo que sei, você considera amigos os traidores de seu pai: o Boarlord e os Staglords. É isso mesmo?

— Bergan me explicou o que aconteceu nessa época. Ele não tinha segredos comigo. Se está tentando me fazer duvidar dos meus amigos, é melhor poupar sua saliva, rei Faisal.

O rei abriu um sorriso amarelo, decepcionado.

— Mas com certeza você sabe que seu querido Conselho Lupino debandou, não sabe? O Bearlord está morto, pelo que soube, e o Staglord, desaparecido. Você é a última chama que os Catlords precisam apagar, e depois disso a Lyssia enfim estará livre do Lobo.

Drew baixou a cabeça, acusando o golpe. Faisal balançou a dele com satisfação ao contemplar o sofrimento do jovem.

— O que eu fiz contra o senhor, Majestade?

Faisal soltou uma risada musical, no que foi acompanhado pelos membros de sua corte. O rei sacudiu a cabeça e suspirou.

— Só o fato de você, o filho do único transmorfo que conseguiu me derrotar, vir à minha cidade já bastava. E, para completar, veja só de *quem* está acompanhado.

O rei se virou para Djogo e agarrou o queixo do gladiador entre os dedos esguios. Ele levantou a cabeça do guerreiro, e os olhos se arregalaram ao se fixarem sobre o olho de Djogo.

— Djogo — murmurou. — O cão de caça de Kessler retornando à cena do crime.

— Que crime? — Drew quis saber.

— Seus companheiros não contaram que já estiveram em Azra antes? Que maravilha. Então me permita contar tudo desde o início.

Djogo lançou um rápido olhar para Drew, como quem pede desculpas.

“Pelo amor de Brenn, Djogo, o que foi que você fez?”

— Kessler, o Goatlord, ficou hospedado aqui por uns tempos — continuou o rei, andando de um lado para o outro na frente dos dois homens amarrados. — A princípio, mostrou ser um hóspede gentil e atencioso, e foi recebido com todo o carinho.

— Ele era um traficante de escravos! — interrompeu Drew.

— Olhe ao redor, Lobo. Azra foi construída por escravos. Eles são uma moeda de troca como qualquer outra em Omir. Mas não demorou muito para que traísse nossa confiança. Certo dia,

convidou três primos meus para jantar em seu navio. Eles lhe levaram presentes, como manda nossa tradição: ouro, joias e especiarias. Meus primos e seus acompanhantes passaram a noite no navio como convidados. Quando amanheceu, não estavam mais lá. Os cadáveres de vários guardas foram encontrados no rio Silver, com a garganta cortada. Isso foi obra sua, Djogo?

O ex-caçador de escravos se manteve em silêncio, olhando para o chão.

— Onde eles estão agora, seu maldito? Meu povo, meus primos? Estão vivos ou foram mortos em alguma arena em um fim de mundo qualquer, para diversão de Kessler e seus amigos?

Djogo enfim resolveu se pronunciar:

— Foram todos vendidos como escravos, mas só os mais fortes foram mandados para a arena. Dois Chacais morreram na Fornalha de Scoria. O terceiro, o mais jovem, foi vendido para um Catlord de Bast.

— Por Brenn, não — murmurou Drew, arrasado. — Por quê, Djogo?

O guerreiro olhou para Drew sem demonstrar nenhuma emoção.

— Eu estava a serviço de Kessler. Era um caçador de escravos. Esse era o meu mundo. Não havia nenhuma noção de certo ou errado a seguir. Era o meu trabalho.

Drew achou que Faisal atacaria Djogo a qualquer momento, pois o rei parecia furioso. Ele arreganhou os dentes e encarou os dois, expondo claramente sua intenção funesta.

— Estou vendo que vocês dois têm a marca dos gladiadores no ombro. Isso muito me agrada.

Enquanto ele falava, os presentes no recinto foram se afastando, e os guardas se aproximaram com lanças e cimitarras em punho.

— Está havendo um mal-entendido aqui, Faisal — argumentou Drew. — Nós não somos amigos de Kessler, somos inimigos dele, assim como o senhor!

— Seu jeito de falar mudou, hein, Lobo? Está tentando me pedir perdão?

Drew rosnou a resposta:

— Não fiz nada contra ninguém daqui. Só viemos trazer uma criança até o portão, uma menina que foi atacada no rio.

— Vocês trouxeram o corpo do príncipe Fier até o nosso portão, Lobo! — gritou o rei. — Não havia criança nenhuma com ele!

— Não é verdade! Não fazíamos ideia de quem era aquele cadáver, só sabíamos que vinham para Azra quando foi atacado! *Por que* motivo traríamos o corpo até aqui? A menina foi a única sobrevivente...

— Eles mataram o príncipe Fier — interrompeu Rook. — O Lobo não é digno de confiança. Não é à toa que metade da Lyssia está atrás dele. Com certeza, ele e Kessler são agentes dos Doglords e foram mandados até aqui para trazer ainda mais sofrimento à sua família. Mate-os agora mesmo, Majestade. Faça um favor para seu reino.

— A menina! — gritou Drew. — Não é possível que ninguém tenha visto essa criança! Nós a trouxemos junto com o seu Lord assassinado!

— Vocês não estavam com criança nenhuma! — garantiu Faisal. — Ou pensam que, mostrando o corpo do meu tio, vão conseguir um pagamento de resgate pela minha filha?

— Sua filha? Nós a trouxemos de volta! Podem procurar. Vocês vão encontrá-la!

— Mentira! — gritou Faisal, subindo os degraus até o trono. — Agora mesmo meus guerreiros estão a caminho de Kaza para tomar seu navio. Encontrarão minha filha, onde quer que vocês a tenham escondido, portanto não adianta argumentar, Lobo. Nada do que você disser será capaz de salvar sua vida! — Virando-se para os guardas, ele acrescentou: — E deem uma arma para o ciclope. Ele vai precisar.

Os dois guardas desamarraram apressadamente os prisioneiros. Depois, dando um passo para trás, jogaram ao chão uma cimitarra, cuja lâmina tiniu ao se chocar contra o mármore. Djogo olhou para a arma e depois para Drew.

— Não vamos lutar! — disse o ex-caçador de escravos, e se pôs ao lado do jovem ao qual jurou lealdade.

Logo em seguida foi a vez de Drew se pronunciar:

— O Djogo que você conheceu até podia ser um assassino, Faisal, mas agora ele é um homem mudado.

— Ninguém muda de verdade. Tragam a mulher.

Drew e Djogo observaram alarmados a entrada de Lady Shah, que veio arrastada até a sala do trono. Ela continuou se debatendo até ser posicionada diante do rei com as mãos amarradas e o rosto todo machucado. Uma mordaca branca cobria sua boca, abafando seus gritos.

— Nunca me esqueço de um rosto. Lady Shah, não é mesmo? Uma amiga sua e de Kessler? — indagou Faisal. A pergunta era dirigida a Djogo.

Lord Rook foi até Shah e a segurou com força pelos braços. O Corvo posicionou seu rosto bem próximo ao dela, como em um abraço.

— Lady Shah — murmurou ele. — Filha do barão Griffyn. O responsável pela queda dos Gaviões...

Rook ergueu uma adaga de prata pequena e estreita até o pescoço de Shah, posicionando a ponta afiada sob seu queixo. Os olhos dela se arregalaram, implorando que se detivesse.

— Vocês vão lutar, *sim!* — disse Faisal. — Ou a mulher morre.

— Não faça isso, Faisal! — gritou Drew.

Suas palavras foram em vão e, na verdade, deveriam ter sido dirigidas a Djogo. O guerreiro se agachou e apanhou a cimitarra. Ele piscou o olho e sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, Drew — falou o ex-caçador de escravos.

A cimitarra zuniu pelo ar.



3

O duelo

Drew e Djogo começaram a se deslocar em movimentos circulares pelo piso da sala do trono, um mosaico de mármore colorido com o brilho das estrelas do céu.

— Não precisamos fazer isso — argumentou Drew, sem parar de mexer os pés, preocupado em manter uma distância constante entre os dois.

Os guardas formaram uma barreira circular de espadas e lanças em torno deles, prontos para açoitar os combatentes que chegassem perto demais. Caso se transformasse, Drew poderia tentar saltar sobre eles, mas não achava que seria capaz de ultrapassar as lanças se pulasse sem tomar impulso.

— Precisamos, sim! — disse Djogo, manipulando a cimitarra entre as mãos.

— E vamos nos matar por quê?

— Se o morto for você, para que Shah possa viver — respondeu o guerreiro. — Se for eu, porque Brenn quis que você levasse as coisas adiante a partir daqui.

— E se nenhum de nós dois morrer?

— Se nenhum de nós dois morrer... eles matam Shah. — Djogo olhou para onde Rook mantinha a Hawklady como refém. — Você ouviu o que ele falou.

Faisal observava tudo de seu trono, cercado pelos demais nobres, Chacais como ele, que compartilhavam do ódio pelo Lobo e pelo Bode.

Rook deu um grito repentino, apertando a lâmina contra o queixo de Shah e ferindo sua pele.

— Lutem!

Shah esperneou, fazendo suas botas guinchar contra a superfície do mármore, mas era incapaz de se livrar do jugo do Corvo.

Era o incentivo de que Djogo precisava.

O guerreiro avançou contra Drew, brandindo a cimitarra no ar. Apesar de ainda estarem desgastados pelo confronto no portão, ambos tinham energia de sobra para lutar pela própria vida se fosse preciso.

Drew rolou para se desviar da lâmina, que atingiu o chão de mármore e soltou faíscas. Um pedaço do mosaico se quebrou, e os fragmentos se espalharam pelo salão. Drew precisava se manter em movimento, sempre se esquivando, até conseguir pensar em algum plano. “Não posso matar Djogo. Ele confia em mim. Que tipo de homem eu seria se traísse sua confiança justamente agora, quando ele está cego pelo amor que sente por Shah? É preciso haver outra saída!”

De todos os humanos contra quem tinha lutado, Djogo era sem dúvida o que mais lhe causara temor. Ficara aliviado quando o guerreiro lhe jurara lealdade em Scoria, o que parecia ter eliminado a ameaça de que se enfrentassem novamente. No primeiro embate entre eles, Drew tinha dado tudo de si, mas agora a situação era outra — não queria ver o oponente morto. Queria que ele continuasse vivendo. Queria que *os três* continuassem vivendo.

Djogo projetou a cimitarra com toda a força na direção do peito de Drew. O jovem Wolflord saltou para trás, escapando de um corte certeiro na barriga, mas foi incapaz de escapar do cutucão de uma ponta de lança por trás. O guarda o empurrou de volta na direção de Djogo, obrigando Drew a mergulhar em suas pernas e levá-lo ao chão.

Os dois saíram rolando. Drew dispunha apenas de sua única mão para tentar deter a cimitarra.

— Por favor, Djogo!

— Não tem outro jeito! — grunhiu o ex-caçador de escravos.

Djogo deu uma cabeçada no rosto de Drew, fazendo-o ver estrelas. Por puro instinto, o Wolflord rolou para o lado, já que seus olhos estavam marejados de lágrimas e o nariz, cheio de sangue. A cimitarra se chocou contra o chão mais uma vez, a poucos centímetros de onde ele tinha caído. O transmorfo sacudiu a cabeça e rezou para que sua visão voltasse logo ao normal. Ouviu a cimitarra ser arrastada pelo chão enquanto Djogo se levantava. Drew se afastou do ruído tilintante, esquecendo-se dos outros perigos que o aguardavam na arena improvisada. Um dos guardas bateu com uma cimitarra em suas costas, o que o levou ao chão com um grito de dor no exato momento em que a visão voltava ao normal.

Cercado por uma parede de guerreiros armados, estava diante de um oponente determinado a matá-lo. Era exatamente isso que os nobres omirianos queriam — dois inimigos seus lutando entre si até a morte: o caçador de escravos contra o Werewolf. Drew cuspiu o sangue no chão de mármore e soltou um rugido monstruoso que deixou os guardas de sobreaviso.

“Está na hora de dar a esse pessoal o que eles querem.”

O guarda com a cimitarra se preparou para desferir outro golpe contra Drew, mas escolheu um péssimo momento para fazê-lo. Drew estava em plena transformação, e só o que via pela frente era

uma sala repleta de inimigos. Ergueu um dos pés e atingiu o guerreiro com um chute no peito, mandando-o pelos ares. O guarda se chocou contra um pilar de mármore e desabou sobre o chão com a armadura toda deformada. Quando a cimitarra escapou de sua mão inerte, Drew já se encontrava transformado, agachado, pronto para a batalha.

Djogo avançou contra um guarda desatento, desarmando-o com um movimento certeiro com sua cimitarra. A arma do soldado saiu voando pelo ar até a outra mão de Djogo, que tinha no Werewolf um rival ainda mais temível. O ex-caçador de escravos começou a girar as cimitarras nas mãos, à medida que se aproximava do transmorfo.

Drew olhou para as lâminas em constante movimento nas mãos de Djogo, procurando uma maneira de passar por elas. Não eram armas de prata, mas nas mãos de Djogo eram capazes de abrir cortes profundos em seu corpo em questão de segundos. Por melhor que fosse o poder de cura dos transmorfos, no caso de ferimentos tão graves na certa não seria suficiente. Os guerreiros que os cercavam estavam a postos caso os combatentes se voltassem contra eles de novo. Espadas e cimitarras foram brandidas, prontas para atacar quem quer que se aproximasse demais.

— Você não tem como sair vivo desta! — grunhiu Drew, circulando a arena com movimentos velozes.

— Um de nós precisa morrer! — rebateu Djogo, a voz carregada de ódio e tristeza.

Djogo saiu correndo na direção de Drew, pronto para saltar e cortá-lo ao meio. No último instante, porém, Drew percebeu que se tratava de um movimento enganoso, que na verdade o alvo do ataque do guerreiro eram suas pernas. O Werewolf saltou sobre o oponente quando ele mergulhou com a espada à frente, e por pouco não teve os pés decepados, mas ainda assim as cimitarras o

atingiram, levantando uma névoa sangrenta e levando o Lobo ao chão com um grunhido.

Os Chacais vibraram ao contemplar o sangue do Lobo. Drew olhou para baixo, para o próprio tronco, e passou a garra escura pelos ferimentos produzidos pelas lâminas. "Eles só vão ficar contentes quando um de nós dois estiver morto."

Djogo se pôs de pé de novo, brandindo ameaçadoramente as cimitarras. Sempre que Drew fazia menção de escapar por um dos lados, o guerreiro fazia o mesmo, bloqueando suas rotas de fuga. Os anos de aperfeiçoamento na Fornalha e nos portos da Lyssia haviam feito de Djogo um guerreiro formidável, capaz de antecipar cada movimento do Lobo.

Com uma olhadela imperceptível, Drew notou dois guerreiros parados bem próximo um do outro, empunhando as armas de modo um tanto negligente. Com movimentos ágeis, desvencilhou-se da marcação de Djogo e se posicionou de costas para os dois guardas.

O Werewolf bateu com força os pés no chão, raspando o mármore com suas garras e atraindo a atenção de todos. Foi recuando, passo após passo, a cabeça abaixada em um ângulo que lhe permitia espiar os guardas atrás de si com o canto do olho. Um deles não demorou muito a cair na provocação: puxou a lâmina para trás, com a intenção de espetar o Lobo.

O licantropo girou o corpo e agarrou a lança. Com um safanão violento no cabo, fez o homem voar pelo ar à sua frente, largar a arma e cair na direção de Djogo. O guerreiro caolho tentou aparar o corpo desgovernado do soldado com os antebraços, mas ambos acabaram no chão.

Antes mesmo que aterrissassem, Drew já estava em movimento de novo, correndo e brandindo a lança na mão. Baixou o cabo da arma e torceu para que enganchasse em alguma reentrância no chão. A ponta do cabo se enfiou em uma fenda no mosaico despedaçado, detendo a corrida do Werewolf e projetando-o

imediatamente para o alto. Para seu alívio, a madeira envergou, mas não quebrou, permitindo que tomasse impulso suficiente para saltar por sobre os guardas. As lanças compridas projetaram-se em vão para cima, pois o Wolflord cinzento passou bem acima delas.

E aterrissou diante do trono.

Os nobres ao redor rugiram quando viram o Lobo avançar contra o rei Faisal, imobilizando-o no trono. Suas feições caninas foram aparecendo instantaneamente à medida que passava a se transformar para derramar o sangue do Werewolf. Faisal grunhiu de susto quando Drew fez menção de estrangulá-lo, cravando as garras dos pés em suas coxas e manchando de sangue a toga branca outrora imaculada. A cabeça do rei se expandiu, e suas feições se deformaram conforme se transformava no Chacal, mas sua garganta continuava restringida à dimensão humana sob o aperto de Drew. Faisal estava sem ar. Diante dos olhos arregalados do Chacal, Drew arreganhou os dentes e segurou firme, apesar de o rei se debater freneticamente, em pânico.

Uma parte dos soldados saiu em socorro do monarca, enquanto os outros correram para dominar Djogo, arrancando as espadas de sua mão antes que ele se animasse a cometer alguma tolice. O guerreiro pareceu perplexo quando viu o Lobo tomar como refém o rei de Omir.

— Matem o Lobo! — gritou Rook ali perto, abrindo um pouco mais o corte no pescoço de Shah com a lâmina, tornando-o visível.

— Mande seus cães recuar! — ordenou Drew, falando bem perto do ouvido do Werejackal.

Faisal olhou freneticamente de um lado para o outro, fazendo um movimento com as mãos para seus familiares, pedindo que recuassem. Drew aliviou um pouco a pressão em seu pescoço, permitindo que o Chacal respirasse. Ele puxou o ar com força, lutando para fazer o oxigênio passar pelas garras do Werewolf.

— Diga para o Corvo libertar Shah! — ordenou Drew. — *Agora!*

— Faça... o que... ele... manda! — murmurou o rei através da garganta comprimida.

Rook o encarou, incrédulo, sacudindo Shah pelos braços como se ela fosse uma boneca de pano.

— Mas, Majestade...

— Solte-a! — ordenou Faisal.

Não sem certa relutância, o Crowlord a libertou, mandando-a cambaleante na direção de Djogo, que se livrou dos guardas e a amparou. Os dois se abraçaram como se a vida deles dependesse disso.

— Você não vai sair vivo deste palácio, Lobo! — ameaçou Faisal, quase estrangulado pelas garras de Drew.

O Werewolf o apertou com mais força de novo.

— Levo você arrastado pelo pescoço até a Westland se for preciso, Faisal! — disse Drew. — Mas não precisava ser assim — continuou em tom de voz mais controlado. — Eu estava dizendo a verdade, Faisal, e fui ignorado. Viemos até aqui em paz, mas você fez questão de que saíssemos como inimigos...

— Ela voltou!

O grito da mulher ecoou pela sala do trono enquanto ela corria na direção do rei. Fosse quem fosse, não havia sequer reparado no drama que se desenrolava diante de si. O tom de voz parecia cada vez mais alegre à medida que avançava pelo ambiente, escoltada por mais alguns guardas.

— Veja, meu amor! Ela voltou para nós!

Finalmente, a mulher olhou ao redor. Os Chacais a encararam quando ela notou, perplexa, que o rei estava imobilizado sob o aperto fatal do Werewolf. Em seus braços estava a menina do barco, com os olhos arregalados, agarrada com força à mulher.

— Minha filha... — disse Faisal, e imediatamente parou de resistir.

Drew olhou para a criança, que ergueu o dedo trêmulo na direção do Werewolf.

— É ele, mamãe — falou ela, segurando o choro. A expressão da menina se acalmou de súbito, assumindo um ar de admiração. — Foi ele que me salvou.



4

O porto do fim do mundo

Poucos lugares na Lyssia eram tão remotos e inóspitos quanto Friggia. Situado no ponto mais ao norte da Baía da Miséria, era o único porto da Sturmland que os próprios sturmianos preferiam evitar. Ligada por terra à cidade dos Ratos de Vermire e à cidade de Tuskun, nos domínios de Lady Slotha, Friggia também era controlada pela Morsa. A maioria da frota de Tuskun, no entanto, estava ancorada em Black Bank, na costa sul da Península de Sturm. Apenas algumas poucas embarcações encontravam-se estabelecidas em Friggia, na costa norte, onde cuidavam de assaltar as raras e corajosas almas que ousavam navegar pelo Mar Sturmiano. Assim como os vizinhos de Vermire, os habitantes de Tuskun eram piratas assumidos.

Em meio a uma tempestade de neve, qualquer outro porto da Lyssia estaria deserto, menos o de Friggia. Apesar do adiantado da hora e do tempo feio, o porto tuskuniano estava em plena atividade, tanto nas ruas ao redor como nas docas que abrigavam as embarcações maiores. Já as menores encontravam-se recolhidas a um canto, na maioria barcos de pesca amarrados à espera de sair ao mar no dia seguinte. Em uma das extremidades do píer, três

figuras se destacavam, tentando se proteger da neve que caía. Atrás delas, um bote a remo era amarrado, e alguns homens começavam a se juntar aos três na plataforma de madeira.

— Pelos bigodes de Brenn! — exclamou Manfred. — E eu pensando que nas Barebones fazia frio. Isto aqui é impressionante!

— Estamos no norte agora, senhor duque — respondeu Hector. — Aqui não existe meio-termo.

Figgis, o novo e relutante capitão do *Turbilhão*, não tinha nada a dizer. Limitou-se a observar enquanto os outros seis homens amarravam o bote e se juntavam a eles.

— Estamos conversados quanto às atribuições de cada um? — perguntou Manfred, encarando os demais. — O capitão Figgis vai ficar aqui vigiando o bote, e nós vamos nos dividir em dois grupos.

Manfred apontou para Holman, o cozinheiro do navio, ao que o homem grisalho respondeu com um aceno de cabeça.

— Mestre Holman, vou acompanhá-lo em busca de provisões: carnes, legumes e verduras, o que quer que exista para comer neste fim de mundo. Hector — Manfred apontou com o queixo para o jovem Boarlord —, você vai procurar água potável para o navio e também alguma bebida mais forte para os rapazes. Mas vamos ser discretos, está bem? A última coisa de que precisamos é chamar a atenção para nossa presença.

A expressão de Hector parecia estoica, sem um pinga de humor.

— Pode contar comigo, senhor duque.

Ringlin e Ibal esperavam por seu mestre não muito longe dali, ainda no píer. Estavam ambos bem agasalhados contra o frio. Hector, por sua vez, não tinha sequer colocado o capuz do manto; parecia ignorar a sinistra tempestade de neve. O magíster estava prestes a se juntar a seus homens quando se deteve, virou-se para Manfred e pôs a mão esquerda enluvada sobre o braço do duque.

— Está tudo bem, Manfred? — perguntou Hector, com um tom de voz tranquilo e sincero, deixando de lado as formalidades

demonstradas anteriormente.

— Do que está falando, Hector? — rebateu o Staglord, olhando para a mão que segurava seu pulso.

— Você anda meio diferente nos últimos dias, principalmente depois do terrível incidente do desaparecimento de Vega e daquele pobre menino.

Manfred suspirou, lançando um olhar cauteloso para o jovem Boarlord por baixo da cabeleira espessa e grisalha.

— E quem de nós *não* ficou diferente depois do desaparecimento do conde, Hector? Foi um acontecimento traumático. É... inacreditável... que algo tão trágico possa ter acontecido com nosso amigo no próprio navio, não acha?

— Inacreditável — repetiu Hector, balançando a cabeça. — Mas, enfim, estou sempre à disposição se quiser conversar, desabafar alguma coisa. Os amigos devem permanecer sempre unidos.

— Amigos, claro — concordou Manfred, abrindo um sorriso de tristeza. — Sempre unidos.

O duque apertou a mão do barão antes de se virar na direção do restante dos homens do *Turbilhão*. Sem que mais nenhuma palavra fosse dita, o grupo se dividiu e se espalhou pela Friggia para cumprir as respectivas missões.

— Não foi esse o preço combinado — disse Hector, balançando o dedo para o taberneiro.

Os dois homens estavam de pé no beco escuro e gelado ao lado da Taverna Black Gate, diante das portas escancaradas do porão. As lamparinas acesas lá dentro iluminavam a discussão entre os dois, enquanto seus homens trabalhavam juntos para retirar a mercadoria de dentro da adega.

— Mas agora o preço é esse — respondeu o taberneiro, levantando o queixo em um gesto triunfante.

— É assim que funcionam as coisas por aqui? Os acordos comerciais são feitos e desfeitos a bel-prazer?

— É assim que as coisas estão funcionando por aqui no seu caso. E não me importa como vocês fazem negócio lá em... Highcliff... — O taberneiro foi baixando o tom de voz aos poucos enquanto abria um sorriso.

“Então”, murmurou Vincent, “ele sabe de onde você é? Isso está com cara de ameaça, irmão. Ele é um sujeito bem arrogante, não?”

Um cavalo solitário estava parado por perto, atrelado à carroça, os olhos fixos nos homens que discutiam. Ringlin e Ibal trabalhavam com o corpulento ajudante do taberneiro no porão, rolando três grandes barris na direção da rampa. O ajudante era um grandalhão silencioso, que não abria a boca para nada e fazia tudo o que o patrão ordenava. Uma criança presa no corpo de um homem, foi essa a expressão que passou pela cabeça de Hector. Os dois guarda-costas olhavam para cima o tempo todo enquanto o magíster negociava, prestando atenção a cada detalhe da conversa.

— Pelo jeito alguém aqui foi seduzido pela ganância, meu senhor — comentou Hector, abrindo um sorriso amarelo que lhe retorceu ligeiramente o rosto.

— Sou um negociante, apenas isso. Até onde sei, você não está me pagando só pelos barris de conhaque, garoto. — Ele baixou a voz. — Está comprando também meu silêncio.

Hector sacudiu a cabeça.

— Precisamos mesmo levar a coisa para esse lado? — perguntou em um tom exausto e irritadiço, antes de erguer e abrir a mão esquerda.

No mesmo instante, o taberneiro começou a engasgar e lutar contra uma força invisível que lhe apertava a garganta. Hector fechou a mão no ar e observou seu irmão torcer o pescoço do homem.

— Você teve todas as chances de fazer um bom negócio comigo e sair vivo. Três barris de conhaque, era tudo o que eu queria. Fizemos um acordo, que selamos com um aperto de mão. Eu me lembro bem de ter apertado sua mão, você, não?

O homem desabou sobre os joelhos, arregalando os olhos e cravando as unhas no pescoço gordo, arranhando profundamente a pele.

— A ganância, meu senhor, é uma coisa muito feia, você há de concordar. Adoraria dizer que foi um prazer fazer negócio com você, mas...

Hector fechou o punho com força, concentrando-se apenas no vil, que se encarregava de liquidar definitivamente o homem. Antes, ainda em Highcliff, seu controle sobre Vincent era apenas temporário, inspirado por algum arroubo de sentimentos. A partir do encontro com seu anfitrião na Ilha Branca, no entanto, ganhara uma compreensão muito mais profunda de suas habilidades. Hector brandiu a mão pelo ar, como se puxasse uma corda. Da garganta do taberneiro escapou o ruído úmido de um estalo, e ele foi ao chão com o pescoço quebrado.

Hector olhou para o porão e viu que Ringlin, Ibal e o ajudante do taberneiro o observavam. O gigante parecia preocupado, aturdido pela súbita percepção do que acontecera. Ficou imóvel, olhando para o Boarlord, que deixou o último barril rolar até a base da rampa. Ibal sacou seu punhal da cintura, enquanto Ringlin silenciosamente desembainhou seu facão, brandindo a lâmina enquanto ambos avançavam sobre o ajudante. Hector perdeu o trio de vista quando o gigante mudo recuou, amedrontado, para as profundezas do porão.

“Está feito, irmão.”

Hector estava surpreso em relação a Vincent. Quando ficara claro que o magíster havia ganhado acesso a segredos outrora inacessíveis, uma nova relação se estabelecera entre o vil e seu

mestre. Vincent vinha demonstrando um respeito inédito por Hector, em boa parte motivado pelo medo. O anfitrião da caverna da Ilha Branca ensinara muita coisa a Hector enquanto sugava seu sangue. Mostrara a ele diversas maneiras de infligir dor, e não apenas aos vivos, mas aos mortos também.

Mesmo com todo um mundo de magia negra ao alcance dos dedos, esperando para ser explorado, Hector ainda se sentia inseguro. Havia feito o que era preciso para se livrar de Vega. O magíster sabia que era uma questão de tempo até que o Sharklord o traísse — ele fazia de tudo para humilhá-lo na frente de Bethwyn sempre que a ocasião permitia. Hector se arrependia apenas de ter permitido que o almirante o tivesse observado tão de perto e o conhecido tão bem. Esse era um erro que não cometeria de novo. Pela primeira vez na vida, Hector sentia que possuía controle sobre sua magia.

O taberneiro tinha cavado a própria cova. Havia se revelado um inimigo do Conselho Lupino, e Hector fora obrigado a eliminá-lo. Quem poderia imaginar que seu conhecimento da magia negra poderia ser usado para o *bem*? Apesar do frio que lhe maltratava o rosto, sentia no coração um calor do qual vinha sentindo falta fazia tempo. Estava a serviço de Drew novamente, ajudando o que restara do Conselho Lupino com o dom que Brenn lhe dera.

Passando por cima do cadáver, Hector voltou para a rua, de onde era possível ouvir a cantoria que vinha de dentro da Taverna Black Gate. Era questão de tempo até que os clientes notassem o desaparecimento do taberneiro. Hector olhou para trás e viu o primeiro barril ser retirado do porão pelos membros da Guarda Javalina. Estava na hora de voltar para o *Turbilhão*. Sem delongas, os dois carregaram a carroça e depois tocaram para o porto.

Ibal estalou o chicote entre as orelhas do cavalo, que se apressou pela rua escorregadia que dava acesso às docas. Como sua tarefa fora completada em tempo menor que o esperado, Hector esperava

que eles fossem os primeiros a chegar ao bote. Seria bom para mostrar a Manfred sua capacidade, depois de tudo o que tinha acontecido nas semanas anteriores. O povo do duque cuidara bem de Hector em Highcliff quando ele ficara doente, permitindo que convalescesse na Casa do Traidor. Depois do caos enfrentado em Moga e na Ilha Branca, Hector sentia que era hora de retribuir ao Staglord o tratamento gentil que lhe dispensara durante esse tempo todo. Considerava que chegar ao bote com sua missão cumprida era o primeiro passo para reconquistar a confiança de Manfred.

Os três barris de conhaque e os quatro tambores de água fresca estavam no compartimento de carga da carroça com Hector, enquanto seus homens iam à frente, sentados no assento do cocheiro. Conforme se afastavam, o magíster não conseguia desviar os olhos da Taverna Black Gate. Os clientes já começavam a sair à procura do taberneiro gordo que se ausentara do bar para nunca mais voltar. A julgar pela gritaria e correria no beco, seu corpo tinha sido encontrado, assim como o do bobalhão na adega do porão. Hector olhou com preocupação para as marcas profundas das rodas da carroça no chão coberto de neve. Havia uma trilha a seguir: quanto antes chegassem ao *Turbilhão*, melhor. A última coisa de que Hector precisava era ser caçado por aqueles servos miseráveis de Slotha.

Parando a carroça diante da plataforma onde Figgis havia amarrado o barco, os membros da Guarda Javalina pularam por cima de Hector para começar a descarregar os barris. Os gritos distantes de revolta diziam ao Boarlord tudo o que era preciso saber. "Tomara que Manfred também já esteja vindo", pensou ao saltar sobre o chão congelado.

Caminhou até o píer, pisoteando o gelo sobre a madeira com as botas. Diminuiu o passo ao chegar perto da extremidade da plataforma e, então, se deteve de vez.

O bote não estava mais lá.

A princípio, Hector imaginou que estivesse na plataforma errada, mas era impossível — havia apenas algumas delas naquele lado do porto. Foi quando notou que as cordas que mantinham as outras embarcações amarradas — botes e barcos de pesca — tinham sido cortadas. Podia ver algumas a alguns metros, na água escura e agitada.

À deriva.

Olhou para o píer ao lado. Por lá também as amarras haviam sido partidas. Não seria possível voltar para bordo do *Turbilhão*. Retornou correndo para a rua que dava acesso às docas, onde encontrou os companheiros rolando o primeiro barril pela rampa improvisada.

— Podem parar com isso — falou. — O barco foi embora. Precisamos encontrar Manfred e avisá-lo que Figgis nos abandonou.

Assim que disse essas palavras, porém, deu-se conta do que tinha acontecido.

— Como assim, milorde? — perguntou Ringlin, empalidecendo de preocupação. Ibal soltou uma risadinha nervosa, olhando para trás, vendo que as tochas e as lamparinas já começavam a se aproximar das docas. Ringlin ficou perplexo ao notar que seu mestre sorria.

— Então é esse seu jogo, Manfred? — Hector disse para ninguém em particular além de si mesmo.

Seus homens não deram nenhum sinal de que haviam entendido do que se tratava o comentário. Em vez disso, sacaram as armas.

“O Cervo mostrou sua verdadeira cara, irmão. O último membro restante do Conselho Lupino o apunhalou pelas costas. Não se pode confiar em ninguém.”

— Pela primeira vez, você está certo, Vincent — concordou Hector, passando por Ringlin e Ibal para se posicionar diante da carroça.

— O que está fazendo, milorde? — perguntou Ringlin, a voz nitidamente trêmula de pânico ao ver a turba enfurecida se

materializar em meio à tempestade de neve, seguindo a trilha deixada nas ruas cobertas de branco.

Hector se manteve impassível quando os homens apareceram. Instantes depois, ele e os membros da Guarda Javalina já estavam cercados. Ringlin e Ibal tinham as armas em punho. Se estavam condenados à morte, levariam com eles alguns dos homens da Morsa. Os moradores locais clamavam pelas entranhas dos forasteiros da Westland.

Hector ergueu as mãos, as palmas viradas para a multidão.

— Silêncio — ele disse apenas.

Um frio diferente de tudo o que os homens de Friggia conheciam se abateu sobre a turba. Era como se a mão esquelética da morte tocasse o coração de cada um deles, silenciando-os de imediato. Hector sorriu.

— Levem-me até Lady Slotha, a Werewalrus.

— Está feito — declarou Manfred quando subiu de novo a bordo do *Turbilhão*, contando com o auxílio da tripulação para firmar os pés no convés coberto de gelo. Amelie e Bethwyn estavam à espera dele, abraçadas para se proteger do vento congelante que soprava ao redor.

— Ele não tem como seguir vocês? — perguntou Amelie.

— Só se estiver disposto a vir nadando — respondeu Figgis, o último a subir do bote a remo.

— Rezo a Brenn para que tenhamos feito a coisa certa — falou a rainha, temerosa, abraçando com ainda mais força a dama de companhia.

— Quanto a isso não se preocupe — garantiu Figgis antes de se virar para o Staglord. — Para onde, senhor duque?

— Para Roof, caro capitão — determinou Manfred. — E de lá para Icegarden, sob a proteção do duque Henrik. Só espero que ele esteja em um estado de espírito generoso.



5

Uma plateia cativa

Da varanda alta e espaçosa onde se encontrava, Drew tinha a melhor vista do Reino do Deserto que Omir poderia proporcionar. A leste, o Mar de Sabre se estendia pelo horizonte, separando a terra do céu. A oeste, as Montanhas Barebones pareciam torturantemente próximas, com os picos cobertos de neve reluzindo como diamantes. Drew olhou para baixo. A cidade se espalhava sob o palácio, mantida em segurança pelas muralhas fulgurantes de Azra. Havia um caminho que percorria todo o perímetro do paredão, tornando possível até mesmo a movimentação de cavalos e carroças acima da superfície da cidade. Apenas duas passagens permitiam a entrada: o Portão de Cobre, ao norte, e o Portão de Prata, ao sul. Eram estruturas do tamanho de muitos castelos do oeste, guaritas que abrigavam legiões de guerreiros que compunham as linhas de defesa da cidade. Enquanto as muralhas permanecessem de pé, Azra estaria sob o controle de Faisal.

O *Banshee* ainda se achava em Kaza, sob a vigilância de guardas armados. Apesar de Drew e seus companheiros terem levado a filha do rei para casa sã e salva, o omiriano não estava disposto a correr nenhum risco. Drew queria ir embora dali o quanto antes, mas

percebeu que naquele momento essa não era uma possibilidade. Pelo menos não enquanto um exército inteiro estivesse reunido ao norte.

Barracas de todos os tamanhos pontuavam a paisagem do deserto por quilômetros a fio na direção de Azra, a maior reunião de tropas que Drew já tinha presenciado na vida. Armas imensas, feitas para derrubar fortificações, erguiam-se no ar, as suas formas oscilando, em meio ao calor intenso. Contou pelo menos trinta desses mecanismos, destinados unicamente a romper a proteção das muralhas de Azra. Drew contemplou mais uma vez as defesas da cidade. As forças de Faisal estavam em massacrante minoria numérica — as muralhas eram o único fator capaz de equilibrar a batalha. “Uma parede para deter esse exército inteiro.”

— Impressionante, não? — comentou Faisal ao se juntar a Drew na varanda.

— As muralhas? Ou o exército acampado no seu quintal?

— As duas coisas.

— Há quanto tempo estão aqui?

— Começaram a se reunir na semana passada. E chegam mais a cada dia, segundo nossos observadores. Quem sabe quantos ainda virão, ou quando pretendem atacar?

— Quem são?

— Lord Canan e os Doglords. Durante dez anos, ele promoveu a guerra em Omir, roubando um pedaço do deserto de mim a cada ano. Apesar de a luta ter se intensificado nos últimos tempos, ele jamais arriscou um ataque contra Azra. Ainda não entendi por que de uma hora para outra ele resolveu se mostrar tão ousado...

Faisal se virou e começou a caminhar de volta para a sala do trono. Drew foi atrás, sempre cercado pelos guerreiros de manto amarelo da guarda do palácio. Apesar de não estar algemado, ainda era um prisioneiro. “Será que Faisal já está sabendo da aliança dos Cachorros com os Gatos? Será que já ouviu o rumor de

que Hayfa uniu suas forças com Canan?” Drew sentiu um frio no estômago. “Três exércitos unidos contra Azra? A cidade vai sucumbir...”

Depois do drama do dia anterior, o rei parecia um homem mudado. Drew e seus companheiros estavam sendo obrigados a ficar ali contra a vontade, mas isso não significava que não merecessem toda a cortesia por parte do rei. Os três eram mantidos em aposentos separados, onde podiam tomar banho, comer e dormir. O corpo de Drew implorava por um descanso, um tempo para curar as feridas das batalhas, mas precisavam retomar a viagem, e depressa. A manhã já estava alta quando enfim voltaram à sala do trono de Faisal. Shah se encontrava lá com Djogo, conversando baixinho sob os olhares desconfiados dos cortesãos.

— E sua filha, como está? — perguntou Drew enquanto Faisal se acomodava no trono. Um escravo se ajoelhou diante dele com uma bandeja de azeitonas e uvas, erguendo-a instintivamente quando o rei fazia menção de pegar algo dela.

— Kara já está melhor. Mais uma vez agradeço por tê-la trazido em segurança para casa. Minha esposa também voltou a seu estado normal.

— Eu não estava sozinho — disse Drew, apontando na direção dos companheiros. — É a Shah que você deve agradecer. Foi sua visão que permitiu que detivéssemos a tempo o ataque do Doglord. Sem ela, o fim dessa história não seria tão feliz.

Faisal balançou a cabeça para a Werehawk, abrindo um sorriso forçado.

— Por favor, entenda, Lady Shah, que para mim é... difícil expressar meu sentimento de gratidão para uma Hawklady, por causa do papel que tiveram na invasão de Azra alguns anos atrás.

— Eu entendo — garantiu Shah, posicionando-se ao lado de Drew.
— Mas é algo alarmante que seus inimigos o estejam atacando

assim tão perto de casa. O que sua filha fazia em um *barco*, para começo de conversa?

— Estava vindo para casa. — Faisal assumiu uma expressão bem séria ao lembrar quão perto estivera de perder a filha. — O corpo que vocês trouxeram era do meu tio, o príncipe Fier. Kara estava sendo educada em Denghi, onde ele era meu representante. Quando tomamos conhecimento de que as forças de Canan marchavam para Azra, não tivemos opção senão chamá-los de volta.

— E como foi que terminaram sendo atacados? — questionou Drew.

Faisal franziu a testa. Antes que pudesse responder, Lord Rook tomou a palavra em seu lugar.

— Os inimigos do rei estão em toda parte, Lobo.

— Mas foram os Doglords que atacaram o barco — disse Drew. Ele observava o homem de preto com atenção. Aquele Corvo tinha demonstrado um prazer demasiado em torturar Shah no dia anterior.

— Isso é o que *você* diz — rebateu Rook. — Não temos nenhuma prova do envolvimento dos Cães. Deviam ser apenas piratas do rio. Seja como for, ela está em segurança agora.

— Foi um Doglord, Majestade, e sua filha pode confirmar isso — insistiu Drew. — Além disso, eu deixei o cadáver de um deles no leito do rio Silver.

— Acho que a pobre Kara não se lembra de muita coisa desse evento tão traumático. Ela ainda está em choque. E eu diria que é bem conveniente para você afirmar que o corpo do culpado está no fundo do rio — acusou o Crowlord.

— Por falar em conveniência — rebateu Drew, encarando Rook —, como os Doglords ficaram sabendo que a filha do rei voltava para Azra? Eu já vi mapas da região, tenho uma boa noção das distâncias: como a notícia de que ela estava a caminho pôde chegar

em tão pouco tempo até o norte? Como essa mensagem para os Cachorros viajou tão rapidamente? Parece até que a informação chegou *voando*, não concorda, Lord Rook?

— Cuidado com essas insinuações, menino — ralhou Rook. — Deviam ser bandidos comuns. Apenas piratas, Majestade.

Drew se virou para o rei, irritado pelas interrupções do Corvo.

— Portando armas de prata? Esses bandidos a quem Rook se refere devem ser ricos — comentou Drew. — Isso está com cara de um ataque coordenado. Seus inimigos estão mobilizados, Majestade, e creio que em número muito maior do que imagina, alguns deles bem mais próximos do que pensa.

Rook agarrou Drew e o virou para encará-lo.

— Você acha que o rei não tomou *nenhuma* providência depois dos eventos de ontem? Deveria se preocupar com seu próprio futuro, isso sim.

— Até onde sei, esta é a corte do rei Faisal, não dos Corvos de Riven — retrucou Drew. — Aprecio seu interesse com o meu bem-estar, Rook, mas estou falando com o rei, não com um dignitário convidado de uma cidadezinha perdida nas Barebones.

— Cuidado com a língua, Lobo! — alertou Rook. — Você e seus amigos são *inimigos* de Omir. O valoroso povo do Reino do Deserto não tem memória curta. Todos se lembram muito bem de Wergar por aqui.

Drew o ignorou, dirigindo-se a Faisal.

— Kara só está aqui, Majestade, graças à nossa intervenção. Drake, um de nossos companheiros, morreu para salvá-la. Ele era um homem corajoso, um Werelord de primeira linhagem, e deu a vida para salvar alguém que nem conhecia a quilômetros e quilômetros de sua terra natal. E o senhor ainda me diz que não quer nos deixar seguir viagem?

Faisal passou a mão pelo queixo enquanto ouvia Drew se manifestar, refletindo sobre as palavras do Wolflord.

— O motivo de haver uma guerra no oeste é você, rapaz — o rei se pronunciou por fim. — Os Sete Reinos estão em disputa pelo trono de Highcliff. Alguns dizem que ele deve ser seu. Preciso ouvir o que você pensa a respeito.

Drew retorceu o rosto em uma careta. O Chacal sabia muito bem o valor do prisioneiro que tinha em mãos.

— Até bem pouco tempo, eu não tinha o menor interesse em assumir o trono da Westland. Mas isso foi antes de ver as crueldades perpetradas por toda a Lyssia em nome de monstros como Leopold, Lucas e Kessler.

Djogo e Shah baixaram a cabeça, envergonhados pela menção ao nome do Goatlord.

— O povo da Lyssia tomou partido. Ele se uniu sob a bandeira do Lobo, erguida em meu nome. Seria uma traição se eu renunciasse à luta para libertá-los da tirania. Brackenholme, a Westland, as Longridings, as Barebones...

— Não ouse mencionar minha terra natal como sua aliada, Lobo!
— Rook interrompeu. — Os Staglords decidiram lutar a seu lado, e o que ganharam com isso?

Drew virou a cabeça imediatamente ao ouvir a menção aos Cervos.

— Por quê? O que aconteceu?

O Crowlord encheu a boca para dar as últimas notícias sobre as Barebones.

— Highwater está cercada pelas forças de Onyx, e sua queda é questão de tempo. Quanto aos Staglords, na certa você sabe que um dos irmãos está morto e o outro, desaparecido. Então, por favor, Lobo, não venha me dizer que tem amigos no Reino da Montanha, pois não tem.

Shah deu um passo à frente na direção de Rook.

— Highwater está sitiada? Então me diga, Corvo: de que lado estão os pássaros pretos de Riven? Highwater fica bem perto de

sua cidade, não?

Rook pareceu incomodado com as palavras da Hawklady.

— Nós, os Crowlords, não tomamos partido. Nosso único interesse é manter a paz e a neutralidade.

Shah soltou uma gargalhada, mas, quando voltou a encarar Rook, seu rosto estava de novo impassível.

— Como pode me dizer que o único interesse dos Corvos de Riven é a paz? Seu pai, o conde Croke, é quem manda naquele ninho há um século e, durante todos esses anos, só o que fez foi brigar com seus vizinhos para que o controle das Barebones saísse das mãos dos Cervos de Stormdale. Você quer que eu acredite que ele está sentadinho, neutro e imparcial, enquanto os inimigos mortais são acossados pelos Catlords? Diga logo de uma vez: quanto tempo ainda falta para que um Corvo assuma residência em Stormdale, Rook?

Rook avançou na direção de Shah brandindo o punho, mas foi contido a tempo pelos guardas do palácio.

— Sua bruxa! — gritou o Crowlord. — Como ousa me dizer o que é melhor para as Barebones? Sua espécie foi banida das minhas montanhas! Você é uma relíquia do passado, Shah... você e quantos mais da escória dos Hawklords tiverem restado! Skeer é o único que presta desse seu bando, e ele fez a coisa certa ao se juntar a Leopold naquela época. É ele quem governa Windfell agora, o último Gavião. E não vai demorar muito para termos penas pretas adornando o trono de Windfell!

Seus olhos se arregalaram de fúria, e Shah procurou abrigo ao lado de Djogo. Drew olhou para Faisal e ficou surpreso ao notar que o Chacal o encarava com uma expressão indecifrável, ignorando a reação de Shah e a explosão de Rook.

Drew se virou para o Corvo.

— O senhor de direito de Windfell não é o barão Griffyn?

— Griffyn? Essa criatura patética nem asas tem mais. Alguém deveria torcer o pescoço do pobre abutre e acabar com seu sofrimento logo de uma vez.

Ignorando o Corvo, Drew se voltou para Faisal.

— O exército do Doglord está logo ali, Majestade, provavelmente o mesmo que se aliou aos Catlords que atacaram a Westland. Agora reúnem-se mais uma vez ao norte de Azra, para que os Gatos possam retribuir o favor aos Cachorros. Com certeza existem bastians no meio desses omirianos.

— Pois que venham! — gritou um dos primos de Faisal. — Seus corpos vão ser empilhados do lado de fora das muralhas de Azra!

— Podemos muito bem derrotar esse exército do norte! — berrou outro.

— E o do sul? — perguntou Drew, virando-se para os demais. — Esse assunto está se espalhando como fogo em palheiro em Denghi. Lady Hayfa fez um acordo com Lord Canan. Seu exército também virá dar apoio aos Doglords. Mandem alguns observadores para o sul, e na certa eles vão encontrá-la. São três exércitos, milordes, que cercam sua cidade. Eles vão dividir Azra entre si!

— Que absurdo! — protestou Rook. — Não dê ouvidos a ele, Majestade. Sua intenção é espalhar o medo e a desconfiança. Esse monstro e seus companheiros deveriam ter sido mortos assim que puseram os pés aqui.

— Permita que sigamos viagem — continuou Drew. — Vamos às Barebones, sob a orientação do barão Griffyn. Ele nos levará até a antiga tumba de seus ancestrais, o Pico dos Gritos. De lá, o barão vai convocar os Hawklords de todas as partes da Lyssia.

Drew não tirou os olhos do rei enquanto falava. A sala inteira estava em silêncio, a não ser pelos rugidos de Lord Rook.

— Sua ajuda não será esquecida, rei Faisal. Voltaremos em maior número para ajudá-lo a derrotar o exército que se aproxima de

Azra, seja ele formado por Cães, Gatos ou qualquer outro tipo de transmorfos. Os Hawklords serão seus aliados desta vez!

Rook se aproximou de Faisal, passando em silêncio por Drew.

— O Lobo é capaz de prometer qualquer coisa para salvar a própria pele, Majestade. Mate-o agora, faça com que toda a Lyssia saiba disso e será visto como um herói em todos os Sete Reinos! Com um golpe de sua espada, esta guerra inteira pode acabar!

O rei se virou lentamente para o Crowlord.

— Meu caro Lord Rook — falou, abrindo um sorriso —, creio que sua presença aqui não seja mais bem-vinda.

— Está brincando! — respondeu Rook com um sorriso de surpresa estampado no rosto.

— Estou falando muito sério. Hoje à noite, os portões de Azra serão fechados para todos, à exceção dos meus aliados. Todos os demais serão obrigados a partir. Isso inclui você.

— Mas eu estou aqui a mando do meu pai. *Nós* somos seus aliados.

— Vivemos tempos turbulentos, Lord Rook. Sem dúvida seu pai vai apreciar sua presença em Riven em meio a essa ameaça de guerra. Dentro destas muralhas, só quero aqueles que são leais a Azra.

Rook estava furioso, babando de raiva, quando virou a cabeça e cravou os olhos em Drew e seus companheiros.

— Está tomando partido de seus prisioneiros, Faisal? É essa a sua consideração por mim? Acredita mais na palavra do Lobo que na minha?

Faisal se levantou e caminhou em direção ao furioso Lord de Riven.

— O que está em questão aqui não é o Lobo, e sim o Corvo. Existem muitas questões ainda sem resposta sobre os inimigos no meu portão e as verdadeiras alianças que foram seladas nas Barebones. Sua presença aqui não me ajuda em nada.

— Não se deixe enganar pelas fofocas do Lobo — insistiu Rook, mas sem muita convicção.

— Você teve todas as chances de sair daqui com sua reputação intacta. Tolerei seu comportamento sádico ontem ao tomar a Hawklady como refém porque acreditava que o Lobo e ela eram meus inimigos...

— Mas eles *são* seus inimigos! — falou Rook. — E deveriam ser mortos!

— Agora você ofende uma hóspede do meu palácio. Uma dama, ainda por cima.

— Ela não é uma dama! — grunhiu Rook. O Crowlord a essa altura já estava cercado pelos guardas reais, e os demais nobres viraram as costas para o irritadiço transmorfo.

— Que benefício sua presença aqui traz para mim e meu povo, Rook? Por que você quer tanto a morte do Lobo? Ao lado de quem está, afinal?

— Se o senhor não os matar...

— O que acontece se eu não os matar? — quis saber o rei, já em meio à transformação.

Faisal arqueou as costas, deixando que a túnica caísse por cima dos ombros, e seu tronco bronzeado triplicou de tamanho. Os músculos dos braços incharam, os dedos se transformando em garras perigosamente apontadas para Rook. O pescoço e a cabeça também se alargaram, e a pelagem lisa do Chacal se espalhou por todo o seu corpo, enquanto orelhas longas e pontudas se pronunciavam na cabeça.

— Modere sua língua, Crowlord, antes que acabe dizendo algo de que se arrependa.

Drew ouviu os rosnados dos outros transmorfos da corte. Uma nuvem passou na frente do sol, escurecendo a sala do trono. Seus primos e companheiros Jackalords grunhiram em uníssono, revelando o lado animal nos semblantes furiosos.

— Você tem uma hora, Corvo — decretou Faisal. — A morte de Lord Fier, meu tio, está envolta pela sombra da traição, e as palavras do jovem Wolflord permitiram que eu visse isso. Junte seus pertences e saia da minha cidade. Caso desrespeite esse prazo, não me responsabilizo pelos atos dos meus companheiros Chacais. Uma ameaça ao rei é uma ameaça a todos.

Rook deu uma olhada rápida ao redor e notou o estado de agitação dos Jackalords. Deu um passo para trás, cauteloso, dividindo sua preocupação entre guerreiros e transmorfos.

— Você cometeu um grande erro ao tomar o partido desses bárbaros, Faisal — alertou o Werekrow antes de se retirar da sala do trono, escoltado de perto pelos guardas. O Lord de Riven deu meia-volta e saiu com passos apressados, fazendo a capa esvoaçar e deixando uma trilha de penas pretas pelo caminho.

Drew manteve a distância do Werekrow enquanto observava a retirada do Corvo. Os ombros largos de Faisal oscilavam para cima e para baixo. Pouco a pouco, ele foi retomando a forma humana, e também a calma.

Por fim, o rei se virou para Drew.

— O pássaro preto diz que eu cometi um erro acreditando em você — disse Faisal, estreitando os olhos para examinar melhor o jovem transmorfo. Aquele olhar parecia um desafio, como se exigisse algo do Lobo. — Prove que ele estava errado.



6

Sem saída

Os chamados dos que vinham atrás pareciam distantes, e os gritos eram levados pelo vento que varria as Longridings. As tochas ainda eram visíveis, chamas brandidas pelos cavaleiros que esquadrinhavam os campos gramados em busca de fugitivos. Trent fustigou Tempestade a galopar mais depressa pelo mato alto, preocupado em estabelecer certa distância de seus companheiros. A balbúrdia dos demais era suficiente para alertar até os mortos. Caso quisesse capturar seus inimigos, ele iria precisar do fator surpresa a seu lado.

As folhas altas chicoteavam o cavalo e o jovem à medida que passavam, e Trent procurava com os olhos os caminhos que poderiam ter sido percorridos por sua presa. Mais uma vez, a mente voltou aos tempos da Costa Gélida, onde ele e seu pai — e seu irmão — caçavam à luz da lua, muitas vezes a pé, mas sempre iluminados pelo luar. A pálida luz do corpo celeste aclarava o caminho à frente — a grama marcada pelos passos cambaleantes do inimigo em sua fuga desesperada. O homem estava ferido, disso ele tinha certeza, a julgar pelo sangue nas folhas altas e amareladas do matagal.

A trilha terminava em um local onde o mato desaparecia subitamente sob as patas do animal. Trent deu o comando para que Tempestade parasse, e a égua bufou ao derrapar em uma parada abrupta, com os cascos deslizando sobre a terra congelada e lançando uma chuva de pedrinhas sobre a borda do abismo. Ele se ajeitou na sela e acariciou o pescoço de Tempestade em meio às nuvens de vapor que lhe saíam das ventas. Diretamente abaixo deles, uma garganta cortava a paisagem das planícies, com encostas rochosas que revelavam um curso d'água tortuoso e agitado lá embaixo. Tempestade pisoteava o chão em movimentos nervosos, enquanto Trent examinava o terreno, avaliando o vale rochoso de norte a sul.

— Ele foi por ali — Trent falou, para a égua e para si mesmo. — E nós também vamos.

Bateu com os calcanhares nos flancos de Tempestade, incitando-a a ir até a beirada do abismo. Com uma certa relutância, ela foi em frente, pisando leve com os cascos no terreno pedregoso. Eles passaram por uma pedra manchada de sangue, uma indicação de que o fugitivo tinha rolado pelas rochas até o fundo do desfiladeiro. Ao chegarem à base da encosta, Trent desceu da sela por um momento e conduziu Tempestade pelo riacho, os olhos em alerta, vasculhando todo o vale em busca do inimigo. Deixou que a égua matasse a sede e saltou para a outra margem. Não havia mais trilha de sangue nem pegadas no chão de pedras miúdas. Olhou para o sul, onde o curso d'água desaparecia a distância, na direção do restante dos homens.

— Ele não deve ter ido para lá, não depois de ver o que aconteceu com seus companheiros. — Trent saltou de volta sobre a sela, sentindo o animal renovado depois de se refrescar com a água gelada. — Então, só pode ter ido para o norte. Vamos subir o rio.

As tropas de Lord Frost tinham cruzado o caminho de um grande grupo de viajantes naquele dia, perto do fim da tarde, rumando

para oeste pelas Longridings. Eram quase duzentos, a maioria civis: fazendeiros, comerciantes e um punhado de romaris. Havia também alguns Horselords em suas fileiras — e foram eles que saíram em defesa dos companheiros quando a Guarda Leonina promovera um ataque-surpresa à caravana. Essa ofensiva inicial deixou um gosto amargo na boca de Trent. O fato de haver romaris entre eles foi suficiente para que os Mantos-Rubros decidissem que eram inimigos. A lealdade desse povo nômade ao Lobo e seus companheiros no Cabo Gala ainda era fresca na memória de todos. No fim, o palpite estava correto, mas para Trent a sorte jamais teria o mesmo valor de uma dedução racional.

O primeiro enfrentamento foi feroz. Os romaris e os Horselords combatiam os Mantos-Rubros e os bastians, enquanto os demais fugiam pelas planícies. Quando os inimigos foram derrotados, não sem causar certo prejuízo ao pequeno exército de Frost, o Catlord conduziu o interrogatório dos prisioneiros sobreviventes. Com a ajuda de Sorin, foi capaz de extrair uma boa quantidade de informações do grupo, incluindo o fato de que havia mais Werelords no meio deles que haviam debandado com os civis quando o confronto começou. Depois de executar os prisioneiros, a Guarda Leonina e os bastians saíram no encalço dos fugitivos. Os soldados gritavam e aplaudiam toda vez que um deles era cercado e acorrentado. Apenas alguns poucos permaneciam à solta, e Trent estava determinado a não voltar ao acampamento de mãos vazias.

Seguiu em frente pela margem do riacho e, à medida que Tempestade apertava o passo, foi ficando cada vez mais confiante. “Esse é o único caminho possível. Ele não tem para onde fugir. Está nas minhas mãos.” O fugitivo deve ter achado que o curso d’água iria mascarar seu rastro, o que normalmente funcionaria. No entanto, o rugido da correnteza servia também para abafar o ruído da aproximação de Trent, o som cadenciado dos cascos de Tempestade sobre as pedras. Desembainhou a Wolfshead ali

mesmo, controlando a montaria apenas com as coxas e os tornozelos, deixando que a espada cortasse o ar à sua direita. Ajeitou-se na sela e olhou com atenção à frente.

— Aí está você.

Havia um vulto a distância, dobrado sobre uma pedra no meio da correnteza. O fugitivo ergueu a cabeça ao notar a aproximação do cavaleiro. O homem barbado grunhiu, apertando o peito como se estivesse com dor. Depois saiu correndo em disparada pela água rasa. Trent bateu com os calcanhares nos flancos de Tempestade, fazendo a égua galopar.

O fugitivo seguia aos tropeções pela água gelada. Olhou por cima do ombro e viu Tempestade cada vez mais perto, ganhando terreno a cada passada. Trent permitiu que a égua o ultrapassasse, por pouco não atingindo o homem com seus cascos, mas assustando-o a ponto de cair estatelado no riacho. Ele tombou de cara na correnteza fria e, quando voltou à tona, estava de olhos fechados e sem fôlego. Trent fez Tempestade dar meia-volta, apertando-lhe o corpo com as coxas e fazendo-a empinar e assumir uma postura ameaçadora diante do inimigo.

O homem começou a se transformar. Chifres maciços apareceram no crânio do velho, depois se dobraram e se enrolaram sobre sua cabeça. A barba curta e grisalha começou a crescer, e a caixa torácica passou a estalar, um som parecido com o de um martelo atingindo uma bigorna. “Aqui está meu troféu: um inimigo transmorfo, um Werelord traidor.” Com movimentos habilidosos, fez Tempestade avançar, atingindo com os cascos a cabeça do Werelord em transformação, gerando um baque surdo.

O homem caiu de lado. Sua cabeça atingiu as pedras e quicou, lançando-o de cara na água. Trent podia ver o líquido gelado penetrando na boca aberta do inimigo, ameaçando invadir as vias aéreas e encher seus pulmões. Saltou com rapidez da montaria, aterrissando bem ao lado do Werelord, e agarrou seu tronco

parcialmente transformado com os dois braços. Arrastou o transmorfo até a margem, deitando-o de barriga para cima e amarrando-o firmemente com pedaços de corda.

Mais cavaleiros chegaram, fazendo com que os relinchos dos cavalos se misturassem aos gritos dos soldados que olhavam para o Werelord amarrado no chão como um animal. Os chifres em sua cabeça lembravam a Trent os do carneiro que criavam na fazenda, e a barba branca no rosto tornava a semelhança ainda maior. “Um Ramlord? Havia um no Cabo Gala, na corte do Alto Estábulo. Será que ele é um dos Werelords que estão sendo procurados?” Trent olhou para os companheiros e abriu um sorriso orgulhoso. O velho transmorfo soltou um riso de deboche, rolando para o lado a fim de ver melhor seus captores.

— Muito bem, rapazes! — zombou o Ramlord. — Conseguiram capturar um velhote.

— Conseguimos capturar um traidor — retrucou Frost com sua voz suave e expressiva.

O Catlord saltou do cavalo e aterrissou no riacho quase sem espalhar água. Os olhos rosados se arregalaram quando se aproximou da margem onde o Carneiro estava deitado, bem ao lado de Trent. Deu um tapinha nas costas do jovem batedor.

— Bom trabalho, sargento Ferran.

— Ferran? — repetiu o Carneiro, incrédulo, e recebeu em resposta um chute na têmpora desferido pelo coturno do albino. Trent observou o prisioneiro imobilizado enquanto dois guerreiros bastians o posicionavam no lombo do cavalo, intrigado pela reação à revelação de seu nome.

“Ele sabe meu nome”, Trent pensou ao montar de novo em Tempestade. “Ele conhece Drew.”



7

O céu estrelado de Azra

Sozinho nos céus, com apenas quatro estrelas a lhe fazer companhia, o jovem Wolflord foi transportado no tempo e no espaço. Era uma criança, de volta à fazenda na Costa Gélida, embalado por Tilly Ferran em sua cadeira de balanço enquanto os dois observavam o céu noturno. Sua mãe tinha um dom, era o que o velho Mack sempre dizia: ela era capaz de ler as estrelas, adivinhar o futuro das pessoas em uma noite sem nuvens. Drew tentou lembrar as coisas que a mãe lhe dissera, os eventos que teria previsto, mas só conseguia se recordar do cheiro dos seus cabelos e da sensação da mão dela sobre a sua. Pela primeira vez em vários meses, Drew sentiu uma lágrima rolar pelo rosto.

— Espero não estar interrompendo nada.

Ele ergueu os olhos do mosaico estrelado no chão, limpou a lágrima da face com a mão espalmada e observou a aproximação do rei Faisal em meio à escuridão. Os demais convidados do rei estavam reunidos do outro lado da sala do trono, desfrutando de um último banquete antes que a guerra começasse. Djogo e Shah se encontravam entre eles. A desconfiança entre ambas as partes começava a arrefecer, um processo sem dúvida acelerado pela

fartura de bebida e comida. A Hawklady arriscava algumas olhadelas para o outro lado da sala, preocupada com o humor sombrio de Drew. Ele não estava com apetite para festejar; parecia desejar ficar sozinho.

— Sinto muito, Majestade. Estava distraído.

Faisal contornou o mosaico, passando ao lado de Drew, que continuava parado ao centro.

— Dizem que Azra é o lar de todo o conhecimento da Lyssia. A arte dos magísteres nasceu aqui, dá para acreditar? As bibliotecas do palácio não deixam nada a dever a qualquer outra dos Sete Reinos, Drew. Esta cidade já proporcionou a educação dos mais brilhantes filhos de Brenn em suas melhores épocas. É aterrorizante imaginar que tudo isso pode ser perdido caso os Cães e os Gatos consigam ultrapassar nossas muralhas.

— Estou reconhecendo essas estrelas — disse Drew, apontando as constelações desenhadas no mármore. — Ali estão o Cervo, a Serpente. E ali, os Javalis Gêmeos.

— E você está de pé em cima do Lobo — completou Faisal, sorrindo.

Drew deu um passo para trás.

— Pois é.

— Não está com ânimo para festejar? Você me surpreende. O dia de amanhã nos reserva grandes perigos: para vocês, a sequência da jornada; para nós, a guerra iminente. Nós Chacais encaramos os banquetes da véspera das batalhas como se fosse nossa última refeição na vida.

— Eu não tenho estômago para isso — suspirou Drew. — Alguma notícia de seus observadores?

— Você estava certo, Lobo. As forças da Hiena reúnem-se ao sul do rio Silver. Vocês vão ter que sair de Kaza antes de o sol raiar se não quiserem cruzar com eles.

— Estão preparados para esse ataque?

— Azra está sempre preparada para a guerra. Esta é a Joia de Omir, disputada ao longo de séculos. Vivemos apenas mais um capítulo da rica história da cidade.

— Parece até que o senhor está ansioso para enfrentar essa guerra.

— Estou ansioso para partir logo para a ação. É essa espera que me mata. Meus guerreiros estão prontos. Azra está pronta.

— E ainda assim... — comentou Drew, coçando a cabeça e olhando para a arcada que levava à varanda. Centenas de fogueiras podiam ser vistas ao norte, piscando como vaga-lumes sob o céu escuro.

— Não queira moderar sua língua, Drew. Se você é mesmo o rei de direito da Westland, pode se expressar à vontade. Faz muitos anos que não recebo outro rei aqui como convidado.

Drew lançou um olhar de cautela para o rosto bonito do Chacal.

— Eles são muitos. A inferioridade numérica de vocês é grande demais.

— Está subestimando minhas defesas. Além disso, o próprio povo vai defender as muralhas se os guerreiros tombarem.

— Temo por seu povo.

— Aqui é nosso lar. Temos orgulho de nossa terra.

— Até mesmo os escravos?

Faisal contorceu o rosto e sacudiu a cabeça para o Wolflord.

— Não tocaria nesse assunto se fosse você, Drew. Nós mal nos conhecemos. A política é uma arma muito mais ágil para aniquilar uma amizade do que a espada.

Drew mordeu o lábio e balançou negativamente a cabeça. Lembrou-se dos porões do *Banshee*, da Fornalha e dos expedientes cruéis de Kessler e dos Lizardlords.

— Não posso me calar a esse respeito, porque já fui um escravo, Faisal. Tente andar por aí com uma coleira no pescoço, e talvez sua opinião mude. Homem nenhum deveria ser propriedade de outro.

— Então teremos que concordar que discordamos sobre isso, jovem Lobo.

— Não brinque comigo, Faisal — respondeu Drew, irritado. — Não lutei tanto para voltar à Lyssia e ter costumes bárbaros enfiados goela abaixo, seja por um rei ou por um miserável.

O Chacal estalou a língua. Se algum guarda do palácio estivesse presente, poderia ter prendido Drew por desacato. Mas os dois estavam sozinhos, entreolhando-se em pé sobre o mosaico.

— Aqui é o meu país, Lobo, minha cidade. O seu lugar é no oeste. Deixe para pregar seu pensamento supostamente esclarecido no outro lado das Barebones.

Drew deu um passo à frente e encarou o rei.

— Quantos escravos existem nesta cidade?

— Não faço ideia. São muitos.

— Então faça uma estimativa, Majestade.

— Dezenas de milhares, creio eu.

— Amanhã, sua cidade será invadida, mesmo se conseguirmos recrutar os Hawklords para o seu lado. Não existem guerreiros suficiente para garantir a segurança das muralhas contra três exércitos.

— E o que propõe que eu faça com eles?

— Que os liberte.

Faisal se retesou, como se tivesse levado uma bofetada.

— Liberte os escravos. Conceda-lhes a condição de cidadãos de Azra, homens livres. Liberte os escravos, e sua cidade estará salva.

Faisal observou Drew, medindo-o de cima a baixo. Com certeza não esperava um discurso tão franco da parte do Lobo. E talvez Drew se mantivesse calado caso não estivesse tão exausto. Só de pensar na viagem até a Tor Raptor, sentia as pernas pesadas; soltou um bocejo.

— Foi um longo dia, Majestade, e preciso ir embora antes do nascer do sol. Agradeço por sua hospitalidade e também por sua

compreensão. Em breve retornarei com os Hawklords...

Drew fez uma mesura e começou a se afastar, mas o rei lhe dirigiu a palavra novamente:

— Não entendo como a libertação dos escravos pode ser útil para salvar Azra.

O Wolflord respondeu enquanto concluía sua retirada:

— Se puser um teto sobre a cabeça de um homem, ele terá um lar. Se puser uma espada em sua mão e orgulho em seu coração, ele terá algo por que lutar. Terá esperança.

O fogo não crepitava mais com a mesma intensidade quando Drew voltou a seu aposento — apenas algumas brasas ardiam sob o ar frio do deserto que invadia o recinto. O quarto de hóspedes era grande o suficiente para abrigar toda a família Ferran e ainda alguns dos vizinhos, e ostentava uma opulência que Drew jamais tinha visto, nem mesmo em Scoria. Uma cama redonda imensa ocupava o centro do aposento, ladeada por degraus, como se fosse um altar sacrificial. As intrincadas imagens entalhadas em torno da lareira de mármore eram dignas daquelas que havia no Templo de Brenn, em Highcliff. Cortinas adornadas com joias se estendiam da porta até a varanda, com suas pedras preciosas reluzindo como estrelas no céu noturno. Os habitantes de Azra não economizavam quando o assunto era luxo.

Mesmo com as pesadas portas do quarto fechadas, o ruído da sala do trono logo abaixo ecoava pelas paredes do palácio e chegava até Drew. Faisal falava sério quando dissera que os Chacais gostavam de celebrar a noite anterior à batalha. Drew percorreu o quarto com o olhar e teve um estranho pressentimento. “Tem alguma coisa errada.” Ficou parado, pensando, tentando em vão descobrir o que o incomodava.

Estremecendo, encaminhou-se depois à varanda. Sentiu a pele se arrepiar ao toque do ar gelado. O quarto parecia um mausoléu, e o mármore frio só fazia reforçar essa sensação. Ele observou as

fogueiras dos acampamentos inimigos além das muralhas, que se estendiam a leste e a oeste até onde a visão alcançava. "Será que Faisal tem a exata noção da magnitude do que está prestes a enfrentar? Será que vai aceitar o conselho de um menino como eu?"

Ele agarrou a maçaneta e fez menção de fechar a porta da varanda, mas se deteve no último instante. Drew de repente se deu conta do que o incomodava: aquela porta estava fechada quando saíra do quarto. Virou-se rapidamente, percorrendo o quarto com os olhos. Acionando os sentidos do Lobo, sua visão se ampliou de imediato, e ele farejou o ar. Caminhando devagar, dirigiu-se ao baú ao pé da cama. Havia uma espada longa pousada sobre sua superfície, um presente do rei, uma maneira de pedir desculpas pelo tratamento a que Drew e os amigos haviam sido submetidos. Drew agarrou o cabo da arma e a sacudiu para tirá-la da bainha, que caiu em silêncio sobre o tapete.

Inspirou o ar com força mais uma vez e sentiu o odor do intruso. Com os olhos lupinos já ajustados à luz fraca, conseguia enxergar como se fosse dia claro. Puxou as cortinas incrustadas de joias para revelar o que poderiam esconder, mas não havia nada ali. Atravessou o quarto e foi até o armário, mas, ao abrir a porta, encontrou-o vazio. Por fim, caminhou a passos lentos na direção do leito, subindo os degraus e levantando as cobertas caídas sobre o chão de mármore. Agachou-se e olhou sob a cama. Não havia ninguém. O invasor tinha ido embora.

Desabou sobre a gigantesca cama redonda, sentindo o coração acelerar, aliviado por não ter precisado lutar pela própria vida, mas decepcionado por não ter conseguido capturar o inimigo. Virou a cabeça e viu a luz do luar entrando pelas portas de vidro e iluminando os lençóis brancos esparramados diante dele. Drew arregalou os olhos. "Aí está você."

Uma única pena se achava depositada sobre seu travesseiro, negra como a noite. Estremeceu ao estender a mão para apanhá-la,

sentindo sua textura macia contra a pele. Brincou com ela entre os dedos, perguntando-se qual seria o significado daquele gesto. Rook estava de olho nele. O reencontro com o Crowlord era inevitável.



8

As boas-vindas em Tuskun

As patas dos cães afundavam na neve, arrastando os trenós em meio à nevasca, com o estalo do chicote impulsionando a corrida. Hector estava deitado de lado, amarrado ao trenó da maneira que um caçador amarraria a presa. Goyt, um velho comerciante de peles sturmiano que fora pego caçando ilegalmente nas terras da rainha, estava amarrado diante dele, a cabeça colada ao peito, sofrendo com o frio e a exaustão. Hector sentia ainda a barriga avantajada de Ibal às suas costas e achou bom contar com o calor do corpo do membro da Guarda Javalina. Seus risinhos não eram ouvidos desde Friggia — a multidão enfurecida descarregara boa parte de sua raiva sobre os três sulistas antes de os jogar na cela onde passaram a noite. Haviam partido do porto sturmiano ao raiar do dia, seguindo para o interior do continente em trenós puxados por cães, com destino à Cidade da Morsa.

Ringlin estava em outro trenó, amarrado aos demais criminosos que eram transportados para Tuskun. A temperatura era insuportável, um frio congelante que não se atenuou em todo o trajeto. Os dentes de Hector batiam sem parar. O corpo estava

sendo exposto a condições extremas. Quem poderia imaginar que o calor da barriga saliente de Ibal salvaria sua vida? Seis deles estavam sendo levados a Slotha, cada um por um crime diferente. A nevasca deu uma breve trégua, permitindo que o magíster desse uma boa olhada nas cada vez mais próximas muralhas negras de Tuskun. Descrever aqueles obstáculos como muralhas na verdade era um exagero — grandes pedaços de ardósia cinzenta haviam sido cravados no chão em torno da cidade, ladeados por dezenas de torres de vigia feitas de madeira. Aquelas barreiras afiadas lembravam a Hector os dentes de Vega quando o Sharklord estava transformado: eram assustadoras e mortais.

“Mas nem tão mortais assim, não é, irmão?”, sussurrou Vincent.

Os portões de madeira se abriram, e uma grade de abertura vertical permitiu a passagem veloz do trenó. A cidade lá dentro não se parecia com nenhum outro lugar civilizado que Hector já tivesse visitado. Era mais uma grande favela, miserável e populosa. Os trenós precisavam abrir caminho entre os habitantes das ruas escorregadias e imundas, invadidas por rios de fezes nas sarjetas. Hector sentiu forte náusea ao inspirar o cheiro que pairava no lugar enquanto ouvia o chicote estalar para que os cães seguissem em frente.

As construções da cidade eram na maior parte de madeira, mas o Boarlord passou por uma ou outra edificação de pedra em seu trajeto pelas ruas. Havia ossos de todos os formatos e tamanhos espalhados por toda parte, crânios de animais selvagens adornando as portas e costelas e fêmures gigantescos enfeitando telhados, paredes e janelas das casas. Obviamente, era uma cidade de caçadores. Aquele povo matava para viver.

O trenó entrou em alta velocidade em uma rua esburacada, fazendo o líquido imundo acumulado na superfície irregular espirrar no rosto dos prisioneiros. Hector pensou que fosse vomitar e limpou a água do esgoto no ombro de Goyt a seu lado. O condutor puxou

as rédeas com força, e os cães gritaram e latiram com a freada brusca, até se deterem por completo sobre o chão enlameado na frente de uma estrutura toda preta. Maxilares imensos formavam um arco sobre as portas abertas do casarão de Slotha. Dois guardas enormes vigiavam a entrada, cada um deles armado com um arpão. Os dois permaneceram imóveis enquanto o condutor descia do trenó, à espera de que os outros fizessem o mesmo.

— Goyt. Ibal. Chegamos — sussurrou Hector. O membro rechonchudo da Guarda Javalina soltou um grunhido de concordância.

Hector cutucou Goyt com o joelho. O impacto foi suficiente para mover a cabeça do homem, que foi lançada para trás com um estalo. O rosto do velho caçador estava roxo, e os olhos, arregalados e sem vida.

“Bem-vindo a Tuskun, irmão.”

O casarão lembrava o casco de um navio tombado — seu interior era um túnel arqueado cujo fim se perdia na escuridão. Uma enorme fogueira acesa em um fosso dominava o salão principal, lançando nuvens de fumaça preta para o teto, de onde tentava escapar através de uma única e estreita chaminé. Guardas parecidos com os da entrada monitoravam o ambiente, portando arpões e machados e vestindo peles de animais. No rosto, bigodes compridos e negros escondiam a boca. Eles olhavam fixamente para os cinco prisioneiros à medida que estes eram conduzidos ainda acorrentados para perto do fogo e forçados a ficar de joelhos.

Hector olhou por cima do ombro. Do lado de fora, para além das portas abertas, era possível ouvir o rosnado dos cães que atacavam o cadáver de Goyt, uma recompensa inesperada pela viagem até Tuskun. Hector estremeceu, apesar do calor, e virou a cabeça de novo para a frente. Do outro lado da fogueira, viu um grande vulto se deslocando por entre as sombras. Conforme se aproximou, a

forma foi iluminada pelas chamas bruxuleantes. Seu corpo se revelou diante de todos, vestindo um traje com tiras de couro agarradas à pele, o excesso de gordura escapando por entre elas. A mulher usava também uma túnica de pele de urso sobre os ombros.

— Então — rugiu Slotha, a Morsa, enquanto contornava a fogueira e chegava até os presos —, esses são os criminosos que o bom povo de Friggia queria me entregar? A minha *carne fresca*...

“Não estou gostando dessa conversa, caro irmão...”

Os condutores dos trenós fizeram uma mesura e juntaram as mãos como se fossem rezar.

— Podem ir comer.

Os três partiram, aparentemente felizes por serem dispensados pela rainha, e um homem que, ao que tudo indicava, era um conselheiro desenrolou um pergaminho. Os assustadores guerreiros ugri deram um passo à frente, cada um assumindo posição diante de um prisioneiro quando Slotha se pôs atrás deles.

— Quais são os crimes? — perguntou a transmorfa, postada diante do primeiro homem à direita de Hector. Os olhos temerosos do cativo foram do guarda para o conselheiro, e depois para o magíster.

— Difamação do caráter de vossa Majestade em uma taverna — esclareceu o conselheiro, contorcendo a boca enquanto lia a acusação.

— O que você disse, homem? — murmurou Slotha, posicionando a cabeça entre a do homem aterrorizado e a de Hector, permitindo que o magíster sentisse seu hálito podre, que recendia a um balde de peixes estragados.

— Eu... eu... mas eu... — O homem não conseguia falar. Seu corpo inteiro tremia, e ele tentou se afastar. O guerreiro à sua frente estendeu o braço, agarrou-o pelos cabelos e o manteve firme em seu lugar. Hector ouvia Slotha grunhindo atrás de si, os ossos estalando à medida que o corpo se transformava. Ele era capaz de

reconhecer instantaneamente o som de um transmorfo mudando de forma. O conselheiro terminou de ler o relatório sobre o homem que gaguejava.

— Ele a chamou de “vaca gorda”, Majestade.

Os olhos do homem se arregalaram ainda mais quando o ruído da lâmina cortando sua carne se fez ouvir ao lado de Hector. O Boarlord arriscou uma rápida olhadela e viu o homem cuspir sangue por entre os lábios trêmulos antes de o guarda soltar sua cabeça e permitir que o corpo desabasse para a frente até o chão. Dois grandes ferimentos eram visíveis nas suas costas, expondo a coluna vertebral no lugar onde um par de lâminas lhe penetrara a carne, aniquilando-o no ato. Com um grunhido, Slotha se posicionou atrás de Hector.

— Próximo! — ordenou ela, a voz profunda, rangendo os dentes.

— Assassinato — disse o conselheiro. — Ele e seus companheiros mataram um taberneiro e seu ajudante.

Hector ouviu a rainha se ajeitar melhor às suas costas enquanto o guerreiro o segurava pelos cabelos com a mão imunda.

— Só um momento, eu imploro! — Hector se apressou em dizer.

O conselheiro arqueou as sobrancelhas ao notar que o magíster se debatia para se livrar da mão do guerreiro.

— A acusação é bem clara. Você aparentemente confessou seu crime lá em Friggia.

— Mas acredito que sua Majestade gostará de conhecer a história inteira!

— Então diga de uma vez! — falou ela, estalando os lábios.

— Sou o barão Hector, Boarlord de Redmire. Faço parte do Conselho Lupino.

O conselheiro pareceu perplexo. Slotha, por sua vez, agarrou Hector pelo ombro e o virou, fazendo com que seus cabelos fossem arrancados do couro cabeludo.

— Ora, mas que sorte! — ela rugiu e bateu palmas. — Sosha resolveu sorrir para mim.

Nada na vida havia preparado Hector para encarar a monstruosa Werewalrus. As tiras de couro que lhe serviam como vestimenta tinham se rasgado, e a pele pálida e oleosa agora estava amarronzada, coberta de calos e deformações; pernas roliças eram nadadeiras flácidas e gigantescas. Os dedos em forma de garra eram longos e ligados entre si por membranas, e as mãos enormes pareciam molengas e pesadas quando batiam palmas. Os cabelos compridos e sebosos chegavam até o meio das costas, e os lábios e o pescoço ficavam praticamente ocultos sob o bigode. Um par de presas de quase um metro de comprimento pendia do lábio superior, lâminas de marfim manchadas de vermelho pelo sangue do cadáver ao lado.

— Você é a cara do seu pai — ela grunhiu, segurando o rosto com as garras da mão molenga. — Ele também era um porco horrroso!

“Veja só que ironia”, riu-se Vincent.

— Segure-o bem firme — ordenou ela, empolgadíssima, para o guerreiro que o mantinha preso pelos cabelos. — Quero olhar bem nos olhos deste aqui enquanto acabo com ele. Imagine a alegria do príncipe Lucas quando eu lhe entregar a cabeça do Boarlord!

— Espere! — gritou Hector, enquanto Slotha erguia suas presas, pronta para atingi-lo no peito. Ela fez uma pausa, esperando que ele falasse.

— Sei que existe uma recompensa pela minha cabeça, mas permita que minha vida infeliz dure mais alguns dias, eu imploro, Majestade. Acabar comigo seria fácil demais... O príncipe iria preferir que eu fosse entregue com vida, pode acreditar. Eu o conheço, fui seu servo durante anos. Deixe que ele mesmo decida meu castigo. Garanto que ele se sentirá duplamente agradecido...

Slotha desviou os olhos de Hector para consultar seu conselheiro. O homem deu de ombros, deixando a decisão inteiramente a cargo

da rainha.

— Está me dizendo que eu deveria levá-lo com vida a Highcliff?

— Tenho maior valor vivo do que morto. Possuo informações que podem ser de interesse dos Catlords, para a guerra que estão travando.

— Então passe essas informações para mim, Porco.

Hector abriu um sorrisinho irônico. “Tente a sorte, irmão!”

— Acho melhor não. As informações que tenho dizem respeito ao príncipe Lucas e a ninguém mais. Se me entregar a ele, sua recompensa será muito maior do que imagina, Lady Slotha.

— É *rainha* Slotha! — rebateu ela.

— Eu sei — tornou Hector ao sentir o guerreiro segurar seus cabelos com ainda mais força. — A rainha do norte e o rei da Westland... dá para *imaginar* quanto os dois têm a discutir?

Slotha estalou os lábios ao sentir o gostinho de um prestígio que jamais tivera. Hector manteve os olhos fixos em sua figura. “Ela mordeu a isca, Hector! Muito bem!”

— Devo levá-lo com vida a Highcliff?

— E a meus homens também. — O magíster fez um gesto para Ringlin e Ibal a seu lado, arriscando uma olhada rápida para os dois.

— Muito bem — disse a Werewalrus, passando por ambos, que soltaram suspiros audíveis de alívio ao receber o perdão temporário da rainha. Ela se posicionou atrás do último prisioneiro, que não foi tratado com a mesma generosidade.

— É um ladrão, Majestade — disse o conselheiro, respondendo à pergunta antes que ela fosse feita.

— Mas lembre-se, Porco... — falou Slotha, afastando-se do homem acorrentado de joelhos diante dela. O guerreiro ugrí segurou a cabeça do prisioneiro, que se debatia. Seu ataque foi rápido; as presas penetraram as costas do homem e se encravaram

até o fundo. O sangue emergiu do corpo inerte quando ela as tirou da carne dele. — Nada de truques.

Hector fez uma mesura, ainda de joelhos, com o coração prestes a explodir.

— Aprontem o *Mirmídone* !— ordenou a Morsa de Tuskun. — Vamos até Highcliff para um encontro com o príncipe.



PARTE VI

Garras e traições



1

Dois Rios

Seria difícil imaginar um grupo mais incomum do que aquele que desembarcou do *Banshee* na cidade fronteiriça de Dois Rios. Drew ia à frente, seguido da figura imponente de Beemote, com seus mais de dois metros e dez de puro músculo. O Weremammoth carregava uma enorme marreta de pedra sobre o ombro, uma arma que o homem mais forte do mundo teria dificuldades em erguer mesmo com as duas mãos. Atrás dele vinha o encurvado barão Griffyn, acompanhado de Taboo, a Catlady.

Krieg os aguardava na ponta do cais, com sua maça repleta de pontas pendurada na cintura, sorrindo à aproximação dos demais. Um vento frio soprava no porto quase em ruínas, fazendo a areia voar pelos ares como uma chuva de vidro quebrado.

— É bom descer um pouco do barco, não?

— É bom retomar nossa jornada, isso sim — respondeu Drew, abrindo caminho entre os locais, que o encaravam com desconfiança. — Só espero que nossos amigos em Azra estejam em segurança. Conseguiu os cavalos?

O Rinoceronte fez que sim com a cabeça e tomou o caminho da rua, com Drew em seu encalço e os demais logo atrás.

— Como está o velho? — perguntou Krieg sem olhar para Drew.

— Ele queria que Shah estivesse aqui, o que é compreensível, mas ela está com Djogo, então vai ficar bem.

Faisal insistira para que a Hawklady e Djogo ficassem em Azra como seus convidados. Na prática, o Chacal a mantinha como refém, um modo de garantir que os Hawklords lutassem por ele, honrando a promessa que Drew fizera em seu nome. Na cabeça do Werewolf, não havia dúvida de que os Hawklords, caso pudessem *mesmo* ser reunidos, iriam ajudá-lo, mas Faisal não pensava assim. E, considerando a visita anterior do Lobo e do Gavião a Azra, alguns anos antes, o rei tinha todas as razões para se precaver.

Naquela mesma noite, Faisal baixou um decreto garantindo a liberdade de todos os escravos residentes em Azra. Os Lords transmorfos da cidade aceitaram a medida sem maiores protestos, mas a classe dos mercadores se mostrou horrorizada — Faisal teria que usar toda a sua habilidade política para tranquilizar os cidadãos durante os dias que viriam. Contento e satisfeito, Drew tinha certeza de que o Chacal seria capaz de controlar seu povo. Afinal, da noite para o dia, sua milícia ganharia o reforço de dezenas de milhares de homens. De repente, a possibilidade de Azra resistir ao avanço simultâneo de três exércitos não parecia tão remota assim.

Além disso, os gladiadores vindos de Scoria também tinham se juntado a Djogo e Shah na cidade do deserto. Compunham uma elite de guerreiros que, sob o comando de Djogo, certamente seria bem aproveitada por Faisal. Não havia por que Drew obrigar o pequeno exército a subir as Barebones. Parecia muito mais razoável deixá-los em Azra, ajudando o Chacal como fosse possível. Foi um sinal de boa vontade muito apreciado por Faisal, que os colocou para trabalhar de imediato ao lado de seus soldados no treinamento dos civis e ex-escravos que se preparavam para a batalha. Uma tripulação reduzida ficou a bordo do *Banshee* e cuidou de levar os demais transmorfos até Dois Rios.

Uma cidade de mineradores, Dois Rios era o último lugar onde um navio do porte do *Banshee* podia navegar pelo rio Silver. Por ficar na fronteira entre o Reino do Deserto e o da Montanha, tratava-se de uma espécie de terra de ninguém, lar de garimpeiros, caçadores de recompensas e criminosos convictos. Drew esperava que sua passagem por lá fosse breve. Uma avenida decadente cruzava o centro da cidade, ladeada por construções de pequeno porte, na maioria estabelecimentos comerciais, lojinhas e tavernas enfileiradas que lutavam pela atenção dos transeuntes. Todos do grupo mantinham a cabeça baixa atrás de Krieg, cientes de que estavam sendo observados. Os habitantes locais não faziam a menor questão de esconder o interesse pelos viajantes. Krieg os conduziu até o fim da rua, a um velho e maltratado estábulo. O vento forte levantava pequenos redemoinhos de areia, que varriam o ar na direção do estabelecimento do comerciante de cavalos.

Quando chegaram mais perto, Drew foi até Krieg e pôs a mão em seu ombro.

— Tem certeza de que ele é confiável?

— Tão confiável quanto qualquer um em um lugar como Dois Rios. Por quê?

Drew estremeceu, tentando ignorar o mau pressentimento.

— Por nada, Krieg. Vamos lá — falou enquanto entrava no local junto com o Rinoceronte.

O estábulo era dividido ao meio por um caminho imundo, camelos de um lado, cavalos do outro. Um homem barbado de túnica marrom apareceu, arrastando um saco de grãos atrás de si. Ele reconheceu Krieg imediatamente.

— Então esses são seus amigos? — falou com seu sotaque omiriano.

O homem se endireitou e olhou para os acompanhantes de Krieg. Os olhos pareciam grandes demais para o tamanho do rosto, como

se o semblante houvesse congelado enquanto era estrangulado e nunca mais tivesse voltado ao normal.

— Os cavalos — disse Krieg, indo direto ao assunto. O Rinoceronte tirou da cintura um saquinho de pano, que tilintou em suas mãos. — Trouxe dinheiro, conforme o combinado.

— Está tudo aí? — questionou o homem de olhos esbugalhados, observando o peso do saco de moedas. Krieg o arremessou, e o negociante o apanhou em pleno ar.

— Pode contar, se não confia em mim — disse o Rinoceronte com seriedade.

Drew aproveitou para dar uma olhada pelo local enquanto o negociante de cavalos contava seu dinheiro. Era a maior construção por que tinham passado em Dois Rios, com um depósito de feno no andar superior que cobria toda a lateral das quatro paredes do estábulo. Apesar de ser dia claro do lado de fora, lá dentro estava tudo escuro, já que apenas algumas poucas lamparinas proporcionavam a iluminação do caminho imundo. Taboo e Griffyn conversavam baixinho atrás dele, enquanto Beemote se mantinha a distância, olhando para a porta.

Drew estava tenso. O cheiro que pairava no ar era o dos animais mantidos em cativeiro, mas, mesmo sem conseguir farejar nada, sabia que algo estava errado. Sem querer alarmar o negociante de cavalos, Drew deixou que apenas alguns sentidos do Lobo viessem à tona. Com seu faro mais aguçado, detectou algo além do fedor das fezes dos animais. Sentiu cheiro de álcool, suor e aço. As orelhas entraram em alerta, concentrando-se em um ruído que parecia encoberto pelos relinchos dos cavalos e pelas cusparadas dos camelos. No andar de cima, tábuas rangiam.

— Trabalha sozinho aqui? — perguntou Drew.

O homem olhou para cima, estalando os lábios em um gesto nervoso quando viu os olhos de Drew voltados para as tábuas acima deles.

— Sim. Por que quer saber?

— Então seu celeiro está infestado de ratos. E bem grandes, a julgar pelo barulho que estão fazendo.

Nesse mesmo instante, Krieg empunhou a maça com pontas, e Taboo ergueu a lança. Os olhos de Drew permaneciam concentrados no andar de cima, captando os movimentos dos potenciais assassinos à penumbra.

— Que patifaria é essa? — questionou Krieg. — Vim aqui para fazer uma negociação honesta...

Os olhos do negociante se arregalaram ainda mais quando Krieg começou a caminhar na direção dele, girando a maça nas mãos, revelando suas protuberâncias pontudas e ameaçadoras.

— Eles... eles viram que vocês estavam vindo para cá! — gaguejou o homem, olhando para cima. — Eu não...

O negociante desabou no chão antes de completar a frase, atingido no queixo por uma flechada que lhe varou a garganta, fazendo as moedas se espalhar sobre seu corpo. Uma flecha atingiu Griffyn pelas costas, enquanto Krieg caiu sobre uma cerca, atingido no peito. No mesmo instante, os transmorfos saltaram para dentro dos compartimentos destinados aos animais, provocando pânico entre os cavalos e os camelos. Taboo encontrou uma escada na parede dos fundos e com um salto subiu vários degraus. Ela enfiou a lança na abertura do alçapão, e um dos agressores gritou ao ser atingido.

O som de passos lá em cima se tornou audível quando os responsáveis pela emboscada saíram em busca de uma posição melhor para atacá-los. Drew se manteve sempre ao lado de Griffyn, ajudando o Hawklord ferido a encontrar um lugar seguro. Um cavalo gemeu a seu lado ao sentir uma flecha se encavar em seu flanco. Ele deu um coice, atingindo o animal ao lado e transformando o estábulo em uma armadilha mortal.

— Não precisavam ter feito isso — comentou Drew, enquanto o Hawklord se abaixava atrás de uma coluna com uma careta.

— Pelo jeito vieram decididos a lutar — respondeu Griffyn. — Deve haver uma bela recompensa por sua cabeça!

Drew arrancou a flecha das costas do Hawklord, encravada na tira de couro que segurava o peitoral da armadura. Griffyn soltou um grunhido quando os dois constataram, perplexos, que a ponta do projétil era de prata.

— Eles não são bandidos comuns, jovem Lobo.

— Não saia daqui!

Uma montanha de caixas empilhadas no fundo do compartimento dos cavalos proporcionou a Drew uma forma de chegar ao andar superior. Transformou-se ao subir, vendo os pés se alongar até se tornarem patas cinzentas e munidas de garras, que o impulsionaram por cima das caixas até o depósito de feno. Sua espada cruzou os ares quando saltou sobre a plataforma escura e arrancou o arco das mãos de um assassino. O homem de preto tentou apanhar a cimitarra que levava na cintura, mas foi arremessado para longe ao levar um chute no peito desferido pelo Lobo. O agressor voou por cima do gradil do depósito, espatifando-se lá embaixo.

Outro guerreiro de *kash* preto saltou sobre Drew, abrindo um corte em suas costas com a cimitarra de prata. Drew rosnou e, com o tridente amarrado ao braço amputado, desarmou o homem quando ele fez menção de atacar outra vez. A cimitarra lhe escapou da mão, e a espada de Drew se encravou em seu corpo.

Do outro lado do depósito, Drew viu Taboo, encurralada, tentando se defender com a lança e as garras. Estava sendo obrigada a lidar com as armas de prata de três oponentes ao mesmo tempo, correndo um perigo terrível.

Olhando para baixo, Drew viu Beemote arrastando Krieg para um lugar seguro em meio a um bando de camelos assustados. Graças a

Brenn, a flecha de prata que se encravou em seu peito não produziu um ferimento mortal. O Weremammoth olhou para cima e viu que Drew apontava a espada para o outro lado do depósito.

— Derrube as pernas! — gritou Drew, e o gigante entendeu no ato.

O Weremammoth deixou Krieg encostado contra a parede e começou a girar sua enorme marreta de pedra em torno da cabeça. Com a transformação em curso a cada rotação, a arma foi ganhando velocidade à medida que os músculos do Mamute cresciam. Por fim, ele a direcionou contra um dos pilares que sustentavam o depósito logo acima. A marreta quebrou o pilar ao meio, fazendo o teto desabar ao redor. Destemido, Beemote se manteve onde estava, erguendo apenas o braço enorme para se proteger das tábuas que caíam sobre o corpo, trazendo com elas o trio de assassinos.

Quando a poeira baixou, Drew olhou para os escombros abaixo à procura de Taboo. Não havia nem sinal dela, apenas os corpos fraturados e empilhados dos guerreiros de *kash* preto.

— Aqui em cima, Lobo!

Para seu alívio, Drew viu a Weretiger pendurada em uma viga logo acima, com uma das mãos sobre um ferimento que vertia sangue na lateral do corpo. Drew se agachou e, com o peito ofegante, foi voltando à forma humana. Logo abaixo, Griffyn se arrastava até Krieg, e os dois compararam seus ferimentos quase fatais. Beemote, coberto de serragem e fragmentos de madeira, ergueu uma das mãos na direção de Drew e fez com que sua voz grave se elevasse em meio ao cenário de devastação.

— Precisamos ir.

Quando o povo de Dois Rios se deu conta de que os camelos estavam à solta por suas ruas miseráveis e poeirentas, os cinco transmorfos já haviam partido. Tomando cada um a montaria que

Ihe pareceu mais resistente, os cavaleiros entraram por uma trilha aos pés da montanha que margeava o braço sul do rio, deixando para trás a cidadezinha sem lei.

Era um terreno seco e rochoso, de vegetação esparsa, um ambiente definitivamente inóspito. Aqui e ali ainda se encontravam algumas árvores maltratadas que conseguiam sobreviver no local, as raízes firmemente encravadas nas pedras para não ser carregadas pelo vento frio.

Beemote seguia na retaguarda, montado no cavalo mais robusto que qualquer um deles já vira. Mais alto e mais feio que a espécie montanhesa que carregava os demais, tinha as costas largas, as pernas grossas e muita disposição para transportar cargas pesadas. Ninguém ali era tão grande quanto Beemote ou menos experiente com montarias. Depois de resistir às tentativas do cavalo de derrubá-lo ao chão, o Weremammoth chegou a uma espécie de acordo tácito com seu animal, ambos mantendo um silêncio resignado. Os companheiros tiveram que morder a língua para segurar as provocações e brincadeiras a respeito daquela estranha amizade recém-surgida entre os dois.

Griffyn ia à frente, com Drew logo no encalço. Taboo vinha atrás do Lobo, seguida de perto por Krieg. Ela havia recusado o socorro e a oferta de ajuda dos amigos, garantindo que o corte na lateral do corpo era só um arranhão. “Nunca vi uma mulher tão durona”, pensou Drew, impressionado não apenas com sua força, mas também com sua teimosia. O Rinoceronte cuidara do ferimento no peito enquanto os demais preparavam os cavalos, e Griffyn estancara o sangramento nas costas com bandagens que trazia na bagagem. Obviamente incomodado, Krieg praguejava o tempo todo consigo mesmo durante a desconfortável viagem.

— E então, quem eram eles? — perguntou Drew, aproximando seu cavalo do conduzido por Griffyn.

— Duvido que algum dia saberemos — respondeu o Hawklord. — Eles não deram nenhuma pista de quem pode estar por trás da emboscada.

— Podiam ser homens de qualquer um: dos Cachorros, dos Gatos, da Hiena... do Corvo!

— O mais intrigante foi a opção por armas de prata. Os scorianos as usavam para manter os gladiadores transmorfos sob controle, mas aqui na Lyssia? Esse tipo de arma é proibido no continente inteiro, e mesmo assim aqueles assassinos usavam flechas e lâminas de prata. Não se trata de um metal barato. Nossos inimigos tinham benfeitores abastados.

Drew lembrou das cicatrizes sofridas quando era prisioneiro em Highcliff, infligidas pelo chicote com ponta de prata do capitão Brutus.

— Os Catlords reintroduziram a prata na Lyssia.

— Então esse é mais um laço de união entre nossos inimigos, Lobo — comentou Griffyn, batendo com os calcanhares no tronco da égua para incitá-la a ir mais depressa.

A noite começava a cair quando Drew olhou para trás. As luzes de Dois Rios brilhavam às suas costas. Alguém os teria seguido em busca de vingança pela morte dos homens no estábulo? Ainda mais atrás, no deserto, algo reluzia na linha do horizonte: Azra. “Será que esse fogo é o do acampamento inimigo? Ou a cidade está em chamas?” Drew se virou de novo para a frente, vendo a trilha desaparecer ao longe, margeando o rio que corria pela encosta rochosa diante deles. O Lobo olhou para as montanhas, o topo coberto de gelo brilhando palidamente ao luar.

— Só espero estar sempre à frente dos nossos inimigos — comentou, incitando sua montaria a seguir a de Griffyn.

— Precisamos ficar atentos, Drew — recomendou Griffyn, esquadrinhando as montanhas logo acima. “As montanhas *dele*.”

— Creio que estamos sendo vigiados desde que pusemos os pés nas areias de Omir, jovem Lobo. O inimigo vem monitorando todos os nossos passos.



2

Respostas erradas

Os soldados da Guarda Leonina estavam de bom humor, reunidos em torno das fogueiras, jogando cartas e dados. Sorin abandonou a celebração depois de arrancar dos homens bem mais que algumas moedinhas. O contingente bastian das forças do Lord Frost fazia questão de manter distância de seus camaradas, preferindo polir armaduras e afiar armas. O Catlord albino tinha ficado recolhido na barraca, desfrutando de um banquete realizado com os melhores alimentos que os guerreiros conseguiram saquear do povo das Longridings. Com aquela agitação toda no acampamento, não foi difícil para Trent entrar na barraca do prisioneiro sem que ninguém notasse. Passando pela abertura e depois deixando que ela se fechasse atrás de si, encarou o Werelord que capturara com as próprias mãos.

— Quero saber — disse Trent, de pé ao lado do prisioneiro amarrado — como ele é.

O barão Ewan virou-se lentamente para ele. O rosto do Ramlord ostentava uma variedade imensa de ferimentos em todos os tons de roxo, preto e azul. Sorin tinha usado o lado não afiado da espada banhada em prata para infligir ao Lord de Haggard

ferimentos suficientes para uma vida inteira de convalescência, e ninguém havia prestado nenhum tipo de assistência ou socorro ao velho.

— Quem? — perguntou Ewan por entre os lábios cortados. Seu olho esquerdo estava inchado e fechado, enquanto o direito, injetado de sangue, encarava Trent.

— O Lobo... Drew — respondeu Trent, tentando parecer frio e impassível.

O velho Werelord o observou atentamente.

— Por que o interesse?

— Que tipo de homem ele é? Ouvimos falar muitas coisas a seu respeito. Como foi que ele cruzou seu caminho?

Ewan sorriu, o que fez os ferimentos nos lábios machucados abrir e sangrar de novo. Ele fez uma careta, arqueou as costas e tentou recuperar o fôlego.

— O que foi? — perguntou Trent, deixando transparecer preocupação na voz.

— Meu peito — disse o Carneiro.

Lord Frost tinha feito questão de que o interrogatório de Ewan fosse duro. O Catlord chegara a participar pessoalmente da sessão, e os gritos mais altos emitidos pelo prisioneiro durante todo o procedimento foram provocados pelo albino. Trent não possuía estômago para testemunhar a tortura dos prisioneiros. Era perfeitamente capaz de matar a mando dos superiores, mas não tinha se alistado à Guarda Leonina para se tornar um torturador.

Trent olhou para as cordas grossas e apertadas que mantinham o velho atado a uma estaca encravada no chão. Apesar de se tratar de um transmorfo, tamanha amarração parecia um exagero. Sorin e os companheiros haviam espancado o prisioneiro até a beira da morte, chegando a quebrar até mesmo suas mãos. Trent se agachou e soltou um pouco as cordas, dispensando algumas delas.

Ewan relaxou um pouco: deitou, esticou as pernas e levou as mãos amarradas ao peito, tentando massageá-lo. Trent serviu uma caneca de água para o Werelord, segurando-a diante dos lábios sedentos.

— Meu jovem — murmurou ele. — Muito obrigado.

— Por quê?

— Esta foi a melhor coisa que eu já bebi em toda a minha longa e gloriosa vida. Nem um barril do que Redwine tem de melhor é capaz de competir com isso.

Trent sorriu e afastou a caneca.

— O Lobo — repetiu ele. — Como ele surgiu no seu caminho?

— Eu o conheci em Haggard, como prisioneiro de Kessler, o Goatlord. Ele foi jogado em uma cela onde eu estava sendo mantido prisioneiro junto com meu povo. Nós nos conhecemos. Ele não tinha motivo nenhum para mentir ao contar sobre tudo por que passou. A morte dos pais pelas mãos dos Leões e dos Ratos...

— Foi *e/le* que matou minha mãe! — interrompeu Trent.

Ewan suspirou.

— Você quer ouvir minha história ou não?

Trent fez uma careta, mas depois assentiu com um gesto de cabeça. O Ramlord continuou:

— Drew teve papel fundamental na libertação do meu povo, ajudando na rebelião contra os nossos inimigos. Depois disso, tomou o caminho do sul, e eu o acompanhei em sua tentativa de salvar Lady Gretchen do príncipe Lucas.

Ewan fez uma pausa, pois esperava mais uma interrupção do jovem Manto-Rubro. Ao perceber que ela não viria, retomou seu discurso:

— Lucas e Vanmorten tomaram o Cabo Gala dos Horselords, cassaram a soberania do povo das Longridings, o *meu* povo, com a ajuda dos invasores de Bast. A maioria deles viajou para o norte a fim de atacar Highcliff, mas um pequeno destacamento foi deixado

no Cabo Gala. Mais uma vez, Drew saiu em defesa de seus amigos, tentando resgatá-los de Vankaskan.

Ewan baixou a cabeça.

— Eu o traí. Entreguei-o de bandeja para Vankaskan, o monstro. Sorin, aquele maldito, é um dos homens dele. Meu jovem, eles transformaram o Alto Estábulo em um circo de atrocidades, que não poupa nem humanos nem Werelords. Só que o tormento não termina ali. O Rato era capaz de cada coisa...

— Mas e o Lobo?

— Ele sumiu — murmurou Ewan. — Desapareceu. Em um momento, estava lá. Um instante depois, não estava mais. Evaporou em pleno ar. Não sei o que aconteceu com ele.

Trent não conseguia mais olhar para o barão. Não queria acreditar no que ele dizia, mas as palavras do velho transmorfo faziam sentido. Por outro lado, tinha visto com os próprios olhos o que acontecera na fazenda de sua família. "Drew se voltou contra minha mãe."

— Mas Drew — insistiu Trent —, é um monstro! É um Werewolf, pelo amor de Brenn!

— Existem muitos monstros espalhados pela Lyssia, tanto humanos como transmorfos. Mas seu irmão é um bom sujeito.

— Ele matou nossa mã... — Trent se interrompeu, mordendo o lábio. — Como sabe que ele é meu irmão?

— Não por nada que você disse, mas ouvi quando o chamaram de sargento Ferran — suspirou Ewan. — Posso ter sido espancado, mas ainda estou lúcido. E minha audição ainda funciona. Você e Drew são irmãos?

— *Fomos* irmãos — corrigiu Trent. — Até o dia em que ele matou minha mãe.

Ewan sacudiu a cabeça com tristeza.

— Você acredita em tudo que escuta, rapaz?

— Vi com meus próprios *olhos*, velhote! Não venha você querer me dar sermões a respeito da verdadeira natureza do Lobo. Ninguém conhece Drew melhor do que eu!

— As pessoas acreditam no que querem acreditar, mestre Ferran. Não existe a menor possibilidade de estar errado?

— Você não sabe de nada. É evidente que foi enganado, Carneiro. É isso que meu irmão faz com o coração de quem tem boa-fé.

— Foi você mesmo quem disse — rebateu o velho. — “Meu irmão”... Vocês têm um laço muito forte. Ouça o seu coração, meu jovem. Vai perceber que estou dizendo a verdade...

Ewan se interrompeu quando Trent se aproximou com o punho erguido, pronto para atacar. Os olhos machucados do Ramlord se arregalaram tanto quanto possível, e o velho transmorfo se encolheu para receber o impacto. Trent perdeu o ímpeto, estalando a língua. Afastou-se e depois voltou com as cordas para amarrar Ewan novamente. Trent sabia muito bem como lidar com amarras, pois havia aprendido a fazer nós quando criança na fazenda da família. Deu um nó bem forte, fazendo os braços castigados do Ramlord estalar ao serem imobilizados mais uma vez. Trent se levantou.

— Da próxima vez, guarde suas palavras venenosas para si mesmo, velho tolo — falou.

— Foi você que veio até mim em busca de respostas — rebateu Ewan, enquanto Trent saía da barraca e deparava com Lord Frost mastigando um pedaço de carne malpassada. Trent se sobressaltou com o susto.

— É carneiro — disse o Catlord, oferecendo um pedaço para Trent. O jovem olhou para a carne: estava tão crua que só faltava balir.

— Não, obrigado, milorde — respondeu Trent, recompondo-se do susto. — Estou sem fome.

— Estava falando com o prisioneiro, então? Ele forneceu alguma informação nova?

— Não, milorde.

— É Frost, esqueceu? Eu e você somos amigos agora, Trent, nunca se esqueça disso. — O Catlord deu mais uma mordida na carne e olhou para a entrada da barraca. — Você acabou de me lembrar uma coisa. Nosso prisioneiro não pode ser deixado sozinho. Vou falar com Sorin; tenho de providenciar um guarda para vigiar o Carneiro o tempo todo. Muito bem, Trent. Agora vá descansar um pouco.

Trent ensaiou uma mesura nervosa, vermelho de vergonha por ter sido flagrado em uma conversa com o prisioneiro. Seguiu caminhando na direção do curral. Sua égua, Tempestade, precisava de descanso. Virou-se para trás enquanto se afastava. Frost estava de olho nele, dando mais uma mordida na carne. Trent baixou a cabeça, sentindo o peso do olhar do Catlord sobre suas costas.

“Que idiotice, Trent”, pensou consigo mesmo. “Agora Frost tem um motivo para desconfiar de mim. Essa foi a última vez que eu saí atrás de respostas.”



3

A misericórdia da Tor Raptor

As encostas de Omir pareciam traiçoeiras, mas nada era capaz de preparar os viajantes para os perigos que encontrariam na travessia das Barebones. Havia uma velha estrada que dava acesso a Windfell, porém o grupo passou direto por ela. A cidade dos Hawklords não era seu destino final — era à sua tumba que se dirigiam, mais perto do céu. Apenas Griffyn parecia à vontade, pois voltava para casa pela primeira vez em quinze anos. Já os outros transmorfos pareciam se agarrar às rédeas das montarias como quem se agarra à própria vida. Na retaguarda, Beemote se agigantava sobre o lombo de seu cavalo robusto. Krieg e Taboo iam à sua frente, contemplando com vertigem o abismo logo à direita. Mais adiante, Drew seguia Griffyn de perto, com as rédeas enroladas no tridente do braço esquerdo.

De vez em quando, Drew arriscava uma espiada no abismo, sentindo um fascínio mórbido pela queda fatal, como uma mariposa que se deixa atrair pelas chamas da lamparina. A cada passo do animal, os cascos deslocavam pedras para a lateral do caminho, que rolavam pela encosta rochosa até desaparecer do campo de visão. Drew olhou de volta para Griffyn, estalando os lábios ao

inspirar o ar gelado e rarefeito. O vento mudava de direção com regularidade alarmante — as brisas ascendentes de repente davam lugar a rajadas violentas de cima para baixo que ameaçavam arrancar os cavaleiros das selas. Enquanto escalavam a Poderosa Tor Raptor, a gigante das Barebones, eram envolvidos por uma névoa que parecia cobrir todos os picos ao redor.

Griffyn se virou, sorrindo para o pálido Wolflord.

— De tirar o fôlego, não?

— Nem me fale — respondeu Drew ao ser atingido por outra rajada de vento. — Está difícil até de respirar aqui. Ainda falta muito?

— Ainda falta um bom pedaço, meu jovem. Está vendo lá em cima?

Griffyn indicou um ponto em que uma das faces da Tor Raptor parecia colidir com a da montanha ao lado, como se as duas gigantes estivessem encostadas uma à outra. O caminho era quase invisível — uma pequena abertura vertical, que permitia a passagem da luz, era a única pista de que a trilha continuava do outro lado. A queda entre as duas montanhas desaparecia na escuridão, tragada pelas trevas do abismo gigantesco.

— Estou — respondeu Drew, gritando para ser ouvido em meio à ventania. — Mas não gosto do que vejo!

— A Estrada do Tombo: você não precisa gostar dela, mas vai ser obrigado a suportá-la! Viajamos para a tumba dos meus ancestrais. Olhe ao redor, Lobo... veja os túmulos e os mausoléus dos meus semelhantes.

Drew olhou para o alvo, esquadrinhando a face da montanha à procura de algum sinal da ação dos homens ou dos transmorfos. E lá estavam eles, permeando a montanha por centenas de metros acima. À primeira vista, assemelhavam-se a formações rochosas, mas um segundo olhar mais cuidadoso revelava se tratar de

moledros — espirais de pedras que os Hawklords empilhavam para marcar o local onde ficava a casa dos mortos.

— As tumbas dos Hawklords, barão Griffyn? Deixadas sem vigilância na encosta de uma montanha?

— Você acha que nas Barebones temos a ação de ladrões de tumbas, Drew? Além dos próprios perigos da montanha, existem outras coisas na Tor Raptor para proteger os túmulos. Meus antepassados nunca foram adeptos de abrir mão facilmente daquilo que lhes pertencia, nem mesmo na morte...

Griffyn deixou sua afirmação incompleta, pairando no ar, mas suas implicações sinistras não passaram despercebidas para Drew. “Nem mesmo na morte?”

O Hawklord se remexeu na sela, inclinando-se como podia para encarar o jovem. O Wolflord ficou pálido de susto, imaginando que o velho fosse cair da montaria.

— Nossos amigos parecem estar aflitos — comentou Griffyn. — As Barebones não foram feitas para quem tem coração fraco!

— Você também estaria com medo se não fosse um Hawklord! — argumentou Drew em defesa.

— Está se esquecendo de uma coisa, jovem Lobo — disse Griffyn, apontando para o ombro com o polegar. — Minhas asas foram arrancadas anos atrás. Se eu cair daqui, vou morrer como qualquer outro. Mantenha-se firme na sela, respeite os limites do caminho e reze pela misericórdia da montanha.

O Hawklord apontou para o cume coberto de neve dos picos das Barebones.

— Agora você está nas garras da Tor Raptor!

Por mais que uma hora antes os ventos da subida se mostrassem violentos, isso não fora capaz de preparar os transmorfos para o vendaval que os recebeu ao chegarem à Estrada do Tombo. Descendo do cavalo ao iniciar a descida colossal, Drew ficou maravilhado com a aproximação das duas encostas, que pareciam

querer tocar uma à outra. Murmurou uma breve e sincera prece a Brenn enquanto seguia no encalço de Griffyn rumo à escuridão, puxando o cavalo atrás de si.

O Hawklord alertou para que mantivessem um tom de voz bem baixo durante a travessia da Estrada do Tombo. As avalanches eram comuns por ali, onde os penhascos inclinados acumulavam grandes quantidades de gelo, que, à primeira oportunidade, desabava sobre o caminho. Como se a ameaça que vinha do alto e os ventos furiosos não fossem suficientes, o chão da trilha era composto de pedras soltas. Os pés dos transmorfos e os cascos dos cavalos escorregavam o tempo todo sobre o gelo e o cascalho. Em mais de uma ocasião, Drew foi obrigado a cravar o tridente da encosta da montanha para não sair rolando ladeira abaixo.

Griffyn encarava o terreno difícil sem dificuldades, mas o mesmo não podia ser dito a respeito de Taboo, Krieg e Beemote. O Weremammoth havia hesitado um bocado antes de encarar a travessia perigosa, e os companheiros pareciam igualmente temerosos. Seu hábitat natural eram as selvas e as savanas, não montanhas congelantes. Estavam em um mundo totalmente estranho. Só tinham ido em frente graças às palavras de incentivo de Drew e Griffyn e por não quererem quebrar o juramento feito ao jovem Wolflord. Aquela demonstração de lealdade fez que o coração de Drew se enchesse de esperança.

Mais adiante, ele encontrou Griffyn à espera, o manto enrolado ao corpo para se proteger do frio intenso. Seu cavalo se mantinha encolhido à encosta da montanha, precavendo-se da melhor forma que podia, enquanto Drew se aproximava com cuidado. O Hawklord fez de tudo para não elevar demais o tom de voz, mas ainda assim ser ouvido por cima do som dos ventos uivantes.

— Precisamos apertar o passo, Drew. O dia está chegando ao fim. Se conseguirmos atravessar a Estrada do Tombo, podemos

encontrar um lugar para acampar durante a noite antes de chegarmos ao cume.

Drew olhou para trás e viu Taboo aparecer no caminho a quase cem metros de distância. Os outros estavam em algum lugar atrás dela — isso se nenhum problema tivesse retardado ainda mais o avanço.

Virou-se de novo para Griffyn, estreitando os olhos ao sentir uma chuva fina e gelada atingir seu rosto.

— Quanto ainda falta?

— Estamos na metade do caminho — respondeu o Hawklord.

“Ainda na metade”, pensou Drew. “E já estamos nesta trilha mortal há mais de uma hora.”

Seus nervos estavam em frangalhos, e o corpo, à beira da exaustão. A única coisa que o mantinha em movimento era a adrenalina. Notou que Griffyn olhava para cima. Seguiu o olhar do Gavião. A parede escura de pedra assumia um ângulo curvo lá no alto, juntando-se a outra encosta e unindo as duas montanhas. Parecia um enorme teto de catedral esculpido naturalmente na rocha. Diante de uma visão tão inspiradora, os sentimentos religiosos vinham à tona — não era à toa que os Hawklords haviam escolhido a Tor Raptor para abrigar suas antigas tumbas.

Enquanto Drew observava, alguns pedaços de gelo despencaram da abóbada natural, logo seguidos por um bloco maior. Ele se encolheu junto à encosta, a fim de abrir passagem para a queda dos detritos congelados. O som do gelo se espatifando ecoou centenas de metros abaixo, no fundo do abismo. Drew prendeu o fôlego ao sentir que tal reverberação havia provocado uma perturbação na superfície do gelo lá em cima. O som das rachaduras se formando na abóbada era audível apesar do vento, mas, para seu alívio, nada mais se soltou.

O Hawklord acenou freneticamente para que o Wolflord o seguisse. As botas de Drew patinaram sobre o chão escorregadio,

posicionando-se de tal modo sobre a superfície pedregosa que mais um passo em falso seria fatal.

Foi quando se ouviu um ruído terrível e agudo vindo de cima, como se a própria montanha gemesse de dor. Depois de um instante de pavor, vieram os estalos indicando que a gigantesca abóboda se partia. Apavorado, Drew se encolheu mais uma vez junto à encosta, sentindo a formação rochosa tremer às suas costas à medida que a pedra, o gelo e a neve começavam a cair. Olhou horrorizado para a cascata mortal em tons de preto e branco que desabava em sua direção. Voltou-se para onde estava Taboo e viu quando ela foi envolvida pelo gelo, desaparecendo do campo de visão em um piscar de olhos. Os fragmentos de pedra e neve caíam sem parar sobre ele. Um bloco de gelo do tamanho de um punho fechado atingiu-lhe o ombro, por pouco não acertando sua cabeça, mas forçando-o a desabar de joelhos no chão ainda assim, justamente no momento em que uma laje de granito veio abaixo como uma guilhotina, partindo o cavalo em dois e o arrastando para o abismo. Grandes pedaços de rocha caíram sobre a trilha, fazendo-a entrar em colapso. O grito de Drew foi interrompido pelo rugido ensurdecedor da avalanche, cujo impacto violento expulsou todo o ar que ainda restava dentro do corpo combalido.



4

A cena do crime

Quando o *Mirmídone* aportou em Highcliff, seis entre os melhores guerreiros ugri de Tuskun assumiram posição sobre o convés gelado. Sob a vigilância deles, Hector contemplou a cidade e o aspecto ameaçador que a noite conferia ao porto, estranhamente silencioso. Aquela cidade tinha sido seu lar por algum tempo, uma metrópole vibrante que recebia gente de todas as partes da Lyssia. Antes da dissolução do Conselho Lupino, Highcliff quase nunca dormia. Contudo, naquele momento, após a partida do Lord Protetor e seus aliados, assim como da maioria dos habitantes locais, Highcliff parecia uma cidade fantasma. Hector apoiou as mãos enluvadas sobre a balaustrada congelada, sentindo as algemas tilintar sobre a madeira, e observou as consequências da vingança do Leão.

O desembarcadouro no qual o *Mirmídone* atracou costumava ter postes com lamparinas para iluminar o caminho dos marujos e pescadores, os quais agora só estavam sendo usados para pendurar corpos de mortos e moribundos. Hector observou as jaulas enferrujadas, cercadas de corvos e gaivotas, que se alimentavam de conteúdos putrefatos. Os inconfundíveis mantos cinzentos da

Guarda Lupina eram recorrentes entre mortos e prisioneiros. Os gemidos daquelas almas infelizes podiam ser ouvidos pela tripulação do navio de guerra, mas os homens de Tuskun os ignoravam. Os ugri eram os guerreiros mais temíveis e implacáveis do norte congelado, todos com mais de um metro e noventa de altura e compleição robusta. Durante a viagem, Hector não podia nem coçar o nariz sem ouvir uma reprimenda de um deles. Todos se puseram em formação ao ouvir os passos descalços da rainha se aproximando.

— Está tudo como se lembrava, Porco? — zombou Slotha, a Morsa de Tuskun.

Na maioria das vezes, os Werelords da Lyssia preferiam se apresentar em sua forma humana, guardando a transformação para momentos específicos, mas Slotha não seguia essa filosofia. Seu poder sobre os guerreiros ugri era resultado do sucesso em muitas batalhas, mas também da imposição de sua presença intimidadora. Ela era de longe a mulher mais alta que Hector já vira, tendo a mesma largura de qualquer um dos bárbaros a seu serviço. Mesmo quando não estava totalmente transformada, havia elementos suficientes na aparência da Werewalrus para despertar o pavor da maioria de seus homens. Os dedos da mão eram unidos por membranas, as unhas eram afiadas como garras, e os pés enormes estremeciam o convés a cada passo. Os braços musculosos ostentavam a pele escura da fera, e o rosto revelava as características básicas da morsa: os bigodes se insinuavam acima dos lábios, e as presas se faziam presentes, chegando ao queixo.

— Está um tanto... mudada — respondeu Hector, recusando-se a encarar a mulher monstruosa. Havia resistido a vários dias no mar em sua companhia, e cada minuto adicional em sua presença o fazia temer que ela voltasse atrás no acordo que tinham feito. Afinal, Hector testemunhara em primeira mão a crueldade com que

ela lidava com seus prisioneiros. Slotha era uma transmorfa que gostava de matar.

— Mudada como?

Hector olhou para os corpos suspensos dentro das jaulas.

— Vejo que trocaram as lamparinas do porto — disse sem se alterar.

Slotha soltou um risinho diante da demonstração de humor negro do magíster.

Com o *Mirmídone* já atracado, a tripulação posicionou a rampa sobre o cais de pedra. Mais de duas dezenas de membros da Guarda Leonina, munidos de tochas, estavam à espera, ao lado de mais uns tantos guerreiros bastians, alguns componentes da cavalaria e uma carruagem vazia para o transporte dos visitantes. Os ugri soltaram um grunhido, nada impressionados com a demonstração de força dos sulistas.

— Levem-no para terra firme — resmungou Slotha, arrastando o corpanzil para o lado. — Temos uma audiência com o príncipe Lucas.

Enquanto a procissão se deslocava pelas ladeiras da cidade até a masmorra de Highcliff, Hector pensava na fuga frenética que havia protagonizado ali, perseguido pelas ruas por guerreiros omirianos. Parecia um relato de outra vida àquela altura; o jovem que fugira guardava pouquíssimas semelhanças com o homem que voltava.

Olhando para fora da carruagem, notou que de deserta a cidade não tinha nada. As luzes de várias casas e tavernas se achavam acesas, um sinal de que Highcliff ainda era habitada, mas as ruas vazias mostravam que o toque de recolher imposto aos seus habitantes ainda estava em vigor. Um véu de medo havia se instalado sobre a cidade.

Sentado entre dois guerreiros ugri, Hector se viu frente a frente com a figura monstruosa de Slotha, que ocupava o assento oposto

em sua totalidade.

— Qual é o problema, Porco? Ficou decepcionado com o que fizeram com sua cidade? — perguntou a Morsa.

— Esta não é minha cidade, Majestade. Minha terra natal fica a leste daqui: Redmire, a capital das Dalelands. Mas estaria mentindo se dissesse que não tenho nenhum sentimento por Highcliff. Foi aqui que descobri quem eram meus verdadeiros amigos.

Sua voz saiu embargada, as palavras pareciam arranhar a garganta.

Slotha sorriu.

— Você parece ter muitos arrependimentos, garoto.

— Apenas um — respondeu Hector, olhando para as mãos algemadas. — Nunca pude me despedir propriamente dele.

Desde sua prisão na Friggia, Hector vinha tentando não pensar em Drew, mas era impossível. Os Cervos, o Tubarão e o Urso o haviam traído, mas isso fora bem depois do desaparecimento do Lobo. Ouvira rumores de que Drew morrera no Cabo Gala. O Werewolf tinha sido seu único amigo de verdade. Por outro lado, o ódio em relação às atitudes tomadas em nome do Lobo em sua ausência permanecia o mesmo. Todos os Werelords o haviam traído a seu tempo e pagado o preço por isso. O primeiro fora o egoísta conde Mikkel, assassinado pelos Doglords de Omir enquanto fugia para sua terra natal, nas Barebones. Depois o duque Bergan, o Lord Protetor, que o humilhara destituindo-o de poder no Conselho Lupino, fora morto em Highcliff. Já o conde Vega tentara manter Hector sob seu controle, fazendo a verdade sobre a morte de Vincent pairar constantemente sobre sua cabeça. A reputação do Sharklord era toda construída sobre atos desonestos — Hector considerava ter feito a coisa certa ao se livrar do conde antes que o Tubarão cravasse os dentes nele.

O último do quarteto fora o que produzira a maior decepção: o duque Manfred, que o abandonara para morrer na Friggia. Com

Drew certamente morto e sem poder contar com nenhum daqueles que acreditava serem seus amigos, que escolha tinha Hector a não ser se bandear para o lado dos Catlords? Eles não recusariam o poder que estava sob seu comando; fariam um bom uso de sua magia negra. E quanto a Manfred? Este pagaria caro por sua traição.

“Isso mesmo, meu caro irmão”, sussurrou o vil. “A hora do acerto de contas se aproxima...”

— Você fala como se estivesse apaixonado, Porco — provocou a Morsa.

Hector voltou sua atenção de novo para ela.

— Não sei muito sobre o amor, Majestade — respondeu ele. — Uma vida toda dedicada aos livros me proporcionou pouquíssimas oportunidades de desfrutar da companhia do sexo oposto.

— Então você é um rato de biblioteca, como seu pai?

— Vossa Majestade o conhecia?

— Lord Huth fez uma visita a Tuskun na minha juventude. Durante um tempo meu pai alimentou a ideia de que ele pudesse se tornar meu noivo.

Hector foi acometido por um acesso de tosse, perplexo com o fato de seu pai ter corrido o risco de acabar casado com uma rainha guerreira e assustadora como Slotha. Era difícil imaginar um casamento mais disfuncional. Os olhos da Werewalrus faiscaram de raiva ao fitarem o Boarlord.

— E por que o casamento não aconteceu?

— Por causa da constituição física do seu pai, segundo consta — explicou ela, deixando escapar uma breve expressão de lamento. — O ar gelado do norte lhe causava sérios problemas respiratórios.

— Acredito que seja verdade — confirmou Hector, aos poucos retomando a compostura.

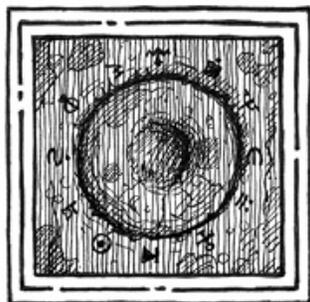
Slotha deu uma risadinha para ele.

— Javalis fracotes... foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. A criança que nascesse dessa união seria uma vergonha para a linhagem das Morsas. Meu pai fez a coisa certa. Poupou-me da vergonha de um casamento com sua espécie e me reservou coisa melhor.

— Sua intenção é causar uma boa impressão no príncipe Lucas?

— Ele é um príncipe — ela falou, bem séria. — Eu sou a rainha do norte. Quem sabe a que tipo de... *acordo* podemos chegar? Esta é a minha primeira visita a Highcliff, e quero que seja memorável.

— Tenho certeza de que será memorável — garantiu Hector, segurando o riso ao se recostar no assento. — A corte de Highcliff não se esquecerá tão facilmente de vossa Majestade.



5

O Pico dos Gritos

O tridente se manteve firmemente encravado no gelo, e era a única coisa a impedir que Drew despencasse encosta abaixo. Os músculos do braço esquerdo ardiavam, e o cotovelo esticado impedia que seu corpo tivesse maior mobilidade. Com a ponta das botas, tentava firmar os pés sobre a superfície de gelo, como se isso fosse capaz de impedi-lo de cair caso o tridente quebrasse. O metal da arma se entortava, ameaçando se romper a qualquer momento. Drew olhou para cima, fazendo uma careta, e viu o velho Hawklord descendo cuidadosamente pelo penhasco e se inclinando em sua direção, em uma demonstração impressionante de equilíbrio.

A avalanche na Estrada do Tombo não havia sido acidental. Um ruído agudo e muito alto precipitara a queda das rochas e do gelo no instante exato em que eles passavam pela trilha. Drew e Griffyn tinham conseguido se salvar, mas o destino dos companheiros ainda era desconhecido. A trilha logo abaixo havia sido interrompida, obstruída por uma nuvem de gelo e pedra quebrada. Drew sentiu o estômago revirar ao pensar em Krieg, Taboo e Beemote. O trio só tinha ido até a Lyssia para lutar a seu lado. O fato de poderem ter sido mortos nas montanhas era de cortar o coração. Os

sobreviventes seriam obrigados a prosseguir na travessia sozinhos, sem cavalos nem provisões, perdidos na chuva de pedras. Para Drew e Griffyn, só restava rezar para que os companheiros tivessem sobrevivido e encontrado a estrada que levava a Windfell.

— Segure aqui! — gritou Griffyn, estendendo a mão aberta.

Drew jogou o corpo para cima, e os Werelords se agarraram ao mesmo tempo pelos pulsos. O barão conseguiu puxar o Lobo com habilidade até o que restara da trilha. O jovem Wolflord se deixou cair na beira do penhasco, o corpo todo tremendo enquanto buscava se recompor, ao passo que o Hawklord parecia perversamente à vontade.

— Não vou conseguir continuar! — gritou Drew, fazendo força para respirar um ar tão rarefeito que fazia os pulmões arder.

Griffyn o encarou, o cabelo caindo sobre o rosto enquanto sorria.

— Aqui a juventude não serve para nada: a experiência é o que conta. Lembre-se, estas são as minhas montanhas, Drew. Vamos lá, precisamos seguir. Já estamos bem perto do cume, meu amigo. Precisamos chegar ao Pico dos Gritos antes que a noite caia e nos abrigar perto da tumba. O último lugar em que gostaríamos de passar a noite é no meio da Tor Raptor!

Drew esfregou os músculos doloridos dos braços.

— Algum sinal dos nossos inimigos?

— Não — respondeu Griffyn.

— Talvez tenhamos conseguido despistá-los. Você disse que a localização desta trilha é um segredo dos Hawklords, não?

— Sim, mas isso não quer dizer que os inimigos não conheçam outro caminho para chegar ao cume.

— Tem certeza de que os Hawklords atenderão ao seu chamado?

Griffyn cerrou os maxilares, olhando para o céu ao redor. Abaixo deles, uma nuvem envolvia o ambiente como um mar de névoa, transformando os picos das montanhas vizinhas à Tor Raptor em ilhas suspensas sob a luz fraca do fim da tarde.

— Eles vão me ouvir, Drew, não importa onde estejam. Contudo, quantos deles ainda estão vivos é outra questão.

Griffyn ajudou Drew a se levantar, e o jovem Lobo dobrou o pescoço para avistar o cume. Balançou a cabeça, tentando controlar a vertigem que sentiu.

— Se eu não cair e me arrebentar, vou morrer de um ataque do coração por causa da vertigem — murmurou. — Como vocês conseguiam transportar os mortos até lá em cima?

— Como você acha? — respondeu o Hawklord com um sorriso de tristeza. — Voando.

A esperança de terminar a escalada antes do cair da noite estava perdida. A escuridão baixou sobre as Barebones enquanto os dois transmorfos ainda lutavam para alcançar seu destino. Drew percebeu quando Griffyn desapareceu em uma reentrância logo acima. Havia pontos de apoio de sobra para mãos e pés, mas estavam escondidos pelo gelo e pela noite. Esperou um momento até que o velho desse as caras novamente e oferecesse sua mão para ajudá-lo, o que não aconteceu.

Praguejando consigo mesmo, Drew perfurou o gelo mais uma vez com o tridente, gemendo de dor ao sentir o atrito do metal contra o braço amputado. Achava que já estivesse acostumado à pressão da alça da arma contra os ossos mutilados, mas o clima congelante do alto da Tor Raptor levava seu nível de desconforto a novos e inéditos patamares. Ergueu a mão direita, tentando se agarrar em desespero à reentrância com os dedos azulados de pontas enegrecidas.

Era capaz de sentir sua força de vontade se esvaír a cada vez que os dedos escorregavam da montanha. Seus olhos percorreram o céu vazio. A morte seria rápida caso caísse. Havia maneiras piores de morrer.

“Não posso desistir agora. Preciso seguir em frente. Pelos meus amigos, pelo meu povo! Por Taboo, Krieg e Beemote!”

Drew ergueu a cabeça e olhou para a lua.

Sua luz podia até ser fria, mas o calor que produzia dentro dele era inconfundível, e Drew deixou que essa sensação se espalhasse por seu corpo. Não era a primeira vez durante a escalada que permitia que o Lobo viesse à tona, mas apenas o suficiente para transformar os dedos em garras capazes de se agarrar com firmeza às reentrâncias. Com um rosnado, conseguiu elevar o corpo, desencravando o tridente do gelo enquanto tentava se impulsionar com os pés nas pedras.

O tronco alcançou a plataforma natural, fazendo que a rocha se afundasse bastante na pelagem que lhe cobria o estômago. Drew grunhia de dor ao tentar alcançar a escuridão acima de seu corpo, chutando o ar, correndo o risco de despencar rumo ao nada. O tridente torto e amassado se encravou no chão, provocando uma rachadura no gelo. Aos poucos, foi se projetando para cima, e com a perna direita enfim conseguiu se apoiar e rolar o corpo exausto, deitando sobre a saliência plana na rocha.

— Você demorou, Lobo.

Drew virou a cabeça na direção daquela voz e sentiu o vento castigar-lhe as pernas penduradas sobre o abismo. Era uma plataforma de mais ou menos seis metros de comprimento, logo abaixo de uma parede rochosa que constituía os últimos quinze metros até o topo da Tor Raptor. Uma abertura triangular de uns três metros de altura era visível aos pés da parede, uma espécie de portal para o interior escuro da montanha. Um vulto surgiu das sombras sob a luz do luar, segurando o barão Griffyn diante de si sob a ameaça de uma pequena e familiar faca de prata pressionada contra sua garganta.

— Já estivemos nesta mesma situação antes, Rook — disse Drew para o Crowlord, rolando para longe da beirada da plataforma. —

Só que da última vez você ameaçava uma mulher em vez de um velho. Solte o Gavião. Venha me enfrentar como um transmorfo de verdade.

— Gavião? Este aleijado? Se fosse mesmo um Gavião, ele teria asas! Será que este aqui ainda voa?

Para enfatizar o que dizia, Rook se dirigiu à beirada oposta da plataforma, e o jovem Wolflord ergueu a mão.

— Não, espere!

— O que você quer? — perguntou Griffyn quase sem fôlego, tentando em vão deter com os pés o avanço do Wrecrow até o precipício.

Drew olhou freneticamente ao redor, agarrando um pedaço enorme e afiado de gelo.

— Riven, Stormdale, Windfell: eu quero tudo! Quero as Barebones, Griffyn! — gritou Rook, ameaçando arremessar o velho.

O pedaço pontudo de gelo atingiu Rook bem no meio da face, graças à pontaria perfeita de Drew. O Corvo berrou furiosamente, largando Griffyn no mesmo momento. O velho foi ao chão e saiu escorregando na direção do abismo. Rook tombou, gritando impropérios com as mãos sobre o rosto ferido. Drew mergulhou na direção do Hawklord, agarrando-o pelo braço antes que ele despencasse da montanha. Griffyn ficou imóvel por um momento, arrastando o Wolflord para a beirada da plataforma com o peso de seu corpo. Atrás de si, Drew ouviu os gritos do Crowlord, que começava a se transformar.

— Pode me soltar, Drew, caso contrário vamos acabar caindo os dois — gritou Griffyn, a sinceridade e o medo estampados nos olhos.

— Não vou deixar você cair — respondeu Drew, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto lutava para segurar o Hawklord, cada vez mais próximo da queda.

— Alerta os mortos, Drew. Abra as janelas, convoque meu povo e assumo o que é seu por direito. Eu a trouxe até aqui — murmurou Griffyn. — E a mantive em segurança.

Drew grunhiu, valendo-se de todas as forças que ainda tinha dentro de si, mas não foi suficiente. A garra do Werewolf rasgava a manga da roupa do Hawklord. Griffyn olhou por sobre o ombro de Drew, assumindo uma expressão alarmada ao ver o inimigo às suas costas.

— Que Brenn o proteja, Drew! — gritou ele quando o tecido se rasgou e seu corpo mergulhou noite adentro, sugado pela escuridão lá embaixo.

Drew se virou com rapidez, quase se juntando a Griffyn quando o gelo quebrou sob seu peso, atingido por uma espada longa. Olhou para cima e viu que a lua estava encoberta pelas nuvens.

Com um grito de gelar o sangue, o Wrecrow estendeu os braços e fez suas asas emergir em uma explosão de penas. O Lord de Riven estava totalmente transformado — as feições de Rook foram substituídas por uma cabeça monstruosa com um bico agudo e uma língua estreita dentro dele. Abaixou o braço, e a espada atingiu o chão onde Drew estivera deitado momentos antes. O Wolflord saiu se arrastando pelo gelo rumo à parede rochosa, seguido pelo Wrecrow. Rook não corria o risco de escorregar, já que seus pés haviam tomado a forma de garras escuras que se agarravam com firmeza à superfície lisa.

— Para onde você correu? — gralhou o Corvo, com o peitoral imenso oscilando sob os músculos e as penas farfalhando à medida que se aproximava. — Lobos não voam!

Drew chegou até a parede rochosa. Todos os músculos de seu corpo queimavam, como se toda a sua energia tivesse sido drenada na escalada da Tor Raptor. Tentou se transformar, mas estava fraco demais para isso. Sacando a espada da bainha já bem gasta,

relanceou o olhar para a passagem escura. Havia uma série de runas entalhadas na entrada triangular.

“Alerte os mortos, Drew...”

O Werewolf deu um salto repentino, aproximando-se do Lobo com uma batida de suas asas enormes. A espada de Rook cruzou o ar, forçando Drew a erguer a dele para se defender. O metal envergou ao receber todo o peso do corpo do Crowlord, e a arma voou de sua mão, partindo-se em duas. Drew não perdeu tempo e saiu rastejando pela abertura escura. Quando ultrapassou a arcada, as runas começaram a reluzir com um pálido brilho prateado, projetando sua iluminação fantasmagórica da parede rochosa.

Atrás de si, Drew ouviu o riso do Werewolf, que gralhava de satisfação enquanto o seguia para dentro da tumba. Drew foi em frente, conseguindo se pôr de pé por um instante antes de tropeçar e rolar um lance de escada. Só parou quando se viu em um grande salão redondo, em cujas paredes se avistavam os mesmos símbolos entalhados na entrada. Havia uma janela escavada na rocha logo acima, aberta para a entrada da luz noturna. As runas pareciam vibrar em ritmo crescente, reverberando nos ouvidos de Drew, fazendo seus dentes bater e seus ossos doer. Era como ouvir o compasso lento e constante de um coração, como se o cume da Tor Raptor tivesse ganhado vida própria depois de sua chegada. O ruído começou a pressionar seu peito, ameaçando esmagá-lo a qualquer momento. Com muito esforço, Drew se levantou, estreitando os olhos diante da luz sobrenatural.

À primeira vista, parecia haver uma série de covas entalhadas nas paredes curvas, mas, observando melhor, ele notou a presença de corpos enfaixados em cada uma das aberturas — os restos mumificados dos antigos Hawklords. Contou doze catacumbas no salão, com baús aos pés de cada uma. Era uma vista para ser apreciada por um bom tempo, não fosse o monstro escuro e coberto de penas que vinha descendo a escadaria.

Rook bateu as asas mais uma vez, levantando uma nuvem de poeira no ar. As garras arranhavam o chão liso de pedra, provocando um arrepio na espinha de Drew. O jovem Wolflord recuou, e não demorou muito para se ver encostado contra a parede.

— Já cansou de fugir, Lobo? — zombou o Wereco. — Griffyn vai ter que se contentar com a encosta da montanha. Você vai ficar com o lugar dele no ninho dos pássaros mortos.

Quando Rook deu mais um passo para dentro da tumba, a luz da lua começou a penetrar no recinto pela janela logo acima. Os fragmentos de poeira dançavam no ar como minúsculas estrelas de prata quando o luar iluminou a sepultura ao lado de Drew. A cova se alumiu de repente ao ser atingida por emanações lunares, e uma espécie de luz azul e pálida se fez visível no peito da múmia. Ela segurava uma espada nas mãos.

— Que espécie de magia negra é essa? — gralhou Rook, dando mais um passo na direção de Drew, mas de maneira mais cautelosa, olhando ao redor enquanto avançava.

Os instintos de Drew lhe disseram o que fazer. Estendeu a mão e agarrou o cabo da espada. A múmia imediatamente a soltou. Quando ele empunhou a arma, a lâmina começou a brilhar ainda mais, emitindo uma luz branca.

— Não tem magia negra nenhuma — respondeu Drew, quase sem fôlego, impressionado com o brilho da lâmina. O jovem Wolflord estava tão encantado com a arma que nem percebeu quando Rook ergueu sua espada.

Antes que o Corvo pudesse atacar, um vento repentino e violento varreu a tumba, lançando o jovem Lobo ao chão. Ele ergueu a cabeça e teve que pôr o braço esquerdo à frente dos olhos para se proteger do brilho intenso da espada. Lord Rook oscilava ao vento, que o fazia voar de um lado para o outro.

Drew conseguiu enxergar uma série de sombras escuras saindo das catacumbas e se juntando ao ciclone. O Wrecrow soltou um grito ao sentir o vento fulminante lhe atingir as asas, destroçando a cartilagem e provocando uma chuva de penas pretas pelo salão. Seu berro se tornou ainda mais agudo quando cortes começaram a aparecer em seu corpo, primeiro nos braços e nas pernas, rompendo a carne e os ossos. Logo em seguida, os ferimentos apareceram no peito e nas costas, como se garras fantasmagóricas lhe rasgassem o corpo. Enquanto penas voavam e sangue jorrava, os gritos do Crowlord de Riven atingiram um volume ensurdecedor, forçando Drew a desviar o olhar.

O vento se desfez de repente, e o corpo do Crowlord desabou. Tossindo e cuspiendo, Drew olhou de novo para o centro da tumba, e sua visão foi atraída para o cadáver de Rook, a cabeça virada para trás e o corpo todo retalhado. As penas revoavam pelo ar tingido de sangue à luz do luar. Drew sentiu o coração apertar uma vez mais ao notar que os redemoinhos mortais assumiam uma aparência mais sólida.

Doze vultos escuros apareceram, mudando de forma o tempo todo à medida que se aproximavam. A boca de Drew estava seca, e, quando tentava respirar, sentia uma tremenda pressão no peito. Mãos negras e esqueléticas se projetaram das aparições, estendendo-se em sua direção com os dedos em forma de garra de ave. Ergueu a espada branca, trêmulo, em uma tentativa vã de espantar os demônios.

Em um movimento coordenado, os fantasmas se recolheram, e o ar enfim voltou aos pulmões de Drew em uma lufada redentora. Respirou fundo quando viu os doze vultos negros se transformar de repente em anjos brancos e etéreos. Atordoado pela luz intensa, Drew observou as doze figuras encolhendo. O Lobo se endireitou, ficando de pé, um tanto cambaleante, enquanto contemplava as

formas reluzentes. “Eles estão se ajoelhando? Fazendo uma medida?”

Atrás das sentinelas, Drew via as doze runas entalhadas na parede da tumba brilhar com a mesma intensidade da espada em sua mão, formando um círculo perfeito. Caminhou entre os fantasmas, tomando cuidado para não tocá-los. As runas circundavam uma pedra redonda encravada na rocha, parecida com uma pedra de moinho, com um orifício no meio. Pendurando a espada sob o braço esquerdo, tentou mover a pedra, mas não havia uma superfície à qual se agarrar e aplicar sua força. Empunhando mais uma vez a arma, golpeou a ponta do tridente, mandando-o para o chão com um estrondo. Enfiou o braço mutilado no espaço perfurado na pedra e empurrou. A pedra se moveu e se encaixou na rocha. Com um ruído súbito, caiu, revelando um túnel que começou a sugar o ar do ambiente.

Drew foi ao chão, sentindo seu manto farfalhar e ser arrancado do ombro, puxado pelo buraco e atirado no espaço escuro além da montanha. Um depois do outro, os fantasmas brancos foram sendo tragados pelo buraco, guinchando e gritando, produzindo um barulho ensurdecedor e uma luz ofuscante. Drew se agarrou com todas as forças à parede de pedra gelada para não ser lançado pelo túnel junto com eles.



6

Um presente do norte

Hector mal conseguia acreditar no quanto o príncipe mudara. Depois de passar uma época tenebrosa a serviço de Lucas sob a tutela do perverso Vankaskan, era impossível não notar a transformação do jovem Lionlord, que de menino passara a ser um homem. Exímio guerreiro com uma espada na mão, com controle total da felinotropia, ele era a imagem do falecido pai, o rei Leopold, um sucessor digno da coroa do rei Leão. A figura que estava sentada no trono diante de Hector, no entanto, era apenas uma sombra daquele jovem ousado e impetuoso, uma caricatura do Werelord que um dia ele tanto temera. Onde estaria o velho Lucas?

“Ele está aí, irmão. Espere só para ver...”

O príncipe permaneceu em silêncio quando o grupo vindo de Tuskun chegou. E se manteve em silêncio enquanto a rainha Slotha anunciava, com toda a pompa, que havia trazido um presente do norte para o Leão da Westland. Vanmorten, o Lord Chanceler, encarregou-se das formalidades com a Werewalrus, ávido para que ela terminasse seu discurso grandiloquente e sem tirar os olhos do Boarlord, que permanecia algemado entre os guardas. Os

guerreiros ugri empurraram o magíster para a frente, fazendo-o cair de joelhos.

— Matem-no!

O tom da voz de Lucas era claro e tranquilo, o que era uma novidade para Hector — o príncipe a quem servira era dado a acessos de raiva e descontrole. Vanmorten se virou lentamente para o trono. O rosto estava escondido pelo capuz. As cicatrizes da batalha com Drew o haviam deixado horrendamente desfigurado.

Lucas se achava sentado imóvel no trono de pedra, a coluna ereta. O restante do salão atrás dele estava imerso em escuridão, as tochas apagadas. Suas mãos descansavam sobre as cobras entalhadas nos braços do trono enquanto encarava Hector. A coroa de ferro de Leopold permanecia firme sobre seus cabelos loiros e sem vida.

— Acho melhor não — retrucou uma voz atrás do trono. — Vamos ouvir o que o Boarlord tem a dizer antes de dar o veredicto, Lucas.

A mulher que surgiu sob a luz do salão era o oposto perfeito da rainha de Tuskun. O que Slotha tinha de gigantesca e intimidadora, a outra tinha de magra e delicada. Hector nunca vira ninguém como ela em toda a Lyssia, com uma pele tão negra que parecia reluzir um brilho arroxeadado e olhos fulgurantes e amarelos como o sol. A mulher parou diante dele, observando o magíster ajoelhado. A cabeça era totalmente raspada, revelando cada mínima imperfeição do crânio sob a luz das tochas. Enquanto os demais presentes evitavam contato visual com ela, Hector não conseguia desviar o olhar de sua figura. Já ouvira histórias sobre ela, mas sua presença era ainda mais fascinante pessoalmente: Opal, a Catlady de Bast. Opal arqueou as sobrancelhas, surpresa com o fato de ser encarada fixamente pelo Boarlord.

— Prefiro ter sua cabeça espetada em uma estaca, como os demais traidores — rebateu o jovem Leão, mostrando os dentes

brancos. — O que ele pode dizer em sua defesa que seja capaz de aplacar minha ira?

— Pode ser interessante ouvir suas últimas palavras, Alteza — argumentou Vanmorten, tentando ser razoável diante da impaciência do príncipe. — Além de divertido!

— Se o príncipe quer que ele morra, que assim seja — declarou Slotha, batendo as mãos enormes uma na outra.

Um guerreiro ugri deu um passo à frente e sacou o machado da cintura. Os presentes prenderam o fôlego quando a arma foi erguida sobre a cabeça de Hector.

— Guarde essa coisa! — gritou Vanmorten.

— Ele é *meu* prisioneiro — grunhiu Slotha, escancarando as presas.

— Ele *era* seu prisioneiro — corrigiu Vanmorten. — Até o momento em que foi dado de presente ao príncipe Lucas.

O guerreiro ugri olhou de soslaio para a rainha, que, com um aceno de cabeça, ordenou que ele se afastasse. Ela continuou encarando o Wererat, que por sua vez se voltou para o príncipe. Opal observava tudo com um sorriso, apreciando a tensão que dominava o ambiente.

— Ouça o que ele tem a dizer, Alteza, e depois faça como quiser — pediu o Ratlord.

Lucas concordou com a cabeça. Dirigiu um olhar de cansaço a Hector. O vigor e a energia de outrora pareciam ter sido substituídos por palidez e olheiras. Havia alguma coisa errada ali.

— Vá em frente, Porquinho. Diga suas últimas palavras.

Hector se levantou com dificuldade, atrapalhado pelas algemas. Enfim desviou o olhar de Opal, concentrando-se no príncipe.

— Alteza — começou, obtendo como reação um risinho de deboche de Lucas.

— Você ainda ousa me chamar assim depois de sua traição...

Vanmorten e Opal olharam para o príncipe como se pedissem que se calasse. E, por mais estranho que pudesse parecer, foram bem-sucedidos no intento.

“O príncipe leva a sério o juízo de seus conselheiros, irmão”, sussurrou Vincent. “Vamos torcer para que eles tenham a mente aberta a sugestões...”

Hector pigarreou, perturbado pela interrupção. Suas entranhas reviravam, contraídas de ansiedade. Fora parar por vontade própria nas garras do Leão para tentar se salvar com uma última cartada, e o momento do tudo ou nada tinha chegado.

— Como barão de Redmire e Lord das Dalelands, ofereço o Reino da Esmeralda a vossa Alteza, príncipe Lucas, assim como meus serviços como magíster e conselheiro.

Um silêncio se abateu sobre o salão enquanto os membros da corte de Lucas se entreolhavam, incrédulos.

Por fim, Vanmorten se pronunciou:

— É alguma espécie de brincadeira, Boarlord?

— Nada disso. Estou lhe oferecendo as Dalelands, príncipe Lucas: a coroa e também as armas. Vossa Alteza tem nossa lealdade e meu apoio como soberano da Lyssia. Isso significa: a Westland, as Ilhas Cluster, as Longridings e agora as Dalelands. São quatro dos Sete Reinos. O trono é seu, Alteza.

— Já tomei posse das Dalelands, Porquinho — respondeu Lucas, encarando Hector com desprezo. — Você não tem nada a me oferecer.

— Tenho, sim, Alteza — insistiu Hector. — Vossa Alteza pode até atacar um território, mas a lei de Brenn tem primazia sobre todas as demais: são os Javalis de Redmire que governam as Dalelands, e como barão de Redmire eu falo em nome do meu povo. O apoio do Reino da Esmeralda depende de mim, e somente de mim. E vossa Alteza tem nossa lealdade.

— Será que estou ouvindo bem? — interveio o Ratlord. — Esse é o mesmo Javali que foi um dos fundadores do Conselho Lupino, um traidor que se voltou contra a Casa dos Leões e todas as forças da ordem? A que se deve essa mudança, garoto? Por que essa lealdade repentina a nosso verdadeiro monarca? Tem alguma coisa a ver com a derrota de seus amigos e sua captura no norte?

As algemas tilintaram quando Hector levantou os braços, erguendo a mão direita para pedir a palavra.

— Não fui *capturado* no norte. Eu me entreguei. Poderia muito bem ter saído da Friggia em certo momento. Eu mesmo pedi para ser levado até Slotha e...

— É *rainha* Slotha! — gritou a Morsa, dando-lhe uma bofetada com as costas da mão.

Hector encarou a Werelady, que se agigantava a seu lado. Ele fez uma careta ao sentir o lábio cortado e o sangue escorrer pelos dentes.

— Pedi para ser levado até a *rainha* Slotha, para que pudesse ser trazido para uma audiência com vossa Alteza. Não fui capturado pelo povo de Tuskun. Vim até aqui por vontade própria. Tenho maior valor vivo do que morto.

— Que valor você pode ter? — questionou Vanmorten. — Eu poderia obrigá-lo a assinar uma declaração jurando sua lealdade agora mesmo e depois arrancar sua cabeça. Você é um simplório, Hector, um camponês perdido na civilização. Não tem nada a oferecer. Está querendo dar um passo muito maior que a própria perna.

Vanmorten caminhou até o magíster, ficando a poucos centímetros dele. O jovem transmorfo conseguia sentir a terrível mistura do odor de flores com carne podre da água de rosas aplicada ao rosto deformado do Ratlord. E pôde ver o que o capuz escondia: a metade de um rosto sem carne e sem pele, e a outra metade de

matéria orgânica putrefata. O Rato recomeçou a falar com sua boca sem lábios:

— Você está perdido.

“Eles não têm medo de você. Nem respeito. Só desprezo. Acho que você vai se juntar a mim mais cedo do que deveria, Hector...”

O magíster sentiu que o clima no salão tornava-se opressivo. A situação já tinha sido muito bem esclarecida. Lucas e seus conselheiros arrancariam sua assinatura, e depois sua vida. “Só me resta uma chance.” Ergueu o tom de voz para que todos pudessem ouvi-lo:

— Sou seu aliado, príncipe Lucas, quer queira, quer não. Meus inimigos são seus inimigos, e já aniquilei um deles.

Lucas se inclinou para a frente e soltou uma gargalhada, ignorando o cansaço por um momento antes de desabar de novo sobre o trono de pedra. Vanmorten e Slotha também caíram na risada, no que foram seguidos pelos membros da Guarda Leonina. Apenas Opal permaneceu séria e impassível.

— Quem você matou? — ela quis saber.

— Vega. A bordo do *Turbilhão*. O conde está morto.

— Mentira! — gritou Vanmorten.

— Matem-no! — manifestou-se Slotha em meio aos risos. — Ou faço isso eu mesma — acrescentou, tomando o machado do guarda-costas ugri.

— Modere seus atos, mulher! — grunhiu a Werepanther.

Os ugri e sua rainha pareceram perplexos, mas não desacataram a ordem. Não sem certa relutância, Slotha tirou a mão do machado, encarando furiosamente a Catlady.

— Pelo amor de Brenn, você quer mesmo que acreditemos que matou Vega? — perguntou o príncipe.

— Por mais que eu deteste admitir, Vega é o capitão mais liso e escorregadio do Mar Branco — argumentou Slotha. — Um tolo como esse jamais poderia tê-lo matado, caro príncipe.

“Ah, ela é bem espertinha, não?”, sibilou Vincent. “Talvez saia mesmo um casamento real daqui, apesar de Slotha deixar muito a dever em comparação a Gretchen.”

— É pouco provável — Hector deixou escapar em voz alta.

— O que é pouco provável? — questionou Vanmorten.

— Que eu tenha matado Vega — respondeu Hector, tentando disfarçar. — Pouco provável, mas não impossível: cravei uma flecha de prata em seu corpo e mandei meus homens arremessá-lo do navio. A flecha ainda está em meu poder, manchada pelo sangue do Sharklord. Quer dizer, isso se Slotha não tiver mexido nos meus pertences. O Conselho Lupino não existe mais para mim. Meu futuro é a seu lado, Alteza.

— Você já esteve a serviço do rei antes, jovem magíster, e a coisa não terminou... digamos... muito bem — afirmou o Lord Chanceler.

— Mesmo que sua Alteza permita que você continue vivendo, o que eu duvido muito, quem garante que não vai morder a mão que o alimenta outra vez?

Lucas fez um aceno de cabeça.

— Já ouvi o suficiente — declarou, virando-se para o Wererat. — Faça-o assinar o apoio das Dalelands, e também uma confissão. Corte-o em pedaços em caso de resistência, Vanmorten.

O Ratlord fez uma medida, e Hector sentiu as mãos dos guerreiros ugri nos ombros.

— Estão cometendo um grande erro! — gritou Hector, lutando para se libertar dos homens de Slotha.

— Você continua o mesmo infeliz que me apunhalou pelas costas, Porquinho! — gritou Lucas, dispensando-o com um gesto de mão. — Não mudou nem um pouco.

— Foi bom desfrutar de sua companhia, Boarlord — disse Slotha, sorrindo, sem resistir a lhe dar uma última bofetada. As unhas compridas arranharam o rosto de Hector, deixando uma trilha de linhas vermelhas em sua pele.

O magíster conseguiu se livrar momentaneamente dos braços dos ugri, ergueu ambas as mãos e abriu os dedos enluvados, o que fez com que as algemas fossem ao chão. O príncipe se eriçou de repente no trono, soltando um rugido de autodefesa que lembrou o Lucas dos velhos tempos. Mas, se temia que Hector fosse atacá-lo, estava enganado. O alvo do Boarlord era outro.

Vincent, rápido como uma flecha, saiu de suas mãos e se enrolou no pescoço monstruoso de Lady Slotha. O maxilar gigantesco da Morsa se abriu quando o espírito lhe apertou a garganta, enrolando-se sob seu queixo como um laço invisível. Ela dirigiu-se cambaleante ao trono, subindo os degraus aos tropeções, e se agarrou a Lucas. O príncipe se pôs de pé sobre o trono de pedra, livrando-se de suas mãos. Ele rugiu para tentar afastá-la, mas ela parecia enlouquecida.

Os guerreiros ugri perceberam que os movimentos das mãos do magíster manipulavam o espaço ao redor. Avançaram contra Hector, mas não com a rapidez necessária. Opal se pôs entre eles em um piscar de olhos, já em plena transformação na Werepanther, com as garras à mostra e prestes a rasgar sua carne caso dessem mais um passo à frente. Os ugri recuaram, impotentes diante da queda da mestra.

Ela já estava com a língua roxa e serpenteante de fora a essa altura, os olhos arregalados revirados dentro das órbitas. As presas da Morsa apareceram, dois sabres de marfim que em vão atacavam o ar. Hector puxou as mãos para trás, como se arrancasse um tapete debaixo da gigante, trazendo o vil de volta para si. O pescoço da Werewalrus emitiu um estalo terrível, e a imensa cabeça pendeu sobre os ombros. Soltando seu último suspiro, a rainha de Tuskun foi ao chão de pedra com um estrondo.

“Brilhante, caro irmão”, murmurou Vincent, ainda ofegante pelo assassinato recém-cometido.

O coração de Hector disparara dentro do peito, e sua pele se cobriu de suor quando olhou para o Leão, o Rato e a Pantera.

— Está enganado, Lucas — ele falou, parecendo bem mais calmo do que na verdade se sentia. — Mudei muito mais do que qualquer um possa imaginar.

— Isso... isso que ele fez — gaguejou Lucas. — Ele é capaz de fazer de novo. Matem-no. Matem-no antes que use essa magia negra contra mim!

Opal ergueu a mão para o príncipe, exigindo seu silêncio.

“É com ela que você precisa falar, irmão. É ela quem toma as decisões por aqui.”

— Já vi a magia negra em ação antes — comentou Opal. — No Cabo Gala. Vankaskan, seu velho mentor, conhecia um truque ou dois. Mas isso que você fez... Não foi ele quem lhe ensinou, acredito eu.

— Ouvi dizer que ele morreu — desconversou Hector, sem responder à pergunta.

— Ele foi morto pelo seu amigo, o Lobo — disse Vanmorten, dando um passo à frente em direção ao Boarlord. Se estava intimidado pelos poderes de Hector, não deixou que isso transparecesse nem por um instante.

— Devo prestar meus respeitos a ele — disse Hector. — Foi ele que me pôs nesse caminho.

— Então permita que eu leve você pela Grimm's Lane até Vermire, Porco. Faça uma visita a ele na tumba de meu pai e veja como será recebido pelos meus irmãos!

— Cale-se, Vanmorten — ordenou Opal, sem se alterar. Ela encarou Hector sem piscar com os grandes olhos amarelos. E sorriu. — Você se arriscou um bocado vindo até Highcliff com a Morsa para se oferecer a nós. E o que você nos traz, essa magia poderosa, faria nossos inimigos tremer. O que quer em troca disso, Hector?

Todos os olhos se voltaram para o Boarlord. “Vá em frente, irmão. Abandone o Lobo. Siga o *próprio* destino.”

— Eu quero anistia — disse Hector —, uma garantia de que suas forças não vão ser usadas contra mim. E preciso de acesso ilimitado aos reinos; não posso ter nenhuma restrição em termos de deslocamento. Tenho que fazer muita pesquisa para que minha magia se torne uma arma verdadeiramente poderosa a seu dispor. O Conselho Lupino considerava isso uma abominação. Aqueles tolos de mente fechada...

“Muito bem, Hector, vá em frente.”

— E preciso também de um título na corte real. Lord Magíster do rei seria ótimo.

— Nunca — protestou Lucas, e Opal ergueu a mão mais uma vez para que ele se calasse.

— Continue — falou ela.

— O duque Manfred é o único membro restante do Conselho Lupino além de mim. Ele me traiu, e eu gostaria de ter sua cabeça também. Manfred está levando sua mãe para Icegarden, Alteza. Quero estar lá quando ele for capturado, para participar da execução do Cervo. Assim, nossos inimigos enfim estarão derrotados.

— Nem todos — retrucou o príncipe. — E quanto ao Lobo?

Hector sentiu os lábios cortados se ressecar de repente, e pigarreou.

— Dizem que ele está morto. Mas, caso ainda esteja vivo, vou ajudar a caçá-lo.

“Está sendo sincero mesmo, irmão? Se surgisse a oportunidade, você mataria Drew?”

Opal olhou para Vanmorten e para o príncipe. Lucas soltou uma risadinha de desprezo, mas Vanmorten consentiu discretamente com a cabeça.

— Acho que temos um acordo, Boarlord — falou ela, estreitando os olhos amarelos ao abrir um sorriso. A Catlady passou por cima do cadáver da Morsa e estendeu a mão para Hector. Ele a apertou com a mão enluvada.

Vanmorten observava tudo com o rosto escondido sob o capuz. Hector não sabia se o olhar em seu rosto significava aprovação ou desgosto.

— Icegarden, então — disse Lucas. — É para lá que estão levando minha mãe. Vamos banir essa escória sturmiana do mapa por abrigar traidores.

Lucas se levantou, e as pernas fraquejaram, como se ele estivesse embriagado. Hector observou o jovem Leão com preocupação — jamais o vira daquele jeito. A luz das tochas revelou roupas rotas e desalinhadas. O Lucas que conhecera jamais apareceria em público naquele estado. O olhar em seu rosto parecia o de um louco.

— Não posso me contentar com apenas quatro reinos se curvando diante de mim. Precisamos reunir nossas forças, Opal: os Leões, os Gatos, os Ratos e os Cachorros. Quero os Sete Reinos ajoelhados, com meu pé em suas costas e minha espada em sua garganta se for preciso!

— E teremos a ajuda dos Javalis também — provocou Vanmorten.

— Terão mesmo! — garantiu Hector, virando-se para o Ratlord e sorrindo. — Mas, antes disso, vou aceitar sua sugestão, Lord Chanceler. Por favor, leve-me até Vermire.



7

De volta à matilha

A leste dali, as Barebones se erguiam ao longe, os picos cobertos de neve quase invisíveis sob a luz das estrelas. Trent se surpreendeu ao olhar para a distante cadeia de montanhas, sentindo o vento das Longridings soprar ao redor. Seu manto rubro farfalhava solto no ar, e ele o apertou com força em torno do pescoço. Estremeceu ao lançar um último olhar para as montanhas, e os pelos de seus braços se arrepiaram antes de ele se virar e tomar o rumo do acampamento, mais especificamente da barraca do prisioneiro.

Um guarda vigiava o acesso a seu interior. Trent acelerou o passo e assumiu uma marcha decidida ao se aproximar. Pretendia passar direto pelo vigilante.

— Sargento — disse o homem, bem mais velho que o jovem batedor e claramente aborrecido por ter de tratá-lo como um superior. Ele bloqueou o caminho de Trent.

— Abra passagem, Eaves! — ordenou Trent, medindo o homem de cima a baixo.

— Não posso fazer isso, sargento — rebateu o homem, abrindo um sorriso presunçoso. Entre os amigos do capitão Sorin, aqueles que respeitavam o jovem sargento eram minoria. Trent só fora promovido por insistência de Lord Frost. O Catlord albino tinha seus preferidos, e ninguém parecia ter caído mais em suas graças do que o garoto da Costa Gélida.

— E por que não, Eaves?

— Ordens do capitão.

— Esqueça Sorin. Estou aqui a mando de Lord Frost para interrogar o prisioneiro. Vai querer questionar as ordens de sua senhoria?

Trent encarou o homem com firmeza. Podia ser vinte anos mais novo, mas tinha a mesma altura e a mesma constituição física do outro — Trent não negava que era filho de Mack Ferran. Não sem certa relutância, Eaves abriu passagem. Trent passou por ele, fuzilando-o com o olhar e deixando a barraca se fechar atrás de si. O jovem soldado parou por um momento para amarrar a porta, a fim de que não pudesse ser aberta de supetão. Quando se deu por satisfeito, caminhou em silêncio até o interior da tenda, onde o prisioneiro estava ajoelhado e amarrado a uma estaca.

— Só mais uma coisa — disse Trent, pondo-se de pé ao lado do barão Ewan.

O Ramlord olhou para cima.

— Você voltou? — sussurrou ele por entre os lábios cortados.

— Você não acredita que Drew tenha matado minha mãe. Então quem foi?

— O Wererat Vanmorten matou sua mãe, rapaz.

O tom de voz de Ewan era sério e convicto.

— Mas *como* você sabe?

— A palavra de Drew já seria suficiente para mim. Jamais duvidaria de qualquer coisa que ele me contou. Mas você está se esquecendo de uma coisa: eu estive no Cabo Gala quando o

Wererat Vankaskan mandava e desmandava no Alto Estábulo. E aquele ali não era capaz de guardar um segredo nem se sua vida dependesse disso. O fato de que foi o irmão dele que matou sua mãe era motivo de orgulho para o Ratlord. Eu o ouvi dizer isso com meus próprios ouvidos.

Trent sentiu o corpo inteiro gelar, e um formigamento se espalhou pelas extremidades, subindo para o peito e a garganta. Seu coração quase parou diante do temor de que o Ramlord estivesse dizendo a verdade. “Ele deve estar mentindo!”

— Você diria qualquer coisa para escapar das surras de Sorin — argumentou Trent, tentando segurar as lágrimas. Sua voz, no entanto, estava embargada, revelando que o jovem batedor vinha sendo atormentado pela dúvida.

— E o que mais ainda pode ser feito comigo? — riu o Ramlord consigo mesmo. — Meu corpo e meu coração estão destroçados depois da ação do capitão. Estou às portas da morte. O sono eterno seria um alívio perto do que os *seus amigos* fizeram comigo.

— Não pode ser verdade — disse Trent, às lágrimas, incapaz de continuar escondendo seus sentimentos.

— Não se passa um dia sem que Drew pense na tragédia que se abateu sobre sua família. E, para completar, o próprio pai e o *próprio irmão* pensam que foi ele que a matou! Dá para imaginar tamanho tormento?

As lágrimas escorriam pelo rosto de Trent, uma torrente que não podia ser controlada. Ele se curvou e foi acometido por uma náusea tão forte que fez suas costas tremer. Trent desabou sobre os joelhos, engasgado, querendo gritar, mas sofrendo em silêncio. “O que foi que eu fiz?”

— Saí à caça dele — murmurou Trent. — Saí à caça dele para... para os assassinos da minha família! O que foi que eu fiz? Estou condenado...

— Nem tudo está perdido — garantiu Ewan. — Você ainda pode ajudá-lo. Lady Gretchen e Lady Whitley: seus superiores pensam que elas fugiram para o sul, para Calico ou Port Stallion.

— E elas não foram para lá?

— Não! Foram para o norte, para Brackenholme! Vá atrás delas e ofereça sua ajuda, rapaz! Ambas estão em perigo!

O som de um aplauso contido fez com que ambos olhassem para cima. A figura esguia de Lord Frost surgiu diante deles, com as cordas usadas para amarrar a entrada da barraca esvoaçando atrás de si. Trent se virou para Ewan, com uma expressão tão surpresa quanto a do Ramlord. Ewan abriu um sorriso de tristeza para o jovem, e os olhos de Trent se arregalaram de pavor quando se deu conta do que a presença de Frost por ali significava para ele. O Catlord tinha ouvido *tudo*. Usava uma calça de couro e nada mais, deslizando em silêncio com os pés pálidos pelo chão de terra. Sorin vinha logo atrás, com um sorriso estampado no rosto.

— Excelente trabalho, Trent — elogiou o albino. — Excelente!

Ele pôs sua mão sem cor sobre o ombro de Trent e lhe deu um apertão. Trent sentiu as garras do Catlord atravessando o tecido da roupa e penetrando sua pele.

— Você se superou, meu amigo. Não ouvi a conversa inteira, mas captei essa preciosidade no final: Brackenholme.

Trent se pôs de pé com toda a cautela, com os olhos vermelhos e ainda úmidos de lágrimas. Ewan olhou para cima, com uma expressão tensa, mas sem perder a serenidade. Sorin se aproximou e desferiu um chute violento no velho transmorfo, acertando-o no peito com o salto do coturno. Ewan desabou, os movimentos restritos pelas cordas.

— Mate-o! — ordenou Frost, dando um tapinha nas costas de Trent.

As mãos do jovem foram direto para o cabo da Wolfshead, escondida na bainha. “Todo esse tempo colaborando com o inimigo,

caçando meu próprio irmão, traindo minha família...”

A Wolfshead saiu da bainha e se revelou para o Ramlord com um único e fluido movimento. A espada pairou sobre ele por um instante, ameaçando tirar sua vida a qualquer momento. Toda a fúria de Trent foi projetada sobre a arma quando a fez rodar no ar, passando por sobre a cabeça do Ramlord em um movimento giratório preciso.

Frost permaneceu imóvel, os olhos rosados se arregalando de surpresa ao encarar o jovem batedor, que estava pronto para atacar novamente. O olhar do Catlord se voltou para a espada do Manto-Rubro, notando o sangue escuro que manchava a ponta da lâmina. Baixou a cabeça e viu a própria barriga, e a expressão em seu rosto quando observou a linha vermelha que se abria na carne foi de perplexidade. O albino se transformou com rapidez, tentando se valer da felinotropia para deter o estrago feito pelo ferimento, mas foi em vão. A Wolfshead fora banhada em prata, e a mando do próprio Catlord.

Quando Frost caiu de joelhos em meio à transformação, Sorin surgiu a seu lado com um pulo, e Trent teve que erguer sua espada para se defender do ataque da lâmina do capitão.

— Maldito traidor! — gritou Sorin, desferindo golpe atrás de golpe contra o jovem sargento, que se defendia como podia. — Você não nega que é um Ferran! Um Lobo, assim como seu pai e seu irmão!

O insulto foi a gota d'água. Com os golpes de espada era capaz de lidar, mas ouvir Sorin difamar o nome Ferran era inadmissível. Quando ele atacou de novo, o jovem mergulhou para a frente e o atingiu nas costelas com o ombro. Sorin expeliu todo o ar dos pulmões audivelmente quando os dois foram ao chão. Trent caiu por cima, e as espadas de ambos saíram voando.

Sorin o golpeava de baixo para cima, mas sem muita força, e o jovem o castigou com uma saraivada de socos no rosto. Quando o

capitão parou de se mover, as feições desfiguradas, Trent rolou para o lado, ofegante e em pânico.

O guarda que controlava o acesso à barraca entrou com passos cambaleantes, tentando ver o que acontecia. Trent não perdeu tempo com o subordinado de Sorin — empunhou mais uma vez a Wolfshead e saltou do chão em uma investida poderosa. A espada desapareceu na barriga de Evans, ressurgindo nas costas. Quando caiu ao chão, o guarda já estava morto.

Aos tropeções, Trent se dirigiu até Ewan, cortou suas amarras e o amparou nos braços.

— Venha, milorde — disse ele. — Precisamos ir.

Antes que Ewan pudesse responder, uma outra voz se fez ouvir na barraca.

— Eles vão encontrar você e o restante da sua raça. Vão matar todo mundo. Meus irmãos e irmãs não descansarão enquanto isso.

Trent olhou para o outro lado e viu que Lord Frost ainda estava vivo, ajoelhado, tentando deter o sangramento no abdome com as garras. Com a transformação apenas parcialmente concluída, a Pantera albina parecia mais pálida que nunca, como um fantasma, grunhindo sobre uma enorme poça de sangue. Os olhos rosados oscilavam ao tentar encarar Trent, assim como a cabeça, e um sorriso doentio perpassava os lábios felinos.

Trent se levantou e caminhou até ele, carregando a Wolfshead atrás de si.

— Quando você ataca um Catlord, está atacando todos da minha espécie.

Trent ergueu a espada antes de responder:

— E, quando você ataca um Ferran, está atacando todos da família.

A espada desceu pelo ar, e a cabeça de Lord Frost saiu rolando até chegar ao corpo de Eaves. Trent se virou para Ewan a tempo de ver Sorin às suas costas, todo ensanguentado, a espada em punho

e pronto para atacar. O rosto do capitão estava desfigurado, os olhos arregalados e os dentes à mostra se destacando em meio à pele dilacerada e ao sangue que escorria. Trent tentou deter o golpe com a Wolfshead, mas o cálculo foi equivocados, e ele posicionou a espada no lugar errado. A lâmina de Sorin vinha de cima para baixo.

O golpe não chegou a atingi-lo, pois a espada escapou das mãos moribundas do capitão. Um chifre se fez visível no peito de Sorin, estraçalhando sua caixa torácica quando o Ramlord transformado investiu contra ele por trás. O choque, a agonia e o terror eram perceptíveis nos olhos de Sorin quando ele e o barão Ewan foram ao chão. O capitão da Guarda Leonina já estava sem vida quando caiu. Trent se agachou para ajudar Ewan a se desvencilhar do cadáver de Sorin. O corpo do velho estava exausto pela transformação. O Ramlord era pesado, e a cabeça desabou sobre o corpo do jovem quando suas forças se esvaíram por completo.

— Precisamos ir! — gritou Trent.

— Não, garoto — ele rebateu. — Você vai sozinho.

— Se sairmos daqui agora mesmo, posso levá-lo comigo!

— Só vou atrasar você — disse o velho Carneiro, respirando com dificuldade.

Trent sacudiu a cabeça, arrastando o Werelord na direção da entrada da barraca, mas Ewan tinha razão. Totalmente transformado, ele era um peso morto nos braços de Trent, incapaz de mover seus membros.

— Meu tempo se esgotou — afirmou Ewan. — O sono eterno me aguarda. Vá em frente. Ajude seu irmão. E os amigos dele.

Trent balançou a cabeça, segurando as lágrimas. Já era possível ouvir a gritaria do lado de fora; a comoção dentro da barraca não passara despercebida do restante do acampamento.

— As meninas — murmurou Ewan, quase sem voz.

— Quê? — perguntou Trent, aproximando o ouvido do rosto ferido do Wereram.

— Em perigo. Gretchen, Whitley... Brackenholme.

Um chiado escapou do peito de Ewan, e sua voz se calou. Os olhos quase sem vida se fixaram no teto da barraca.

— Estão viajando... com... Baba Korga...

E então ele se foi. O peito parou de se mexer. A luta estava encerrada.

Trent não perdeu tempo. A gritaria cada vez maior do lado de fora mostrava que ele já havia se arriscado demais ficando ali. Correu até a lateral da barraca e abriu um rasgo no tecido com a Wolfshead. Trent foi caminhando como se nada tivesse acontecido por entre os demais soldados até chegar ao local onde os cavalos estavam amarrados. Os bastians e os demais membros da Guarda Leonina iam na direção contrária, para a tenda do prisioneiro. Notou olhares de interrogação estampados no rosto dos demais, mas ninguém tentou detê-lo.

Quando Trent encontrou Tempestade, sua égua, os homens já haviam chegado à barraca do detento. Assim que começaram a se perguntar quem seria o culpado, o batedor já estava em fuga, galopando pelas Longridings rumo à Dyrewood.

Rumo a Brackenholme.



8

Os herdeiros e os honestos

Dedos munidos de garras poderosas apertaram a garganta de Drew, despertando-o do sono febril, pondo-o de pé e ameaçando arrancar sua traqueia. Os olhos se abriram no mesmo momento, e os pés se debateram sobre o chão congelado da tumba dos Hawklords enquanto lutava em vão para se libertar. Drew ergueu a mão para tentar afastar os dedos do agressor, mas com a outra garra este o imobilizou e exerceu uma pressão ainda maior, que o deixou sem ar. Drew abriu os braços em sinal de rendição, sem tirar os olhos daquele que o atacava.

Era sem sombra de dúvida um transmorfo, um Hawklord, mas não se parecia em nada com Shah. Quando transformada, a filha de Griffyn tinha uma aparência elegante, majestática, de uma verdadeira senhora dos ares. O Werehawk que ameaçava tirar a vida de Drew com suas garras era uma figura muito mais rústica. Asas de um tom enferrujado de marrom se abriram em suas costas. As penas vermelhas eram ralas em alguns pontos, revelando antigas feridas. Drew conseguiu ver que havia um arco pendurado em sua cintura quando o outro baixou a cabeça para examinar o jovem Wolflord um pouco mais de perto. Uma cicatriz enorme

marcava todo o lado esquerdo do rosto do Hawklord, de cima a baixo, passando sobre o olho e desaparecendo sob o queixo. Seu bico amarelo afiado se fechou bem perto do rosto de Drew, os olhos negros e assassinos piscando curiosos.

— Você está bem longe da sua terra, menino! — gralhou o Hawklord. — Pensou que podia roubar o que é da nossa espécie, não foi?

Drew lutava para respirar como um peixe fora d'água, incapaz de falar. Transformar-se em Lobo não era uma opção viável — as garras do Gavião rasgariam seu pescoço como se rasgassem uma fruta macia. Ele sentia que a inconsciência — seguida pela morte — não demoraria a chegar. O Gavião olhou para o corpo de Rook caído no chão, iluminado pela luz da manhã que chegava através da janela logo acima.

— Ladrões! — gritou o Werehawk, sacudindo Drew como se fosse um boneco de pano. — O Corvo lhe prometeu uma parte da fortuna para ajudá-lo a saquear nossa tumba, não foi? Ora, o Corvo está morto, garoto, e você logo vai se juntar a ele...

— Rufus Rubro!

O Gavião virou a cabeça, abriu o bico e sibilou na direção da escada que levava ao Pico dos Gritos. Uma nova figura apareceu nos degraus, caminhando até o Werehawk cor de ferrugem e seu prisioneiro.

— Deixe-o respirar! — ordenou o recém-chegado, apenas um borrão na visão de Drew, que estava prestes a desmaiar.

Um tanto relutante, Rufus Rubro abriu os dedos, fazendo com que Drew fosse ao chão, puxando grandes lufadas de ar.

— Deixe-me matá-lo, Carsten — pediu Rufus Rubro, flexionando as garras, pronto para atacar. — Vamos revirar as tripas dele!

O que se chamava Carsten ergueu a mão, e Rufus Rubro se calou.

— Primeiro vamos deixá-lo falar, Rufus Rubro, ouvir o que ele tem a dizer. Depois você pode revirar as tripas dele.

Quando Drew recuperou a visão, Carsten tomou forma à sua frente. Com mais ou menos cinquenta anos, era robusto e atarracado, com uma cabeleira negra no topo da cabeça. Os olhos azuis reluziam, observando Drew com atenção, enquanto as mãos seguravam o cabo da espada, a lâmina virada para o chão. Drew esfregou a garganta, massageando as cordas vocais.

— Pelo jeito os espectros da tumba deram um jeito no seu mestre, ladrãozinho — comentou Carsten, chegando mais perto do corpo de Rook.

— Não sou... um ladrão! — disse Drew, sem fôlego.

— Você se perdeu, então, rapaz? — questionou Carsten. — Isso acontece muito por aqui. Um menino passeando sozinho pelos campos e vales, que acaba entrando na trilha errada e vindo parar no alto da Tor Raptor. É um equívoco bastante compreensível.

— Eu vim... com o barão Griffyn...

Carsten deu um chute no corpo de Rook, e o cadáver rolou, fazendo penas negras voar.

— Impossível! — vociferou Rufus Rubro, preparando as garras para o ataque. — Griffyn morreu anos atrás. Você estava a serviço do Corvo.

Rufus Rubro escancarou as garras e estreitou os olhos pretos.

— Você é um homem morto...

— Espere! — gritou Carsten, fazendo Rufus Rubro se virar.

Havia outra figura descendo a escada. Um Hawklord alto, parcialmente transformado, surgiu sobre os degraus. Suas asas se retraíam, o bico já recobrando a aparência de maxilares, e as penas desaparecendo sob a pele. Era careca, mas usava uma barba negra farta e comprida. Apesar de ser mais alto que Carsten, os dois pareciam ser parentes. Ele carregava um corpo nos braços.

— Esse é...? — disse Carsten, chegando mais perto.

— É Griffyn — afirmou o recém-chegado, baixando a cabeça e fazendo uma careta. — Está morto. Eu o encontrei no fundo do

abismo.

Carsten e Rufus Rubro se viraram de novo para Drew, caído no chão, tentando olhar para todos ao mesmo tempo.

— Eu disse que vim com ele!

— E você conseguiu sobreviver, e ele, não? — questionou Carsten.

— Deixe-me acabar com ele, milorde — pediu Rufus Rubro, saltitando de um pé para o outro, ansioso para pôr em prática seus instintos assassinos.

— Quem é este? — perguntou o Hawklord calvo e barbudo.

— Meu nome é Drew. Drew Ferran.

Rufus Rubro já estava prestes a atacar quando Carsten o segurou pelo antebraço, fazendo-o grasnar.

— *Você* é Drew Ferran? — perguntou, incrédulo, ignorando os protestos de Rufus Rubro. — Metade da Lyssia está à caça de um rapaz com esse nome.

— Esse é o filho de Wergar? — perguntou o Werehawk barbudo.

— Conversa fiada, Baum — respondeu Carsten. — Ainda acho que ele era um lacaios desse Corvo que morreu e veio aqui só para roubar. Ele é capaz de dizer qualquer coisa para salvar a própria pele...

— Mas como ele conseguiu sobreviver, irmão? — questionou Baum. — Ao Pico dos Gritos e aos espectros da tumba, onde “só os herdeiros e os honestos hão de entrar”? O Corvo morreu, mas o rapaz está vivo.

Carsten inclinou a cabeça para o lado, um trejeito muito comum entre os falconídeos. Agachou-se diante de Drew, enquanto Rufus Rubro caminhava ansiosamente atrás dele.

— Boa pergunta, Baum. Garoto, como conseguiu sobreviver e o Corvo, não?

Drew estendeu o braço para trás e puxou o manto rasgado para o lado, a fim de revelar a espada que encontrara na tumba.

Carsten e Baum prenderam a respiração, enquanto Rufus Rubro esticou o pescoço por cima do ombro do mestre para examinar a lâmina. Carsten se apoiou sobre um dos joelhos; em seguida o irmão depositou o corpo de Griffyn cuidadosamente sobre o chão e fez o mesmo.

— O que é isso? — perguntou Rufus Rubro, curioso com a demonstração de reverência dos primos Hawklords.

— A espada — murmurou Baum, reconhecendo imediatamente a arma.

— Ele é mesmo o filho de Wergar — afirmou Carsten, segurando Rufus Rubro e o obrigando a fazer a mesma mesura. — Ele é o herdeiro de direito da Westland.

Meio cambaleante, Drew se pôs de pé e olhou para os Hawklords prostrados diante dele, que lembravam os espectros da tumba que haviam aparecido na noite anterior, assumindo a mesma posição dos fantasmas quando tinham visto a espada.

— Eu não... por favor, não estou entendendo. Pelo amor de Brenn, milordas, não se ajoelhem diante de mim!

Os três se levantaram, Rufus Rubro um pouco mais rápido que os demais, e foram caminhando na direção das entranhas da tumba.

— As runas do lado de fora da cripta são um aviso — explicou Baum. — “Ninguém pode entrar no Pico dos Gritos, a não ser os herdeiros e os honestos: essa lei é garantida pelos espectros da tumba.”

“Somente um governante justo e de direito pode entrar”, fora o que o barão Griffyn dissera a Drew a respeito da câmara.

— Como os espectros da tumba sabiam que eu não era um ladrão que tinha vindo até aqui para roubar a espada? Eles desfizeram Rook em pedaços!

— Essa espada — disse Carsten, apontando para a lâmina cinzenta de metal — era a arma de Wergar, o Lobo: a Moonbrand, forjada em Icegarden pelos maiores artífices da Sturmland, séculos

atrás. Os espectros não teriam deixado você entrar caso não fosse o herdeiro legítimo de Wergar. Ela brilhou, rapaz?

— Já estava brilhando, mas, quando a empunhei, começou a emitir uma luz branca.

— As armas dos Werelords produzidas pelos sturmianos eram encantadas — disse Baum. — Esse aço brilha como uma tocha sob a luz da lua.

— E sob o resto — murmurou Rufus Rubro, enigmático.

— Mas o que ela fazia aqui? — perguntou Drew, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça.

— Ao que parece, nosso querido e infelizmente falecido Griffyn a guardou aqui depois que Leopold assumiu o trono. Quem diria que um dia o filho de Wergar escalaria a Tor Raptor e a tomaria para si?

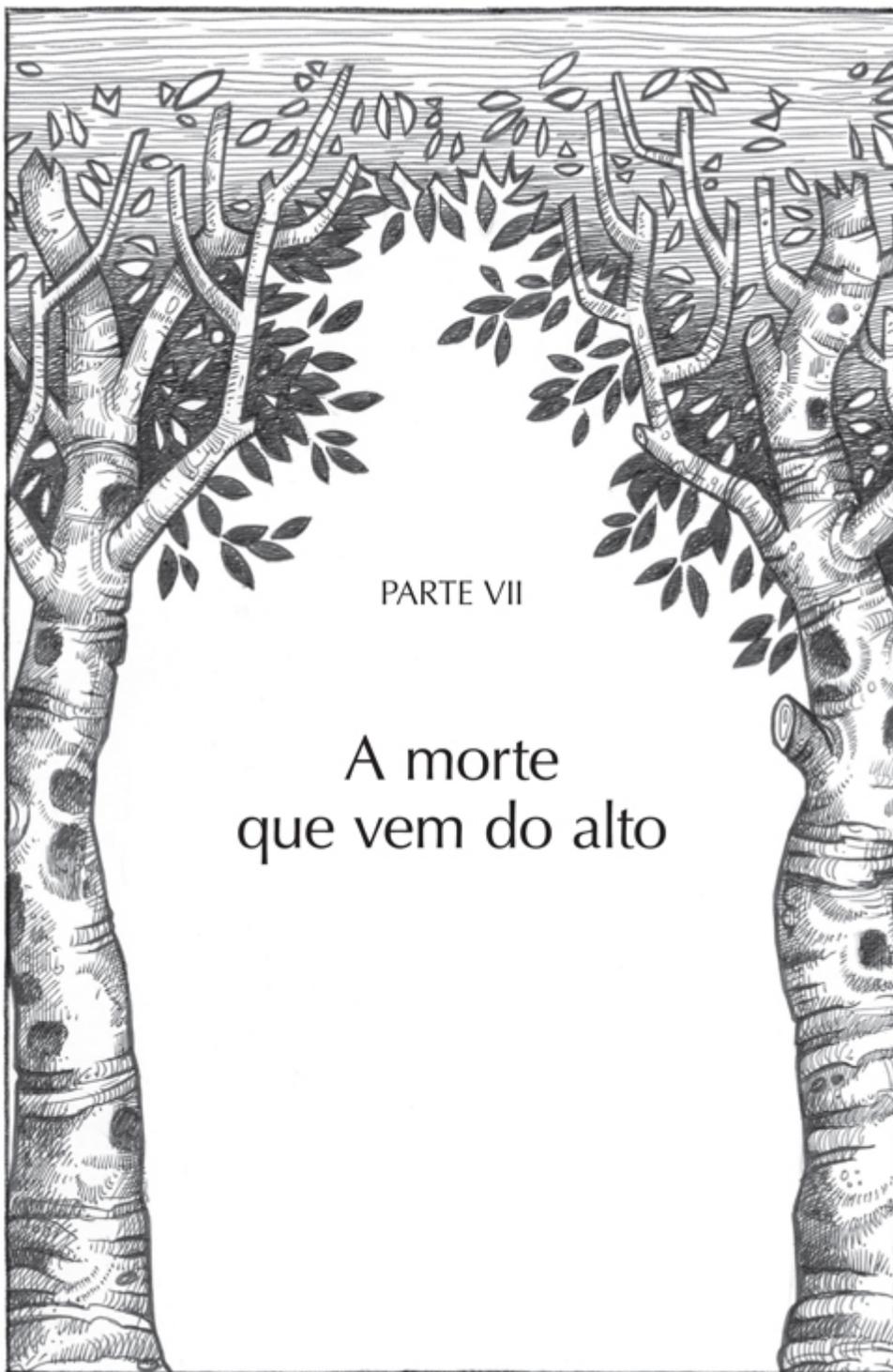
Drew lembrou mais uma vez as palavras de Griffyn: “Eu a trouxe até aqui e a mantive em segurança”.

O jovem Lobo já tinha ouvido esse nome antes. A rainha Amelie o mencionara certa vez em Highcliff. “A espada do meu pai.”

— Milorddes — disse Drew, guardando a Moonbrand no cinto gasto. Era a vez dele de se ajoelhar. Baum e Carsten se entreolharam, surpresos, enquanto Rufus Rubro manteve uma atitude desconfiada. — Cheguei até aqui sob orientação do barão Griffyn. Viemos ao Pico dos Gritos porque precisávamos convocá-los. A guerra está tomando conta da Lyssia, e nós, o exército que faz frente aos Catlords de Bast, precisamos desesperadamente de auxílio!

— Que tipo de auxílio, filho de Wergar? — perguntou Carsten, os olhos azuis reluzindo como gelo.

— Do tipo que só os Hawklords podem oferecer.



PARTE VII

A morte
que vem do alto



1

O hóspede

Os primeiros raios de sol iluminavam a torre de menagem do castelo de Windfell quando o trio de servos se apresentou na sala privativa do mestre, observando-o enquanto ele caminhava freneticamente de um lado para o outro atrás da mesa. Cada um segurava um porta-joias com a tampa aberta contendo moedas, joias e outros tipos de artefatos. O Falconlord abriu uma gaveta, despejou seu conteúdo sobre a mesa e o vasculhou com movimentos apressados dos dedos.

— Deve estar aqui em algum lugar — murmurou o barão Skeer, examinando pergaminhos fechados e seus selos.

A porta da sala estava escancarada, e o eco dos passos das botas do soldado reverberava pelo corredor.

— Que diabo está acontecendo?

A pergunta vinha de alguém parado à porta. Skeer olhou e viu seu hóspede, a cabeça espichada para dentro.

— Estou indo embora — declarou Skeer, apressado. — Ah, aqui está!

Os olhos se iluminaram ao pousar sobre um pergaminho com o selo real vermelho: o Lionshead, do rei Leopold.

— Indo embora? Você enlouqueceu, Skeer?

— E sugiro que todo mundo que tenha juízo faça o mesmo.

O velho Falcão examinou o selo, certificando-se de que não tinha sido rompido.

— Que pergaminho é esse? — o visitante quis saber, entrando na sala e olhando para trás ao ver os soldados passar às pressas pelo corredor. Todos usavam os mantos marrons adornados com penas da Guarda Falconídea, mas na verdade eram soldados do Leão destacados para lá. Windfell fora o posto avançado de Leopold nas Barebones por quinze anos, e durante esse tempo todo o destacamento local participara de pouquíssimas ações; estavam todos desmobilizados e fora de forma. Mas eis que, de repente, o conflito se aproximava, e a sensação de medo entre os membros da Guarda Falconídea era visível.

Skeer enfiou o pergaminho no cinto da túnica.

— Um decreto do antigo rei.

— Determinando o quê? — perguntou o hóspede do Falcão, examinando com as mãos um dos porta-joias abertos mantido nas mãos dos servos.

— Que o meu título de barão é legítimo. Leopold me nomeou governante daqui para o bem dos Sete Reinos.

O hóspede caiu na risada, produzindo um chiado no peito ao fazê-lo.

— Para o bem dos Sete Reinos? Para o *seu* bem, Skeer, e de mais ninguém.

O hóspede bateu com força a tampa do porta-joias, fazendo o Falconlord ter um sobressalto. O barão apanhou mais algumas joias e, passando ao lado do visitante, despejou-as em outra caixa.

— Por que essa preocupação com seu título, meu amigo? Por que essa movimentação toda nos salões e corredores de Windfell? Por que tanto temor pela própria vida assim de repente, Skeer? Explique o que está acontecendo!

Skeer se aproximou do companheiro Werelord, que era pelo menos uns vinte centímetros mais alto que o velho pássaro. O barão olhou no fundo dos olhos semicerrados do conde corrompido.

— São meus primos, Kessler! — disse o Falcão. — Os Hawklords voltaram!

— Como assim, voltaram? — gritou Kessler, saindo apressado atrás de Skeer, junto com os servos do barão. Ele empurrou um deles para fora do caminho, fazendo o jovem ir ao chão e espalhar todo o conteúdo do porta-joias.

— Recolha tudo isso! — gritou Skeer, enquanto o servo apanhava as joias às pressas.

— Como os Hawklords podem estar voltando? — repetiu Kessler. — Eles não estavam todos mortos?

— Mortos, não — corrigiu o Falcão. — Banidos. Proibidos de voltar.

— E você vem me dizer que é justamente isso o que está acontecendo? Como você sabe?

Os olhos de Skeer percorreram freneticamente as janelas arqueadas que revelavam as montanhas mais adiante. Caminhou até o parapeito de pedra e olhou para os dois lados, estudando cuidadosamente o céu. Logo ao lado da torre do castelo de Windfell, as quedas-d'água do rio Steppen castigavam as Barebones, abrindo caminho até as Longridings. Algumas pontes se estendiam por cima das cachoeiras, unindo a estrada que ligava a cidade aos campos lá embaixo.

— Você *não está* ouvindo?

— Ouvindo o quê, Skeer? A queda-d'água? Claro que sim. Você está agindo como um louco!

— Não! O Pico dos Gritos! Eles estão sendo chamados. Estão voltando para Windfell.

Skeer saiu em direção de uma porta dupla, vigiada por soldados.

— Pensei que apenas o Lord de Windfell pudesse entrar na tumba dos ancestrais.

Skeer deu uma olhada rápida para Kessler enquanto os membros da Guarda Falconídea abriam a porta.

— Griffyn? — perguntou Kessler. — Aquele velho abutre está por trás disso? Eu o deixei lá em Scoria... Seria uma grande surpresa para mim descobrir que ele conseguiu sair vivo daquele inferno!

— Bem, pode acreditar — resmungou Skeer, seguido pelos soldados enquanto descia um lance de escada até o pátio interno e circular da torre de menagem. As paredes curvas de granito da construção se erguiam ao redor, com patamares de pedra esculpidos em cada um dos andares, os antigos assentos do Conselho dos Hawklords. Uma carruagem estava à espera, com os cascos batendo de inquietação no chão, além de um pelotão da guarda pessoal de Skeer.

A cabeça de Kessler girava em um torvelinho enquanto ele caminhava tropegamente atrás do Falconlord.

— Se Griffyn conseguiu fugir de Scoria... — murmurou. “Quem mais pode ter escapado da ilha dos Lizardlords? Será que muitos deles foram capazes de sobreviver? Se eles me encontram aqui...”

Skeer se virou e ergueu o tom de voz:

— Ele está voltando, *sim*, e trazendo consigo os Hawklords banidos! — gritou o barão. — Não faço ideia de quem o ajudou a chegar lá, nem como, só sei que eles são meus *inimigos*. Eles nunca vão perdoar o papel que desempenhei na queda da cidade. Eu estava lá quando cortaram as asas de Griffyn, pelo amor de Brenn! Se ele voltar, acha que vai ser para fazer as pazes?

Kessler viu o barão cruzar o pátio às pressas na direção dos soldados. Conseguiu contar trinta deles, e para o Goatlord não pareceram ser dos mais confiáveis. As armaduras e fardas estavam em estado lamentável. Alguns olhavam o tempo todo para cima, preocupados.

“É isso o que acontece quando você vem parar em uma cidade fantasma no alto das Barebones.”

— Por que não resistir e lutar? — gritou Kessler. — Griffyn pode estar voltando sozinho.

— É verdade — respondeu Skeer. — Mas e se voltarem todos eles?

— Mostre-lhes seu precioso pergaminho!

— Tolo eu não sou, Kessler: esse pergaminho pode garantir minha proteção por toda a Lyssia, mas e perante os olhos da minha espécie, contra a qual me virei? Esse é um risco que não estou disposto a correr!

— Para onde você vai?

— Está querendo saber demais, meu amigo! — berrou Skeer enquanto seus homens punham seus pertences pessoais na carruagem. — Se se apressar, pode ir comigo! Mas não demore!

Kessler deu meia-volta e saiu correndo, passando por mais soldados, que evacuavam a torre. Seguindo pelos corredores curvos até a escadaria, o Goatlord entrou às pressas no quarto que vinha ocupando, dirigindo-se até o lado da cama. Enfiou a mão embaixo dela e arrastou o baú de um metro e meio de comprimento guardado ali. Kessler sacou a chave do bolso e o abriu.

A verdadeira fortuna de Scoria estava lá: pedras preciosas e joias de todos os continentes. Rubis do tamanho de punhos fechados; lingotes de aço encantado sturmiano; diamantes grandes como maçãs; moedas e coroas de todos os tamanhos; anéis reais e cetros de magísteres. Kessler abriu um sorriso. Ignus e seus irmãos, aqueles tolos, pensaram que tinham levado a melhor sobre ele. Kessler vinha planejando o roubo fazia tempo, muito antes de o menino Lobo e seus aliados decidirem estragar a festa dos Lagartos na Fornalha. Na verdade, o caos que haviam provocado só facilitara a fuga de Kessler.

Ele fechou o baú outra vez, posicionou-o sobre as costas e saiu porta afora. Sacudiu a cabeça e correu, praguejando contra sua falta de sorte. Impossibilitado de voltar a Haggard e a Scoria, Windfell era sua última opção de lugar no qual se reerguer e refazer

seus planos. Ele e Skeer eram velhos parceiros. Muito tempo antes, o velho Falcão lhe vendera Griffyn e a filha, Shah. Essa boa relação comercial possibilitara a amizade mais longa que o Bode tinha na vida, e Skeer era o único transmorfo em quem de fato confiava.

Sua estadia em Windfell deveria ser discreta e tranquila. Que o resto da Lyssia ardesse em chamas — ele e Skeer assistiriam a tudo do alto das Barebones e escolheriam a que lado se juntar depois que o vencedor já estivesse decidido. Ou, caso não fosse possível, permaneceriam entocados até que os rivais se exterminassem mutuamente — para Kessler não fazia diferença. Em vez disso, porém, o maldito Griffyn milagrosamente criara um novo par de asas e voava rumo à Lyssia, tendo passado até pela Tor Raptor. Kessler não era capaz de ouvir o grito que Skeer mencionara, mas não duvidava do amigo nem por um instante. Havia alguma coisa a caminho.

Os corredores se achavam quase desertos quando Kessler passou pela porta dupla que conduzia ao pátio. Estava ocupado demais resmungando consigo mesmo a respeito do peso que carregava nas costas para prestar atenção no que havia logo adiante. Só olhou para a frente no último momento, paralisando-se no ato e sentindo os joelhos fraquejar.

No breve intervalo de tempo que levou para pegar seu baú, o local se transformara em um campo de batalha. A Guarda Falconídea estava encurralada no pátio circular, defendendo-se aos berros de um ataque aéreo. As lanças apontavam para o céu, e as espadas eram brandidas no ar em uma tentativa desesperada de afugentar o inimigo. Muitos já estavam mortos no chão, e a figura inconfundível de Skeer podia ser vista no assento da carruagem, enquanto o caos fervilhava ao redor e os cavalos ameaçavam fugir em disparada. Ele olhava para cima, o pavor estampado no rosto.

Mais de uma dezena de transmorfos rondavam os ares sobre o pátio, mantidos no alto por suas grandes asas abertas enquanto

despejavam a morte sobre os soldados. Alguns usavam armaduras, outros mostravam o peito nu; alguns carregavam machados, outros atiravam flechas e dardos. Apesar de usarem armas diferentes, eram facilmente identificáveis como pertencentes à mesma espécie — eram Hawklords, guerreiros lendários que todos imaginavam estar extintos na Lyssia.

Ostentavam nas costas asas majestosas cobertas de penas em diferentes tons de marrom, vermelho e cinza. Os braços musculosos tinham aparência humana, mas as pernas eram como as das aves de rapina, os pés no mesmo formato de garras mortais. O mais assustador de tudo era a cabeça, com bico curvo e amarelo que se abria em gritos de fúria, sendo os olhos um prenúncio da morte. Mergulhavam sobre os membros da Guarda Falconídea, rasgando-os em pedaços e lançando cadáveres ainda quentes no ar.

Skeer notou a presença de Kessler e abriu passagem até o amigo. Passou correndo pelos guardas histéricos com uma agilidade muito maior do que a que aparentava, desviando-se dos corpos desmembrados largados pelo pátio. Os Hawklords, por sua vez, pareciam saborear o momento, pois enfim podiam fazer justiça contra aqueles que haviam destruído Windfell. Até mesmo Kessler, um homem habituado à violência, ficou perplexo diante da ação dos Werehawks.

Skeer se aproximou, ficando a poucos passos do Goatlord.

— Kessler! — berrou, estendendo os braços em desespero quando uma sombra passou por sobre sua cabeça.

Com um estalo audível de ossos se partindo, um Eaglelord pousou sobre Skeer, esmagando o corpo do barão sob seus pés. Ele portava uma espada, mas não precisou usar sua arma contra o Falcão traidor. As garras escuras se juntaram, cravando fundo na pele das costas de Skeer, rompendo carne e ossos sobre o chão de pedra. O Falcão gritou de pavor, emitindo o nome de Kessler por entre os

lábios traiçoeiros. A Águia virou a cabeça para encarar o Bode, piscando uma vez os olhos antes de destroçar Skeer com os pés.

Kessler correu de volta para dentro, largou o baú no chão e fechou a porta dupla com um estrondo, posicionando a barra para travá-la. O coração parecia prestes a explodir, e as mãos tremiam ao pegar mais uma vez o baú, arrastando-o para longe das portas e da batalha que se desenrolava no pátio. Carregou a caixa até a janela, onde não muito tempo antes Kessler observara as montanhas. Sem alternativa, o Goatlord espichou o pescoço para fora e examinou as paredes curvas da torre de menagem. Havia uma queda de mais de cinco metros até a superfície rochosa lá embaixo. Windfell ficava encravada na face de um penhasco, o que protegia a cidade de ataques, e a ponte sobre as cachoeiras era o único caminho possível para fugir a pé. As paredes da montanha eram inclinadas e pedregosas, intransponíveis tanto para humanos como para transmorfos. Para a *maioria* dos transmorfos, pelo menos.

Transformou-se com rapidez. Cada segundo de espera era uma possibilidade a mais de morrer nas mãos dos Hawklords, que forçavam a porta do lado de fora. Seu peito se expandiu com três grandes estalos para assumir o físico imponente do Werecoat. Kessler arrancou a túnica das costas quando a pelagem cinzenta e grossa surgiu pelo corpo. As pernas engrossaram para suportar seu novo peso, e cascos surgiram no lugar dos pés. Os olhos se adensaram sob as pálpebras, as pupilas negras ganhando um brilho amarelado. Chifres despontaram na testa, grossos como galhos de árvore, curvando-se sobre si mesmos. Era como o diabo encarnado.

Segurando o tronco com uma das mãos descomunais, o Werecoat saltou pela janela. Quando os cascos atingiram a rocha, retomou a todo custo o equilíbrio, apoiando-se com a mão livre na parede para se manter de pé. Para qualquer um que não o Goatlord, isso teria sido fatal. Sem se abalar, Kessler se endireitou e foi pulando de pedra em pedra até a base da torre, contornando as muralhas que

cercavam a cidade e tomando o caminho da estrada logo à frente. Lá no alto, ouvia os gritos dos soldados de Skeer, que eram perseguidos pelo palácio e aniquilados onde quer que estivessem.

Por fim, aproximou-se do penhasco que ladeava a estrada. O abismo entre o caminho e a montanha era seu último obstáculo para a liberdade. Seria preciso um salto de quase cinco metros, mas, valendo-se outra vez de suas habilidades de transmorfo e do instinto de sobrevivência, Kessler não hesitou. Passou o baú para a outra mão, agachou-se e pulou, lançando-se para a frente como se suas pernas fossem dotadas de molas. O Bode passou com folga por cima do abismo, aterrissando com tranquilidade na estrada.

Abriu um sorriso triunfante, dando uma última olhada para Windfell.

— Adeus, meu amigo — falou antes de se virar e sair correndo na direção da primeira ponte com suas potentes pernas de transmorfo.

A primeira ponte era a mais alta e a mais longa de todas as que atravessavam as Cataratas do Steppen, uma superfície de pedra branca que formava arcos elegantes por sobre as poderosas quedas-d'água. A névoa úmida que subia da cachoeira encobria a visão do que vinha à frente, a promessa de liberdade que o esperava atrás do véu de água. Kessler manteve o ritmo das passadas, batendo no granito branco com o casco preto enquanto corria em meio à névoa. Não sabia ao certo para onde ia, mas logo descobriria. Em algum lugar, o destino lhe reservava algo.

E, no fim, seu destino se revelou muito antes do esperado. Os cascos raspam o chão em uma parada abrupta quando a turbulência provocada por um farfalhar de asas espantou a névoa para longe. Uma criatura gigantesca se elevou acima dele, fazendo a água suspensa no vento voar em sua direção. Apavorado, Kessler notou que o Hawklord soltou algo lá de cima. Um vulto escuro aterrissou sobre a ponte, bloqueando-lhe o caminho. A figura se

levantou, deu um passo à frente e se materializou em meio ao véu de água diante dos olhos arregalados de Kessler.

— Não é possível! — exclamou o Goatlord, ofegante e incrédulo.

Drew Ferran soltou um grunhido. O último Lobo cinzento continuou indo em frente, impassível, com a Moonbrand na mão e o desejo de vingança no coração.

— Kessler! — Drew gritou para ser ouvido acima do rugido das Cataratas do Steppen. — O seu passado está aqui para acertar as contas com você!



2

As Cataratas do Steppen

O Goatlord olhou para trás, para o lugar de onde viera, e ouviu os gritos que reverberavam em Windfell. Sacou uma faca comprida do cinto e a empunhou em um gesto de defesa.

— Já chega de fugir, Kessler! — rugiu Drew. — Renda-se agora, e eu o deixarei viver.

— Você acha *mesmo* que essa escolha é sua?

— Largue a faca! — ordenou o Werewolf, arreganhando os dentes ao dar mais um passo na direção do Bode.

— Você pensa que me intimida, garoto? — gritou o Bode, mas era possível notar certo tremor em sua voz. — Seu pai era igualzinho! Andava por toda a Lyssia resolvendo tudo na ignorância, e como foi que ele terminou? Traído pelos próprios amigos!

Kessler deu risada, recuando com um movimento nervoso em meio à névoa, perdendo o senso de direção. Drew mantinha os olhos cravados no Bode, pronto para saltar sobre ele a qualquer momento.

— Eles vão se voltar contra você também, Lobo! Todos aqueles que você tem em tão alta conta! A história se repete eternamente, garoto: seu destino é o mesmo do seu pai!

— Largue a adaga! — repetiu Drew. — Você não tem para onde fugir.

Os cascos de Kessler se aproximaram da beirada da ponte, lançando pedrinhas brancas lá para baixo.

— Sua arma, Kessler.

O ruído das quedas-d'água ao redor era um reverberar potente e constante. Kessler olhou para a queda mortal e depois fitou a adaga em sua mão. O Lobo permanecia impassível diante dele.

— Tive uma vida boa, não posso negar — riu-se Kessler, um riso falso e sombrio. — Passei tempo demais enjaulando pessoas. Talvez seja a minha vez de ficar um pouco atrás das grades, não? Quem sabe essa mudança não me faz bem?

— A faca.

O Goatlord a lançou para o outro lado da ponte. O metal tilintou pela superfície de pedra até parar a certa distância. Kessler pôs o baú diante de si, apoiou-se sobre um dos joelhos e baixou a cabeça. Tentando parecer calmo, Drew vibrava silenciosamente em triunfo depois de fazer o Werewolf se render sem derramar uma gota de sangue. “Sempre existe uma outra maneira de fazer as coisas”, pensou.

— Você fez a coisa certa, Kessler. Não sou nenhum monstro. Vou levar você de volta a Windfell, onde vai ser julgado pelos Hawklords. Vamos ver o que eles...

A frase foi interrompida quando o Bode empurrou o baú de madeira para a frente em sua direção. Drew não teve opção senão pular para não ser atingido. Quando aterrissou, Kessler já tinha se posto de pé. O Goatlord investiu com seus chifres poderosos contra o peito do Lobo.

O Werewolf foi arremessado em meio à névoa, caindo de costas no chão com um baque seco. Estrelas flutuaram diante de seus olhos, e o mundo começou a girar. A visão se embaçou quando tentou se endireitar. O bater dos cascos sobre o piso indicava que

Kessler se aproximava com rapidez. Drew ergueu a Moonbrand, mas sem sentir muita firmeza na mão. Um chute poderoso do Goatlord quase fraturou seu braço, e a preciosa espada caiu.

Soltando um gemido, ele se virou, tateando em vão a superfície de pedra em busca da arma. Um outro pontapé, dessa vez na barriga, o fez rolar pela ponte até perigosamente perto da extremidade. Com um grunhido, pôs-se de quatro, fazendo uma careta ao sentir as costelas doloridas e os nervos inflamados. Ouviu os cascos se aproximar outra vez em meio ao véu de água. Levantando o braço esquerdo, conseguiu deter o golpe no último instante e derrubar Kessler.

Drew pulou em cima do Goatlord, mas com movimentos desajeitados, ainda prejudicados pelos ferimentos infligidos a ele pouco antes. Kessler agarrou a garganta do Werewolf, detendo seu avanço enquanto Drew começava a se transformar, os maxilares do Lobo já visíveis em seu rosto. Logo em seguida apareceram as garras, e a mão direita rasgou a carne do peito, dos braços e do pulso de Kessler para se livrar da pressão do Bode. Com os olhos amarelos arregalados, o Weregoad bufava, usando toda a força no estrangulamento.

Drew tentou envolver o corpo do Goatlord com as pernas, mas Kessler o rechaçou com chutes e movimentos de quadril. Drew sentiu sua resistência física se esvaír, os membros perdendo a força. Concentrou todas as suas energias na garganta, que tentava se expandir sob a pressão do Bode, preocupado unicamente em não deixar que o inimigo lhe quebrasse o pescoço. “Mais um pouquinho”, pensou consigo mesmo. “Só mais um pouquinho...”

Kessler rolou para cima dele, montou em seu corpo e apoiou os pés no chão. Os braços de Drew penderam para os lados, em sinal de rendição ao estrangulamento do Goatlord.

— É assim que você vai morrer, Lobo! — grunhiu Kessler. — Pelas minhas mãos. Sozinho.

— Não... — Drew se esforçou para falar, a boca escancarada e a língua de fora. Suas veias e músculos incharam em torno da garganta, em uma última tentativa de resistir ao sufocamento. Kessler o sacudiu, para arrancar dele suas últimas palavras.

— Fale, Lobo!

— Não... — grunhiu Drew. — Sozinho...

Ele ergueu a mão quase sem forças, apontando o dedo para o véu de água. Kessler olhou para cima e viu três vultos aparecer em meio à névoa. Não era possível identificar suas feições, mas as silhuetas eram imediatamente reconhecíveis. A figura gigantesca ao centro carregava uma marreta enorme na mão, um artefato que exigiria a força de dois homens para ser erguido. A mulher caminhava com postura ameaçadora, curvada para a frente, a lança em punho pronta para atacar. Mais atrás vinha um guerreiro robusto com uma maça repleta de pontas, brandindo ameaçadoramente a arma.

— Não! — gritou Kessler quando o Werewolf lançou o braço em sua direção.

As garras de sua mão romperam os tendões da perna do Goatlord, fazendo-o cambalear e livrando o Lobo da pressão. Drew desabou quando o Bode se afastou, levando a mão à garganta enquanto se transformava de volta, quase sem energias. Ficou deitado no chão ao passo que o Goatlord berrava, apertando a perna ferida. Kessler tentou fugir, mas sem sucesso. Os inimigos o cercavam em meio à névoa, sombras indistintas em busca de vingança.

Com um rugido furioso, a Weretiger avançou como um relâmpago, rasgando o peito de Kessler com as garras. Ele tentou correr para o outro lado, mas Taboo o atingiu com a outra garra, dessa vez na garganta. E então ela sumiu de novo, escondendo-se na névoa.

— Está se voltando contra mim, é? — disse Kessler, ofegante, tentando estancar o sangramento no pescoço. — As pessoas

cantavam seu nome em Scoria, Taboo! Eu transformei você em uma deusa! E é assim que me retribui?

Uma risadinha de deboche foi o único som que o Wererhino emitiu para avisar que estava por perto. O chifre enorme de Krieg acertou Kessler nas costas, arremessando-o no ar. Drew viu o corpo do Weregoad ferido voando sobre ele. O Bode aterrissou ao lado do baú, agarrando-se à superfície de madeira para tentar se levantar, mesmo com a coluna vertebral ferida, uma perna com o tendão estourado e um corte na garganta. Conseguiu erguer sua arca do tesouro, segurando-a junto ao peito quando percebeu o avanço do último gladiador.

— Não importa quanto ele esteja pagando— falou Kessler, a boca cuspidando sangue. — Triplico esse valor! Tenho aqui comigo o tesouro de Scoria. E estou disposto a dividir com vocês. O que me dizem?

Beemote ergueu a marreta enquanto se transformava, dobrando de tamanho e preenchendo a superfície da ponte com sua sombra. Com a cabeça já alargada e as presas à mostra, pôs todo o peso de seu corpo no golpe final. Drew virou a cabeça no último minuto, quando a arma do Weremammoth esmigalhou o baú de madeira de Kessler e o atingiu em cheio no tórax, mandando o Goatlord pelos ares, para fora da ponte e na direção da queda-d'água, deixando um rastro de sangue, joias e pedras preciosas em sua trajetória.

Beemote deitou a marreta no chão a seu lado.

— Pode levar tudo com você.

Krieg foi até Drew, com o chifre já desaparecendo e o pescoço retomando as dimensões humanas, e pegou o Wolflord nos braços.

— Minha garganta... — sussurrou Drew, com a voz fraca.

— Você vai sobreviver, Lobo — garantiu o Rinoceronte, já com Beemote a seu lado.

— Obrigado — Drew falou com dificuldade.

— Agradeça a seus amigos Hawklords — disse Krieg enquanto ajudava o Wolflord a se levantar.

Taboo foi até eles, carregando a Moonbrand nas mãos. Por alguns instantes, examinou a espada, verificou sua empunhadura e desferiu alguns golpes no ar. Drew se sentiu momentaneamente transportado de volta a Scoria, como se estivesse diante da transmorfa felina arrogante e irritadiça que conhecera por lá. Imaginou que Taboo fosse tomar a espada para si. Ela examinou ambos os lados da lâmina e então estendeu o cabo de metal para Drew.

— O rei deixou a espada cair — falou com um sorriso, em meio ao rugido trovejante das Cataratas do Steppen.



3

O crânio do Ratlord

A luz das tochas projetava sombras pelos degraus em espiral diante deles, fantasmas oscilantes que dançavam até desaparecer de vista. Cada curva percorrida na escadaria estreita os aproximava um pouco mais dos subterrâneos da cidadela de Vermire, onde ficava a tumba dos Ratlords. Vanmorten ia na frente, com sua túnica preta e comprida roçando os degraus de pedra, exigindo a cautela do magíster que o seguia. Hector permanecia o tempo todo bem próximo do Ratlord, para não acabar ficando no escuro, tropeçando e caindo.

— Muito cuidado, Lord Magíster. Não quero que acabe quebrando o pescoço.

“Não podemos deixar isso acontecer, caro irmão. Não agora, quando estamos tão próximos da nossa recompensa.”

A Guarda Javalina, que cuidava da segurança de Hector, cresceu de tamanho, chegando a oito membros, que o acompanharam durante os dois dias de viagem ao norte — além de Ringlin e Ibal, completavam o contingente os seis guerreiros ugri que costumavam ser os guarda-costas de Slotha. Hector não conhecia a tradição reinante em Tuskun de que os servos de um Lord ou uma Lady

vencida eram obrigados a jurar imediatamente sua lealdade ao vencedor. Graças a isso, ele tinha a seu dispor seis dos melhores guerreiros das terras congeladas. Era um bom consolo para Hector, especialmente considerando para onde ia.

Vanmorten e um pelotão da Guarda Leonina estavam junto, escoltando o Lord Magíster pela Grimm's Lane. A notícia de que Hector estava a caminho se espalhou, e o exército vermiriano os aguardava em grande número na estrada. Lanceiros com armadura, arqueiros a cavalo, soldados de infantaria e batedores vestidos de preto. E o número só aumentou enquanto se aproximavam da cidade do Rei Rato — todos queriam ver o magíster que havia sido aprendiz de Vankaskan. Hector procurava manter a Guarda Javalina por perto o tempo todo. Sabia que Vanmorten o detestava, que considerava um insulto ter que acompanhar o Javali até Vermire. Havia questões pendentes entre ele e o Lord Chanceler, assim como com seu irmão morto.

Dois outros membros da família do Rei Rato, Vorhaas e Vex, achavam-se em um andar superior da cidadela, junto com a Guarda Javalina, enquanto o irmão mais velho conduzia Hector até a tumba. Vorjavik, o marechal de guerra, estava em campanha, liderando o exército lyssiano nas Dalelands ao lado das forças de Onyx, vindas de Bast. Seu irmão gêmeo, o Inquisidor Vorhaas, tinha ficado em Vermire para cuidar da cidade natal do Rei Rato. Ele pareceu surpreso diante da ideia de deixar que o magíster visitasse o túmulo da família, mas se calou depois de receber uma encarada de Vanmorten. Vex, o irmão mais novo, acompanhava tudo a distância, observando cada movimento do Boarlord. Hector já não era de se assustar facilmente, mas Vex aguçou todos os sentidos dele.

“Você vai precisar ter muito cuidado com esse aí, irmão”, avisou Vincent.

Ao chegar à base da escadaria, Vanmorten caminhou até uma tocha apagada, pendurada em um suporte. Acendeu-a e se dirigiu a um portão de ferro enferrujado, sem se preocupar em desviar das poças d'água que se acumulavam pelo chão. O odor de umidade e água parada era insuportável, e o som do gotejamento da infiltração, constante. Vanmorten enfiou uma das mãos esqueléticas e repletas de cicatrizes na túnica e sacou uma chave, com a qual destrancou o portão. Ele se abriu com um rangido sinistro. Hector entrou logo atrás do Ratlord.

Havia caixões de pedra alinhados em todas as paredes do recinto, alguns entalhados toscamente na pedra manchada de ferrugem. Os passos dos ratos em fuga substituíram o ruído da água que gotejava — os minúsculos primos de Vanmorten pareciam temer a luz da tocha. Uma caixa preta de mármore estava apoiada sobre um pequeno pedestal no centro do ambiente de teto baixo, e não junto às paredes, como os demais ancestrais do Rei Rato.

— Aí está ele — murmurou Vanmorten, sem demonstrar nenhum sentimento. Desde a época em que convivera com Vankaskan, Hector sabia que os dois irmãos não se davam bem.

— Só isso? — perguntou o magíster, surpreso por estar diante de uma espécie de urna, e não de um caixão.

— Que parte da frase “só restou o crânio dele” você não entendeu, garoto? — rebateu Vanmorten, mal-humorado.

— Agora, se puder me deixar sozinho... — pediu Hector, abrindo um sorriso educado.

— Pode esquecer, porquinho. Você pode até ter enganado Opal e o príncipe, mas comigo não vai ser assim tão fácil. Já teve seu momento de diversão. Diga o que tem a dizer a esta caixa, e vamos embora. Estou farto de dançar conforme sua música.

— Com todo o respeito, Lord Chanceler, meu assunto com seu irmão é mágico e sagrado. Os segredos da Guilda dos Magísteres

datam da Grande Ceia. Sua presença aqui enquanto consagro seus restos seria uma blasfêmia.

Vanmorten soltou uma risadinha de deboche sob o capuz. Hector sentiu o cheiro de carne queimada e putrefata quando o Ratlord escancarou os dentes, irritado.

— Então você vai ter que achar o caminho de volta lá para cima sozinho, leitão — disse o Wererat, jogando a chave para ele. — Tranque o portão quando sair. E deixe tudo *exatamente* como está. Se alguma coisa estiver fora do lugar quando sair, eu vou descobrir, entendeu bem?

Hector fez que sim com a cabeça e sorriu. Vanmorten saiu pisando duro, desaparecendo escada acima. O magíster se certificou de que ele havia mesmo ido embora antes de fechar o portão da maneira mais silenciosa que os batentes enferrujados permitiam. Ele o trancou e verificou se estava bem firme, depois se encaminhou de volta à caixa preta. Abriu a tampa e a deitou com cuidado no chão antes de enfiar a mão lá dentro e retirar o crânio branco e assustador de Vankaskan.

“Ah, caro irmão”, sussurrou o vil, perdendo o fôlego. “Que beleza!”

— Agora, meu velho mestre — murmurou ele, observando com fascínio o crânio parcialmente transformado —, ao trabalho.

A recitação era acelerada e sussurrada, antigas palavras mágicas conhecidas apenas por alguns poucos iniciados. A vela preta brilhava intensamente na mão direita de Hector, e a fumaça escura e oleosa da chama se acumulava no teto. Ele virou a vela sobre a mão esquerda espalmada, deixando a cera derretida cair na pele enegrecida e escorrer pelos dedos e pelo braço. Durante o tempo todo, o Boarlord se manteve sentado, com as pernas cruzadas.

A caixa fora removida do pedestal, onde naquele momento encontrava-se apenas o crânio do Ratlord. Um círculo de enxofre havia sido desenhado com cuidado ao redor. As palavras saíam da boca de Hector em alta velocidade, ininteligíveis a qualquer um que

não fosse um magíster. Ele parou de recitar de repente, fechou a mão e esmurrou o chão uma, duas, três vezes. O crânio estremeceu no pedestal.

— Levante-se, criatura, e obedeça às ordens de seu mestre!

Hector sentiu o recinto ficar gelado. A chama da vela estremeceu, quase sucumbindo à brisa, agarrando-se ao pavio e se recusando a se apagar. A vela permaneceu acesa, mas o restante da tumba foi engolido pelas trevas. Os caixões e as paredes desapareceram na escuridão, assim como o portão que dava acesso à escadaria. Até mesmo a tocha ao pé da escada se apagou, deixando a chama da vela como a única fonte de luz do gélido recinto.

Uma risadinha lenta se fez ouvir no centro do círculo de enxofre, espalhando o pó amarelo como se ele tivesse sido atingido por uma leve brisa. O volume da risada aumentou, rascante como uma lâmina arranhando uma pedra, fazendo a pele dos braços de Hector se arrepiar.

“Ora, que surpresa”, sussurrou o espírito de Vankaskan, preso ao crânio do Ratlord na forma de um vil.

Hector esperou para ouvir a voz de Vincent, mas seu irmão se manteve em silêncio na presença de um espírito mais poderoso e mais versado em magia como Vankaskan.

— Foi uma surpresa para mim também, milorde — afirmou Hector. — Não sabia se o seu espírito ainda estaria aqui. Pensei que já pudesse ter seguido em frente.

“Infelizmente não”, suspirou Vankaskan. “Meu tempo no mundo dos mortais ainda não está nem perto de acabar. E você não precisa estar imerso na magia durante a vida para ser afetado por ela na morte. Uma vez morto, a ponte está lá, para qualquer um atravessar... cruzar para o outro lado. Mas você já sabe muito bem disso, não é, Hector?”

O jovem magíster estremeceu diante da menção à comunhão — era óbvio que o falecido Ratlord já tinha ciência de que ele vinha

experimentando o lado obscuro de sua arte.

— Está tudo sob controle, milorde — gabou-se Hector. — Sei o que estou fazendo.

“Sabe mesmo? Você invocou meu espírito, me despertou do meu sono, aprisionou minha alma na forma de um vil. E vem me dizer que sabe o que está fazendo? Você consegue imaginar quão *furioso* estou por ter sido trazido para cá como se fosse uma espécie de brinquedinho?”

Hector se afastou do círculo de enxofre ao sentir o hálito gelado de Vankaskan, o vil, sobre ele. O magíster conseguia enxergar seu vulto, uma nuvem negra de malevolência que percorria o perímetro amarelado do círculo como uma fera enjaulada.

“Acha que essa poeira amarela é capaz de me deter, Hector? Pensa que não sou capaz de encontrar um modo de escapar dessa prisão patética que você construiu para mim? Por que invocou minha presença, Hector? Esperava obter alguma resposta de mim? Ou um pedido de desculpas pelo caminho em que o coloquei?”

As palavras de Vankaskan eram aceleradas e enfáticas, carregadas de ódio pelo jovem Boarlord. Hector se encolheu e virou o rosto, como se o vil tivesse cuspidido em sua face.

“Vou encontrar você, Hector”, sibilou Vankaskan. “Vou atrás de você quando sair desta tumba. Agora eu despertei, Boarlord! Não vou mais dormir! Não vou mais voltar para a escuridão!”

Hector se virou lentamente para o crânio no pedestal. De maneira tranquila e deliberada, espichou a mão enegrecida e coberta de cera para dentro do círculo. Vankaskan suspirou de surpresa quando ele removeu o pó. O magíster ergueu a mão, revelando o pó amarelo misturado com a cera fria no pulso e no antebraço.

— Estou bem aqui — disse Hector.

“Você *enlouqueceu?*”, surpreendeu-se Vankaskan. “Está tentando o suicídio?”

— Não — respondeu o jovem magíster, erguendo-se e entrando no círculo rompido. Sentiu a presença do vil do magíster morto a agarrá-lo, apertando-lhe a garganta, tentando abrir sua boca e examinar suas entranhas. Hector ignorou o espírito e apanhou o crânio com a mão direita; depois, abrindo a esquerda, estalou os dedos e fez com que a cera caísse sobre o chão.

— Estou aqui para o que der e vier.

Vincent então ressurgiu e arrancou o outro vil de cima de seu irmão.

“O que é isso? O que está acontecendo?”

— Você não entende, Vankaskan. Existem criaturas muito mais poderosas que você no mundo da magia. Conheci uma delas, que compartilhou seus segredos comigo.

O Ratlord gritou ao sentir o ataque de Vincent, que mordida e mantinha a figura etérea sob suas garras. “Abra a mão, Hector!”

— Vou arrancar todos os conhecimentos sobre magia que ainda existem nesse seu crânio apodrecido, Vankaskan.

Hector pôs a mão maculada sobre a garganta, sobre a cicatriz que lhe restara como lembrança do encontro na Ilha Branca. O espírito de Vankaskan continuou a gritar enquanto Vincent o devorava, pedacinho por pedacinho, bocadas de pura magia em forma de fumaça negra pairando no ar. O coração de Hector se acelerou, e a cabeça passou a girar em um torvelinho enquanto o vil se banqueteara com os segredos do Rato morto. Olhou para o crânio em suas mãos, sentindo os poderes de Vankaskan fluir por seu corpo, preenchendo cada espaço da alma obscura e ameaçadora.

— Você demorou, Lord Magíster — comentou Vanmorten ao encontrar Hector no andar de cima.

Atrás do Ratlord, Vorhaas e Vex mantinham uma conversa compenetrada, a típica atitude de complô que se esperaria de dois vilões como eles. Ringlin e Ibal se levantaram de onde estavam sentados com os companheiros ugri. Os soldados dos Ratos

formavam um círculo em torno dos oito Mantos-Marrons, vigiando sempre de perto a Guarda Javalina.

— Ora, não fui eu quem enterrou os mortos abaixo das profundezas do inferno, Lord Chanceler — respondeu Hector, com um toque de galhofa na voz.

Vanmorten percorreu a distância entre eles com passos largos, a túnica comprida esvoaçante, escura como a noite. A Guarda Javalina tentou sacar suas armas, mas espadas e alabardas dos vermirianos já estavam todas a postos, prontas para atacar.

— Como ousa vir até aqui e falar comigo dessa maneira? O que o faz achar que eu...

O discurso de Vanmorten foi interrompido quando Hector levantou a mão esquerda sem a luva bem perto de seu rosto, encostando o indicador em seus lábios.

— Silêncio.

Sua mão estava irreconhecível, a pele ressecada e enrugada sobre os ossos, como se todo o líquido daquela região do corpo tivesse sido drenado. Os dedos, a palma da mão e os antebraços estavam enegrecidos, como se tivessem sido expostos a um incêndio, conferindo à extremidade do braço a aparência de um esqueleto. A carne necrosada estava retesada, e as juntas se comprimiam e tocavam umas às outras.

— Sua mão... — falou Vanmorten, chocado com a aparência do membro mumificado de Hector. O Ratlord levou os dedos desfigurados à garganta e os passou pela pele marcada de cicatrizes no pescoço.

Hector abriu a mão e a examinou, como se apenas naquele momento se desse conta de que sua aparência havia mudado. Ele a virou de um lado para o outro, como se pertencesse a outra pessoa, uma parte do corpo que ganhara vida própria. O rosto, no entanto, parecia o exato oposto da mão: pálido e exangue, branco como um

osso. Uma incômoda camada de suor se revelou em seu rosto ao sorrir com perplexidade para o Ratlord.

“Mão Negra”, murmurou Vincent.

— Minha mão? — repetiu Hector. — Ah, a minha mão está bem forte, Lord Chanceler. E eu agradeço ao seu irmão por isso.



4

Caminhos cruzados

No grande salão de Windfell, reuniam-se os Hawklords, que haviam voltado de todos os cantos da Lyssia. Encaravam a parede de pedra rústica atrás do trono entalhado em madeira com um olhar de tristeza. Drew estava entre eles, observando tudo, ao mesmo tempo sério e maravilhado. Um par de asas seco e sem pele se destacava contra o fundo austero, pendurado em ganchos metálicos que o mantinham no lugar fazia anos. Tinha a aparência de uma teia de aranha de ossos brancos e finos corroídos por traças, com algumas poucas penas ainda agarradas aos restos decompostos.

— Tire isso daí! — disse o conde Carsten, a voz embargada.

Um dos Hawklords ainda transformados agiu rápido e foi voando até as asas amputadas do barão Griffyn. De modo solene, removeu os restos de ossos e penas dos ganchos e os abraçou junto ao peito para voltar ao chão.

Trinta transmorfos falconídeos lotavam o salão, todos prontos para a luta, e mais alguns por certo chegariam em breve. Drew esperava que fossem todos parecidos, mas estava redondamente enganado. Havia Hawklords de todos os tamanhos, e tão diferentes entre si como Krieg, Taboo e Beemote. Podiam ser altos e fortes, ou

baixos e magros, robustos, esguios, jovens, velhos, enxutos ou fora de forma. Os espectros da tumba tinham se espalhado pelo continente e encontrado os Hawklords onde quer que estivessem, levando o grito da Tor Raptor para os quatro cantos da Lyssia. E todos eles responderam ao chamado.

Quando as asas de Griffyn foram retiradas, todos os olhos se voltaram para os Werelords mais velhos, o conde Carsten e o barão Baum, as duas Águias. Os transmorfos mais altos do salão eram Krieg e o Mamute, mas os irmãos impunham sua presença em relação aos demais à própria maneira, estufando o peito musculoso sob a armadura de cota de malha. Carsten, com seus cabelos escuros, mantinha a espada na bainha, enquanto o careca e barbudo Baum se apoiava na lança feita em madeira vermelha com a ponta terrivelmente afiada. Drew se perguntou se aquela era a cor natural da lança ou se ainda estava manchada pelo sangue da batalha.

— Assumam o trono! — gritou um dos Hawklords no fundo do salão. Um coro de vozes se ergueu quando os Werelords levantaram as armas e a voz em sinal de apoio.

— Os irmãos!

— Os novos Lords de Windfell!

Carsten ergueu as mãos para silenciar a multidão, enquanto seu irmão sorria e sacudia a cabeça.

— Nossos inimigos podem ter tirado Griffyn de nós antes que nos reuníssemos, mas o sangue do barão ainda vive — declarou Carsten.

— Este trono não pertence a nós — acrescentou Baum com sua voz profunda e expressiva. Ergueu a lança e a apontou simbolicamente por cima do ombro.

— Lady Shah está sob custódia do rei Faisal, em Azra. *Ela* é a verdadeira Lady de Windfell, e é nosso dever devolvê-la ao trono do pai.

Murmúrios e acenos de concordância foram ouvidos e vistos em todo o salão. Todos os Hawklords aceitaram as palavras das Águias sem questionamento.

— E quando vamos voar para resgatá-la? — perguntou Rufus Rubro, sem parar de mexer a cabeça enquanto falava.

A cicatriz que se via do topo de sua cabeça até o pescoço quando estava transformado era ainda mais aparente na forma humana, marcando todo o lado esquerdo do rosto. Ele parecia um sujeito bem diferente daquele que queria matar Drew na tumba dos Hawklords.

Rufus Rubro continuou:

— Faz quanto tempo que o Chacal a mantém prisioneira? Wergar deveria tê-lo matado quando teve a chance. Omiriano bom é omiriano morto.

— Não é tão simples assim, Rufus Rubro, você sabe — respondeu Carsten, virando-se e apontando a mão para Drew.

O Wolflord pareceu surpreso quando Carsten chamou atenção para sua figura, ciente de que era um estranho no meio daquele povo — ninguém ali sabia quem ele era. As dúvidas então voltaram. O quanto Drew de fato sabia? O que poderia dizer para convencê-los a ajudá-lo? Baum fez um aceno de cabeça, incentivando Drew a se aproximar. A mão firme de Krieg o empurrou para a frente, na direção da multidão, e os Hawklords abriram caminho para que ele passasse. Ele subiu os degraus, postou-se entre as duas águias e se virou para encarar a plateia.

Os humanos se juntavam em grande número aos transmorfos no salão — as almas sofridas que ainda habitavam as Barebones foram se dirigindo em massa para o castelo ao ver que os Hawklords haviam voltado ao ninho. Drew procurou os companheiros com o olhar. Krieg lhe ofereceu um aceno de cabeça como incentivo, enquanto Beemote permaneceu impassível. Taboo arreganhou os dentes, algo entre um rosnado e um sorriso.

— Faisal não é o verdadeiro inimigo — Drew disse por fim, dirigindo-se aos presentes. — Azra está cercada pelos rivais do Chacal: os Doglords ao norte e Hayfa ao sul. Eles vão destroçar Azra e dividi-la entre si.

— Não sei por que deveríamos nos preocupar com a queda de Faisal — disse Rufus Rubro. Isso deixou bem claro para Drew que o velho transmorfo falconídeo ainda o via com desconfiança.

— Pois é — concordou um outro. — Que os Cães e as Hienas acabem com eles. São selvagens.

— Os omirianos *não são* selvagens. São um povo orgulhoso de sua cultura, assim como qualquer outro.

Rufus Rubro deu um risinho de deboche, mas Drew continuou seu discurso:

— O último desejo do barão Griffyn foi que seu povo se reunisse e voasse em auxílio de Faisal. Foi por isso que Shah permaneceu por lá, porque já está empenhada na causa do Chacal. Entendo a animosidade que existe entre vocês... a guerra que lutaram em nome de Wergar deixou cicatrizes que continuaram a provocar dor durante todos esses anos. Mas agora temos outro inimigo. O mundo mudou.

— Nem tanto assim — rebateu Rufus Rubro. — Já você ainda quer que sejamos controlados por um Lobo.

Drew fez uma careta. A atitude do velho Hawklord era beligerante, porém sensata. “Eles ficaram longe de casa durante anos, e a primeira coisa que eu peço é que se juntem a mim em uma batalha. Eu no lugar deles também protestaria.”

— Essa luta é de *todos* nós. Uma ameaça constante. É impossível ignorar a batalha que se desenrola ao redor. Em pouco tempo os Catlords estarão aqui. *Precisamos* de vocês. Ouvei dizer que os Hawklords eram os mais corajosos guerreiros a serviço do Lobo e que são leais até o fim.

— Leais a Wergar, juvenzinho — disse uma voz no fundo do salão.

Uma nova voz entrou na conversa:

— Quer que juremos lealdade apenas com base no amor que sentíamos pelo falecido Lobo?

— Nós devemos resgatar Shah! — gritou um terceiro Gavião. — Tirá-la daquele deserto. Deixar que os omirianos se matem entre si.

Carsten e Baum observavam e ouviam tudo em silêncio, deixando o debate totalmente a cargo de Drew.

“É minha tarefa convencê-los a se juntar a mim”, pensou.

— A questão não é tão simples assim — ele falou. — Os Catlords estão por trás dessa guerra civil em Omir. Os Doglords de Canan ajudaram no ataque dos bastians a Highcliff, e agora o príncipe Lucas está retribuindo o favor. O jovem Leão assumiu o trono, e seus conselheiros são o Rei Rato e os Werepanthers, Onyx e Opal. Enquanto Lucas e seus comparsas estiverem no poder, ninguém está a salvo. O desejo deles é dominar *tudo*, cassar a liberdade de todos os povos dos Sete Reinos. Os conflitos na Westland e nas Barebones, as batalhas em Omir, tudo isso é parte da mesma guerra. É uma guerra contra a Lyssia e está sendo vencida por Bast.

Drew sentiu o peito inflar enquanto falava, emitindo palavras sinceras e verdadeiras. Seu ânimo e autoconfiança estavam em alta. Apesar das suspeitas de Rufus Rubro, muitos dos Hawklords pareciam pensar diferente. Balançavam a cabeça em concordância enquanto Drew discursava, cerrando os dentes, os olhos brilhando de determinação ao contemplar a batalha que se desenhava no horizonte. Se ainda havia alguma dúvida no coração de Drew a respeito da causa, ela se dissipou de vez naquele momento.

— Acreditem em mim, o Chacal é nosso aliado. Os Gatos são o verdadeiro inimigo. Os Cachorros, as Hienas, os Corvos e os Ratos apenas reforçam as fileiras contrárias aos povos livres da Lyssia. Lucas pode estar no papel de soberano de Highcliff, mas ele é só um testa de ferro, uma marionete. Seus amigos de além-mar é que querem controlar os Sete Reinos. Onyx e Opal são o poder por trás

do trono. Se ajudarmos na defesa de Azra, se conseguirmos frustrar o ataque de Canan e Hayfa, conquistaremos o apoio do exército de Faisal. A cada batalha que vencermos, obteremos novos aliados. E tudo começa em Azra. Primeiro nós os expulsamos de Omir, depois das Barebones e da Westland. Vamos encurralá-los até o Estreito da Lyssia e mandá-los de volta a Bast.

Sua voz havia se tornado mais profunda, as palavras mais altas e expressivas, ecoando por entre as paredes do grande salão de Windfell. Os homens e os transmorfos o ouviam atentamente, contagiados pelo entusiasmo do Wolflord.

— Existem outros três transmorfos que se juntaram a mim nesta batalha. Nenhum deles é lyssiano; são todos de terras distantes. Eles lutaram comigo na arena de Scoria e agora estão a meu lado: transmorfos livres, unidos contra um inimigo em comum. Sou capaz de confiar minha vida a cada um deles.

Drew olhou para os amigos da Fornalha. Os três responderam com uma reverência e receberam olhares de admiração dos Hawklords.

— Esses Werelords viajaram para uma terra estrangeira e merecem muito mais que reações de medo e desconfiança. Sua terra natal foi tomada pelos Catlords. Eles viram em primeira mão tudo aquilo de que Onyx é capaz. Quando a batalha por aqui for vencida, estou disposto a dedicar minha vida à causa deles em Bast, como retribuição ao sacrifício que fizeram. Eles depositaram toda a sua fé em mim, e Brenn é testemunha de que não se decepcionarão.

Drew olhou para o punho fechado, a pele já acinzentada, pois estava prestes a se transformar. Os olhos amarelados capturaram os sinais de concordância no rosto dos Hawklords. Os transmorfos falcónídeos bateram nos ombros uns dos outros, deram socos no próprio peito e empunharam as armas.

— Juntem-se a mim! — gritou Drew. — Vamos encarar a Fera de Bast!

O grande salão de Windfell, depois de muitos anos em silêncio, reverberava com o som de espadas se chocando contra escudos e gritos dos transmorfos.

Os Hawklords estavam de volta.

Duas horas haviam se passado desde o discurso acalorado de Drew no grande salão, e ninguém estava disposto a perder tempo. O pátio circular de Windfell fervilhava com os preparativos para a batalha. Drew, Taboo, Krieg e Beemote substituíram suas velhas armaduras por equipamentos novos em folha, fornecidos pelos Hawklords. Drew pegou para si um protetor peitoral de couro preto, no estilo dos armeiros sturmianos, com fechos e fivelas que permitiam à peça se adaptar ao corpo quando se transformasse. Apesar de existirem peças de aço e camisas de cota de malha capazes de proporcionar uma melhor proteção, Drew se sentia mais à vontade com o couro, um material mais leve e que permitia uma movimentação maior. Além disso, sorriu ao notar o quanto seu visual se tornara intimidador e até encontrou um manto parecido com o manto verde com que fora presenteado por Bergan. Com ele nas costas, Drew se sentia pronto para partir.

Os Hawklords resplandeciam com suas armas e armaduras, reunidos e prontos para a batalha. A notícia se espalhara com rapidez. A população de Windfell continuava a crescer, à medida que os humanos voltavam à cidade. A maioria dos que fugiram o fizeram para nunca mais voltar, mas alguns se estabeleceram nos vilarejos e assentamentos nas encostas das Barebones. Com a súbita comoção na cidade mais acima, eles correram de volta para casa quando ouviram os gritos da Tor Raptor. E agora muitos se dirigiam às pressas para a torre de menagem, a fim de ajudar os Lords a se prepararem para a guerra.

Ao todo, trinta e três Hawklords tinham atendido à convocação, e trinta deles estavam prestes a voar para Omir. Não era o que Drew

e o falecido barão Griffyn esperavam, mas trinta transmorfos falconídeos voando para a batalha ainda eram um tremendo trunfo para o Lobo e seus aliados. Três deles ficariam na cidade montanhosa para preparar o povo para o que viria e garantir que os últimos partidários de Skeer fossem arremessados pelos parapeitos, fazendo com que Windfell retomasse sua antiga glória.

O primeiro destacamento dos Hawklords já havia decolado, e dez deles cruzavam os céus sob a luz fraca do entardecer. O segundo alçava voo naquele momento no pátio, pronto para se juntar aos demais. Drew foi o último dos transmorfos da Fornalha a partir — Krieg, Taboo e Beemote tinham ido com os dois primeiros destacamentos. O Weremammoth precisou ser carregado por dois Hawklords, cada um agarrando o gigante por um dos braços.

Drew se afastou por um momento dos demais Hawklords, perdido em seus pensamentos enquanto os demais faziam os últimos ajustes em suas armaduras. Ele desembainhou a Moonbrand e observou o couro negro que envolvia o cabo, que carregava consigo séculos de história. O detalhe entalhado de pedra polida não deixava dúvidas sobre o motivo da escolha do nome da espada. Em plena luz do dia, a arma reluzia sua luz branca e gelada como a lua.

— Quantas histórias ela não tem para contar? — murmurou ele, imaginando as batalhas de seus ancestrais.

Uma avalanche de perguntas invadiu sua cabeça: “Será que esta espada vai ajudar a reunir meus amigos, Hector, Whitley e Gretchen? Quantas vidas já foram tiradas com esta lâmina? Quantas guerras foram vencidas? Será que um indivíduo é capaz de fazer diferença nessas circunstâncias? Um simples menino de fazenda da Costa Gélida?”.

— Se existe uma luta justa... — sussurrou.

O farfalhar das asas dos Hawklords indicava que o último destacamento se preparava para decolar. Ele guardou a Moonbrand na bainha e se juntou aos demais transmorfos falconídeos.

Restavam apenas três, e quando Drew se aproximou dois deles saíram voando pelo céu.

“Só sobrou um”, pensou Drew, apressando o passo na direção do Hawklord que o levaria a Omir.

— Fique relaxado como um boneco de pano, entendeu bem? — disse Rufus Rubro, passando os polegares pelo colo da armadura dourada. — Imóvel como um cadáver. É assim que preciso que você fique.

O velho transmorfo ia mudando de forma à medida que falava, o bico amarelo surgindo no rosto e as penas cor de ferrugem começando a lhe cobrir a pele. Empertigou-se para que as asas se abrissem em meio às tiras de couro das costas da armadura. Por mais velho que fosse, Rufus Rubro parecia estar no auge do vigor depois de transformado, com suas pernas poderosas de caçador. A pele de suas panturrilhas se enrijeceu, fazendo Drew se lembrar dos membros reptilianos de Ignus e Drake, e os pés se abriram em quatro dedos enormes com garras negras e curvas nas pontas. Os olhos do grande predador piscavam enquanto ele ganhava estatura diante de um Drew absolutamente fascinado.

— Você é uma carga valiosa. Quero que chegue inteiro para o Chacal. Entendeu bem?

Drew fez que sim com a cabeça, e Rufus Rubro sacudiu as asas, as penas farfalhando. Levava um arco preso de um lado da cintura, e uma aljava do outro.

— Está pronto, Lobo?

Quando Drew se preparava para dizer que sim, foi surpreendido pelo som dos cascos de um cavalo do lado de fora da muralha, seguido pelos gritos dos homens que haviam permanecido na torre de menagem. Drew foi correndo até a multidão que começava a se formar do lado de fora do portão.

— Aonde você vai? Precisamos ir... o último destacamento já decolou! — avisou Rufus Rubro.

— Só um momento! — gritou Drew, apressando-se antes que o mal-humorado Hawklord continuasse a reclamar.

Do lado de fora da torre de menagem, o povo da cidade se reunia em torno de um cavalo, enquanto o cavaleiro saltava da sela. Quando Drew se aproximou, o homem desabou nos braços das pessoas ao redor. Alguns gritaram ao ver seu manto manchado de sangue, outros por terem visto flechas enfiadas em suas costas.

Apesar dos aparatos militares que o jovem ferido usava sob o manto, Drew percebeu que era ainda mais novo que ele e que seu rosto estava pálido, coberto por uma camada de suor. Os olhos pareciam oscilantes, incapazes de se concentrar em qualquer coisa. Drew contou quatro flechas ao todo, encravadas nas costas e despontando no peito do Manto-Cinza. Reconhecendo instantaneamente sua farda, Drew sacou o cantil de couro da cintura. Abriu a tampa e ofereceu água ao garoto, que bebeu avidamente em grandes goles.

— Agente firme — disse Drew.

— Sou uma curandeira, milorde. Posso cuidar dessas feridas — disse uma velha ao lado de Drew, com um olhar preocupado, mas o Lobo a ignorou por um momento, pois precisava obter algumas respostas do Manto-Cinza ferido.

— Você é de Stormdale? Jovem demais para ser um dos homens de Manfred, não?

— Sou filho dele — disse o menino em meio a um acesso de tosse que fez seu peito chiar.

— Que notícias você traz? — perguntou um homem ali por perto.

— Tenho família em Stormdale — disse um outro.

Drew ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Highwater foi tomada. E Stormdale corre perigo. Cidadãos e fazendeiros, mulheres e crianças: estão todos cercados — informou o jovem, a voz debilitada. — Sem dó nem piedade. Corvos e Ratos. Estão exterminando todo mundo...

A multidão às costas de Drew abriu passagem para Rufus, que recolheu as asas e lançou sua sombra imponente sobre a população local.

— Venha, Lobo. Você está nos atrasando. Precisamos decolar. Precisamos ir agora mesmo.

Drew olhou para o jovem Cervo, que fechou os olhos e deixou a cabeça pender para o lado. O Wolflord o ergueu com cuidado, sentindo seu corpo trêmulo e febril. Virou-se para a velha.

— Me mostre para onde devo levá-lo — pediu, ajeitando o garoto junto ao peito.

Rufus agarrou Drew pelo ombro.

— Não está me ouvindo, Lobo?

Drew se livrou do toque de Rufus e o encarou.

— Não vamos mais para Omir.

— Enlouqueceu, lobinho?

— De jeito nenhum, meu velho amigo pássaro — respondeu Drew, já sem muita paciência com o sempre ranzinza Hawklord. — Eu e você vamos voar para Stormdale.



EPÍLOGO

O homem e o menino

Assim que o clarão do relâmpago desapareceu, o som do trovão reverberou pelos céus de Moga. Logo abaixo, dez navios se aglomeravam no porto sturmiano escolhido pela marinha dos Catlords como sua base no norte do continente. Bandeiras de Bast, de Highcliff e das Ilhas Cluster tremulavam ao vento feroz sob uma chuva que ameaçava arrancá-las dos mastros. A frota chegara logo depois da partida do *Turbilhão*, à caça do que restara do Conselho Lupino. Algumas embarcações saíram no encalço do navio pirata, deixando o restante da armada em Moga.

Três homens caminhavam pela rua do porto, andando próximo à parede, esgueirando-se por entre as construções. Avançavam lentamente, graças à constituição física de um deles, que era duas vezes maior que os demais. Caso fossem surpreendidos vagando pelas ruas depois da nona badalada do sino, corriam o risco de ser condenados à morte: havia mais de duas dezenas de piratas sturmianos pendurados nos postes do mercado público, dois ou três em cada forca. Ao chegarem a um galpão em ruínas no ponto mais afastado das docas, os dois menores se esconderam nas sombras que cercavam a edificação, enquanto o grandalhão se esgueirou

pela passagem proporcionada pelas portas quebradas. A tempestade rugia com força, expondo o interior da construção à ação da água, que escorria pelo teto esburacado. O gigante sacudiu a água do manto negro, fazendo as joias que levava nas mãos tilintar enquanto caminhava galpão adentro. Outro homem emergiu das sombras, um sujeito mais miúdo, com uma barba negra repleta de falhas e uma espada curta na mão.

— Milorde — falou ele, fazendo uma rápida mesura diante do recém-chegado. O nobre dispensou a formalidade com um gesto da mão rechonchuda e coberta de pedras preciosas.

— Não temos tempo para essas afetações, Quigg. Onde estão eles?

O pirata barbado se virou e conduziu o grandalhão até o fundo da construção. As tábuas do assoalho rangiam sob seu peso, ameaçando ceder e jogar os dois no mar logo abaixo. Ele ouviu o menino tossir em meio à escuridão. Estava sentado em um barril, contando apenas com um casaco imundo para aquecê-lo. Olhou para cima quando os dois se aproximaram.

— Barão Bosa — disse, saltando do barril e fazendo uma mesura teatral diante do homem corpulento. Bosa revirou os olhos diante daquela manifestação inútil de etiqueta, levando em conta a situação em que se encontravam.

— Você me conhece, menino?

— Já ouvi falar muito de vossa senhoria, da boca dos homens da tripulação e do meu capitão.

— E onde está o seu navio?

— Não sei, senhor. Ele seguiu viagem sem nós. Eles o mataram, senhor. Pelo menos, foi o que tentaram fazer.

— E você não se afogou? O Mar Sturmiano é uma armadilha mortal para qualquer homem, e você me diz que conseguiu sobreviver?

O garoto deu de ombros.

— E ainda diz que salvou a vida do capitão?

O menino se manteve em silêncio, encarando Bosa com os grandes olhos castanhos. A Baleia de Moga se virou para Quigg.

— Onde está ele?

O pirata de barba negra apontou para o interior escuro do galpão. O Whalelord passou por eles, esquadrinhando as trevas à procura de seu irmão transmorfo. Encontrou-o deitado em um bote a remo largado ali, coberto por um trapo velho. Seu rosto estava pálido, e os olhos que se dirigiram a Bosa encontravam-se marcados por olheiras profundas. A Baleia jogou o pano de lado, revelando o ferimento no peito do outro — sua camisa geralmente de um branco impecável revelava uma mancha profunda.

— Vejo que está recebendo visitantes aqui em Moga — murmurou o capitão ferido, tentando sorrir, mostrando os dentes manchados de sangue. — Faz quanto tempo que estão por aqui?

— Meu querido amigo Vega — murmurou a Baleia em um tom de voz grave e preocupado —, o que fizeram com você?

AGRADECIMENTOS

Preciso dedicar algu mas palavras de agradecimento à equipe de altíssimo nível da editora Puffin, que, além de me fornecer todo o apoio para escrever a série “Wereworld”, ainda faz com que os livros cheguem às mãos dos leitores.

Minha gratidão a Francesca Dow, diretora de marketing de primeiríssima linha, e à editora Sarah Hughes. Deveria restringir estes agradecimentos a 140 caracteres, em homenagem à sua fluência impressionante na linguagem do Twitter!

Meu muito obrigado a Jayde Lynch, Julia Teece e Vanessa Godden, que foram obrigadas a aturar minha companhia — e minha obsessão por pesadíssimos cafés da manhã à moda inglesa — durante nossa turnê por escolas e festivais literários por toda a Grã-Bretanha.

Meus cumprimentos a Samantha Mackintosh, Julia Bruce e Mary-Jane Wilkins pelo trabalho de edição, transformando meus pedaços de carvão bruto em algo com brilho próprio.

Obrigado a Zosia Knopp e sua incrível equipe de direitos autorais, que inclui Jessica Hargreaves, Camilla Borthwick, Joanna Lawrie, Susanne Evans e Jessica Adams. Agradeço também a Winsey Samuels, da produção, a Brigid Nelson e sua equipe de vendas de livros infantis, Carl Rolfe e os demais representantes de vendas do grupo Penguin, e aproveito para mandar meu *merci* para Rebecca Cooney, da divisão de vendas internacionais.

A Kendra Levin, minha editora nos Estados Unidos, meu muito obrigado por todo o trabalho e entusiasmo.

Dizem que nunca se deve julgar um livro pela capa. Apesar de em grande medida esse ditado ser verdadeiro, sou obrigado a dizer que uma capa bem-feita faz um livro ganhar vida. Meu muito obrigado ao fantástico *designer* Patrick Knowles e ao craque das ilustrações

Andrew Farley, por ajudarem a atrair a atenção das pessoas para a série. Aproveito também para deixar um agradecimento especial para Jacqui McDonough, diretora de arte da Puffin e primeira pessoa do mercado editorial com quem entrei em contato, muitos anos atrás, quando comecei minha carreira de ilustrador. Na verdade, em vez de "entrei em contato", seria mais justo escrever "atormentei durante dois anos". Quem diria que acabaríamos trabalhando juntos no fim das contas, hein, moça?

Guardo meus últimos agradecimentos para aquelas que são meus braços direito e esquerdo: Shanon Park, minha editora, que acreditou na série desde seu nascimento, e Emma, minha esposa, por encobrir meus erros gramaticais vergonhosos e me fornecer opiniões valiosas durante todo o processo. Saudações, minhas queridas!

Obrigado a todos vocês.

Sobre o autor

Preciso dedicar algu mas palavras de agradecimento à equipe de altíssimo nível da editora Puffin, que, além de me fornecer todo o apoio para escrever a série “Wereworld”, ainda faz com que os livros cheguem às mãos dos leitores.

O escritor e ilustrador Curtis Jobling nasceu em Blackpool, Inglaterra, em 1972. Criador das séries de animação infantil *Bob, o construtor* e *O gato Frankenstein*, que lhe renderam os prêmios Bafta e Pulcinella, e conhecido por seu trabalho na TV, Jobling tem outro amor: histórias de horror e fantasia. “Wereworld” é sua primeira série para jovens. Saiba mais sobre seu trabalho em www.curtisjobling.com.

Copyright © Curtis Jobling, 2012
Copyright © Andrew Farley
Título original: Wereworld: Shadow of the Hawk
Publicado originalmente na Inglaterra por Puffin Books, 2012

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Alessandra de Sá Miranda
Revisão: Augusto Iriarte e Laila Guilherme
Diagramação: Eduardo Amaral / Duligraf
Capa adaptada do projeto original de Patrick Knowles

J59w
Jobling, Curtis, 1972-
Wereworld [recurso eletrônico] : a sombra do Gavião / Curtis Jobling ; tradução
Alexandre Boide. - 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.
400 p., recurso digital : il. (Wereworld ; 3)
Tradução de: Wereworld – Shadow of the hawk
Sequência de: Wereworld – A fúria dos leões
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8240-069-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Boide, Alexandre. II. Título. III. Série.
13-02953 CDD: 823
CDU: 821.111-3
15/07/2013 15/07/2013

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia
autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei
no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8o andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br